



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA PAULA SESTI BECKER

**ENTRELAÇOS DE AFETO:  
A RELAÇÃO ENTRE O APEGO DOS MEMBROS DO CASAL NA INFÂNCIA E O  
RELACIONAMENTO CONJUGAL E PARENTAL**

Florianópolis  
2020

Ana Paula Sesti Becker

**ENTRELAÇOS DE AFETO:  
A RELAÇÃO ENTRE O APEGO DOS MEMBROS DO CASAL NA INFÂNCIA E O  
RELACIONAMENTO CONJUGAL E PARENTAL**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Doutora em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

Florianópolis  
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Becker, Ana Paula Sesti

Entrelaços de afeto: a relação entre o apego dos membros do casal na infância e o relacionamento conjugal e parental / Ana Paula Sesti Becker ; orientadora, Maria Aparecida Crepaldi, 2020.

245 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Apego. 3. Conjugalidade. 4. Parentalidade. 5. Transmissão intergeracional. I. Crepaldi, Maria Aparecida. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Ana Paula Sesti Becker

**Entrelaços de Afeto:  
a relação entre o apego dos membros do casal na infância e o  
relacionamento conjugal e parental**

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Maria Aparecida Crepaldi, Dra.  
(PPGP/UFSC - Orientadora)

Profa. Maria Aparecida Crepaldi, Dra.  
(PPGP/UFSC - Presidente)

Profa. Carmem Leontina Ojeda Ocampo Moré, Dra.  
(PPGP/UFSC - Examinadora Interna)

Profa. Adriana Wagner, Dra.  
(PPGP/ UFRGS - Examinadora externa)

Profa. Carina Nunes Bossardi, Dra.  
(PMSGT/UNIVALI - Examinadora externa)

Prof. Mauro Luís Vieira, Dr.  
(PPGP/UFSC - Suplente Interno)

Profa. Gimol Benzaquen Perosa, Dra.  
(PGSC/UNESP - Suplente Externa)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Profa. Andréa Barbará da Silva Bousfield, Dra.  
Coordenadora do Programa

---

Profa. Maria Aparecida Crepaldi, Dra.  
Orientadora

Florianópolis  
2020

## DEDICATÓRIA

A todas as “figuras de apego” que foram significativas para o meu desenvolvimento pessoal, profissional e acadêmico! A representação afetiva que cada um de vocês plantou dentro de mim permitiu florescer um lindo jardim com um alicerce sólido de segurança, alegria e conhecimento. Portanto, dedico a vocês um dos frutos dessa sementeira: a elaboração desta Tese. *Em especial, aos meus pais – Andréa e Dalton, e a minha irmã, Isabel!*

## AGRADECIMENTOS

A conclusão de uma Tese transcende o aprendizado de técnicas científicas e o domínio particular de uma teoria ou metodologia. Entre a introdução e as considerações finais, tem páginas de inquietudes, dedicação, incentivo dos seus pais e amigos, apoio e trocas de saberes com a sua orientadora e demais mestres, sono atrasado, memórias dos momentos compartilhados com seus colegas, nas tardes de pesquisa e estudos em grupo... Tem histórias incríveis que renderiam longas teses existenciais. Tem sorrisos, lágrimas, saudades, sonhos, chegadas e partidas. Tem estrelas que iluminam as noites mais escuras da desafiadora e brilhante jornada acadêmica... A esta constelação que em suas diversas nuances e singularidades brilha sua luz, conduz o meu caminho e me ensina a iluminar também, é que dedico esses agradecimentos!

*À minha maior fonte de inspiração: Jesus Cristo*, presença constante que traz sentido em tudo que faço! A quem eu devo a maior gratidão, simplesmente pelo fato de existir... Por conduzir cada passo do meu caminho e me fazer percorrer as mais belas estradas, repletas de desafios, belezas e principalmente, aprendizagens! Por colorir as páginas da minha história e me fazer conhecer diversos tons de aquarela, pintados por diferentes “artistas” que se tornaram ícones nas minhas “telas interiores”: familiares, amigos e mestres. Obrigada Senhor, por criar dentro de mim um coração segundo os Teus propósitos e fazer em mim morada... Por acender a luz em momentos de escuridão e me ensinar a iluminar também, pelos dons do conhecimento, pela presença tão simples e profunda que reside em uma oração, pela fé que ultrapassa a religiosidade... Pelo amor ágape que vence todas as coisas e eterniza a nossa efêmera passagem pela vida! Por me fazer chegar até aqui e realizar mais este sonho... Faltam palavras, mas sobra gratidão! Obrigada por tudo, meu doce e amado Jesus!

*Aos meus amados pais, Andréa e Dalton*, fonte inesgotável de amor e base sólida de segurança, incentivo e fé. Obrigada por serem minhas grandes figuras de apego seguro que me permitiram desbravar novos horizontes, perseguir meus sonhos e alcançá-los com bravura, delicadeza e humildade. Por me ensinarem as melhores lições com os seus exemplos, pela paciência e compreensão, pelo apoio incondicional e por serem meus melhores amigos, além de pais. *A minha mãe*, por ser meu maior referencial de transparência e carinho, cujos ensinamentos são como águas profundas de sabedoria e reflexão. Obrigada pelas tuas palavras e pela sensibilidade com que me escutas, por me reconhecer do avesso e, ainda, por amar os meus “contrários” e encontrar neles, uma clareza inconfundível, por estar sempre ao meu lado e ser minha maior intercessora! *Ao meu pai*, pela nobreza de caráter e por arrancar de mim as risadas mais sinceras e espontâneas! De você herdei a integridade, criatividade e um humor descontraído que me permite encontrar leveza em meio a tantos desafios! Obrigada meu pai querido, pelo cuidado, parceria, conselhos e apoio! Vocês são o meu alicerce e os melhores motivos que tenho na busca pelos meus sonhos!

*À minha querida irmã Isabel*, presença singular que torna os meus dias muito mais vibrantes e repletos de ternura. És realmente, muito especial! Seu olhar e sorriso contagiante não cabem em livros inteiros que possam explicar sua complexidade neurológica e fascinantes formas de interagir, pensar e proceder... Seu mundo tão particular de perceber a vida me deixa sem palavras e me provoca inquietudes para ir além e me tornar alguém melhor todos os dias! Amo você, Bel!

*Aos meus queridos avós maternos, Maria Helena e Carlos Alberto*, pelos registros afetivos dos momentos tão especiais que compartilhamos! Pelo carinho, atenção, viagens em família e por vibrarem comigo em cada conquista, especialmente na conclusão desta Tese! Dizem que ser anjo na vida um do outro é lançar luzes, cuidar e estar presente, nem sempre estando junto, mas sempre estando perto! Obrigada pelo cuidado e por estarem sempre perto de mim... Amo vocês!

*Aos meus queridos avós paternos, Melita e Altino (in memoriam)*, pelos exemplos de determinação, persistência e integridade! Quantas lembranças e quantas saudades! Vocês partiram quando eu ainda era adolescente, mas certamente foram figuras importantes para o meu crescimento e se tornaram as memórias tão doces e alegres que carrego da infância! É por isso que lhes dedico também esta Tese... Ouso ainda acreditar que “ninguém morre quando se vive no coração de alguém...” Vocês são eternos para mim! Obrigada, meus queridos!

*À minha querida orientadora, Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi*, é um presente para mim ter caminhado ao seu lado durante esse processo de doutoramento. Contigo aprendi tantas coisas... Mais do que teorias, práticas psicoterapêuticas e produção científica; você me ensinou com o seu exemplo e se tornou para mim, muito mais que uma orientadora! Obrigada por reconhecer minha dedicação e estar presente em todo o processo de construção desta Tese, por ter me permitido pesquisar e aprofundar sobre essa temática. Pela presença contínua e disponibilidade, por me incentivar e participar comigo de conquistas profissionais e pessoais, pelo cuidado acadêmico e afetivo que construímos juntas. Pelas orientações tão ricas de aprendizado, pelas trocas generosas de sorrisos, diálogos, abraços e gostos em comum, pelo encontro singular que a vida nos proporcionou, tendo nos colocado na mesma estrada. És para mim um dos maiores exemplos do que é ser professora, pesquisadora e psicóloga clínica! Seu afeto docente passa por uma via maternal que acolhe, corrige, instiga, desperta e permite alçar voos mais altos. És o tipo de educadora que “não corta as asas, mas orienta o voo”... E, ainda, nos ensina a voarmos juntos! Hoje, na conclusão desta Tese, quero colocar em suas mãos, o que você já colocou dentro de mim... Muito obrigada, por tudo e por tanto, *minha querida Profe Cida!*

*Às exímias Profas. Dras.: Adriana Wagner, Carmen Moré e Carina Bossardi*, pelo aceite em compor a minha banca de defesa e pelas contribuições que certamente irão aperfeiçoar e lançar novas luzes sobre o desenvolvimento desta pesquisa! É um prazer e uma fonte de grande aprendizado, ter a referência dos trabalhos que vocês desenvolvem e orientam. Acredito que para sermos bons profissionais, e, antes de tudo, boas pessoas, precisamos de bons exemplos! Obrigada por serem esses bons exemplos que a vida acadêmica requer, além do olhar clínico e

sensível que transmite suas produções bibliográficas e intervenções! Pesquisadores e docentes assim são mestres inesquecíveis!

*Ao grupo de pesquisa LABSFAC (alunas da Profa. Cida)*, foi um prazer muito grande desfrutar da companhia e aprendizado com vocês durante esses quatro anos! Obrigada por me permitirem compartilhar histórias, conhecimentos e momentos únicos! Acredito que uma característica especial desse grupo que o difere de tantos outros é a parceria e afetividade! Recordo-me muito da boa vontade em compartilharmos dicas e saberes nos softwares que utilizamos, na coleta e análises de pesquisas, nas discussões teóricas e publicações científicas, além das confraternizações e organização de eventos! Tornamo-nos como uma “família acadêmica”, cujo senso de pertencimento e afeto se tornaram fundantes para o nosso pleno desenvolvimento, enquanto profissionais comprometidas e humanizadas! Em especial, desejo agradecer as minhas amigas e colegas — pelo diálogo, confiança, momentos de descontração e excelentes referenciais de competência e desempenho acadêmico: Mariana, Luciane, Joyce, Rovana e Simone!

*Às queridas Luciane e Joyce*, pelo auxílio no desenvolvimento desta Tese, quanto à análise de juízes; *à Daniela*, pelas tutorias de estatística, disponibilidade e paciência na etapa quantitativa; *à Jocelma (Jô) e Bárbara (Babi)* por ampliarem a minha rede de contatos e serem “indicadoras” em potencial da técnica de *snowball* para acessar os participantes do estudo; *à Fé Valadão* por ter me auxiliado com o banco de dados e *à Yasmin*, amiga preciosa para todas as horas, que enquanto psicóloga, também me auxiliou na coleta de dados. Além disso, também agradeço aos amigos Isabel Espíndola e Ricardo Déveze pelas traduções do resumo, em inglês e francês. Agradeço, de coração, a todos vocês, pelas preciosas contribuições recebidas!

*Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC e seu Corpo Docente*, pela qualidade de ensino e oportunidades recebidas, pela receptividade, disponibilidade e pelo vasto aprendizado recebido! Sinto-me orgulhosa de ter estudado nessa universidade federal e ter dado meus primeiros passos da pós-graduação nesse campo privilegiado do saber!

*À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*, pelo fomento da bolsa de pesquisa durante todo o período do curso de doutorado! Obrigada!

*À minha grande amiga, irmã de fé e presença constante em todos os momentos desta jornada: Yasmin*. O que falar de uma pessoa tão especial como você, que participou intensamente desta caminhada comigo e compartilhou tantos momentos e sonhos que construímos juntas? Minha “Sis” do coração, você é um dos grandes presentes que Deus me deu! Obrigada pelos teus conselhos, “pareceres”, pelas trocas de áudios “básicos” de quase meia-hora de conversa, pelos bons momentos de cantoria, parcerias, angústias e de felicidade! Contigo aprendi que o importante não é estar próximo, mas estar “dentro”! Carrego sempre as lembranças que vivenciamos, tendo a certeza de encontrar nelas a força necessária para vencer as dificuldades nos dias mais cinzentos... Sua luz emana as tonalidades do amor e da graça de Deus! Você me inspira com o seu exemplo! Obrigada por tudo que já vivemos e que ainda iremos viver...

Estendo esses agradecimentos também, ao seu esposo, Rafael (Rafa) e aos seus queridos pais, “tia Leda” e “tio Pedro”, que já considero como parte de minha família ao longo desses anos! Amo vocês! E pra concluir esses agradecimentos, recito essa música que tanto combina contigo: “*Amiga eu nunca vou desistir de você e pela tua vida vou interceder... Mesmo que eu esteja longe, meu amor vai te encontrar, porque você... É impossível de esquecer!*”

Às amigas tão incríveis que tenho a oportunidade de compartilhar tantos momentos bons e “não tão bons”, mas que estiveram sempre presentes, especialmente na trajetória final desses últimos anos: *Daiane Schneider (Dai 1)*, *Gabrielle Dias (Gabi)* e *Daiane Swarowsky (Dai 2)*. Obrigada pela motivação, pelas orações, por torcerem por mim e viverem o meu sonho como se fosse o de vocês, por comemorarem cada conquista minha e me fazerem enxergar os ganhos que existem quando se perde... Cada uma de vocês compõe uma linda parte do mosaico precioso que tenho de amigos e decora as páginas existenciais da história que escrevo! Obrigada amigas amadas!

À *querida Sueli Bobato*, pessoa tão especial para mim, tendo sido minha orientadora de TCC, professora de graduação e, hoje, uma grande amiga que carrego para a vida! Admiro muito você, Su! É um presente ter sido sua “pupila” e encontrado em suas orientações uma essência que transcende o emprego de métodos científicos e pressupostos teóricos. Sua sensibilidade, ética e carinho me fizeram transpor para o meu caminhar, enquanto docente e clínica, um pouco dos valores que você refletiu em mim! Obrigada por participar desta tese, me incentivando e me ouvindo contar sobre a teoria de Bowlby, os resultados desta pesquisa e as descobertas que encontrava, ao redigir a discussão integrada... As caronas que pegava contigo, nesse último ano de doutorado, renderam “boas análises”, risadas e conversas! Adoro ter a sua amizade, Su! Obrigada por tudo!

À *amada Jocelma (Jô)*, você é uma pessoa encantadora! Daquelas que antecipa na terra, um pouco da eternidade! Sou muito abençoada por ter amigos como você e sua família! Sem palavras para reconhecer todo apoio recebido nesta tese, e principalmente pela amizade tão sincera e profunda que construímos! Sua vida e sua história me inspiram! Também adoro as longas e engraçadas conversas que temos... Você é “top das galáxias!!” Sei que parece clichê, mas digo mesmo assim, porque às vezes, o óbvio também precisa ser dito: Amo vocês!

Ao *Pastor Charles Pereira*, *Pastora Rosa* e à *família da Igreja Luz da Vida*, que durante quinze anos de caminhada, foram meus maiores referenciais de fé e humanidade! Obrigada por todo apoio e por compartilharem momentos bons e difíceis! Faltam palavras para expressar o meu amor e gratidão a pessoas como vocês... Gente que vive aquilo que prega e nos inspira a sermos melhores todos os dias! Gente que deixa boas lembranças e que sabe deixar saudades... Gente que se leva na memória e carrega do lado direito do peito, que faz os nossos dias mais leves, divertidos e cheios de esperança!

*Aos queridos amigos de fé: Pra. Débora, Ivonete, Haroldo e Ju, Rosa, João e Fran, Daiane e Daniela, Cássia, Isabel, Lia e ao PG Maranata, a essa rede de amor que transborda força, sabedoria, cuidado, incentivo e carinho... Só posso dizer que nem tudo se pode explicar, há coisas que não entendo e que só consigo acreditar, a essas eu chamo de fé! ... E vocês fazem parte disso, em trazer para o concreto aquilo que é intangível... Mas, que dentro de quem acredita, já se tornou real! Obrigada por cultivarem dentro de mim esses princípios que me fazem alcançar lugares altos, sem deixar de lado, o reconhecimento, a comunhão e a simplicidade! Vocês são muito especiais!*

*Aos casais participantes deste estudo, pelo acolhimento e paciência em responderem a todos os instrumentos aplicados, por dividirem suas histórias de vida comigo e me receberem em seus lares, sem vocês este estudo não seria possível! Muito obrigada!*

*A* vida empírica nos mostra que o amor não sobrevive de teorias... Porque amar é um verbo... E o verbo se desvela em ação. O que evidencia o nosso amor não se constitui, meramente, de palavras que pronunciamos em nosso cotidiano, mas dos gestos que realizamos diariamente... E dentro deste universo tão complexo e ínfimo de significados, ousei imergir sobre a formação dos vínculos afetivos e seus desdobramentos nas relações amorosas, presentes na vida adulta. Mais do que pesquisar sobre o amor, mas vivenciá-lo, enquanto uma dimensão que rege e ilumina o meu caminho, me impulsiona para alcançar meus objetivos e reinventa as páginas de minha história, pude constatar que dentre diversos fenômenos da ciência psicológica, a afetividade encontra-se em um patamar mais elevado. Porque conhecer e analisar as relações de afeto, tanto numa perspectiva funcional ou disfuncional, possibilita compreender e tecer conjecturas que vão além de uma postura linear, psicopatológica e negativa, diante dos fenômenos existenciais. Refletir criticamente sobre o amor nos permite adentrar nos solos de proteção, resiliência e esperança que reside no interior de cada ser humano. É uma jornada mais sublime e, de igual modo, de difícil acesso, mas que nos leva a descobertas singulares... É uma aventura ousada, pois nela o oculto é trazido à luz, e os processos de identidade e sentimentos velados ganham batismo... O reconhecimento do alicerce afetivo é o passo inicial para aqueles que desejam se reencontrar consigo mesmos e permite uma experiência de conexão com aqueles com quem estabelecemos vínculos, histórias, lembranças... Ouso pensar que o amor, dentre todas as temáticas humanas, é a mais forte, mais profunda e mais complexa! Nela derivam-se todas as demais... Pois, o amor, antes de se tornar o cenário filosófico, moral e religioso que baliza a história da humanidade, traduz-se como expressão humana e, portanto, é fruto das imperfeições. São ações, palavras e gestos perfeitamente imperfeitos, que não nos cabe limitar a um conto idealizado e romantizado, mas que se concretiza pela sua capacidade de reinventar-se, acolher as diferenças, ressignificar o passado e construir pontes que favorecem novas travessias... É conceder novas chances e olhar de um jeito novo para algo que estagnou com o tempo... Porque o amor começa pelo olhar e se materializa pela experiência do cuidado... É incansável e tem o poder de eternizar o que é passageiro... Aquilo que amamos carrega uma semente de eternidade!

*(Ana Paula Sesti Becker – Primavera de 2019)*

## RESUMO

Becker, A. P. S. (2019). *Entrelaços de afeto: A relação entre o apego dos membros do casal na infância e o relacionamento conjugal e parental*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

As relações iniciais de apego desenvolvidas na infância se refletem nos relacionamentos futuros que o indivíduo estabelece, ao longo de seu ciclo vital. Com base em tais reflexões, esta Tese apresenta como objetivo geral analisar as repercussões das relações de apego dos membros do casal, desenvolvidas na infância sobre a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental. Os fundamentos epistemológicos centrais que nortearam este estudo pautaram-se na Teoria do Apego e no Pensamento Sistêmico. Trata-se de uma pesquisa transversal, exploratória, descritiva e correlacional, cujo enfoque do método misto foi realizado através do modelo sequencial DEXPLIS, em duas etapas, sendo a primeira quantitativa e a segunda, qualitativa. Na primeira etapa, participaram 204 pessoas, compondo 102 casais heteroaletivos que tivessem, no mínimo, um filho entre zero e seis anos de idade, os quais responderam individualmente aos questionários: Sociodemográfico, Retrospectivo de Apego (QRA), Ajustamento Diádico (DAS), Satisfação Conjugal (GRIMS) e Envolvimento Parental (QEP). Na segunda etapa, foram acessados 10 participantes, os quais também integraram a primeira etapa, compondo cinco casais heteroaletivos que tivessem, no mínimo, um filho entre zero e seis anos. Nesse momento da coleta, aplicaram-se o genograma e a entrevista semiestruturada. Para as análises de dados da Etapa 1, os resultados obtidos foram tabulados e submetidos a análises formais através do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) – versão 23.0. Realizaram-se análises estatísticas descritivas e inferenciais, tais como correlações de Pearson, Teste-t e ANOVA. Na Etapa 2, os dados do genograma foram construídos pelo *software GenoPro*, e as entrevistas transcritas foram analisadas por meio da análise categorial temática de Bardin, com o auxílio do *software Atlas-ti*. A construção das categorias temáticas, das subcategorias e dos elementos de análise foi avaliada por duas juízas *experts* na área, obtendo-se um índice de 80% de concordância. Quatro categorias centrais foram elencadas nessa etapa: 1 – Apego na Infância; 2 – Intergeracionalidade do Apego; 3 – Apego e Qualidade do Relacionamento Conjugal e 4 – Apego e Envolvimento Parental. De forma geral, os resultados evidenciaram que os estilos de apego são transmitidos de forma intergeracional entre a família de origem para as gerações posteriores, influenciando recursivamente na qualidade do relacionamento conjugal e no envolvimento parental. Além disso, evidenciou-se que quanto maior o apego inseguro desenvolvido na infância, menor se apresentava a qualidade conjugal e o envolvimento parental. No subsistema parental, verificou-se que o apego inseguro desorganizado apresentou correlações negativas com o envolvimento parental, especialmente em relação ao suporte emocional e aos cuidados básicos indiretos. Destaca-se a importância de que estudos desta natureza possam contribuir para a promoção da qualidade nas relações familiares e apresentem recursos para o subsídio na prática terapêutica de psicólogos clínicos e demais profissionais interdisciplinares que trabalham com famílias e crianças, no sentido de considerar a relevância das relações afetivas, sobretudo, da construção do apego e seu processo intergeracional.

**Palavras-chave:** Apego; Conjugalidade; Parentalidade; Envolvimento parental, Relações parentais; Transmissão intergeracional.

## ABSTRACT

Becker, A. P. S. (2019). *Intertwining of affection: The relationship between the attachment of couple members in childhood and the marital and parental relationship*. (Doctoral thesis). Federal University of Santa Catarina, Brazil, Florianópolis.

The early attachment relationships developed in childhood are reflected in the future relationships that the individual establishes throughout his or her life cycle. Based on these reflections, this thesis has as its general objective to analyze the repercussion of the attachment relationships of the members of the couple, developed in childhood on the quality of the marital relationship and parental involvement. The central epistemological foundations that guided this study were based on Attachment Theory and Systemic Thinking. This is a cross-sectional, exploratory, descriptive and correlational research, whose focus of the mixed method was performed through the DEXPLIS sequential model, in two steps, the first quantitative and the second qualitative. In the first stage, 204 people participated, comprising 102 heteroaffective couples who had at least one child between zero and six years old, who individually answered the questionnaires: Sociodemographic, Retrospective Attachment (ARF), Dyadic Adjustment (DAS), Marital Satisfaction (GRIMS) and Parental Involvement (QEP). In the second stage, 10 participants were accessed, which also integrated the first stage, composing five heteroaffective couples who had at least one child between zero and six years old. At this time of collection, the genogram and the semi-structured interview were applied. For the data analysis of Step 1, the results were tabulated and subjected to formal analysis using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS) - version 23.0. Descriptive and inferential statistical analyzes were performed, such as Pearson correlations, t-test and ANOVA. In Step 2, the genogram data were constructed by the GenoPro software, and the transcribed interviews were analyzed using the Bardin thematic categorical analysis, with the aid of the Atlas-ti software. The construction of thematic categories, subcategories and analysis elements was evaluated by two expert judges in the area, obtaining an 80% agreement index. Four central categories were listed in this stage: 1 - Childhood Attachment; 2 - Intergenerationality of Attachment; 3 - Attachment and Quality of Marital Relationship and 4 - Attachment and Parental Involvement. Overall, the results showed that attachment patterns are transmitted intergenerationally between the family of origin for later generations, recursively influencing the quality of the marital relationship and parental involvement. In addition, it was shown that the greater the insecure attachment developed in childhood, the lower the marital quality and parental involvement. In the parental subsystem, unorganized unsafe attachment was found to have negative correlations with parental involvement, especially in relation to emotional support and indirect basic care. The importance of studies of this nature can contribute to the promotion of quality in family relationships and to provide resources for the therapeutic practice of clinical psychologists and other interdisciplinary professionals who work with families and children, in order to consider the relevance of affective relationships, above all, of attachment construction and its intergenerational process.

**Keywords:** Attachment; Conjuality; Parenting; Parental involvement, parental relationships; Intergenerational transmission.

## RÉSUMÉ

Becker, A. P. S. (2019). *Liens d'affection: La relation entre l'attachement des membres du couple dans l'enfance et la relation conjugale et parentale*. (Thèse de doctorat). Université Fédérale de Santa Catarina, Brésil, Florianópolis.

Les relations d'attachement précoces développées dans l'enfance se reflètent dans les relations futures que l'individu établit tout au long de son cycle de vie. Sur la base de ces réflexions, cette thèse présente comme objectif général analyser les répercussions des relations d'attachement des membres du couple développées dans l'enfance sur la qualité de la relation conjugale et la participation des parents. Les fondements épistémologiques centraux qui ont guidé cette étude étaient basés sur la théorie de l'attachement et la pensée systémique. Il s'agit d'une recherche transversale, exploratoire, descriptive et corrélationnelle, axée sur la méthode mixte via le modèle séquentiel DEXPLIS, en deux étapes, la première quantitative et la seconde qualitative. Au cours de la première étape, ont participé 204 personnes, dont 102 couples hétéroaffectifs ayant au moins un enfant âgé de zéro à six ans, ont répondu individuellement aux questionnaires: Sociodémographie, Attachement rétrospectif (ARF), Ajustement dyadique (DAS), Satisfaction relation (GRIMS) et Engagement paternel (QEP). Au cours de la seconde étape, 10 participants ont été consultés, ce qui a également intégré la première étape, composant cinq couples hétéroaffectifs ayant au moins un enfant âgé de zéro à six ans. À ce moment de la collecte, le génogramme et l'interview semi-structurée ont été appliqués. Pour l'analyse des données de l'étape 1, les résultats ont été compilés et soumis à une analyse formelle via le paquet statistique pour les sciences sociales (SPSS) - version 23.0. Des analyses statistiques descriptives et inférentielles ont été effectuées, telles que les corrélations de Pearson, le test t et l'ANOVA. À l'étape 2, les données du génogramme ont été construites par le logiciel GenoPro et les entretiens transcrits ont été analysés à l'aide de l'analyse catégorique thématique de Bardin, à l'aide du logiciel Atlas-ti. La construction de catégories thématiques, de sous-catégories et d'éléments d'analyse a été évaluée par deux juges experts en la matière, obtenant un taux d'accord de 80%. Quatre catégories centrales sont apparues à ce stade, à savoir: 1 - l'attachement à l'enfance; 2 - Intergénérationnalité de l'attachement; 3 - Attachement et qualité de la relation conjugale et 4 - Attachement et engagement paternel. Dans l'ensemble, les résultats ont montré que les modèles d'attachement sont transmis d'une génération à l'autre entre la famille d'origine pour les générations suivantes, ce qui influence récursivement la qualité de la relation conjugale et la participation des parents. En outre, il a été démontré que plus l'attachement insécurisant développé dans l'enfance était grand, plus la qualité du mariage et la participation des parents étaient faibles. Dans le sous-système parental, il a été constaté que l'attachement non organisé non sécurisé présentait une corrélation négative avec la participation parentale, en particulier en ce qui concerne le soutien affectif et les soins de base indirects. L'importance d'études de cette nature peut contribuer à promouvoir la qualité des relations familiales et à fournir des ressources à la pratique thérapeutique des psychologues cliniciens et d'autres professionnels interdisciplinaires travaillant avec des familles et des enfants, afin d'envisager la pertinence des activités suivantes: les relations affectives, surtout la construction de l'attachement et son processus intergénérationnel.

**Mots-clés:** Attachment; Conjugalité; Parentalité; Engagement des parents; Relations parentales; Transmission intergénérationnelle.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema conceitual da pesquisa, elaborado pela autora.....	36
Figura 2 – Estressores familiares no ciclo vital da família ao longo do tempo.....	46
Figura 3 – Esquema do desenho explicativo sequencial (DEXPLIS).....	66
Figura 4 – Fórmula do cálculo de concordância com juízes.....	83
Figura 5 – Gráfico da média dos escores da dimensão Cuidados Parentais do Questionário Retrospectivo de Apego (QRA), segundo as respostas de mulheres e homens.....	90
Figura 6 – Gráfico da média dos escores da dimensão Vulnerabilidade na Infância do Questionário Retrospectivo de Apego (QRA), segundo as respostas de mulheres e homens.....	91
Figura 7 – Gráfico das porcentagens das relações de apego dos membros do casal obtidos pelo Questionário Retrospectivo de Apego (QRA).....	92
Figura 8 – Gráfico das médias das respostas de mulheres e homens do Escore de Apego do Questionário Retrospectivo de Apego (QRA).....	93
Figura 9 – Gráfico das médias das respostas de mulheres e homens do Ajustamento Conjugal do <i>Dyadic Adjustment Scale (DAS)</i> .....	95
Figura 10 – Gráfico das médias das respostas de mães e pais sobre as dimensões de Cuidados Básicos e Suporte Emocional do Questionário de Envolvimento Parental (QEP).....	97
Figura 11 - Genograma do Casal 1.....	123
Figura 12- Genograma do Casal 2.....	125
Figura 13- Genograma do Casal 3.....	126
Figura 14 - Genograma do Casal 4.....	128
Figura 15 - Genograma do Casal 5.....	130

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Correspondência entre objetivos e instrumentos da Etapa 1.....	74
Tabela 2 – Fases dos procedimentos de coleta de dados da Etapa 1.....	75
Tabela 3 - Descrição dos objetivos, participantes, instrumentos e tipos de análise que foram realizadas durante a Etapa 1.....	78
Tabela 4 - Fases dos procedimentos de coleta de dados da Etapa 2.....	80
Tabela 5 – Caracterização sociodemográfica dos participantes da Etapa 1.....	86
Tabela 6 – Porcentagens de jornada de trabalho dos participantes.....	87
Tabela 7 – Porcentagem da renda familiar mensal dos participantes.....	88
Tabela 8 - Estatística Descritiva das Respostas de mulheres e homens referentes ao Questionário Retrospectivo de Apego (QRA) – dimensão de Cuidados Parentais.....	89
Tabela 9 - Estatística Descritiva das respostas de mulheres e homens referentes ao Questionário Retrospectivo de Apego (QRA) – dimensão Vulnerabilidade da Infância.....	91
Tabela 10 - Estatística Descritiva das respostas de mulheres e homens referentes ao Questionário Retrospectivo de Apego (QRA) – Escore de Apego.....	93
Tabela 11 - Estatística Descritiva das Respostas das mulheres e homens referentes à Escala de Ajustamento Diádico (DAS).....	94
Tabela 12 - Estatística Descritiva das Respostas das mulheres e homens referentes à Escala.....	96
Tabela 13 - Estatística Descritiva das Respostas das Mães e dos Pais referentes ao Questionário de Envolvimento Parental – Dimensões de Cuidados Básicos e Suporte Emocional.....	96
Tabela 14 - Correlações de Pearson entre as variáveis do QRA, DAS, GRIMS e QEP e os dados sociodemográficos.....	99
Tabela 15 - ANOVA de jornada de trabalho e renda pelas dimensões do QRA, DAS, GRIMS e QEP.....	101
Tabela 16 - Correlação geral entre as relações de apego do casal, qualidade do relacionamento conjugal e envolvimento parental.....	102
Tabela 17 - Correlações entre os tipos de apego inseguros das mulheres e os escores gerais de cuidados parentais, de vulnerabilidade e qualidade do relacionamento conjugal.....	103

Tabela 18 - Correlações entre os tipos de apego inseguros dos homens e os escores gerais de cuidados parentais, de vulnerabilidade e qualidade do relacionamento conjugal.....	105
Tabela 19 - Correlação separada entre os participantes com o tipo de Apego Inseguro Desorganizado.....	106
Tabela 20 - Correlação geral entre as relações de qualidade do relacionamento conjugal, apego do casal e satisfação conjugal.....	106
Tabela 21 - Correlações entre a qualidade do relacionamento conjugal das mulheres e os escores de apego e satisfação conjuga.....	108
Tabela 22 - Correlações entre a qualidade do relacionamento conjugal dos homens e os escores de apego, satisfação conjugal e envolvimento parental.....	110
Tabela 23 - Correlação separada dos participantes entre a Coesão Diádica, qualidade do relacionamento conjugal total, satisfação conjugal e envolvimento parental.....	112
Tabela 24 - Correlações entre o envolvimento materno e os escores de suporte emocional, cuidados básicos e QEP Total.....	113
Tabela 25 - Correlações entre o envolvimento paterno e os escores de envolvimento parental e qualidade do relacionamento conjugal.....	114
Tabela 26 - Correlação separada dos participantes entre o GRIMS e as relações de apego do casal.....	116
Tabela 27 - Correlação geral entre as relações de envolvimento parental e as relações de apego do casal.....	118
Tabela 28 - Correlação separada dos participantes entre os Cuidados básicos indiretos e o Envolvimento parental.....	119
Tabela 29 - Correlação separada dos participantes entre os Cuidados básicos diretos e o Envolvimento parental.....	121
Tabela 30 - Correlação separada dos participantes entre o Suporte emocional e o Envolvimento parental.....	131

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS-Psi	Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAQDAS	<i>Computer-Aided Qualitative Data Analysis Software</i>
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DAS	Escala de Ajustamento Diádico (Dyadic Adjustment Escala)
GRIMS	<i>The Golombok Rust Inventory of Marital State</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LABSFAC	Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade
NEPeDI	Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil
PPGP	Programa de Pós-graduação em Psicologia
PS	Pensamento Sistêmico
PsycInfo	<i>American Psychological Association</i>
QRA	Questionário Retrospectivo de Apego
QEP	Questionário de Envolvimento Parental
SAPSI	Serviço de Atendimento Psicológico
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
TA	Teoria do Apego
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
VD	Variável dependente
VI	Variável independente
PROEX	Pró-Reitoria de extensão

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>26</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>33</b>
2.1 Objetivo geral.....	33
2.2 Objetivos específicos. ....	33
<b>3. HIPÓTESES.....</b>	<b>34</b>
<b>4. PRESSUPOSTO .....</b>	<b>36</b>
<b>5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>39</b>
5.1 Pensamento Sistêmico.....	39
5.2 Modelo Estrutural Sistêmico.....	40
5.3.Ciclo Vital Familiar.....	44
5.3.1Novo casal.....	47
5.3.2 Qualidade do relacionamento conjugal.....	49
5.3.3 Família com filhos pequenos.....	50
5.3.4 Envolvimento Parental.....	53
5.4 Teoria do Apego.....	55
5.4.1 Apego e conjugalidade.....	59
5.4.2 Apego e parentalidade.....	62
<b>6. MÉTODO .....</b>	<b>65</b>
<b>6.1 Delineamento da Pesquisa.....</b>	<b>65</b>
<b>6.2 Contextos.....</b>	<b>66</b>
<b>6.3 ETAPA 1 - Quantitativa.....</b>	<b>67</b>
<b>6.3.1 Participantes.....</b>	<b>67</b>
6.3.1.1 Participantes da Etapa 1.....	67
6.3.4 Instrumentos.....	68
6.3.4.1 Instrumentos da Etapa 1.....	68
6.3.5 Objetivos e Instrumentos.....	73
6.3.6 Procedimentos.....	74
6.3.6.1 Procedimentos de preparação para a coleta de dados.....	75
6.3.6.2Procedimentos de preparação para a coleta de dados propriamente dita.....	76
6.3.6.3 Procedimentos para análise de dados.....	77

<b>6.4 ETAPA 2 - Qualitativa.....</b>	<b>78</b>
<b>6.4.1 Participantes.....</b>	<b>78</b>
6.4.1.1 Participantes da Etapa 2.....	78
6.4.2 Instrumentos.....	79
6.4.2.1 Instrumentos da Etapa 2.....	79
6.4.3 Procedimentos.....	80
6.4.3.1 Procedimentos de preparação para a seleção dos participantes.....	80
6.4.3.2 Procedimentos de preparação para a coleta de dados propriamente dita.....	81
6.4.3.3 Procedimentos para análise de dados.....	81
6.5 Considerações Éticas.....	83
<b>7. RESULTADOS.....</b>	<b>85</b>
<b>7.1 Resultados da Etapa 1.....</b>	<b>85</b>
7.1.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes da Etapa 1.....	85
7.1.2 Descrição sobre as relações de apego do casal.....	88
7.1.3 Descrição sobre a qualidade do relacionamento conjugal.....	94
7.1.4 Descrição sobre o envolvimento parental.....	96
7.1.5 Correlação entre as variáveis dos instrumentos quantitativos.....	97
7.1.6 Correlação sobre as relações de apego do casal (QRA).....	101
7.1.7 Correlação sobre a qualidade do relacionamento conjugal.....	105
7.1.8 Correlação sobre o envolvimento parental.....	111
7.1.9 Síntese dos resultados da Etapa 1.....	115
<b>7.2 Resultados da Etapa 2.....</b>	<b>120</b>
7.2.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes da Etapa 2.....	120
7.2.2 Síntese da história familiar dos participantes.....	121
7.2.3 Apresentação das categorias, subcategorias e elementos de análise.....	130
<b>8. DISCUSSÃO INTEGRADA.....</b>	<b>144</b>
8.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes.....	144
8.2 Apego na infância.....	146
8.3 Intergeracionalidade do apego.....	151
8.4 Apego e qualidade do relacionamento conjugal.....	159
8.5 Apego e envolvimento parental.....	168
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>177</b>
<b>10. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>185</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>205</b>

Apêndice A – Roteiro de entrevista semiestruturado.....	205
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	206
Apêndice C – Manual de procedimentos para coleta de dados.....	210
Apêndice D – Flyer informativo sobre a pesquisa.....	218
Apêndice E – Resultados das correlações significativas “dois a dois”.....	219
<b>ANEXOS.....</b>	<b>224</b>
Anexo A – Questionário Sociodemográfico.....	224
Anexo B – Questionário Retrospectivo de Apego (QRA).....	227
Anexo C – Escala de Ajustamento Diádico (DAS).....	235
Anexo D – Escala (GRIMS).....	238
Anexo E – Questionário de Envolvimento Parental (QEP).....	239
Anexo F – Símbolos do Genograma.....	241
Anexo G – Aprovação da pesquisa pelo (CEPSH-UFSC).....	242

## APRESENTAÇÃO

Endossando a célebre declaração de Martin Luther King: “*Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada. Apenas dê o primeiro passo*”, é que dou início a este breve ensaio retrospectivo, quando dei meus primeiros passos em direção a um sonho: tornar-me psicóloga clínica e Doutora em Psicologia.

Desde o início de minha graduação, realizada na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI – na cidade de Itajaí/SC, interessava-me sobre a produção científica e fascinava-me sobre a arte da docência, cujos mestres que tive e que possuo se tornaram os bons exemplos e referenciais para a minha trajetória também, enquanto professora universitária. Nos anos iniciais do curso de Psicologia, recordo-me da experiência que tive ao escrever meu primeiro artigo científico. Naquela época, estava na terceira fase do curso e não era bolsista de pesquisa, mas passei a acompanhar voluntariamente algumas reuniões de estudo com a Profa. Dra. Josiane Delvan, tendo escrito, em coautoria com ela e suas alunas, minha primeira publicação, oriunda de um estudo de revisão bibliográfica.

Após a experiência inicial de produção científica, o prazer pela pesquisa e pela escrita se tornou mais evidente. Tive a oportunidade de contribuir em outros trabalhos como coautora e mais à frente, desenvolvi o meu primeiro estudo empírico, sob orientação da Profa. Msc. Sueli Terezinha Bobato, em parceria com minha colega de graduação e amiga – Tânia Paza Maestri. Nosso trabalho de conclusão de curso (TCC) se pautou sobre: “*A influência de um movimento cristão na qualidade da relação entre pais e filhos adolescentes*”. Foi uma experiência bastante desafiadora e enriquecedora. Saliento que a parceria e a contribuição do Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera (UFRGS) foram de grande valia e aprendizagem para o nosso estudo, além do incentivo que nos trouxe e da receptividade amigável, ao me receber em algumas idas a Porto Alegre; tendo feito parte também, da banca de defesa de monografia – em junho de 2011.

Além das produções científicas oriundas do TCC, obtive uma bolsa de pesquisa de iniciação científica – (PIBIC) do artigo 170 para investigar sobre: “*Concepções acerca da religiosidade: a perspectiva da criança*”, sob orientação da Profa. Dra. Josiane Delvan – durante o último ano de graduação. Após o contentamento e aprendizagem que a vida acadêmica me proporcionou, me formei em Psicologia no segundo semestre de 2012, tendo recebido o prêmio de mérito estudantil.

Na sequência, prestei o processo seletivo para o curso de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal (PPGP/UFSC). Ingressei no mestrado em

março de 2013, sob orientação da Profa. Dra. Lucienne Martins Borges, cujo tema de dissertação norteou as dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar. Ressalto que desde a graduação, meu interesse em Psicologia Clínica derivou-se das atividades de estágio e de extensão, com base no Pensamento Sistêmico e no atendimento de famílias. Em vista disso, meu intento ao pesquisar sobre o impacto da imigração na saúde mental dos indivíduos – foco central dos trabalhos da Profa Lucienne – despertou-me maior interesse ao direcionar tais análises, para o âmbito familiar dos imigrantes; de modo que conseguisse me utilizar da epistemologia sistêmica e da Psicologia Intercultural para fundamentar a dissertação. Concluí o mestrado em dezembro de 2014.

Paralelo a isso, embora tivesse desenvolvido o início de experiências psicoterapêuticas em abordagens clínicas, como a Psicanálise; fascinava-me ouvir as aulas de *Psicologia da Família* no curso de Mestrado, ministrada pela Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi (UFSC), minha atual orientadora de Doutorado. Motivada pelo ensejo de aprender mais sobre o Pensamento Sistêmico e obter experiências clínicas como terapeuta familiar, ingressei no curso de Especialização em Terapia familiar sistêmica pelo Instituto Familiare (2014 – 2018). Foi nesse período que me aproximei dos trabalhos da Professora Cida, sendo supervisionada por ela nos atendimentos clínicos, na participação de seus grupos terapêuticos e de estudo, e na orientação da monografia do curso de Pós-graduação. A convivência e aprendizagem que recebi, a partir de seu modelo, enquanto docente e psicóloga clínica, me fizeram repensar os referenciais que tinha no atendimento psicológico e na relação psicoterapêutica com os pacientes. Aprendi a desenvolver uma postura profissional de escuta e intervenção, sem perder de vista o “humano” e a sensibilidade, tão presentes no modo como busco dar seguimento e voz aos meus trabalhos clínicos e acadêmicos.

Ingressei no curso de Doutorado em Psicologia da UFSC em março de 2016, sob orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi. Retomei a participação no Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC), a qual já tinha iniciado no curso de Mestrado, mantendo-me em participação ativa até a conclusão do curso de doutorado. Cabe salientar que, entre os anos de 2015 a 2016, lecionei no curso de Psicologia no Centro Universitário de Brusque (SC) – UNIFEBE, entretanto, me desliguei da docência por um tempo específico, a fim de dedicar-me exclusivamente à pesquisa e ao processo de doutoramento.

Após o meu ingresso no grupo de pesquisa LABSFAC, sob orientação da Profa. Cida, passei a participar das reuniões de estudos acerca do desenvolvimento das pesquisas em andamento daquela época, cujo intento dos trabalhos era direcionado ao funcionamento

familiar, coparentalidade e envolvimento parental em famílias biparentais e em pais divorciados (famílias binucleares). Portanto, passei a pensar de que forma poderia contribuir para o aprofundamento das variáveis e dos fenômenos investigados. Em alguns encontros com a minha orientadora, propus o interesse que tinha sobre dar seguimento aos estudos de apego, já pesquisados no grupo, os quais direcionavam o foco para a relação pai-filho; todavia, desejava ampliar esse panorama a uma perspectiva intergeracional dos vínculos afetivos, presentes desde o apego infantil até o apego adulto, no âmbito conjugal e parental, de homens e mulheres. Após o consentimento em abordar a temática pretendida, dei início à revisão de literatura em bancos de dados nacionais e internacionais e, com base nas lacunas verificadas, nasceu a ideia da integração entre os fenômenos: apego adulto, intergeracionalidade do apego, qualidade do relacionamento conjugal e envolvimento parental; os quais amplificaram as discussões presentes, ao lançarem diferentes olhares sobre o projeto de pesquisa geral.

Dessa forma, esta Tese se inseriu no Projeto Maior, anteriormente mencionado: “Funcionamento familiar, coparentalidade, envolvimento parental e o comportamento de pré-escolares”, desenvolvido pelo Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC), em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPEDI), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); cuja linha de pesquisa é Saúde, Família e Desenvolvimento Psicológico, respectiva à área 3 do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC, denominada Área de Concentração Processos Psicossociais, Saúde e Desenvolvimento Psicológico.

## 1. INTRODUÇÃO

Os laços afetivos constituem-se o alicerce fundamental das relações humanas, ao longo de todo o ciclo vital. Na interação com os principais cuidadores, as crianças desenvolvem modelos internos dinâmicos – representações mentais sobre si mesmas, dos outros e o que devem esperar destas relações. É através de tais modelos que os esquemas precoces afetivos se refletem na personalidade dos indivíduos e exercem influência nas relações futuras, durante toda a sua vida (Pereira, Ferreira & Paredes, 2012; Schmidt & Argimon, 2009; Dalbem & Dell’Áglio, 2005; Montoro, 2001). A esse processo de vinculação que atenta para a necessidade humana inata para estabelecer laços afetivos íntimos com pessoas significativas, encontra-se a Teoria do Apego desenvolvida por Bowlby (1969/2002).

O pressuposto básico da teoria é norteado pela qualidade da interação entre a criança e o cuidador primário. Nos anos iniciais de vida, a reciprocidade dos pais para atender às necessidades do filho deve favorecer o desenvolvimento de um senso de segurança, uma condição de bem-estar e confiança que servirá como base para a exploração do ambiente e do conhecimento (Gomes & Bosa, 2008; Schmidt & Argimon, 2009). Segundo Bowlby (1988), o apego é um tipo de vínculo afetivo biologicamente inato entre os seres humanos que visa à busca pela proximidade com outro indivíduo – *figura ou objeto de apego*, identificado como alguém disponível que oferece respostas e proporciona um sentimento de segurança, sendo considerado como mais preparado para lidar com o mundo.

É importante distinguir o conceito de *apego* do *comportamento de apego*, os quais variam de acordo com circunstâncias próprias do indivíduo e da situação. Denomina-se “comportamento de apego” um sistema de comportamentos que têm como finalidade a obtenção ou manutenção de proximidade com a figura de apego, tais como: a verificação de onde o outro significativo se encontra, troca de olhares e sinais, até a busca ativa de proximidade, como chamar atenção, chorar, correr atrás, agarrar-se e resistir à separação (Bowlby, 1988; Montoro, 2001). Convém salientar que todas essas estratégias estão presentes em crianças, adolescentes e adultos, ao buscarem aproximação com outras pessoas significativas, sendo demonstradas de formas diferentes (Ainsworth, 1989).

A partir das primeiras experiências de vinculação na infância é que são internalizados os modelos de apego com os pais ou substitutos, sendo acionados na presença de eventos ameaçadores, medo ou estresse (Schmidt & Argimon, 2009). Nascimento e Coelho (2006) acrescentam que o comportamento de apego se manifesta ao longo da vida, em situações específicas, como na ausência ou na indisponibilidade da figura de apego; de modo que na vida

adulta, tais modelos sejam reproduzidos na busca de carinho, conforto e proteção, sendo complementados por novos vínculos afetivos (Smith & Ng, 2009).

Um dos eixos centrais postulados por Bowlby (1988) é de que as primeiras relações de apego desenvolvidas na infância repercutem no estilo de apego do indivíduo, ao decorrer do seu ciclo vital. Diversos estudos (Serrán & Ayala, 2016; Semensato & Bosa, 2013; Natividade & Shiramizu, 2015; Scheeren, Goulart, Vieira & Wagner, 2014; Schachner, Shaver & Mikulincer, 2012; Hazan, 2012; Nascimento & Coelho, 2006; Dalbem & Dell'Áglio, 2005) apontaram a relação entre o estilo de apego infantil e o apego adulto estabelecido com outras pessoas significativas.

Ao final da década de 1980, Hazan e Shaver propuseram ampliar a Teoria do Apego cujo foco pretendia enfatizar o afeto do bebê humano por seus cuidadores, para estudar o amor romântico e as relações conjugais adultas (Hazan & Shaver, 1987; Schachner et al., 2012). Conforme Weiss (1991/2005), o evento que culminaria na passagem do apego infantil para o apego adulto seria a eleição de outra figura de apego significativa, como ocorre na escolha do(a) parceiro(a) para o envolvimento afetivo conjugal.

Semensato e Bosa (2014) mencionam as evidências de relação entre o apego seguro desenvolvido na infância e a satisfação na relação conjugal. Tal hipótese permitiu concluir que as experiências prévias com as figuras de apego, quando criança, se organizam, posteriormente, como sentimentos, pensamentos e comportamentos, formando o alicerce para a maior capacidade de envolvimento afetivo e reciprocidade no relacionamento com parceiros, especialmente em momentos adversos. Pode-se pensar com isso, que satisfazer as necessidades de ter a sensação de segurança é uma das razões principais para o casamento (Schachner et al., 2012).

Estudos empíricos (Altin & Terzi, 2010; Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1998; Shaver & Brennan, 1992) desenvolvidos acerca das diferenças individuais nos estilos de apego dos relacionamentos românticos, mencionaram que adultos com apego seguro (com ansiedade e evitação reduzidas) tendem a ter relacionamentos longos, estáveis e satisfatórios imbuídos por alto investimento, confiança e companheirismo. Na área da sexualidade, mostram-se abertos às descobertas sexuais, mas geralmente com parceiro único e duradouro. Já as pessoas que demonstraram o apego inseguro (com ansiedade alta e evitação baixa) tendem a se tornarem vigilantes e preocupadas com seus parceiros românticos, apontando baixa satisfação conjugal e maiores índices de rompimento. Este grupo também apresentou um estilo de amor obsessivo e dependente. No âmbito sexual, apontaram maior preferência pelos aspectos afetuosos e

íntimos da sexualidade do que pelos aspectos genitais. Já os adultos com características de apego evitativo (apego desativado ou desconsiderador) exibiram menos interesse nos relacionamentos românticos, especialmente aqueles com compromisso duradouro. Assim como o grupo com o apego inseguro, a satisfação conjugal mostrou-se baixa e com alto índice de rompimentos. O tipo de interação afetiva é mais demonstrado por “fazer joguinhos” e, na sexualidade, apresentam mais comportamentos de aceitação para o sexo casual.

A Teoria do Apego aplicada aos relacionamentos adultos por Hazan e Shaver (1987/1994) salienta que o tipo de apego e o modo de se relacionar desenvolvidos na infância servem como um indicativo nas relações afetivas futuras, constituindo uma perspectiva teórica que enfatiza a repetição das experiências vividas na família de origem. Desta forma, a satisfação conjugal estaria relacionada ao tipo de apego do indivíduo, estabelecido na infância, com seus cuidadores. Em outras palavras, pessoas que vivenciaram uma relação de segurança e afeto com seus pais ou cuidadores substitutos quando crianças seriam adultos mais propensos a repetir esse modelo em seus casamentos e de se sentirem mais felizes (Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006).

Na pesquisa de Pereira et al. (2012) pretendeu-se conhecer a relação entre apego aos pais, características das relações românticas, sintomatologia física, estilo de vida e morbidade psicológica em jovens universitários portugueses, cujos resultados apontaram que indivíduos com apego seguro envolvidos em relações amorosas têm maior probabilidade de aderir positivamente aos cuidados de saúde e adotar menos comportamentos de risco; além de apresentar maior nível de bem-estar e satisfação com o parceiro.

O Brasil registrou em 2015, o número de 1.137.321 casamentos civis, representando um aumento de 2,8% em relação ao ano de 2014. Entre os 27 estados brasileiros, 20 apresentaram um maior número dos registros civis de casamentos entre 2014 e 2015; na medida em que houve um declínio na taxa geral de divórcio de 2,41‰ em 2014 para 2,33‰ em 2015 (IBGE, 2015). Entretanto, dados mais recentes apontaram, mais uma vez, o declínio do número de uniões civis, de modo que no último censo (IBGE, 2017), verificou-se uma redução de 2,3% no total de casamentos registrados no Brasil, em comparação ao ano de 2016. Salienta-se que a região Sul foi a que menos se observou essa diferença, com variação de somente 0,1% frente ao censo anterior. Esse balanço estatístico apresenta quadros de mudanças no cenário nacional, frente ao anseio de formar família e/ou de romper com essas relações. De toda forma, considera-se que o casamento ainda se constitui como meta de muitas pessoas no cenário nacional, especialmente entre a população jovem que expressa o desejo de se casar (Riter, Zanon & Freitas, 2019;

Venturini & Piccinini, 2014; Jablonski, 2011; Scorsolini-Comin & Santos, 2010), embora, conforme o último censo do IBGE (2017), a faixa etária de nupcialidade tem aumentado em comparação às décadas passadas. A média etária brasileira nas uniões civis para as mulheres heterossexuais corresponde a 28 anos e para os homens heterossexuais a 30 anos; já para as mulheres e homens homossexuais, a média é de 34 anos.

Pesquisas realizadas com jovens brasileiros (Riter et al., 2019; Jablonski, 2011; Zordan, Falcke & Wagner, 2009) revelaram que o casamento ainda se associa com a ideia de felicidade, sendo apontado como projeto de vida mais importante e desejado pela maioria das pessoas. Embora diversas uniões não tenham sido bem-sucedidas, e marcadas por conflitos e rompimentos, muitos continuam na busca de um relacionamento que lhes traga satisfação e bem-estar (Féres-Carneiro, 2003; Falcke, Diehl & Wagner, 2002).

Com o intuito de clarificar conceitualmente os fenômenos que norteiam o vínculo conjugal, entende-se por conjugalidade um sistema que envolve dois parceiros que se regulam mutuamente, cada um atuando como o meio ambiente do outro, tendo como função ativa as interações entre eles (Feeney, 2003). Scorsolini-Comin e Santos (2010) complementam que a conjugalidade seria a convergência da individualidade de dois passados que, no encontro de suas trajetórias individuais, dariam início à construção de uma identidade do casal, sendo este espaço transformado pelos parceiros continuamente. Já no que tange ao conceito de qualidade ou satisfação conjugal, compreende-se como um fenômeno complexo, com base na avaliação pessoal de cada um dos cônjuges sobre a qualidade de vínculo do casal (Narciso & Ribeiro, 2009; Schmidt, Bolze, Vieira & Crepaldi, 2015).

Pode-se refletir sobre o fato de que os ideais do amor romântico, de que a relação é única e eterna, têm se fragilizado na era contemporânea. Pois, com a emancipação e autonomia feminina, e também, com a exigência dos padrões amorosos de que o casamento precise corresponder às expectativas de felicidade, prazer, compreensão mútua e companheirismo, as relações amorosas acabam tornando-se modelos difíceis de serem alcançados; o que pode desencadear a frustração entre os parceiros, e, ainda, o rompimento conjugal que é cada vez mais presente nos dias atuais (Jablonski, 2001). Além disso, ressalta-se que as expectativas, razões e práticas referentes ao casamento, variam consoante a fase do ciclo vital dos indivíduos e ao contexto sócio-histórico-cultural vigente (Zordan et al., 2009).

Com vistas à integração dos temas aqui discutidos, parte-se da ideia de que as relações de apego primárias trazem repercussões sobre as relações amorosas futuras, e, portanto, os indivíduos poderão passar a repetir os modelos de apego internalizados no passado para os seus

relacionamentos conjugais na fase adulta, obtendo maior ou menor qualidade no vínculo conjugal. Não obstante, estudos nacionais e internacionais (Thompson, 1998; Gomes & Bosa, 2008; Watcher, 2002; Koren-Karie, 2000; Schmidt & Argimon, 2009; Dessen & Braz, 2005; Murta, Rodrigues, Rosa, Paulo & Furtado, 2011) têm verificado que além das relações de apego entre a infância e a conjugalidade, existem também, repercussões entre as relações primárias de vinculação e a parentalidade.

No estudo realizado por Murta et al. (2011), o qual descreve uma avaliação de necessidades para o desenvolvimento de um programa de transição para a parentalidade, verificou-se a importância de investigar a experiência de apego do casal com seus progenitores em relação aos cuidados com seus filhos recém-nascidos. Como resultado foi apontado que os membros do casal que vivenciaram práticas parentais coercitivas na infância e apego inseguro podem apresentar maiores fatores de risco para a relação pais-bebê. Frente a isso, foram discutidas possíveis temáticas para comporem a elaboração de programas preventivos, entre elas, a relação entre o apego com a família de origem e a parentalidade.

Com base na perspectiva sistêmica de família, a parentalidade pode ser definida como a transição responsável por transformar o casal em pais, provocando mudanças mais profundas nas relações conjugais e na família extensa (Meynckens-Fourez, 2000; Macarini, Crepaldi & Vieira, 2016). Nesse sentido, estudos (Bigras & Paquette, 2000; Féres-Carneiro, 2003; Dessen & Braz, 2005; Silva & Picininni, 2007; Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005; Bossardi, 2015) têm apontado a relação entre a satisfação conjugal e relações parentais de boa qualidade, ao passo que inversamente, as relações conflituosas entre o casal podem interferir prejudicialmente na relação e no envolvimento parental. Por envolvimento parental, entende-se a interação materna e paterna com os filhos, por meio da participação efetiva na realização de atividades diárias, cuidado e à preocupação contínua dos pais biológicos ou substitutos, acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho (Dubeau, Devault & Paquette, 2009).

A partir da temática apresentada, realizou-se uma revisão de literatura integrativa na base de dados internacional – *PsycInfo* da APA, e em bases de dados nacionais – Scielo e CAPES, nos idiomas em português, inglês e espanhol, no intervalo entre 2013 e 2017 – período em que foi feita a revisão (Becker & Crepaldi, 2019)<sup>1</sup>. Os descritores adotados para o estudo foram:

---

<sup>1</sup> Os maiores detalhes da revisão podem ser encontrados na versão completa do artigo, disponibilizada pelo link da Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43016/29727>

“Apego” OR “Bowlby” AND “casal” OR “relação conjugal” AND “parentalidade” OR “relação parental”; “Attachment” OR “Bowlby” AND “couple” OR “marital relations” AND “parenting” OR “parenthood”; “apego” OR “Bowlby” AND “pareja” OR “relaciones maritales” AND “parentalidade” OR “relaciones parentales”, sendo sugeridos na seção de terminologia em Psicologia no DeCs; e para as buscas em plataformas internacionais verificaram-se as *Keywords* utilizadas nos artigos encontrados com as palavras-chave mencionadas.

De 332 artigos identificados, selecionaram-se 32 artigos completos e indexados, após o processo de triagem, dos quais emergiram três categorias temáticas, após análises metodológicas e semânticas, a saber: a) Apego e conjugalidade; b) Apego e parentalidade e c) Apego adulto. Os resultados gerais apontaram a sobressalência de estudos longitudinais e quantitativos, com o predomínio de publicações localizadas na América do Norte. Constatou-se que o tipo de apego inseguro desenvolvido na infância apresentou maiores características de desajustes conjugais e relacionamentos problemáticos na parentalidade com maiores evidências de fatores de risco. Além disso, não foi encontrada, nos resultados dessa revisão, nenhuma pesquisa que integrasse, num único estudo, a relação estabelecida entre o apego dos membros do casal na infância e seus desdobramentos sobre os vínculos conjugal e parental, na vida adulta. Variáveis semelhantes foram encontradas em diversos trabalhos, porém separadamente.

Por considerar que o fenômeno das relações afetivas ao longo do ciclo vital vivenciado em diferentes configurações, como no subsistema conjugal e parental, representa uma temática multidimensional e complexa, o posicionamento epistemológico empregado, pauta-se, sobretudo, no Pensamento Sistêmico e na Teoria de Apego de Bowlby. Além desses eixos centrais, também serão utilizadas as contribuições do Modelo Estrutural de Minuchin para o fundamento teórico do desenvolvimento familiar sistêmico e o Ciclo Vital Familiar, com alusão ao enfoque contextual.

Oportuniza-se, ainda, clarificar a terminologia de afeto ou afetividade, a qual é referida em diversos momentos desta tese, mantendo-se presente na formação do apego e nas variáveis estudadas. Portanto, concebe-se que as relações afetivas estão associadas a um conjunto de sentimentos positivos e de conexão entre as pessoas (Teodoro, Cardoso & Freitas, 2010); além de promover uma expressão satisfatória e de emoções positivas dentro do ambiente familiar, suporte emocional e demonstrações de carinho e cuidado entre seus membros (Hayakawa, Silva, Higarashi & Waidman, 2010; Espitia & Martins, 2006).

Almeja-se que este estudo possa contribuir no avanço do conhecimento científico no âmbito dos vínculos afetivos familiares, ao decorrer do ciclo de vida, especialmente na fase adulta, haja vista que o predomínio de estudos sobre o apego detém-se nas relações precoces entre a mãe e o bebê e nas implicações iniciais do desenvolvimento (Nunes, 2012; Dalbem & Dell'Áglio, 2005). Portanto, pretende-se aprofundar a relação triádica que é estabelecida entre o apego do casal na infância e suas repercussões sobre o vínculo conjugal e parental. Espera-se, ainda, que os resultados oriundos desta tese promovam reflexões contundentes acerca do desenvolvimento psicossocial da família, e que possa fundamentar programas de intervenção futuros, a fim de promover a qualidade do vínculo conjugal e a promoção da saúde no desenvolvimento infantil. Com base nos apontamentos discutidos, esta pesquisa visa a responder à seguinte pergunta: *As relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infância repercutem na qualidade do relacionamento conjugal e no envolvimento parental?*

## 2. OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo Geral:

Analisar as repercussões das relações de apego dos membros do casal, desenvolvidas na infância sobre a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental, em casais, pais de crianças de zero e seis anos de idade.

### 2.2 Objetivos Específicos:

#### *Objetivos específicos da Etapa 1: Pesquisa Quantitativa*

- a) Caracterizar as relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infância;
- b) Caracterizar a qualidade do relacionamento conjugal
- c) Identificar o envolvimento parental de mães e pais de crianças entre zero e seis anos;
- d) Relacionar o apego dos membros do casal na infância com a qualidade do relacionamento conjugal atual;
- e) Relacionar o apego dos membros do casal na infância com o envolvimento parental;

#### *Objetivos específicos da Etapa 2: Pesquisa Qualitativa*

- f) Descrever a história do relacionamento afetivo do casal participante;
- g) Descrever as características das relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infância;
- h) Compreender os significados atribuídos à qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental;
- i) Identificar as concepções sobre os padrões intergeracionais de apego e envolvimento parental, dos membros do casal.

### 3. HIPÓTESES

Em relação à Etapa 1 e seus respectivos objetivos, apresentam-se, a seguir, as hipóteses elaboradas com base nos fundamentos teóricos adotados. Salienta-se que somente hipóteses de associação foram realizadas.

#### **H1**

*Há uma associação negativa entre os tipos de apego inseguro desenvolvido na infância, dos membros do casal, com a qualidade do relacionamento conjugal.*

Estudos sobre apego e relação conjugal (Jayamaha et al., 2017; Gou & Woodin, 2017; Cooper et al., 2017) apontam que estilos de apego inseguro, como o apego ansioso, predizem a baixa qualidade conjugal, uma vez que quando presentes os sentimentos de menos-valia, insegurança e vigilância obsessiva na relação, há maiores chances de rupturas no relacionamento. Outro exemplo, é o tipo de apego inseguro evitativo, cujos casais que apresentam esse estilo aprenderam que, para se sentirem relativamente seguros, é necessário confiar demasiadamente em si mesmos e a não procurar, abertamente, o apoio do parceiro, mesmo quando esse apoio seja fundamental em momentos adversos, além de sentirem-se desconfortáveis com a intimidade e fornecerem pouca atenção às necessidades do cônjuge (Consoli, Bernardes & Marin, 2018; Shaver, & Clark, 1994). Por outro lado, pessoas que vivenciaram uma relação de segurança e afeto com seus pais ou cuidadores substitutos, quando crianças, seriam adultos mais propensos a repetir esse modelo em seus casamentos e de se sentirem mais felizes (Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006).

#### **H2**

*Há uma associação negativa entre os tipos de apego inseguro desenvolvido na infância, dos membros do casal, com o envolvimento parental.*

Em estudos clássicos como o de Byng-Hall (1995), verificou-se que a dificuldade no comportamento de cuidado parental encontra-se fortemente associada a relatos de distúrbio nos próprios relacionamentos de vinculações infantis desses pais com suas figuras de apego primárias, como em situações de divórcio, morte, abandono ou separações longas dos genitores. Além disso, Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) indicam que no apego evitador as mães

(ou figura primária de apego) têm mais dificuldade de demonstrar emoções, não tolerando muita proximidade e punindo comportamentos de envolvimento afetivo do filho(a). Já para os cuidadores com apego desorganizado/desorientado podem existir a suspeita de terem passado por uma situação traumática (falecimento de um membro da família ou, até mesmo, abuso parental) na época de nascimento do filho. Por último, cuidadores com apego ansioso/ambivalente podem apresentar-se pouco disponíveis para o filho; com ansiedade significativa e mostrarem-se pouco sensíveis às demandas do bebê, desencorajando-o a explorar o ambiente e envolvendo-se de forma restrita com a criança. Pesquisas internacionais contemporâneas desenvolvidas sobre o apego (Madigan, Vaillancourt, Plamondon, McKibbin & Benoit, 2016; Bailey, Redden, Pederson & Moran, 2016; Millings, Walsh, Hepper & Brien, 2013) sugerem que figuras parentais com estilo de apego inseguro desenvolvido na infância tendem a apresentar maiores problemas de relacionamento com seus próprios filhos e menores níveis de satisfação na parentalidade e relacionamento familiar.

#### 4. PRESSUPOSTO

Em relação à Etapa 2, cuja ênfase apresenta delineamento qualitativo, estabeleceu-se o pressuposto, detalhado a seguir.

É possível pressupor repercussões das relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infância, sobre a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental. Tais repercussões são transmitidas intergeracionalmente, a partir dos padrões afetivos recebidos na infância pela família de origem de cada um dos cônjuges, e que operando dentro de um contexto e de uma estrutura do ciclo vital familiar, repercutem na vinculação afetiva do casal e na vivência da parentalidade, conforme é demonstrado na Figura 1.

A figura 1 representa o Esquema conceitual da Tese, bem como as reflexões teóricas que a sustentam.

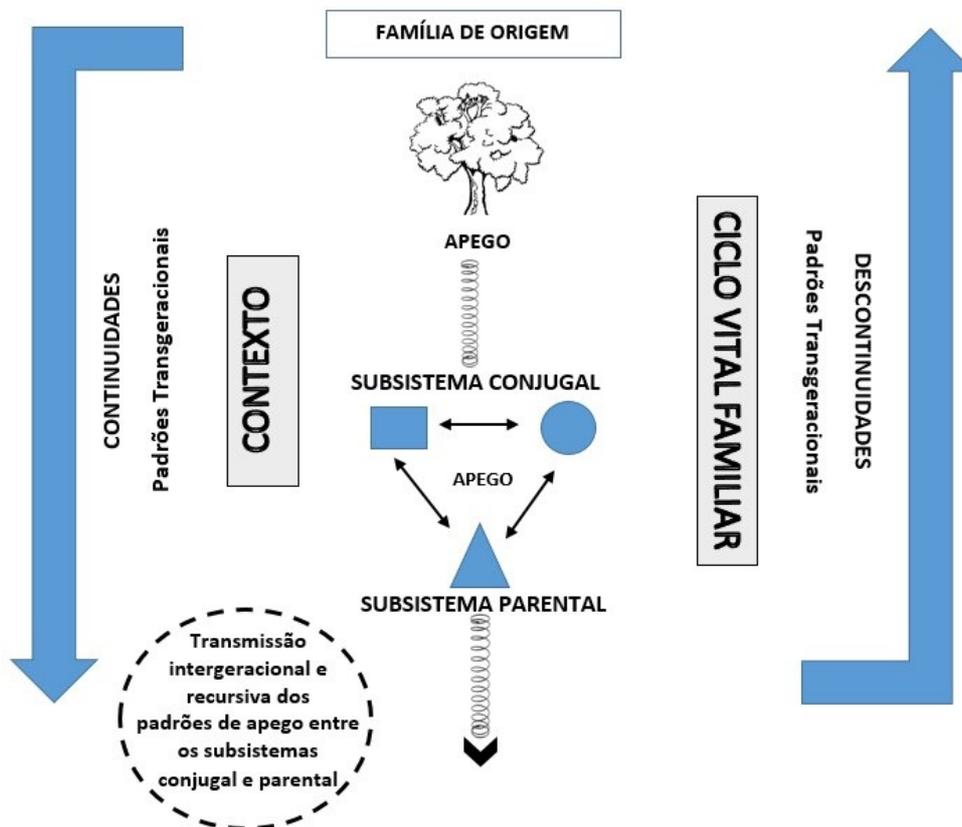


Figura 1. Esquema Conceitual da Tese

Justificativa teórica: Um dos preceitos norteadores da Teoria do Apego proposta por Bowlby (1988) sugere que as primeiras relações de apego desenvolvidas na infância repercutem no estilo de apego do indivíduo, no decorrer do seu ciclo de vida em relacionamentos futuros. Além disso, diversos estudos apontaram a relação entre o estilo de apego infantil e o apego adulto (Serrán & Ayala, 2016; Semensato & Bosa, 2013; Natividade & Shiramizu, 2015; Scheeren, Goulart, Vieira & Wagner, 2014; Schachner, Shaver & Mikulincer, 2012; Hazan, 2012; Nascimento & Coelho, 2006; Dalbem & Dell'Áglio, 2005) e, especificamente com relações conjugais (Serrán & Ayala, 2016; Shelton & Wang, 2017; Marmarosh, 2017; Coyne, Constantino & McBride, 2017; Jayamaha, Girme & Overall, 2017; Godbout, Daspe, Sabourin, Lussier & Dutton, 2017; Frazier, Nguyen-Feng & Fulco, 2017) e parentais (Gou & Woodin, 2017; Brenning, Soenens & Braet, 2017; Burkhart, Rasmussen, Borelli & Brody, 2017; Porter & Dyer, 2017; Szepeswol, Griskevicius, Simpson, Young, Fleck & Jones, 2017).

Do ponto de vista sistêmico estrutural, entende-se a família como um conjunto de relações caracterizado por influência mútua, direta, intensa e duradoura, denominando-se como um sistema sociocultural aberto e em constante transformação (Minuchin, 1982). Dessa forma, a família se influencia mutuamente, a partir de seus subsistemas; os quais transmitem, entre gerações, padrões relacionais e comportamentais de pais para filhos. A transmissão intergeracional está ancorada sobre questões concernentes às continuidades e discontinuidades, ou seja, sobre a investigação do que pode ser mantido ou deverá ser modificado de uma geração para outra (Conger, Belsky & Capaldi, 2009; Bolze, 2016; Bolze & Crepaldi, 2015).

Presume-se, assim, que os padrões de apego possam ser transmitidos entre a família de origem para as gerações posteriores, podendo apresentar continuidades ou discontinuidades dos vínculos afetivos, conforme a história de cada sistema familiar. Salienta-se, ainda, que o processo de transmissão intergeracional dos padrões de apego são recursivos; haja vista que os efeitos e produtos do apego fazem parte do próprio processo que os gera.

Na Figura 1, a família de origem representada pelo símbolo da árvore, alude às raízes familiares de um dado sistema familiar, cujos padrões de apego foram estabelecidos de forma recursiva entre gerações anteriores, sendo retransmitidos ao indivíduo que posteriormente formará uma díade conjugal (representado pelo quadrado [homem] e círculo [mulher], dando origem ao subsistema conjugal e, na sequência, ao subsistema parental representado pelo triângulo – [criança/filho]). Esses subsistemas fazem parte de um sistema maior compreendido pelas famílias de origem dos cônjuges, assim como do contexto em que estão inseridos e do ciclo vital familiar a que pertencem. As molas presentes no esquema, indicam a presença da

recursividade que permeia todo o processo. No símbolo do triângulo, expresso pelo filho, supõe-se que este continuará se desenvolvendo e com base nos padrões de apego recebido, também retransmitirá tais modelos (mantendo ou não os padrões transgeracionais), expressos pelas continuidades ou descontinuidades; para as relações afetivas futuras.

## 5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 5.1 PENSAMENTO SISTÊMICO

A busca pela definição de paradigmas que visam a compreender os fenômenos humanos e naturais permite apontar a trajetória do desenvolvimento científico. A palavra *paradigma* origina-se do grego como *paradéima* que significa modelo ou padrão; podendo ser pensada como o modo de se perceber a realidade e nela atuar (Vasconcelos, 2013), ou seja, funciona como um “óculos” que o ser humano adota para enxergar o mundo por meio deles.

Com base na noção de paradigma científico, foi a partir do século XX que passou a suceder a mudança entre o paradigma mecanicista para o sistêmico (Schmidt, Schneider & Crepaldi, 2011). Tais modificações passaram a ocorrer entre a posição de duas correntes, uma denominada de reducionista, mecanicista ou atomística (relacionada à ciência tradicional/clássica ou moderna), e a outra que enfatiza a totalidade dos fenômenos, conhecida por ecológica ou sistêmica (correspondente à ciência novo-paradigmática) (Capra, 1996; Vasconcellos, 2013; Schmidt, Schneider & Crepaldi, 2011).

De posse da ciência novo paradigmática, pensar sistematicamente reflete considerar o sujeito dentro de seu contexto (Grandesso, 2000); implica na inclusão do pesquisador no sistema no qual se estuda ou intervém, uma vez que a realidade não é estática nem controlável. Portanto, não significa negar os fenômenos intrapsíquicos, mas buscar compreendê-los e trabalhá-los sob um olhar complexo em uma rede de relações contextuais e interpessoais (Gomes, Bolze, Bueno & Crepaldi, 2014).

É nesse cenário epistemológico que esta pesquisa está ancorada, por considerar a multidimensionalidade de variáveis no desenvolvimento do apego e suas repercussões na vida adulta — conjugal e parental. Para tanto, são descritos, a seguir, os pressupostos básicos do Pensamento Sistêmico que de forma recursiva se complementam para a compreensão dos fenômenos, a saber: Complexidade, Instabilidade e Intersubjetividade (Vasconcellos, 2013).

Por *Complexidade* assinala-se o reconhecimento da contextualização dos fenômenos, não sendo possível considerar o indivíduo separado do contexto; de modo que as relações não sejam mais unilaterais ou de “causa e efeito”, mas vislumbradas pela causalidade circular, cujo fenômeno em questão passa a focar as relações entre os elementos e a interdependência entre eles. Morin (2011) delimita os aspectos fundantes da Complexidade: o princípio dialógico, recursivo e holográfico. O dialógico concebe que há diferentes formas de enxergar a realidade;

uma vez que algumas perspectivas podem ao mesmo tempo complementarem-se e excluírem-se. Por sua vez, o recursivo apresenta-se como um processo no qual os efeitos ou produtos são ao mesmo tempo a causa produtiva do processo em si; ou seja, é a condição de produzir e/ou reproduzir a si mesmo; de que o produto é produtor daquilo que o produz. Já o princípio hologramático expressa a ideia que como em um holograma, cada parte contém a totalidade da informação do objeto representado; assim, não apenas a parte é encontrada no todo, mas o todo encontra-se igualmente na parte (Vasconcellos, 2013; Santos & Hammerschmidt 2012).

A *Instabilidade* reflete que o universo está em constante processo de tornar-se, o que confere a indeterminação e imprevisibilidade dos fenômenos, não sendo possível prevê-los ou controlá-los. E por fim, a *Intersubjetividade* refere-se que o conhecimento científico do mundo se origina da construção social pela interferência de diferentes olhares dos sujeitos. O que permite apontar as múltiplas versões da realidade (multi-versa), de modo que a objetividade seja colocada entre parênteses (Vasconcellos, 2013).

O Pensamento Sistêmico contribui para a compreensão da temática de pesquisa - *A relação entre o apego do casal desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental*, por considerar as inter-relações presentes no desenvolvimento das representações afetivas do casal, desenvolvidas na infância e como essas relações influenciam a conjugalidade e parentalidade dos sujeitos. Assim, o fenômeno investigado parte de um olhar complexo e, portanto, recursivo por considerar a multidimensionalidade de variáveis implicadas no processo e pela intersubjetividade que se faz presente a partir dos diferentes olhares que os protagonistas do estudo trarão ao tema proposto.

## 5.2 MODELO ESTRUTURAL SISTÊMICO FAMILIAR

Em meados da década de 1970, Salvador Minuchin, médico clínico e terapeuta de família, apresenta a Teoria Familiar Estrutural que se consolidou como uma das bases de referência para a compreensão e intervenção aos fenômenos familiares. Este modelo teórico se utiliza de conceitos-chaves como a coesão e a hierarquia para refletir sobre como a família se organiza por meio de padrões, os quais se constituem o alicerce da episteme desenvolvida.

Inicialmente, portanto, se faz necessário refletir sobre o conceito de família, tendo em vista o delineamento metodológico e as discussões realizadas no presente estudo, as quais estão relacionadas à estrutura e ao funcionamento familiar. Conforme Antoni, Martins-Teodoro e Koller (2009), a definição de família nos tempos atuais considera aspectos distintos e apresenta

concepções diferentes de acordo com a área do conhecimento. Como exemplo, na Antropologia o termo está relacionado aos graus de parentesco; enquanto na Sociologia o conceito de família é vinculado à configuração familiar; ou seja, associado ao número de integrantes familiares, bem como às modificações do tamanho e do arranjo familiar (se formado por pai, mãe e filhos; ou pela díade mãe-filho, pai-filho, etc.). Já para algumas correntes teóricas da Psicologia, a família é compreendida especialmente, pelo enfoque relacional (Antoni, 2005).

Desse modo, dentro do campo psicológico há diferentes e extensos conceitos de como a família pode ser definida (Dessen, 2010). Minuchin, Lee e Simon (2008) ressaltam sobre a importância de se considerar o contexto cultural e temporal ao se conceituar a família, pois ela apresenta estruturas diferentes em diferentes contextos históricos e sociais.

Com base no Pensamento Sistêmico, adota-se nesta pesquisa, a definição de família proposta por Minuchin (1982), a qual se tornou o fundamento para a compreensão do Modelo Estrutural, que remete a um conjunto de relações, caracterizado por influência mútua, direta, intensa e duradoura. Assim, a família pode ser entendida como um sistema sociocultural aberto e em constante transformação. Compartilha trocas frequentes com outros subsistemas, como nas díades intrafamiliares, por exemplo, mãe-filho e, ainda, com sistemas extrafamiliares, como a sociedade a qual pertence. Além disso, a família deve apresentar condições de adaptação frente aos eventos adversos e inesperados, no intuito de manter a continuidade do crescimento psicossocial da cada membro (Minuchin, 1982; Antoni, 2005). Décadas mais tarde, Minuchin, Lee e Simon (2008) ampliaram a definição do conceito por compreender as diferentes configurações familiares quanto às suas singularidades e diferenças, considerando como um grupo de pessoas conectadas por laços sanguíneos e/ou afetivos, que viveu junto o tempo suficiente para ter desenvolvido padrões de interação e histórias que expliquem tais padrões de relação.

A família, portanto, demanda diferentes funções que se complementam e se tornam essenciais para o seu desenvolvimento enquanto sistema, como a função interna e externa. A primeira está relacionada à finalidade de garantir a proteção, acolhimento e senso de pertença entre seus membros; enquanto a segunda refere-se ao processo de diferenciação e emancipação entre os seus integrantes, a fim de acomodar e transmitir os padrões culturais, sendo responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes (Minuchin, 1982; Schenker & Minayo, 2003).

Na perspectiva de que a família é concebida como um sistema relacional primário e complexo, integrado por diferentes membros que compõem subsistemas e desempenham

diversas funções, Minuchin (1982) introduz a noção de estrutura familiar que é definida como a rede de exigências funcionais que organizam a forma em que interagem os membros familiares. Logo, a estruturação da família está relacionada ao seu funcionamento, o qual é compreendido pelos padrões transacionais que são desenvolvidos e mantidos, ao longo do tempo.

O Modelo teórico de Minuchin (1982) estabelece características para considerar o funcionamento familiar distinguindo-o em famílias funcionais e disfuncionais. Todavia, Bolze (2016) recomenda utilizar esta classificação com cautela, por entender que esta pode ser dicotômica e estigmatizar as famílias. Para tanto, uma concepção mais contemporânea é apresentada por Walsh (2016) ao associar o conceito de funcional àquilo que é essencialmente viável quanto à utilidade dos padrões familiares no alcance das metas da família, como as tarefas instrumentais com vistas ao bem-estar socioemocional dos membros. Enquanto a concepção disfuncional refere-se aos padrões familiares que não estão funcionando, incluindo os sintomas de sofrimento. De acordo com a autora, a fim de não rotular as famílias, deve-se identificar os processos ou padrões relacionais familiares disfuncionais ao invés de estigmatizar a família como disfuncional.

Para Antoni et al. (2009), a estrutura familiar é sustentada por duas dimensões fundamentais que se relacionam na organização do sistema social ou da família, que são: coesão e hierarquia. A coesão é compreendida pela proximidade afetiva entre os membros familiares, associada às relações de união e pertencimento ao grupo. Está relacionada ao desenvolvimento saudável e ao bem-estar psicossocial da família. Famílias com baixa coesão podem apresentar maior vulnerabilidade entre seus membros, expondo-os a fatores de risco e qualidade afetiva reduzida, o que pode provocar rupturas e distanciamento entre seus integrantes (Rabello & Caldas-Júnior, 2007; Berdonini & Smith, 1996; Pinheiro & Williams, 2009; Antoni & Batista, 2014). Por sua vez, a hierarquia corresponde à estrutura de poder que envolve influência, controle e adaptabilidade. Refere-se ao poder decisório nas diversas situações familiares, desde eventos cotidianos até adversos. A hierarquia pode ser observada através das regras familiares e dos níveis de autoridade delimitados entre pais e filhos.

Cervený e Berthoud (2002) identificam dois tipos de características presentes na estrutura familiar, as do tipo objetivas e subjetivas. Os aspectos objetivos da estrutura referem-se aos fatores pertinentes à configuração do grupo familiar, como o número de componentes, sexo, idade, religião, moradia, nível econômico, escolaridade, tempo e tipo de casamento, profissão, *background* étnico e cultural. Enquanto as características subjetivas são demonstradas por meio

da dinâmica familiar. Ou seja, podem ser observadas em como os familiares se relacionam, estabelecem e mantêm vínculos, como lidam com os problemas e conflitos, como se delineiam a hierarquia e os papéis assumidos pelos seus integrantes.

De acordo com Minuchin (1982), um dos principais indícios em como acessar a estrutura familiar é pela análise dos subsistemas familiares. Segundo Wendt e Crepaldi (2008), cada subsistema desempenha funções e demandas específicas entre cada um de seus membros, de modo que o alcance das competências pessoais em cada subsistema depende do grau de autonomia que lhes é permitido. Bolze (2016) complementa que o sistema familiar se diferencia através dos subsistemas, os quais se relacionam e influenciam-se mutuamente, sendo agrupados por geração, sexo, interesse ou função. Para exemplificar citam-se os subsistemas conjugal (formado pelos membros do casal), parental (pais-mães e filhos), fraternal (composto entre os irmãos) e filial (entre os filhos e os pais).

A fim de compreender o funcionamento dos subsistemas familiares, apresenta-se o conceito de fronteiras, o qual Minuchin (1982) denominou como os espaços subjetivos ou território de cada membro. A fronteira atua como as regras que estabelecem limites próprios e regulam as trocas estabelecidas entre os membros; sendo delimitada pela interação ou proximidade interpessoal psicológica e física dos subsistemas, as quais se caracterizam de três formas: nítidas, difusas ou rígidas.

As fronteiras nítidas estão relacionadas aos limites claros e bem definidos entre os membros dos subsistemas para o cumprimento de suas funções, sem a interferência indevida dos demais. Por outro lado, quando há uma ausência de limites, considera-se que as fronteiras sejam difusas, o que acaba por promover um padrão emaranhado no subsistema. Tal padrão pode ocasionar em situações conflitivas de relacionamento e preocupação excessiva entre os membros, pois embora se observem sentimentos de apoio mútuo, a independência e a autonomia tendem a ficar comprometidas (Falcão, 2006). Famílias com fronteiras rígidas apresentam limites excessivos, o que pode promover um padrão de desligamento entre seus componentes, uma vez que a comunicação e as funções protetivas tornam-se prejudicadas (Minuchin, 1982; Wendt & Crepaldi, 2008).

A saída de casa para o jovem e sua diferenciação em relação à família de origem, e, posteriormente, a formação do novo casal e a transição para a parentalidade ampliam as relações existentes na estrutura familiar, possibilitando o estabelecimento de novos subsistemas e fronteiras por meio de relacionamentos diádicos e triádicos. Em vista disto, a Teoria do Ciclo Vital Familiar se mostra adequada para dialogar com o Modelo Estrutural de Minuchin por

integrar, de modo sistêmico, os desafios do funcionamento familiar em cada fase do desenvolvimento da família. A escolha em recorrer às presentes bases teóricas podem permitir o maior aprofundamento e contextualização que subsidie as reflexões acerca dos fenômenos familiares que permeiam o apego nos subsistemas conjugal e parental, os quais serão discutidos no processo do Ciclo Vital Familiar, a seguir.

### 5.3 CICLO VITAL FAMILIAR

A família enquanto um sistema que se move através do tempo apresenta aspectos importantes quanto ao biociclo individual de cada membro, que acontece dentro do núcleo familiar, assim como a dinâmica que estabelece frente aos diversos eventos que vivencia ao decorrer de sua existência. Para tanto, o Modelo do Ciclo Vital Familiar possibilita uma perspectiva sistêmica e integral do desenvolvimento da família, ao considerar os padrões transgeracionais, as dimensões temporais, culturais e históricas onde está inserida, e, ainda, as características desenvolvimentais esperadas e imprevisíveis em seu sistema (Carter & McGoldrick, 2001; McGoldrick & Shibushawa, 2016).

Cerveny, Berthoud e colaboradores (2010) compreendem o ciclo vital familiar como um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios pelos quais as famílias vivenciam, desde o início da sua constituição em uma geração até o seu término ou até o falecimento dos membros que lhe deram origem. Salienta-se que o ciclo de vida individual acontece dentro, e concomitante, ao familiar, que é o contexto primário do desenvolvimento humano (Carter & McGoldrick, 2001). Assim, entende-se que cada membro do sistema influencia e é influenciado pelo contexto familiar, sendo essas influências mútuas e dinâmicas, constituintes do cotidiano da vida em família (Osório, 1996).

As fases que integram o ciclo de vida familiar estão associadas ao sentido de “passagem”, relacionada à ideia de percorrer, atravessar, mudar e mais especificamente, ao de transpor etapas. É com base nessa reflexão que o ciclo de vida da família está ancorado, por meio do cumprimento de tarefas específicas, ao longo do desenvolvimento humano e das vivências familiares compartilhadas (Cerveny, Berthoud et al., 2010; Araújo & Santos, 2012).

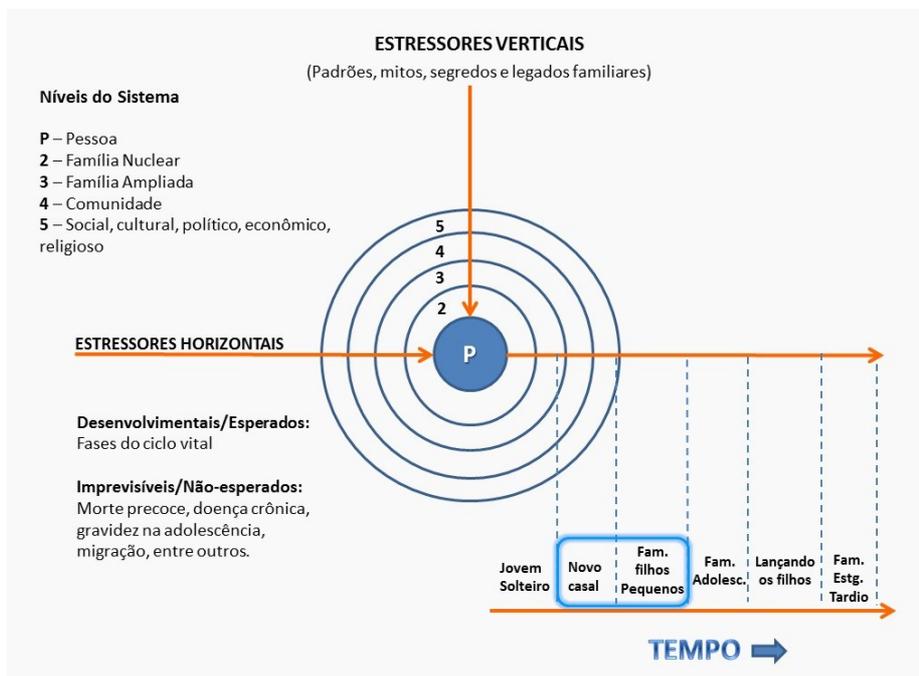
Os critérios que definem as fases do ciclo compreendem alguns marcos nodais, como: idade do filho mais velho, idade dos pais, tempo de união de um casal, entre outros. Na medida em que a passagem desses estágios se constitui um desafio vital para os membros envolvidos,

no sentido de ameaçar a dinâmica da família, por outro lado, promove o desenvolvimento e a autonomia do sistema como um todo (Cerveny, 1997).

Nesta pesquisa será utilizado o Modelo do Ciclo Vital Familiar proposto por Carter e McGoldrick (1995), o qual derivou do perfil familiar norte-americano de classe média que apresenta seis estágios do ciclo de vida, sendo discutidos as tarefas e desafios de cada fase. Embora se constitua um referencial estrangeiro para compreender as etapas familiares, pode-se aplicar às famílias brasileiras desde que sejam consideradas as diferenças socioculturais (Bolze, 2016).

Uma das características presentes no Modelo adotado que o distingue de outros é o aspecto da transgeracionalidade, segundo o qual são transmitidos valores e legados familiares através de diferentes e sucessivas gerações. Além disso, as autoras apontam que é comum o aparecimento de conflitos e crises na passagem de um estágio para outro, tendo em vista a dificuldade de adaptação a uma nova etapa do desenvolvimento ou por situações adversas vivenciadas pelas famílias (Carter & McGoldrick, 2001). Acerca desse fato, Cerveny et al. (2010) relacionam as dificuldades de transição às crises familiares, muito comuns quando a família passa por estágios diferentes. Essas transições podem ser consideradas desenvolvimentais quando são esperadas (ex. saída dos filhos de casa) e imprevisíveis quando não esperadas, (ex. morte precoce de algum membro), ou as esperadas que ocorrem fora do tempo previsto (ex. gravidez na adolescência) (Carter & McGoldrick, 2001).

Com base nos preceitos básicos que norteiam o ciclo vital familiar delineado pelas autoras Carter e McGoldrick (1995), elaborou-se um esquema ilustrativo acerca dos estressores familiares horizontais e verticais ao longo do tempo para conferir ao leitor maior clareza e compreensão do processo, conforme se pode observar na Figura 2:



*Figura 2:* Estressores familiares no ciclo vital da família ao longo do tempo.  
Fonte: Elaborado pela autora com base no Modelo de Carter & McGoldrick (2001)

Na Figura 2, são exibidos os estressores horizontais, os quais compreendem os eventos desenvolvimentais pertinentes às transições do ciclo vital que a família vivencia ao longo de seu desenvolvimento, desde o estágio de jovem solteiro até a família no estágio tardio. Além desses estressores esperados, podem estar presentes os eventos imprevisíveis, tais como a morte precoce, doença crônica, gravidez na adolescência, migração, entre outros; os quais também podem ocorrer ao longo do desenvolvimento familiar. Concomitantes aos estressores horizontais estão presentes os estressores verticais que são transmitidos de modo transgeracional mediante os padrões, mitos, tabus, expectativas, segredos e legados familiares.

Neste estudo, entende-se que o apego atue enquanto um fenômeno intergeracional desenvolvido na infância com os membros do casal, podendo ser atravessado por estressores verticais na medida em que os vínculos afetivos foram estabelecidos entre as gerações. Como estressores horizontais esperados, pretende-se delimitar a conjugalidade, presente no estágio do “Novo Casal” e a parentalidade com filhos na infância, correspondente à fase “Família com filhos pequenos”, as quais estão destacadas na Figura 2 e serão discutidas, a seguir.

### 5.3.1 Novo casal

Desde o seu nascimento o ser humano apresenta uma predisposição para se apegar de maneira profunda e sólida com outro ser humano, que o acolha e se disponha a se relacionar (Schmidt & Argimon, 2009; Pereira et al., 2012; Rolim & Wendling, 2013). Essa particular e íntima história vivenciada logo nos primeiros meses de vida influenciará ao longo de todo o ciclo vital as demais histórias afetivas que serão vividas. Assim, a formação de um casal e a constituição de uma nova família é uma das possibilidades que o indivíduo tem de constituir vínculos duradouros que propiciem o apego, cuidado e também, a autonomia emocional para explorar novos desafios (Cervený, Berthoud et al., 2010).

A este estágio do ciclo vital familiar, oriundo da união das famílias através do casamento, Carter e McGoldrick (2001) denominaram como “Novo casal”. Esta fase do ciclo é vista como uma das mais complexas e difíceis de serem vivenciadas por contemplar aspectos interligados que se estendem desde as expectativas romantizadas do casamento e às vezes, idealizadas pelos cônjuges, suas famílias de origem e o próprio contexto cultural, até as tarefas que o casal passará a enfrentar no início da vida a dois.

Conforme Minuchin, Nichols e Lee (2009), o subsistema conjugal apresenta tarefas e funções específicas, que com base na complementariedade, ou seja, que as ações dos cônjuges não são independentes, mas que ao se unirem constroem uma relação; o casal precisará dispor-se para redefinir o funcionamento do novo sistema. Como exemplo de tais demandas, Carter e McGoldrick (2001) apontam o ajustamento das relações com a família ampliada e os amigos para incluir o cônjuge, a negociação para diversas questões que foram previamente estabelecidas conforme o referencial das famílias de origem, como os hábitos alimentares, administração financeira, tradições e valores familiares, e ainda, sobre como utilizar o tempo e o espaço do outro, a definição de tarefas domésticas e as diferentes expressões de dar e receber afeto. É sob este panorama de ajustes e desafios que se estabelece a união de dois sistemas imensamente complexos, dando origem ao subsistema conjugal.

Por conjugalidade, Feeney (2003) descreve um sistema que envolve dois parceiros que se regulam mutuamente, cada um atuando como o meio ambiente do outro, tendo como função ativa as interações entre eles. Desta forma, a conjugalidade seria a convergência da individualidade de dois passados que, no encontro de suas trajetórias individuais, darão início à construção de uma identidade do casal, sendo este espaço transformado pelos parceiros continuamente (Scorsolini-Comin & Santos, 2010).

Dentro do universo da conjugalidade, oportuniza-se refletir que o casamento no ciclo de vida familiar tem se modificado consideravelmente nos tempos atuais. Pois, ao longo da história, o casamento surgiu com a finalidade de cumprir a regulamentação das atividades de base biológica: a reprodução e o sexo, cuja principal função seria a de legitimar a perpetuação da espécie (Saraceno, 2003). Entretanto, com as mudanças sociais vigentes, entre elas, a emancipação feminina, a revolução sexual, o uso dos métodos anticoncepcionais e as técnicas de reprodução assistida, bem como os diferentes arranjos familiares e as transformações no modo de vida e nas alterações das dinâmicas dos papéis parentais e de gênero, entre outros aspectos, a posição ocupada pelo casamento tem se modificado no contexto social (Zordan, Falcke & Wagner, 2009; Biasoli-Alves, 2004; Scott, 2004).

Carter e McGoldrick (2001) salientam que as mudanças nas relações conjugais, como o início da sexualidade de modo precoce e a união estável, ou ainda, a experiência de viver com vários parceiros, podem estar protelando a decisão das pessoas de se casarem nos tempos atuais. Em gerações passadas, o casamento costumava ser o principal marco de transição para o mundo adulto, pois simbolizava a passagem para a paternidade; o que tem deixado de se tornar o padrão, uma vez que o nascimento dos filhos tem se adiado para alguns anos após o casamento.

Com o objetivo de identificar os motivos e expectativas de adultos jovens sobre o casamento com faixa etária entre 20 e 31 anos, Zordan et al. (2009) realizaram um estudo com 197 participantes do Rio Grande do Sul. Como resultados verificaram que os valores subjetivos que permeiam a escolha pelo casamento, o amor, a família, os filhos e a religiosidade estão presentes para a maioria dos jovens; entretanto, ocupam a posição de segundo plano, sendo prioritário o sucesso profissional e a realização pessoal antes do casamento. Todavia, chama a atenção que 92,9% dos jovens responderam que desejam se casar um dia, ainda que esta não seja a prioridade. Além disso, apontou-se que as variáveis que definem a escolha pela união conjugal variaram desde aspectos de maior subjetividade (amor, companheirismo e afinidade), até características que perduram quanto ao modelo tradicional de casamento.

Em outros estudos nacionais e internacionais (Scorsolini-Comin & Santos, 2010; Seligman, 2004; Scorsolini-Comin, 2009; Lee, Seccombe & Shehan, 1991), acerca da vivência conjugal, obtiveram-se relações de significância entre bem-estar subjetivo, autoestima e/ou segurança com a união conjugal. Os achados apontaram que a qualidade do relacionamento conjugal se relaciona em grande parte das situações, com o autoconceito positivo e o bem-estar individual que os membros apresentam de si mesmos e que, por conseguinte, levam isso para a relação com o parceiro(a). Em outras palavras, pode-se dizer que pessoas com maiores afetos

positivos (contentamento, bem-estar, afetividade, segurança, autoestima, esperança, entre outros), tendem a exibir maior satisfação conjugal, desenvolvendo coesão com o cônjuge na expressão de sua afetividade e de uma avaliação mais positiva da relação.

### 5.3.2 Qualidade do relacionamento conjugal

Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) destacam a falta de clareza conceitual, ao avaliarem as pesquisas sobre conjugalidade, tendo em vista que os conceitos básicos que a sustentam, como: a satisfação, o ajustamento e a qualidade conjugal passaram a ser utilizados como sinônimos em muitos estudos. Tal dificuldade na conceituação teórica pode ser atribuída pela avaliação implícita de cada autor sobre o que considera ser satisfatório em um casamento. Por conseguinte, adota-se neste estudo a definição de qualidade do relacionamento conjugal que corresponde à expressão de como as pessoas avaliam seus relacionamentos conjugais ou como se sentem a respeito deles (Mosmann et al., 2015).

Partindo de uma definição geral da palavra “qualidade”, o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa aponta como significado: Característica particular de um objeto ou de um indivíduo; atributo que designa uma característica; natureza ou condição; traço distintivo que diferencia algo dos demais. Com base nesta etimologia, entende-se a qualidade do relacionamento conjugal como o resultado da articulação de diversos aspectos, uma vez que para cada pessoa, o nível de satisfação em uma relação depende de fatores variados, tais como afeto, sexo, presença ou não de filhos, tempo que o casal passa junto, conflitos que vivenciam, atributos pessoais, entre outros. Logo, vale dizer que a qualidade conjugal é um conceito multidimensional, o qual resulta de um processo dinâmico e interativo do casal, expressando-se na avaliação que cada cônjuge apresenta quanto à satisfação que experimenta em sua união (Rizzon, Mosmann & Wagner, 2013).

A definição proposta de qualidade do relacionamento conjugal é compreendida por três grupos de fatores, os quais identificam o nível de qualidade que as pessoas vivenciam em seus relacionamentos, tais como: recursos pessoais, contexto e processos adaptativos (Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2007). Os *recursos pessoais* dos cônjuges contemplam o nível de escolaridade, traços de personalidade, experiências das famílias de origem, dentre outros. Tais aspectos individuais são fundantes na forma como as pessoas se relacionam afetivamente, e ainda, como percebem suas relações. Nesse ínterim, pode-se incluir o apego<sup>2</sup>, tendo em vista

---

<sup>2</sup> A Teoria do Apego é aprofundada no item 5.4 da Fundamentação Teórica, página 55.

que os tipos de vínculos afetivos, desenvolvidos na infância com os principais cuidadores, tornam-se um modelo para as futuras relações amorosas (Hazan & Shaver, 1994). Já o *contexto* em que o casal está inserido refere-se às repercussões do meio sobre a díade conjugal, como exemplo: dificuldades econômicas, doenças, mídia, cultura, religião, rede social, etc. Entende-se que os aspectos contextuais podem exercer reflexos sobre a vivência e a percepção que os cônjuges estabelecem a respeito da qualidade do seu relacionamento. Por fim, o terceiro grupo de fatores que definem o nível de qualidade conjugal são os *processos adaptativos*, os quais residem na capacidade de enfrentamento das dificuldades encontradas pelo casal e na sua adaptação a elas (Mosmann et al., 2015; Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2007).

Entre vários aspectos que norteiam a qualidade do relacionamento conjugal, as pesquisas, a seguir, apontaram alguns: fatores oriundos do contexto social, como renda pessoal, satisfação com o trabalho e escolaridade dos cônjuges (Van Steenberghe, Kluwer & Karney, 2011); intimidade e trocas afetivas entre os parceiros, compromisso, respeito e envolvimento entre eles (Braz, Dessen & Silva, 2005); características pessoais dos cônjuges, como traços de personalidade e idade, modelos de relacionamentos que cada um vivenciou com sua família na infância (Amato & Booth, 2001; Anton, 2000; Falcke & Wagner, 2005); presença ou não de filhos (Ávila, Miranda, & Juárez, 2009); tempo de relacionamento e idade do casal, escolaridade e ocupação, bem como a presença de filhos (Mosmann, Levandowski, Costa, Zordan, Rosado & Wagner, 2015); mudanças que ocorrem ao longo do tempo da vida conjugal e do ciclo de vida familiar (Prati & Koller, 2009).

Um dos fatores presentes nos estudos de Ávila et al. (2009) e Mosmann et al. (2015), no que concerne à presença de filhos e sua possível associação com a qualidade conjugal, corrobora os dados de pesquisa de Murta et al. (2011) que investigaram o impacto do nascimento dos filhos no relacionamento conjugal. Pode-se pensar, assim, que pela necessidade de conciliar os cuidados parentais e domésticos, a qualidade conjugal se torne comprometida, especialmente quando os filhos são pequenos e as demandas das crianças costumam ser mais urgentes e priorizadas pelo casal.

### 5.3.3 Famílias com filhos pequenos

Quando um casal passa a se tornar um trio, isto transforma o sistema permanente pela primeira vez. Se parceiros sem filhos se separam, a unidade familiar é dissolvida, mas depois que possuem filhos, eles podem terminar o laço conjugal, embora continuem a serem pais dos

seus filhos para sempre, os quais também permanecem conectados às duas famílias de origem (McGoldrick & Shibusawa, 2016).

A transição para a parentalidade requer um ajuste no subsistema conjugal para que os adultos avancem uma geração e se tornem cuidadores da geração mais jovem. A parentalidade inicia-se com o desejo e a decisão de ter filhos ou com o surgimento de uma gravidez inesperada, até que se estabeleça uma relação triádica, ou seja, a transformação do casal em uma unidade familiar maior e com atribuições diferenciadas (Berhoud, 2002). Após o nascimento do primeiro filho, o casal necessita desempenhar diferentes funções quanto ao cuidado e educação da criança, o que se constitui um desafio frente às diferentes necessidades que emergem para todo o sistema familiar (Macarini, Crepaldi & Vieira, 2016). Uma das tarefas desta fase é criar espaço para receber o filho, desde a acomodação física do lar para o conforto da criança, e, especialmente o espaço afetivo e tempo cotidiano para as demandas de cuidado; reajustar os compromissos financeiros e domésticos e responsabilizar-se pela educação dos filhos; bem como estabelecer um realinhamento na relação com a família ampliada para incluir as novas funções de pais e avós (Carter & McGoldrick, 2001).

Conforme Minuchin (1982), o subsistema parental, formado pelos pais e filho(s), apresenta como função fundamental a socialização de seus membros. De acordo com a idade da criança, as funções parentais vão se modificando a fim de atender a diferentes demandas de autonomia e orientação. Logo, o autor considera que a tarefa da parentalidade é complexa, uma vez que exige dos pais a autoridade, a qual se refere à imposição e à explicação de regras que são necessárias para o desenvolvimento da prole, ao mesmo tempo em que se deve manter uma flexibilidade sem perder o apoio mútuo do cônjuge. É importante que se estabeleça uma fronteira que dê acesso à criança a ambos os pais, mas que não a inclua nas questões conjugais.

Uma característica importante do modelo sistêmico é que os sistemas são autorreguladores, ou seja, na medida em que uma nova informação ou eventos esperados/inesperados emergem, o sistema coloca em ação forças que buscam atingir um novo equilíbrio adaptativo. Neste sentido, a transição para esse novo ciclo familiar pode apresentar impactos de diferentes sentidos por todos os membros da família nuclear e ampliada. Como exemplo, uma relação distante e conflituosa entre o avô e o pai pode ser afetada com a chegada do neto, que pode alterar a convivência entre eles, e indiretamente influenciar na interação com a criança e no subsistema conjugal (Cowan & Cowan, 2016).

No que tange ao impacto da parentalidade sobre os vários domínios da vida dos progenitores, destaca-se como aspecto positivo que tornar-se pai e mãe pode conduzir a um

maior senso de maturidade e a uma abordagem da vida mais diferenciada e integrada, com mais perspectiva de conexão entre o indivíduo e a sociedade, maior vitalidade, comprometimento e capacidade de controle sobre os seus próprios impulsos a serviço dos cuidados para outras pessoas (Cowan & Cowan, 2016; Silva & Lopes, 2012).

Por outro lado, o nascimento dos filhos também pode predispor aos genitores crises intrapsíquicas e relacionais, tais como: risco aumentado de depressão clínica em mulheres no pós-parto (Corrêa & Serralha, 2015; Ramos & Canavarro, 2007; Matão, Miranda, Campos, Oliveira & Martins, 2011; Menninger, 2001), aumento nos sintomas depressivos desde a gravidez até o primeiro ano de parentalidade para os dois parceiros (Pancer, Pratt, Hunsberger & Gallant, 2000; Paulson, Sharnail & Bazemore, 2010); dificuldades de relacionamento na díade conjugal, especialmente quanto à qualidade da relação, coesão do casal e sexualidade (Mosmann et al., 2015; Carter & McGoldrick, 2001; Cowan, & Cowan, 2016; Belsky & Rovine, 1990; Belsky, Langue & Rovine, 1985; Silva & Lopes, 2012); mudanças nas relações com as famílias de origem (McGoldrick & Shibusawa, 2016; Cowan & Cowan, 2016; Cerveny, Berthoud & colaboradores, 2010), entre outros.

Dado que o nascimento de um filho é um evento promotor de grandes mudanças dentro do ciclo vital familiar não é surpreendente que se percebam alterações na relação do casal e por vezes, emergjam ajustes e dificuldades decorrentes. Entretanto, nem todos os indivíduos interpretam e dão um significado negativo a essas mudanças (Ramos & Canavarro, 2007; Silva & Lopes, 2012).

Dentro do amplo espectro que a transição para a parentalidade apresenta ao casal, Cowan e Cowan (2016) discutem sobre a importância de intervenções grupais com cônjuges que se tornam pais pela primeira vez. Para tanto, realizaram um estudo cujo objetivo do grupo era oferecer um ambiente seguro no qual homens e mulheres pudessem ouvir seus parceiros e outras pessoas que estavam enfrentando problemas e impasses semelhantes no mesmo estágio de vida familiar; bem como, encontrar exemplos de estratégias de enfrentamento com êxito frente aos desafios da vida como pais e parceiros. Posto isso, recrutaram aleatoriamente casais de uma condição controle de não tratamento. Como esses participantes desconheciam informações acerca da intervenção quando entraram no estudo, não se caracterizaram casais com problemas dos quais buscavam ajuda. Por sua vez, o outro grupo que compôs o estudo era formado por casais na condição de tratamento, sendo acompanhados desde a metade da gravidez até os 60 meses pós-parto. Como resultado significativo, evidenciou-se que os casais designados aleatoriamente para a condição de controle declinaram na satisfação conjugal

durante os cinco primeiros anos de parentalidade, enquanto a segunda amostra que participou desde o início da gravidez até os primeiros meses de parentalidade manteve sua satisfação conjugal durante os cinco anos seguintes (Schulz, Cowan & Cowan, 2006).

Tendo em vista as mudanças no panorama social e na vida familiar, como a maior inserção da mulher no mercado de trabalho e a divisão com o cônjuge nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, já que esta parou de dedicar-se exclusivamente à família, salienta-se a maior participação do homem na educação e em diferentes interações com seu filho(a) (Silva & Piccinini, 2007; Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005).

#### 5.3.4 Envolvimento parental

Importantes mudanças no funcionamento e na estrutura familiar têm se apresentado nas últimas décadas, cujos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres estão em constante transformação; o que implica em novas definições e expectativas sobre quais atitudes e modelos, pais e mães devem desempenhar no contexto familiar (Silva & Piccinini, 2007; Grzybowski & Wagner, 2009) quanto ao cuidado dos filhos e à divisão de tarefas domésticas (Wagner et al., 2005).

Ao se considerar as presentes mudanças no âmbito familiar, vários estudos (Lamb, Pleck, Charnov & Levine, 1985; Cia, Pamplin & Williams; Ferreira & Triches, 2009; D'Avila-Bacarji, Marturano & Elias, 2005; Gomes, 2015; Grzybowski & Wagner, 2009; Paraventi, Bittencourt, Schulz, Souza, Bueno & Vieira, 2017) têm se pautado a investigar o envolvimento parental e os impactos deste fenômeno sobre o desenvolvimento infantil. Por envolvimento parental, compreende-se a interação materna e paterna com os filhos, por meio da participação efetiva na realização de atividades diárias, cuidado e a preocupação contínua dos pais biológicos ou substitutos, acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho (Dubeau, Devault & Paquette, 2009). Grzybowski e Wagner (2009) complementam que o envolvimento pode acontecer de forma direta, no que se refere à interação nas formas de cuidado em geral com a criança, brincadeiras ou tempo livre com ela; ou pode se caracterizar de modo indireto, por meio da acessibilidade e da responsabilidade pelo bem-estar da mesma (saúde, escola, sustento).

Observa-se que, em muitos estudos nacionais e internacionais, há um predomínio de pesquisas que relacionam o envolvimento parental com o desempenho acadêmico infantojuvenil (Fantinato & Silva, 2011; Ferreira & Triches, 2009; Cia et al., 2008; Gomide,

2003; D'Avila-Bacarji et al., 2005; Behring & De Nez, 2002; Silva & Martins, 2002; Pereira, Canavaro, Cardoso & Mendonça, 2008), de modo que, quanto maior a participação dos pais nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos, melhor será o desempenho acadêmico deles. Outras variáveis relacionadas que constam em alguns estudos nacionais e internacionais referem-se ao envolvimento parental após a separação/divórcio (Grzybowski & Wagner, 2009; Grzybowski, 2007; Lamela, Figueiredo & Bastos, 2011; Warpechoswki & Mosmann, 2012); como também ao envolvimento parental com práticas esportivas dos filhos (Teques & Serpa, 2013; Teques, 2009; Gomes & Zão, 2007; Aroni, 2011) e o envolvimento parental com deficiências e doenças (Cristovam & Cia, 2013; Pedro, 2007; Bolsoni-Silva, Rodrigues, Abramides, Souza & Loureiro, 2010).

Outro aspecto relevante, quanto ao envolvimento parental para o desenvolvimento infantil, reside nas influências individuais entre mães e pais, que se complementam, nos cuidados dispensados aos seus filhos. Aponta-se que tais cuidados podem ser manejados de modos diferentes entre ambas as figuras parentais, somando-se um ao outro e promovendo níveis mais altos de desenvolvimento para a criança (Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof & Abreu, 2006; Paquette, 2004). Dubeau, Devault e Paquette (2009) corroboram ao pontuar que as diferentes interações promovidas pelo pai e mãe trazem benefícios à saúde da criança, pois oportunizam diversas possibilidades de aprendizagem.

Estudos empíricos de envolvimento parental revelam que, embora a família tenha passado por diversas transformações ao longo do tempo, a mãe continua apresentando maior envolvimento que o pai em vários fatores da parentalidade, com exceção ao engajamento paterno com atividades de jogos físicos com seus filhos, ou seja, ao tipo de interação física por meio de gestos e brincadeiras com as crianças (por ex., fazer cócegas, jogar pra cima, brincar de “cavalinho”) (Paquette, 2004; Bossardi, 2011; Bossardi, Gomes, Vieira & Crepaldi, 2013).

Em relação a essas diferenças no envolvimento parental, alguns estudos demonstram que o fator da disciplina é mais evidente na participação paterna do que materna (Gomes, 2015; Prado, Piovanotti & Vieira, 2007; Toneli, Crepaldi & Vieira, 2006). Além disso, o pai apresenta menor tendência em resolver os problemas no lugar da criança do que a mãe, de forma com que o filho(a) aprenda a reagir perante situações inesperadas; ao passo que a mãe costuma a verbalizar mais sobre as suas emoções e o pai, a concentrar-se na ação (Paquette et al., 2009). Tais achados podem sugerir que por questões históricas e de regras culturais, foram estabelecidos padrões que deveriam ser cumpridos por pais e mães no cuidado de seus filhos, assim como comportamentos esperados por parte de homens e mulheres (Gomes, 2015).

A partir de tais constatações, oportuniza-se clarificar o conceito de cuidados parentais, que conforme Keller (2007) são entendidos como sistemas de cuidado a que o indivíduo é submetido durante os primeiros anos de vida, os quais influenciam significativamente o desenvolvimento da criança. Para a autora, esses sistemas de cuidados parentais se manifestam através de mecanismos interacionais de atenção, calor emocional, contingência e responsividade à expressão emotiva da criança. Destes mecanismos, busca-se destacar o calor emocional e a contingência, uma vez que evidenciam as bases iniciais na formação dos vínculos afetivos entre pais e filhos. O calor emocional consiste em proporcionar afeto e trocas afetivas, franqueza e acessibilidade, compreensão e empatia, de tal modo que haja um impacto no desenvolvimento da competência social e emocional da criança, facilitando o altruísmo e o compartilhamento. Não obstante, oportuniza a identificação do filho(a) com seus pais, atribuindo a eles, maior confiança e segurança (Macarini, Crepaldi & Vieira, 2016).

Além disso, o mecanismo de contingência proposto por Keller e Kartern (2013) caracteriza-se pela resposta pronta e rápida dos pais e cuidadores a responderem aos sinais da criança quanto às suas necessidades. Posto isso, pode-se pensar na relação que se estabelece entre o envolvimento parental, com base nesses mecanismos de cuidados parentais, e o tipo de apego que é formado entre os filhos com seus genitores, o que pode gerar diferentes padrões na construção dos vínculos afetivos.

Segundo Bowlby (1976), a presença afetiva e efetiva de um adulto cuidador na formação inicial do desenvolvimento e na satisfação das necessidades imediatas de alimentação, higiene, calor, abrigo e proteção constitui-se o alicerce para as capacidades afetivas, de personalidade e de inteligência para a formação da criança. Crepaldi et al. (2006) corroboram tal apontamento, ao sustentarem que a qualidade dos cuidados parentais em relação ao filho(a) é de fundamental importância para a sua saúde mental e relacional futura. Diante do exposto, será apresentada, a seguir, a Teoria do Apego de Bowlby, adotada nesta pesquisa para fundamentar as inter-relações de afetividade entre os subsistemas conjugal e parental.

#### 5.4 TEORIA DO APEGO

John Bowlby (1907-1991), médico psiquiatra e psicanalista britânico, foi o precursor da Teoria do Apego, em meados da segunda metade do século XX. A premissa fundamental que sustenta sua teoria baseia-se na concepção de que os seres humanos apresentam uma inclinação natural primária para construir vínculos afetivos. Isso pode ser explicado pela condição de extrema vulnerabilidade fisiológica que os bebês apresentam quando vêm ao mundo, de modo

que dependam de alguém que lhes garantam os cuidados básicos para a sua sobrevivência. Para tanto, enfatiza-se a relação construída com esse primeiro cuidador, tendo em vista que os significados atribuídos a ela, ao longo do tempo, tornam-se a referência sobre a qual os vínculos futuros serão desenvolvidos (Gomes & Melchiori, 2012; Montoro, 2001).

As influências teóricas que nortearam o estudo de Bowlby pautaram-se na Cibernética, Psicologia Comparada, Psicanálise, Ciências Cognitivas e, principalmente, na Etologia, com destaque para autores como Darwin, Harlow e Lorenz. De posse de tais convicções teóricas e influências recebidas, Bowlby (1980/2004) traz um destaque ao fator biológico, por conceber o vínculo de apego como uma estratégia de adaptação fundamental do ser humano ao ambiente, ou seja, a uma necessidade tão primária quanto à satisfação de fome ou sede. Dessa forma, os comportamentos de apego teriam sido reforçados positivamente ao longo da evolução humana, por permitir à criança sua proteção e sobrevivência para o seu desenvolvimento global, mediado pelos cuidados de um membro adulto (Gomes & Melchiori, 2012).

A fim de distinguir alguns conceitos-chave propostos na Teoria, compreende-se o apego enquanto um tipo de vínculo afetivo biologicamente inato que capacita os seres humanos a buscar, discriminar e a manter, de modo ativo, proximidade e contato íntimo com outro indivíduo – *figura ou objeto de apego*. Já o comportamento de apego contempla um sistema de comportamentos que visam a alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo considerado como mais apto para lidar com o mundo (Bowlby, 1988). Como exemplo, pode-se citar o choro, sorriso, contato visual, buscar aconchego e agarrar-se ao outro, enquanto ações que compõem o repertório comportamental básico de apego (Bowlby, 1969/2002). É importante esclarecer que os comportamentos de apego são ativados por certas condições e desativados por outras. Entre as condições de ativação, aponta-se a fome, cansaço, doença e situações ameaçadoras e/ou estranhas pela criança (adultos também). Já as condições desativadoras incluem a visão da figura de apego, a escuta de sua voz ou a interação com ela (Bowlby, 1969/2002; Johnson, 2012); uma vez que isso proporcione tranquilidade e segurança.

O vínculo de apego é demonstrado, especialmente, pela busca de proximidade em relação ao cuidador primordial e pelo protesto diante da separação. Na ausência da formação desse vínculo, a criança poderia se distanciar demasiadamente dos adultos ao explorar o mundo, mantendo-se exposta a diversos perigos. Por conseguinte, os comportamentos de apego tornam-se complementares aos comportamentos exploratórios, uma vez que possibilitam à criança experimentar o mundo em condições mais seguras (Bowlby, 1980).

Uma das grandes influências sobre o trabalho de Bowlby foram as contribuições experimentais do psicólogo comparativista Harry Harlow, na década de 1950, o qual realizava experimentos com macacos em privação materna logo após o nascimento. Tais experimentos serviram como base para Bowlby desenvolver sua teoria, à medida que oportunizou a descrição de observações diretas de comportamentos de crianças em situação de vida real. Logo, considerou que experiências de perda, luto e separação, mesmo separações pequenas na primeira infância podem ser prejudiciais para o desenvolvimento infantil; e que, em contraposição, sentir-se amado, seguro e protegido é fundamental no processo de promoção de saúde mental (Gomes & Melchiori, 2012).

Mary Ainsworth (1913-1999), a principal colaboradora de John Bowlby, favoreceu o avanço da Teoria do Apego ao introduzir a noção dos padrões/estilos de apego, o que derivou de seus estudos realizados em Uganda e nos Estados Unidos, com base na qualidade relacional entre a díade mãe-criança (Ainsworth, 1967). Posto isso, desenvolveu o experimento vastamente difundido no cenário científico, denominado: “Situação Estranha” ou *Strange Situation* (Besoain; Santelices, 2009). Este estudo de laboratório objetivou comprovar a universalidade do comportamento de apego infantil frente a sinais de perigo (Gomes & Melchiori, 2012).

A “Situação Estranha” trata-se de um procedimento experimental que consiste em situações de ausência entre a díade mãe-bebê (de 12 a 18 meses) e posterior reencontro entre eles. Durante os episódios de afastamento materno, todos os comportamentos da mãe e do bebê são registrados; cuja ênfase maior é focada nos comportamentos de busca ou manutenção de proximidade por parte da criança com a mãe, tais como choro, protesto contra a separação, manifestações de afeto positivo ou raiva e rejeição nos episódios de reunião mãe-filho, comportamento exploratório da criança no ambiente e, principalmente, nas atitudes do filho(a) no reencontro com a mãe (Montoro, 2001).

Salienta-se que tal estudo, realizado na década de 1970, foi investigado em diferentes e distantes culturas, como as africanas e países como a China e Israel (Ainsworth, 1967; Ainsworth, Bell & Stayton, 1971). E, portanto, com base em seus resultados, a pesquisadora classificou as três grandes categorias de apego: seguro, inseguro/ambivalente e inseguro/evitante ou resistente; as quais se verificaram em todas as culturas pesquisadas.

Os bebês com apego seguro geralmente choram e protestam quando a mãe sai de cena, acolhendo-a com felicidade quando ela retorna. Em geral, são crianças que encontram no cuidador principal uma base segura para explorar o ambiente e, ocasionalmente, regressam a

ele para se sentirem protegidas, mostrando-se cooperativas e se aborrecem pouco. Já os bebês com apego ambivalente apresentam comportamentos ansiosos, mesmo antes de a mãe sair do local, mostrando-se bastante raivosos e incomodados quando ela retorna. Então, podem expressar sua ambivalência ao buscar contato com ela, mas, ao mesmo tempo, demonstram resistência e raiva quando a mãe se aproxima, demorando mais tempo para se acalmar e cessar o choro. Esses bebês apresentam maior passividade e exploram pouco o ambiente. Já os bebês com apego evitante quase nunca choram quando a mãe sai de cena e evitam-na em seu regresso. Tendem a exibir um comportamento indiferente e não a procuram se precisarem de seu auxílio (Suárez & Rodríguez, 2009; Gomes & Melchiori, 2012).

Conforme Main e Solomon (1990), foi delimitado um quarto tipo de apego, classificado como apego desorganizado/desorientado. Os bebês com esse estilo costumam apresentar-se bastante confusos durante a “Situação Estranha”, com o aparecimento de comportamentos inconsistentes e contraditórios. Como exemplo, podem receber a mãe alegremente quando ela retorna, mas em seguida, se distanciam ou se aproximam dela sem olhá-la, o que parece demonstrarem estar confusos e temerosos. Dos quatro padrões de apego, esse pode ser visto como o mais problemático, cujas características são mais encontradas em crianças vítimas de maus-tratos; em que as mães se mostram pouco adequadas no desenvolvimento de uma relação saudável com seu filho(a) (Villachan-Lyra, 2009).

Ao longo de quase meio século, a Teoria do Apego tornou-se um importante modelo psicológico capaz de integrar diferentes aspectos tanto do desenvolvimento humano normativo quanto psicopatológico do ciclo vital. Todavia, o que se pode perceber também é que as grandes contribuições, acrescidas por Bowlby e Ainsworth na Teoria do Apego, centraram-se em grande parte nas relações de apego da criança e seus pais, sobretudo, na díade mãe-filho (Gomes & Melchiori, 2012). Assim, o que a literatura científica tem apontado, especialmente a partir da década de 1980, são novos rumos na expansão de temas relacionados ao apego. Nesse quesito, pode-se falar do apego na adolescência e fase adulta (George, Kaplan & Main, 1984); apego e envolvimento paterno (Breterthon, 2010; Scola & Vauclair, 2010; Newland & Coyl, 2010; Backes, 2016); apego e vínculos conjugais (Cowan & Cowan, 2016; Juric, 2009; Hazan & Shaver, 1994); apego e luto (Abel & Kruger, 2009; Parkes, 2009; Hauser, 2007); apego e a relação professor-aluno (Reio Jr., Marcus & Sanders-Reio, 2009), entre outros.

Aponta-se que essas novas tendências de investigação do apego apresentam como sustentação a premissa defendida por Bowlby (1988) de que as primeiras relações de apego desenvolvidas na infância repercutem no estilo de apego do indivíduo, ao decorrer do seu ciclo

vital. Isto, porque o modelo funcional interno, que consiste na representação de si e, igualmente na representação de si interagindo com uma pessoa significativa em um contexto de forte expressão emocional (Gomes & Melchiori, 2012), exerce influência no modo como o indivíduo se sente quanto a si mesmo e aos seus genitores. Assim, há uma relação na forma como a pessoa antecipa a maneira como será tratada pelos outros e no modo como tratará as demais, durante a sua vida.

Em vista dos fundamentos teóricos apresentados, discute-se, ainda, sobre a relevância de situar o apego dentro de uma perspectiva contextual e familiar, apoiada no modelo sistêmico. Desta forma, torna-se premente compreender o funcionamento familiar, mediante a sua estrutura e dinâmica, a fim de identificar o desenvolvimento do apego na infância e suas reverberações nos subsistemas conjugal e parental, estabelecidos na vida adulta. Tal intento corresponde às reflexões de Pontes et al. (2007), ao salientarem que, para ser obter uma visão ampliada dos padrões de apego, é necessário compreender não somente a díade estabelecida entre um subsistema, mas considerar as interconexões entre as demais relações diádicas, triádicas e familiares, as quais representam estruturas sistêmicas distintas que constituem uma parte do todo e, simultaneamente, constituem o todo. Em vista disto, serão discutidas na sequência, as especificidades do apego na interface da conjugalidade e da parentalidade.

#### 5.4.1 Apego e conjugalidade

A partir da década de 1980, intensificaram-se a delimitação de temas transversais estudados na Teoria do Apego, conforme já discutido previamente. Dentre esses, despertou-se o interesse pelos pesquisadores a investigarem as relação de apego adulto e o vínculo conjugal (Hazan & Shaver, 1987; Schachner et al., 2012; George, Kaplan & Main, 1984; Semensato e Bosa, 2014; Silva et al., 2011; Mota & Rocha, 2012; Jayamaha, Girme & Overall, 2017; Meuwly & Schoebi, 2017; Porter & Dyer, 2017). Segundo Schachner, Shaver e Mikulincer (2012), o sistema de apego é ativo durante toda a vida do indivíduo e se manifesta em pensamentos e comportamentos relacionados à busca de proximidade em momentos de necessidade. Desse modo, os autores identificam que o apego seja um componente importante do amor romântico e da qualidade conjugal; uma vez que satisfazer as necessidades de sentir-se seguro torna-se um dos principais motivos para o casamento e a vida amorosa.

Hazan e Shaver (1994) salientam a relação estabelecida entre o tipo de apego infantil e os relacionamentos interpessoais futuros, entre esses, o conjugal. Como hipótese apontam que o modo de se relacionar desenvolvido na infância serve como um modelo para as relações

afetivas futuras, constituindo uma perspectiva teórica que enfatiza a repetição das experiências vividas na família de origem. Posto isso, Weiss (2005) e Mota e Rocha (2012) complementam que a eleição de outra figura de apego significativa, como acontece na escolha do(a) parceiro(a) para a relação conjugal, culminaria na passagem do sistema de apego da infância para o apego adulto.

Para estudar as características presentes nos padrões de apego dos relacionamentos adultos, Hazan e Shaver (1987) criaram uma medida de classificação simples, denominada “estilos de apego”, com base nos estilos relacionais descritos por Ainsworth (1967): apego seguro, apego inseguro/ansioso e apego inseguro/evitador. Adultos e casais com um estilo de apego seguro demonstram maior facilidade em confiar nos outros, abrir-se emocionalmente e comprometer-se em um relacionamento íntimo e duradouro. Já aqueles com aspectos do apego ansioso não evidenciaram a certeza de serem amados, merecedores de amor e provavelmente de que serão protegidos. Por sua vez, os casais com estilo evitador aprenderam que, para se sentirem relativamente seguros, é necessário confiar demasiadamente em si mesmos e a não procurar, abertamente, o apoio do parceiro, mesmo quando esse apoio seja fundamental em momentos adversos; além de sentirem-se incomodados com a proximidade e concederem pouca atenção às necessidades e aos problemas do cônjuge (Consoli et al., 2018; Shaver & Clark, 1994).

Não obstante, outros estudos empíricos evidenciaram demais características presentes nos estilos de apego expressos na conjugalidade de casais heterossexuais, cujos resultados foram os seguintes: casais com apego seguro tendem a ter relacionamentos longos, estáveis e satisfatórios, oriundos de alto investimento, confiança e companheirismo (Altin & Terzi, 2010; Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1998; Shaver & Brennan, 1992). Na sexualidade estão abertos às descobertas sexuais de forma mútua e a proximidade física é prazerosa; além de praticarem sexo principalmente para demonstrar amor por seus parceiros (Tracy, Shaver, Albino & Cooper, 2003). Os casais que manifestam o estilo ansioso apresentaram maior dependência e obsessividade entre seus parceiros, tendo em vista a maior vigilância e medo da perda e/ou abandono de seu cônjuge (Roberts & Noller, 1998). No âmbito sexual, preferem os aspectos de afeição e intimidade, tais como abraços e carícias, ao invés dos aspectos genitais. Já os casais com características de apego evitativo demonstram menos interesse nas relações romantizadas e costumam “fazer joguinhos” com seu parceiro. Assim como os casais de apego inseguro ansioso, esse grupo também apresenta baixa satisfação conjugal e alto índice de rompimento. Na vivência da sexualidade geralmente demonstram baixa satisfação sexual,

sendo mais propensos a aprovar o sexo casual e atraírem-se por alguém que já está em outro relacionamento (Schachner & Shaver, 2002).

Intervenções clínicas em terapia de casal revelam que as percepções dos cônjuges com estilo de apego evitativo em relação ao parceiro(a) podem ser vinculadas pela projeção defensiva de suas próprias características indesejadas sobre o outro e, então, acabam se distanciando e evitando o parceiro por tais características projetadas. Quando isso acontece no contexto do casamento, pode-se esperar que os parceiros com essas características, ao projetar seus próprios traços indesejados sobre seus cônjuges, acabam criticando-os e rejeitando-os ao mesmo tempo em que elevam sua própria autoimagem e autossuficiência (Schachner et al., 2012). Nesse mesmo exemplo, os indivíduos com estilo ansioso também podem projetar suas próprias características sobre o cônjuge e, depois, veem a si próprios como abertamente semelhantes ao parceiro, oferecendo uma base imaginária de manterem-se mais próximos a este; o que pode causar ao cônjuge, especialmente se ele tiver tendências evitadoras, desconforto, incompreensão e sufocamento (Mikulincer & Horesh, 1999).

Demais estudos (Jayamaha et al., 2017; Johnson, 2012; Johnson, Mäkinen & Millikin, 2001; Johnson, Hunsley, Greenberg & Schindler, 1999; Johnson, 1999) também discutem as implicações terapêuticas e situações vivenciadas na dinâmica conjugal quanto ao estilo de apego nas relações amorosas. Como exemplo, um casal, em que um dos membros possui um estilo de apego seguro, pode esperar do outro que este lhe ofereça cuidado e conforto quando passar por algum momento de perigo ou sofrimento; uma vez que no apego seguro, aprendeu a esperar dos seus cuidadores o suprimento de suas necessidades em situações difíceis. Contudo, se o outro membro da díade tiver características de um apego evitador, este pode não corresponder às expectativas do cônjuge, gerando “feridas do apego” na relação. Já que no apego evitador, o indivíduo apresentou suas expectativas de necessidades violadas na infância e, portanto, desenvolveu a crença de que a autoconfiança é a única base garantida para a segurança (Schachner et al., 2012).

Dentre as pesquisas empíricas oriundas da revisão integrativa de Becker e Crepaldi (2019), as quais nortearam as repercussões do apego adulto desenvolvido com a família de origem e o relacionamento conjugal, verificou-se o predomínio de estudos que relacionaram os estilos de apego do casal e temas transversais, como o conflito e a violência conjugal e a saúde mental e eventos traumáticos. Observou-se, ainda, que o estilo de apego evitativo caracterizou-se como um dos fatores precipitadores de conflito e distanciamento conjugal, além de apresentar associações com a depressão e impactos na saúde psicológica e bem-estar. Salienta-

se, também, que o estilo de apego ansioso de um dos cônjuges prediz a baixa qualidade conjugal, uma vez que a presença constante de sentimentos com os de baixa autoestima, ciúmes e insegurança pessoal, acabam refletindo em maiores chances de rompimento nas relações conjugais.

Com base na Teoria do Apego e suas repercussões na fase adulta do ciclo vital familiar, foram discutidas até o momento as implicações do fenômeno no que se refere ao subsistema conjugal. Portanto, torna-se necessário especificar as relações existentes entre o apego dos membros do casal e a parentalidade, a fim de melhor integrar a discussão da tese; o que se pode conferir no último tópico.

#### 5.4.2 Apego e parentalidade

Artigos nacionais e internacionais têm apresentado, de modo contundente, as repercussões dos padrões de apego estabelecidos na infância e a parentalidade (Semensato & Bosa, 2013; Mota & Rocha, 2012; Gomes & Melchiori, 2012; Gou & Woodin, 2017; Brenning, Soenens & Braet, 2017; Burkhart, Rasmussen, Borelli & Brody, 2017; Porter & Dyer, 2017; Szepeswol, Griskevicius, Simpson, Young, Fleck & Jones, 2017). Segundo Semensato e Bosa (2013), as relações de apego têm sido associadas aos primeiros cuidadores do indivíduo. Portanto, é nessa fase que se desenvolve o que Bowlby denominou como “modelo funcional do eu” ou mais recentemente por “representações mentais” e “*script* de apego”, termos atualizados por alguns pesquisadores contemporâneos (Crowell & Treboux, 2001; Waters, & Waters, 2006; Byng-Hall, 1995), por contemplar as representações internas da pessoa a respeito do mundo, as quais permitem incluir expectativas, crenças e imagens mentais sobre diversos aspectos da vida.

À medida que tais representações são desenvolvidas na criança, esta ao se tornar adulta, estabelecerá novas relações tendo por base o modelo formado em suas primeiras vinculações afetivas; deste modo, as diversas funções da vida adulta desempenhadas na vida conjugal, profissional e parental serão influenciadas pelo apego estabelecido com a família de origem (Nascimento & Coelho, 2006; Bolze, 2016; Backes, 2016; Carter & McGoldrick, 1995; McGoldrick & Shibusawa, 2016). Nesse sentido, vários estudos têm se pautado a investigar a continuidade ou descontinuidade dos padrões de apego sobre as relações interpessoais futuras (Waters, Merrick, Treboux, Crowell & Albersheim, 2000; Cassidy, 2000; Creasey & Jarvis, 2009; Orbach, 2007; Crowell & Treboux, 2001; Sherry, Lydon & Hendon, 2007), entre elas, o vínculo parental (Mota & Rocha, 2012; Nascimento & Coelho, 2006; Szepeswol et al., 2017; Brenning et al., 2017).

Conforme Serbin e Karp (2003), a repetição de padrões relacionais e comportamentais de pais para filhos, ao longo das gerações, alude às pesquisas sobre transmissão intergeracional, cuja definição se pauta em compreender que a natureza e a qualidade da parentalidade são intergeracionalmente transmitidas, cujos pais passam a exercer sobre os filhos uma criação semelhante a que eles próprios experimentaram em sua infância. Em estudos recentes (Conger, Belsky & Capaldi, 2009; Bolze, 2016; Bolze & Crepaldi, 2015), a transmissão intergeracional é estudada sobre questões que concernem às continuidades e descontinuidades, ou seja, sobre a investigação do que pode ser mantido ou deverá ser modificado de uma geração para outra. Entretanto, é importante considerar que a transmissão desses padrões relacionais não pode ser adotada como uma perspectiva linear, determinista e rígida, de forma que as pessoas sejam “prisioneiras” de seu passado sem uma possibilidade de mudança e flexibilidade (Falcke, Wagner & Mosmann, 2008; Cowan & Cowan, 2016; Semensato & Bosa, 2013). O que tais autores discutem é que as vinculações afetivas e as vivências desenvolvidas com as famílias de origem parecem exercer uma influência para que as continuidades ocorram somente para aquilo que parecer necessário; e, por outro lado, com a aquisição de novos recursos para lidar de formas diferentes em situações adversas, podem ser promovidas descontinuidades de tais padrões, ao se transformarem e serem substituídos. Além disso, consideram-se as dimensões histórica e desenvolvimental que a família vivencia ao longo do tempo em seu ciclo vital (Carter & McGoldrick, 2001; McGoldrick & Shibusawa, 2016), para a transformação dos padrões intergeracionais familiares.

No estudo desenvolvido por Byng-Hall (1995) acerca dos padrões relacionais de apego, verificou-se que a dificuldade no comportamento de cuidado parental encontra-se fortemente associada a relatos de distúrbio nos próprios relacionamentos de vinculações infantis desses pais com suas figuras de apego primárias, como em situações de divórcio, morte, abandono ou separações longas dos pais. Sobre isso, pode-se pensar que o tipo de apego evitativo e ansioso dos pais pode predispor situações de negligência, insegurança e demais fatores de risco ao desenvolvimento de seus filhos.

Todorov (1996) argumenta que a experiência da parentalidade é um tanto paradoxal em seu funcionamento: por um lado, o amor dos pais pelo filho, deseja que ele se torne uma pessoa independente, que não tenha mais “necessidade” deles; assim, o “amor bem-sucedido” dos pais tem o efeito – doloroso, de afastar o filho de si. Mas, de outra forma, há um desejo incessante de que os filhos não cresçam e permaneçam sempre dependentes dos pais. Desta forma, quando há uma rigidez relacional, como no segundo caso, pode-se pensar que pais que tiveram um tipo

de apego ansioso com sua família de origem, possivelmente terão maiores dificuldades no exercício da parentalidade; podendo superproteger os filhos e tornarem-se vigilantes em excesso, com medo de perderem o afeto deles não permitindo a eles que sejam emancipados e explorem situações novas pelo receio do “ninho vazio” e de tornarem-se solitários.

Já aqueles pais que desenvolveram um estilo de apego seguro poderão melhor contribuir para o crescimento de seus filhos. Isto, porque no apego seguro a figura de apego primária oferece uma base segura para a criança explorar novos ambientes e situações, além de apresentar-se disponível para atender às necessidades infantis. No estudos de Backes (2016); Gomes, Crepaldi e Bigras (2013); e Paraventi et al. (2017), é apresentada a relevância que a figura paterna pode exercer ao auxiliar os filhos no desenvolvimento de habilidades e autoconfiança em situações novas, ameaçadoras e de competição; o que permite conferir à criança maior autonomia para explorar o mundo e as relações (Paquette, Eugène, Dubeau & Gagnon, 2009).

Em consonância com Bowlby (1976) e Todorov (1996), pode-se dizer que o apego seguro, evidenciado pela boa interação entre pais e filhos, cerceado pelos aspectos de afetividade, disponibilidade da figura parental, limites e segurança, é um aspecto essencial para a saúde mental presente e futura do indivíduo. Assim, ter recebido durante sua infância a certeza de ser amado, permite quando adulto, enfrentar com mais serenidade as provas e dificuldades que surgirem.

A trajetória percorrida no capítulo de fundamentação teórica e revisão de literatura, delimitando os pressupostos epistemológicos adotados e a concepção do ciclo vital familiar, especialmente no enfoque dos subsistemas conjugal e parental, contemplou a multidimensionalidade da temática apresentada com vistas à sustentação teórica necessária para o planejamento metodológico e a discussão dos resultados encontrados, a seguir.

## 6. MÉTODO

### 6.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa proposta caracteriza-se como exploratória e descritiva, por aprofundar uma temática que foi pouco estudada no cenário brasileiro e permitir à pesquisadora maior familiaridade com o fenômeno investigado; além de descrever as variáveis de apego dos membros do casal na infância, a qualidade conjugal e o envolvimento parental da amostra (Dancey & Reidy, 2006). O estudo também apresenta caráter correlacional, uma vez que se propõe a verificar as relações existentes entre as variáveis. Em relação à temporalidade, trata-se de uma pesquisa transversal, por ter sido realizada em um momento específico da vida dos participantes (Sampieri, Collado & Lucio, 2013).

Com base no Pensamento Sistêmico, norteado pelos pressupostos da complexidade e da intersubjetividade, aponta-se a proposição de integrar diferentes recursos metodológicos para acessar e vislumbrar o fenômeno investigado. Conforme os estudos de Böing (2008) e Bolze (2016) com pesquisas realizadas com famílias envolvendo os subsistemas conjugal e parental, emerge a necessidade do uso adequado e combinado de diferentes estratégias e instrumentos metodológicos. Para tanto, a pesquisa constitui-se pela abordagem de método misto no modelo de duas etapas, baseado pelo desenho explicativo sequencial (DEXPLIS) (Sampieri, et al., 2013).

O modelo proposto ocorre quando os resultados quantitativos iniciais apoiam a coleta dos dados qualitativos, em um segundo momento. Na primeira etapa, coletam-se e analisam-se os dados quantitativos; de modo que a segunda fase seja construída sobre os resultados da primeira etapa. Na sequência, recolhem-se e avaliam-se os dados qualitativos. Finalmente, os achados de ambas as etapas são integrados e interpretados na análise final do estudo, conforme se pode visualizar o esquema na Figura 3. Um propósito bastante comum no arranjo de priorizar o enfoque quantitativo sobre o qualitativo, o qual será contemplado de modo sequencial, possibilita auxiliar o pesquisador na interpretação e explicação das descobertas científicas iniciais, bem como aprofundá-las (Sampieri et al., 2013).

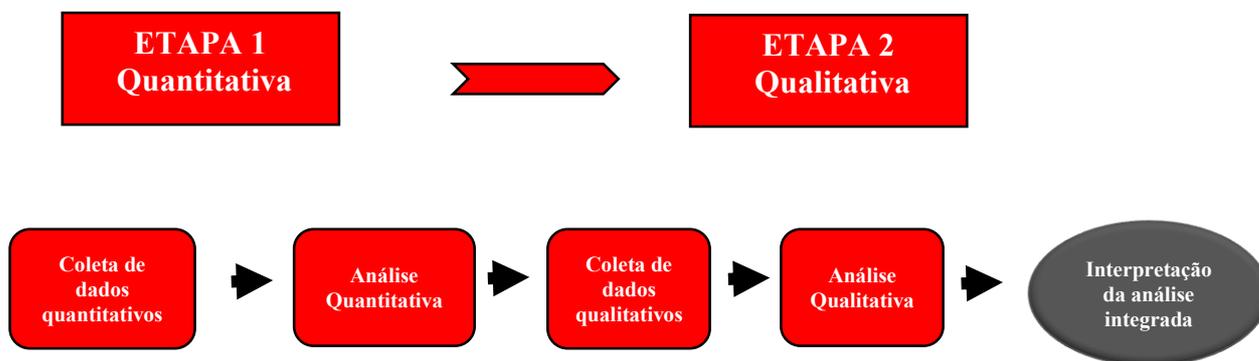


Figura 3: Esquema do desenho explicativo sequencial (DEXPLIS) – Sampieri et al. (2013)

A etapa 1 (quantitativa) consistiu na aplicação de instrumentos de medida. Nessa fase buscou-se uma visão mais ampliada do fenômeno de apego, estabelecida pelos membros do casal com as respectivas famílias de origem, como também a relação entre a qualidade conjugal e o envolvimento parental.

A etapa 2 (qualitativa) teve como finalidade aprofundar e complementar os resultados obtidos na Etapa 1. Desse modo, realizaram-se a aplicação do Genograma e uma entrevista semiestruturada com os cinco casais participantes, conforme modelo DEXPLIS.

A abordagem de pesquisas mistas ou, também, denominadas como abordagem multimétodos e métodos múltiplos, apresenta como benefícios uma perspectiva ampla e profunda dos dados, assim como maior teorização, exploração e diversidade dos achados (Creswell, 2010; Sampieri et al., 2013). Posto isso, a justificativa em adotar tal enfoque nesta tese, parte da ideia de complementação, extensão e clareza, que conforme Sampieri et al. (2013) refere-se a uma variedade de diferentes perspectivas para analisar os dados (relacionar variáveis e encontrar seus significados); compreender os processos de um modo sistêmico, integral e multidimensional, além de identificar relações que não foram verificadas com o uso de apenas uma abordagem.

## 6.2 CONTEXTOS

A coleta de dados foi realizada em 13 cidades do Sul do Brasil: 11 no Estado de Santa Catarina, cuja maior concentração de participantes ocorreu na capital do Estado - Florianópolis; uma cidade paranaense na região de Campos Gerais do Paraná e, por fim, também se realizaram coletas na capital do Estado do Rio Grande do Sul – Porto Alegre. Maiores detalhes desta seção

podem ser conferidos na página 86 – acerca da caracterização sociodemográfica dos participantes.

### 6.3 ETAPA 1 - Quantitativa

#### 6.3.1 PARTICIPANTES

##### 6.3.1.1 Participantes da Etapa 1

Para a primeira etapa, utilizou-se uma técnica de amostragem não probabilística e intencional, composta por 204 participantes (102 casais heteroafetivos). Conforme Sampieri et al. (2013), tal técnica pode ser utilizada em estudos quantitativos e qualitativos, que não exigem a representatividade de elementos de uma população, mas sim de uma cuidadosa e controlada escolha de casos com características específicas previamente definidas. Os casais foram acessados por meio da técnica *Snowball* ou “Bola de Neve” (Baldin & Munhoz, 2011), a qual consiste em localizar os participantes mediante uma cadeia de referências cujas características se enquadrem nos critérios propostos. Como critérios de inclusão, definiram-se:

- a) Casais heteroafetivos que tivessem, no mínimo, um filho com idade entre zero e seis anos (criança focal);
- b) Os pais, biológicos ou não (mãe, pai, madrasta ou padrasto), deverão estar vivendo juntos e com a criança, por pelo menos seis meses;
- c) Os pais deveriam ter idade igual ou superior a 18 anos, quando do nascimento da criança focal.

Salienta-se que a justificativa para o critério de inclusão “a” se explica por considerar a faixa etária da criança fixada no instrumento que irá mensurar o envolvimento parental, o qual será apresentado no item 6.4.1. Como critérios de exclusão, não participaram do estudo casais em que um dos membros, ou a díade, apresentasse alguma incapacidade que impossibilitasse a compreensão dos enunciados dos instrumentos.

## 6.3.4 INSTRUMENTOS

### 6.3.4.1 Instrumentos da Etapa 1

Foram utilizados cinco instrumentos para o alcance dos objetivos propostos. Para verificar a qualidade do relacionamento conjugal, decidiu-se pela utilização de duas escalas, tendo em vista a amplitude do construto; uma vez que a Escala de Ajustamento Diádico (DAS) permite o maior aprofundamento das questões que norteiam a qualidade da relação amorosa e a Escala de Satisfação Conjugal (*The Golombok Rust Inventory of Marital State*) – GRIMS possibilita a análise específica da dimensão de “Satisfação conjugal”. Dessa forma, ambos os instrumentos se complementam e conferem um panorama ampliado para a visão sistêmica da temática. Os instrumentos são descritos, a seguir:

#### a) Questionário Sociodemográfico (QSD) (Anexo A)

Este instrumento foi desenvolvido por pesquisadores vinculados ao NEPeDI (Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil) da Universidade Federal de Santa Catarina, cuja versão adotada pela pesquisadora, caracteriza-se por um questionário que compõe questões sociodemográficas norteadoras, tais como o número e idade das pessoas que residem no domicílio, composição familiar, escolaridade, profissão e ocupação, renda e jornada de trabalho dos participantes, entre outros.

Salienta-se que alguns tópicos foram adaptados pela autora da Tese com a inclusão de outras questões, como religiosidade/espiritualidade e cidade de residência, além de modificações pontuais referentes aos parâmetros da renda familiar.

#### b) Questionário Retrospectivo de Apego (QRA) – (Anexo B)

Delineou-se a utilização do QRA por considerar os diversos fatores que contemplam a investigação do apego desenvolvido na infância e no decorrer do ciclo vital, com vistas à associação entre os aspectos relacionais da vida adulta, no que se refere à conjugalidade. O instrumento, de origem inglesa, foi traduzido para o Brasil e pode ser encontrado para consulta e aplicação na referência de Parkes (2009). Sua finalidade é de avaliar as relações de apego retrospectivas, estabelecidas na infância. O QRA baseou-se na pesquisa realizada com 278 pacientes de um ambulatório psiquiátrico inglês, a qual teve por finalidade testar as observações

clínicas e as evidências de que amor e luto são fenômenos que estão relacionados entre si, à medida que os padrões de apego na infância e a separação dos genitores, no desenvolvimento adulto, constituem fatores que influenciam o modo de enfrentamento ao estresse e à perda. Dessa forma, o autor elaborou um questionário para examinar as reverberações dos apegos da infância na vida adulta.

O instrumento é composto por cinco dimensões retrospectivas de apego, sendo elas: 1 – *Cuidados parentais* – como a pessoa percebia os pais (incluindo pais adotivos ou tutores); 2 – *Vulnerabilidade na infância* – A percepção de si como criança; 3 – *Eventos e circunstâncias da vida adulta* – Incluem-se doenças físicas, migração, falta de apoio social, presença ou ausência de filhos, relacionamentos com o cônjuge ou parceiros na vida adulta e lutos; 4 – *Modo de enfrentamento* – como geralmente lida em situações de estresse e 5 – *Sintomas e emoções atuais* – vivenciados no momento presente em que o questionário era respondido; além de tais dimensões, são apresentados os *Escore de Apego*, os quais são subdivididos em três tipos: apego seguro, apego intermediário e apego inseguro. A fim de responder aos objetivos desta tese, somente duas dimensões foram aplicadas, a saber: 1) Cuidados Parentais e 2) Vulnerabilidade na infância; além dos Escores de Apego.

Na Seção I – Sobre os cuidados parentais, são feitas 28 perguntas separadamente sobre a mãe e o pai com as opções de respostas “sim” ou “não”. A seção II – acerca da infância, é composta por 31 questões; enquanto a seção III – sobre a vida adulta abrange sete questões; entretanto, dessas sete, a questão três é subdividida em cinco subitens; a questão cinco em 19 subitens e a questão sete, em 14 subitens; cujas opções de resposta variavam entre “sim” ou “não”; com exceção para o item 32 e 33 - “Com que frequência você chorava?” e “Quando criança, você desejava estar morto?”, cujas opções de resposta foram três: Nunca, às vezes e sempre. Por fim, a seção IV e V são denominadas no questionário com o subtítulo “Sobre você hoje”, composto por 24 questões; sendo que apenas a questão 19 - “Com que frequência você chora?”, as opções de resposta variaram entre “nunca, às vezes e sempre”. No total, o questionário é constituído por 90 itens e 37 subitens, distribuídos em 4 escalas.

A primeira versão do Questionário contemplava 98 itens, entretanto, foram excluídos 8 itens por apresentarem a fidedignidade de teste/reteste não confiáveis. O instrumento foi submetido a análises fatoriais como um meio de determinar até que ponto se estabelece a covariação. Desta forma, a maioria dos fatores resultantes covariaram entre os itens das escalas agrupadas por categorias temáticas, o que foi confirmado anteriormente pela literatura especializada e por embasamentos clínicos (Parkes, 2009). A confiabilidade interna ou

consistência de todos os escores foi testada por meio do cálculo do coeficiente *alpha*. Os resultados apresentaram boa consistência interna, especialmente os escores de Desentendimento conjugal, Superproteção parental, Separação parental e a Timidez na infância ( $\alpha = 0,99$  a  $0,88$ ). A intercorrelação e confiabilidade dos escores dos padrões de apego apresentaram *alphas* de Cronbach elevados (Apego seguro  $\alpha = 0,91$ ; Apego ansioso  $\alpha = 0,91$ ; Apego evitador  $\alpha = 0,86$  e Apego Desorganizado  $\alpha = 0,81$ ).

Tendo em vista que as escalas do instrumento são dicotômicas, entre “Sim” e “Não”, para pontuação das respostas atribui-se o valor de 1 para respostas “Sim” e zero para respostas “Não”. Cabe ressaltar que o instrumento não caracteriza diretamente os itens que contemplam apegos do tipo seguro; para verificar esse perfil de apego deve-se obter o escore geral de apego, somando todos os escores das dimensões de Cuidados Parentais e Vulnerabilidade na Infância, cuja média geral menor que 11 indica apego seguro; 11 a 21, valores intermediários e mais que 21, apego inseguro.

### **c) Escala de Ajustamento Diádico (DAS) *Dyadic Adjustment Scale* – (Anexo C)**

Optou-se pela aplicação do DAS – Escala de Ajustamento Diádico, originalmente denominada *Dyadic Adjustment Scale* por avaliar a qualidade das relações interpessoais conjugais. É uma escala amplamente utilizada na literatura (Belsky, Lang, & Rovine, 1985; Hidalgo & Menendez 2003; Huston & Vangelisti, 1995; Scorsolini-Comin, & Santos, 2010; Hernández, 2008; Schul, Cowan, & Cowan, 2016). Conforme Silva (2016), a Escala foi adaptada para diferentes línguas e culturas, vindo a ser empregada em investigações científicas ou em contextos clínicos (Touliatos, Perimutter, & Strauss, 2001).

A DAS é uma escala de origem norte-americana desenvolvida por Spanier em 1976 e adaptada para o Brasil por dois estudos independentes (Hernandez, 2005; Perlin, 2001). É considerada uma das medidas mais sólidas e globais da qualidade das relações interpessoais afetivas (Scorsolini-Comin, & Santos, 2010) que investiga a percepção que os cônjuges têm da qualidade do relacionamento através de 32 itens (30 em escalas de seis pontos e dois itens com respostas dicotômicas - “sim” ou “não”). Salienta-se que o instrumento busca avaliar não somente o grau de ajustamento de cada um dos parceiros na relação conjugal, como também pretende aferir o modo como cada um dos cônjuges se encontra comprometido na continuidade do relacionamento (Ulbrich, Coyle, & Lllabre, 1990). Os itens da Escala são agrupados em quatro subescalas: 1) Consenso; 2) Satisfação; 3) Coesão; e 4) Expressão de afeto.

A primeira subescala é denominada de Consenso da Díade, constituída por 13 itens para indicar em uma escala o grau aproximado de concordância ou discordância entre o respondente e o respectivo cônjuge. Os itens referem-se a uma variedade de questões cotidianas vivenciadas na relação, sendo elas: finanças familiares; assuntos religiosos; filosofia de vida; amizades; formas de relacionamento com a família ampliada; metas, objetivos e temas considerados importantes; tempo dispensado ao casal; tarefas domésticas; tomada de decisões importantes; atividades e interesses nos tempos de lazer e, ainda, decisões profissionais (Silva, 2016).

Na segunda subescala – Satisfação da Díade, contemplada por 10 itens, são avaliados os comportamentos como frequência de conversas ou pensamentos sobre divórcio, separação ou término do relacionamento; frequência com que se deixa a casa para espairer depois de um conflito; frequência em que costuma lamentar-se por ter se casado; em se envolver em atividades extrafamiliares com o seu cônjuge; em beijar o seu parceiro(a), entre outros.

A terceira subescala – Coesão da Díade, abrange cinco itens concernentes ao sentimento ou vivência de união e integração do casal; corresponde a uma escala entre zero e cinco pontos, com opções de resposta que variam entre nunca e sempre. Estão presentes quesitos quanto ao envolvimento em atividades extra familiares juntos e frequência do compartilhar de ideias, conversas que ocorrem de forma fluida e tranquila, trabalharem juntos em um projeto, e demais aspectos. O escore da coesão é medido através da frequência de determinadas atividades e comportamentos.

A quarta subescala é denominada Expressão de Afeto, constituída por quatro itens quanto à percepção subjetiva sobre a concordância ou discordância do casal acerca do modo e frequência de demonstrações de carinho, afeto e desejo sexual. Como exemplos, “estar cansado demais para relações sexuais” ou “não demonstrar amor”.

Ao final da aplicação da Escala, é solicitado que o respondente avalie o quanto se está feliz com o relacionamento numa escala de seis pontos, que vai desde “extremamente infeliz a perfeito”, como também dos seus sentimentos acerca do futuro da relação, com seis opções de resposta que variam desde “querer absolutamente que a relação tenha sucesso” até “esta relação nunca poderá ter sucesso”.

A correção do instrumento apresenta um escore total que varia de 0 a 151, sendo obtido pela soma total dos escores nas quatro subescalas: Consenso Diádico (amplitude dos escores variando de 0 a 65 pontos), satisfação diádica (amplitude dos escores variando de 0 a 50 pontos), Coesão Diádica (amplitude dos escores variando de 0 a 24 pontos) e Expressão de Afeto (amplitude dos escores variando de 0 a 12). Alguns itens são afirmações positivas e outras

negativas, a fim de aumentar a fidedignidade da escala (Hernandez, 2008). Segundo Spanier (1976), os indivíduos que obtiverem 101 pontos ou menos são classificados com a vivência de uma relação conjugal desajustada ou em sofrimento. Já aqueles que pontuaram 102 ou mais estariam vivenciando um relacionamento sem sofrimento ou bem ajustado.

Na versão brasileira conduzida por Hernández (2005), os *alphas* foram de 0,86 para as subescalas Consenso e Satisfação da Díade; 0,76 para a Coesão Diádica e 0,62 para a Expressão de Afeto. Como se pode perceber, os *alphas* para a Expressão de Afeto não são satisfatórios. Desse modo, assim como no estudo de Marques (2008), os resultados deste fator serão interpretados com ressalvas.

#### **d) Escala de Satisfação Conjugal (*The Golombok Rust Inventory of Marital State*) – GRIMS (Anexo D)**

O GRIMS (Rust, Bennun, Crowe & Golombok, 1988) caracteriza-se por uma escala *ordinal* de 4 pontos (discordo fortemente, discordo, concordo e concordo fortemente), sendo constituída por 28 itens. Foi traduzida e adaptada para a língua portuguesa por Falcke (2003). A finalidade desse instrumento consiste na mensuração da qualidade do relacionamento conjugal, obtido pelas seguintes dimensões: satisfação, comunicação, interesses compartilhados, confiança e respeito. Para correção da escala, verifica-se que quanto maiores os escores obtidos, mais severos são os problemas na conjugalidade. A confiabilidade interna da escala obtida, por meio do coeficiente *alpha de Cronbach*, foi de 0,80 (Mosmann, Wagner & Sarriera, 2008).

#### **e) Questionário de Envolvimento Parental (QEP) *Questionnaire d'engagement parental* – (Anexo E)**

O Questionário de Envolvimento Parental (QEP) é um instrumento elaborado pela equipe ProsPère e validado no Canadá por uma amostra de 850 pais que constituíam famílias biparentais com pelo menos um filho entre 0 e 6 anos de idade (Paquette, Bouté, Turcotte, Dubeau, & Bouchard, 2000). Constitui-se por 56 itens que agregam sete dimensões: 1) *Suporte Emocional* (12 itens) – Contempla gestos e palavras que tranquilizam e acalmam a criança; 2) *Abertura ao mundo* (9 itens) – Refere-se a incentivar a criança para a exploração do ambiente; 3) *Cuidados básicos* (9 itens) – Contempla a garantia dos cuidados essenciais à sobrevivência da criança, como a alimentação e a higiene; 4) *Jogos físicos* (7 itens) – Engloba a interação

física com a criança através de gestos e brincadeiras; 5) *Evocações* (6 itens) – Refere-se ao ato de pensar, lembrar ou comentar sobre a criança em sua ausência; 6) *Disciplina* (4 itens) – Envolve os atos de correção e repreensão dos comportamentos e 7) *Tarefas de casa* (9 itens) – Agrega as atividades domésticas, tais como fazer compras, limpar a casa e preparar as refeições.

O presente instrumento é constituído por duas escalas para mensurar a frequência com que pais e mães realizam determinadas atividades com seus filhos: uma escala de frequência relativa de seis pontos que varia desde “nunca” a “todos os dias” e outra com frequência absoluta de cinco pontos, desde “nunca” a “sempre”. Quanto ao estudo de validação para população brasileira, os *alphas* de Cronbach variaram entre 0,72 e 0,86 e a estabilidade temporal variou de 0,50 a 0,77. Em pesquisas anteriores realizadas no Brasil (Gomes, 2011; Bossardi, 2011; Bolze, 2011), os *alphas* de Cronbach apresentaram 0,89 para o QEP paterno e 0,80 para o QEP materno, apontando a confiabilidade do instrumento para o contexto nacional.

Todavia, para esta tese foi aplicada versão do QEP de 26 itens. Pois na época em que a coleta de dados foi realizada, a versão brasileira completa – de 36 itens – estava em processo de adaptação (Bossardi et al., 2018; Backes, 2018). Dessa forma, justifica-se a escolha pela versão reduzida, uma vez que as dimensões de cuidados básicos diretos/indiretos e suporte emocional, utilizadas neste estudo, já haviam sido adaptadas.

### 6.3.5 OBJETIVOS E INSTRUMENTOS

Para melhor visualização, a Tabela 1 apresenta os objetivos da primeira etapa e a correspondência com os instrumentos que serão utilizados, durante a coleta de dados.

Tabela 1

*Correspondência entre objetivos e instrumentos da Etapa 1*

<b>Etapa</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Instrumentos</b>
Etapa 1	a) Caracterizar as relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infância;	Questionário Retrospectivo de Apego (QRA)
	b) Caracterizar a qualidade do relacionamento conjugal	- Escala de Ajustamento Diádico (DAS) - GRIMS
	c) Identificar o envolvimento parental de mães e pais de crianças entre zero e seis anos;	- Questionário de Envolvimento Parental (QEP)
	d) Relacionar o apego dos membros do casal na infância com a qualidade do relacionamento conjugal atual;	- Questionário Retrospectivo de Apego (QRA) - Escala de Ajustamento Diádico (DAS) - GRIMS
	e) Relacionar o apego dos membros do casal na infância com o envolvimento parental;	- Questionário Retrospectivo de Apego (QRA) - Questionário de Envolvimento Parental (QEP)

### 6.3.6 PROCEDIMENTOS

A coleta de dados da Etapa 1 foi realizada, conforme as fases delimitadas na Tabela 2, as quais serão explicadas detalhadamente, a seguir.

Tabela 2

*Fases dos procedimentos de coleta de dados da pesquisa – Etapa 1*

FASES	PROCEDIMENTOS
	<b>ETAPA 1: QUANTITATIVA</b>
1	Preparação dos instrumentos quantitativos e treinamento de aplicação dos mesmos.
2	Técnica de amostragem por conveniência, do tipo “Bola de Neve”, para o recrutamento dos participantes.
3	Contato telefônico com os pais para verificar se esses se enquadravam nos critérios da pesquisa e agendamento de visita domiciliar.
4	Visita domiciliar 1: conversa inicial para fornecer esclarecimentos sobre a pesquisa; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; aplicação dos instrumentos: um dos membros do casal preencheu o Questionário Sociodemográfico e, posteriormente, cada membro da diáde respondeu individualmente ao QRA, DAS e QEP.
5	Tabulação, digitação e análise dos dados através do pacote estatístico SPSS – versão 23.

#### 6.3.6.1 Procedimentos de preparação para a coleta de dados

##### **Etapa 1: Pesquisa Quantitativa**

A fim de garantir maior qualidade e rigor metodológico na aplicação dos instrumentos nessa primeira etapa de coleta de dados, recorreu-se ao Manual de procedimentos para pesquisas de campo (Apêndice C), elaborado pelo LABSFAC. Este, contempla explicações sobre como realizar a obtenção dos participantes (telefonema para contato inicial, agendamento da visita domiciliar), como também um roteiro de aplicação dos instrumentos (preparação dos materiais para a visita, explicações sobre a pesquisa, assinatura do TCLE (Apêndice B), ordem de aplicação dos questionários e escala, e por fim, ritual de agradecimento). Destaca-se que a pesquisadora contou com o auxílio dos colegas do grupo de pesquisa para a coleta de dados. Acerca disto, salienta-se que os pesquisadores auxiliares eram psicólogos clínicos que também tinham experiência em pesquisa. Dessa forma, a pesquisadora principal reuniu-se com esses colegas, explicando-lhes o objetivo do estudo e lhes apresentou cada um dos instrumentos utilizados na primeira etapa. Somente após as explicações e a clareza das dúvidas que surgiram, é que se deu início à coleta de dados, consoante a aprovação das questões éticas.

### 6.3.6.2 Procedimentos para a coleta de dados propriamente dita

#### **Etapa 1: Pesquisa Quantitativa**

Após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH – UFSC) sob certificado pelo número 2.657.313 (Anexo G), deu-se início às duas etapas de coleta de dados. Na Etapa 1, mediante o agendamento prévio para a visita da pesquisadora principal e ocasionalmente de pesquisadores auxiliares ao domicílio dos participantes, na data confirmada estes se apresentaram à família, estabelecendo um breve *rapport* ao explicar o objetivo geral do estudo e esclarecer possíveis dúvidas. Na sequência, foi entregue ao casal uma cópia do TCLE (Apêndice B), o qual foi lido em voz alta. Após a leitura do termo, a pesquisadora confirmou o interesse do casal em participar do estudo e solicitou que cada um dos cônjuges o assinasse, mencionando a data. Em seguida, o TCLE foi colocado dentro de um envelope e lacrado na frente do casal; de modo que a outra via do documento fosse deixada aos cuidados dos participantes. Isto, para que esses pudessem ter acesso aos telefones e e-mails das pesquisadoras e entrar em contato em caso de quaisquer dúvidas. Posteriormente, o envelope recebeu uma etiqueta com um número que designou o código de identificação do casal. Depois de tais procedimentos, a pesquisadora apresentou aos participantes um caderno contendo todos os instrumentos para serem respondidos pelos cônjuges, separadamente. Para tanto, colocou-se à disposição para esclarecer dúvidas que surgissem e salientou que o material entregue não deveria conter o nome dos respondentes, apenas o código de identificação, com vistas à preservação da identidade, no momento da digitação dos dados.

Solicitou-se ao casal que respondesse às questões, individualmente, e que não se comunicassem durante a aplicação. Ao final do preenchimento dos instrumentos, a pesquisadora checkou se todas as respostas foram preenchidas, e na sequência, guardou o material lacrando-o na frente dos participantes.

Ao término da visita, colocou-se novamente à disposição, a fim de prestar demais informações sobre o estudo, caso se fizesse necessário; e em seguida, se despediu agradecendo pela participação.

### 6.3.6.3 Procedimentos para análise de dados

#### **Etapa 1: Pesquisa Quantitativa**

Os dados obtidos através do QSD, QRA, DAS, GRIMS e QEP foram submetidos a análises estatísticas através do software *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)* - versão 23.0. A análise dos dados quantitativos realizou-se a partir de: estatística descritiva, que tem por finalidade caracterizar uma única variável através de informações e valores de suas modalidades, com a exposição, por exemplo, da distribuição de frequências, médias e desvio-padrão, conforme a natureza de seus dados; e estatística inferencial, a qual visa examinar o grau de relação entre variáveis envolvidas no estudo (Sampieri et al., 2013). Visando atender aos objetivos da pesquisa utilizou-se a estatística descritiva para caracterização da amostra das relações de apego e da qualidade do relacionamento conjugal, assim como para identificação do envolvimento parental. A fim de identificar a relação entre o apego dos membros do casal na infância, qualidade do relacionamento conjugal atual e envolvimento parental utilizou-se do procedimento estatístico Correlação de Pearson. Para comparação das relações de apego, satisfação conjugal e envolvimento parental entre diferentes grupos (homens X mulheres; jornada de trabalho, renda, dentre outras variáveis sociodemográficas) utilizou-se teste-t e ANOVA.

A distribuição dos dados foi verificada pelo teste da normalidade, por meio das dimensões da curtose, assimetria, do histograma e do teste de normalidade Kolgomorov-Smirnof. A seguir, são apontados os objetivos específicos e as respectivas análises de dados que foram realizadas (Tabela 3).

Tabela 3

*Descrição dos objetivos, participantes, instrumento e tipos de análise que foram realizadas durante a Etapa 1*

	<b>Objetivos</b>	<b>Amostra</b>	<b>Instrumento</b>	<b>Análise</b>
<b>ETAPA 1- QUANTITATIVA</b>	a) Caracterizar as relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infância	102 mulheres e 102 homens	QRA	Análise descritiva (frequências, médias e desvios-padrão);  Teste-t;
	b) Caracterizar a qualidade do relacionamento conjugal	102 mulheres e 102 homens	DAS GRIMS	Análise descritiva (frequências, médias e desvios-padrão);  Teste-t;
	c) Identificar o envolvimento parental de mães e pais de crianças entre zero e seis anos;	102 mulheres e 102 homens	QEP	Análise descritiva (frequências, médias e desvios-padrão);  Teste-t;
	d) Relacionar o apego dos membros do casal na infância com a qualidade do relacionamento conjugal atual	102 mulheres e 102 homens	- QRA - DAS - GRIMS	Análise de correlação de Pearson.
	e) Relacionar o apego dos membros do casal na infância com o envolvimento parental	102 mulheres e 102 homens	- QRA - QEP	Análise de correlação de Pearson.

## 6.4 ETAPA 2 - Qualitativa

### 6.4.1 PARTICIPANTES

#### 6.4.1.1 Participantes da Etapa 2

Para a Etapa 2, realizou-se uma entrevista semiestruturada com cinco casais, dentre aqueles que aceitarem participar da primeira etapa. Portanto, foram entrevistados conjuntamente cinco mães e cinco pais, com base nos critérios de saturação dos dados, indicado por (Guest, Bunce & Johnson, 2006). A escolha dos participantes ocorreu pelo critério de

conveniência, respeitando-se os primeiros casais que aceitaram o convite desta segunda etapa de coleta de dados.

## 6.4.2 INSTRUMENTOS

### 6.4.2.1 Instrumentos da Etapa 2

Para a Etapa 2, utilizou-se a técnica do Genograma (Anexo F) e, posteriormente, a técnica de entrevista semiestruturada (Apêndice A), conforme são explicitadas, a seguir.

#### - Genograma

O Genograma ou também denominado Genetograma, trata-se de uma técnica gráfica que visa a representação por meio do desenho ou mapa da família. Segundo Wendt e Crepaldi (2008) caracteriza-se por um instrumento amplamente adotado na Terapia Familiar, na formação de terapeutas familiares, na atenção primária à saúde e, ainda, em pesquisas sobre a família. Os objetivos que norteiam sua aplicação variam conforme o contexto em que são utilizados, podendo se investigar a composição familiar, os padrões relacionais entre os membros, a identificação da família extensa.

A finalidade do uso da técnica, neste trabalho, pauta-se sobre a melhor caracterização dos casais participantes, possibilitando ao leitor maior clareza e identificação dos padrões relacionais entre as gerações, especialmente focados nos participantes. Ressalta-se também, que para a construção do instrumento recorreu-se ao software *GenoPro*, disponível na internet com acesso livre, permitindo a inclusão de diversos detalhes e símbolos para a melhor visualização dos dados.

#### - Entrevista Semiestruturada (Apêndice A)

A Entrevista Semiestruturada é uma técnica que possibilita o livre discurso dentro de temas sugeridos entre o entrevistado e o entrevistador. A estrutura desse tipo de entrevista possibilita uma formulação flexível, de modo que a sequência e minuciosidade atribuem-se ao discurso dos sujeitos e da dinâmica que se estabelece naturalmente (Biasoli-Alves, 1998).

Minayo (2010) complementa que os questionamentos realizados auxiliam na imersão dos sentimentos, intenções, atitudes, motivos e valores dos participantes.

O emprego dessa técnica, na segunda etapa da pesquisa, justifica-se ao que Bowlby (1973/2004) salienta acerca da narração de histórias sobre as relações de apego de uma pessoa, o que se constitui um indicador confiável e de coerência quanto ao desenvolvimento de sua organização representacional, ou seja, de seu modelo de funcionamento interno.

Para tanto, a entrevista semiestruturada foi realizada em conjunto com o casal e abrangeu questões que visaram a complementar e aprofundar as relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infância e suas repercussões sobre a vida conjugal e parental dos participantes, a partir dos resultados obtidos na Etapa 1 (Apêndice A).

#### 6.4.3 PROCEDIMENTOS

A coleta de dados da Etapa 2 foi realizada, conforme as fases delimitadas na Tabela 4; as quais serão explicadas detalhadamente, a seguir.

Tabela 4

*Fases dos procedimentos de coleta de dados da pesquisa – Etapa 2*

FASES	PROCEDIMENTOS
	<b>ETAPA 2: QUALITATIVA</b>
6	Preparação da Entrevista semiestruturada, com base nos resultados obtidos na Etapa Quantitativa.
7	Treinamento da aplicação da Entrevista semiestruturada.
8	Escolha de cinco casais para participar da Etapa 2. Contato telefônico com as famílias para convidá-las a participar da segunda etapa da pesquisa e agendamento de nova visita domiciliar.
9	Visita domiciliar 2: explicação sobre a necessidade de gravar o encontro; leitura e assinatura do TCLE e realização da Entrevista semiestruturada com o casal.

##### 6.4.3.1 Procedimentos para a seleção dos participantes

#### **Etapa 2: Pesquisa Qualitativa**

Foram selecionados cinco casais que participaram da primeira etapa para a aplicação da Entrevista Semiestruturada. O critério de seleção neste segundo momento ocorreu pelo modo de conveniência, a fim de facilitar o engajamento com a entrevista. Após esses procedimentos

e de posse do aceite em integrar essa etapa da pesquisa, agendou-se a visita domiciliar com os casais, a qual foi realizada somente com a pesquisadora principal e o casal participante.

#### 6.4.3.2 Procedimentos para a coleta de dados propriamente dita

### **Etapa 2: Pesquisa Qualitativa**

O segundo encontro da visita domiciliar foi agendado previamente com o casal, conforme o local e horário em que os membros estivessem disponíveis para receber a pesquisadora. Na visita, realizou-se um *rapport* lembrando a primeira fase da pesquisa. Posteriormente, realizou-se a leitura em voz alta de um novo TCLE, no qual solicitou-se a permissão para a gravação do encontro. Após a assinatura do termo, iniciou-se a gravação para a entrevista, em conjunto com o casal, para posterior transcrição dos dados. Ao final, foi realizado um fechamento do encontro, retomando-se os principais temas abordados. Em seguida, esclareceram-se as dúvidas pendentes e foram feitos os agradecimentos e a despedida. As entrevistas tiveram em média, 1 hora e meia de duração, tendo apresentado questões norteadoras com base nos resultados oriundos da primeira etapa de coleta (Apêndice A), conforme a abordagem mista do modelo DEXPLIS (ver figura 3, página 66).

#### 6.4.3.3 Procedimentos para análise de dados

### **Etapa 2: Pesquisa Qualitativa**

A técnica de entrevista semiestruturada seguiu a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), a qual se refere a um conjunto de técnicas de análise das comunicações com a finalidade de se obterem, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. A análise de conteúdo contempla o aspecto individual, assim como os atos de linguagens de quem fala e suas significações. Dentre os tipos de análise desenvolvidos por Bardin (2011), delineou-se, para a Etapa 2, a análise categorial temática, a qual busca depreender os núcleos de sentido que compõem o discurso cuja presença ou frequência tragam algum significado para o objetivo

analítico visado. Assim, essa técnica funciona em etapas por operações de desmembramento do texto em unidades de registro e em categorias para a análise posterior, a qual é descrita, a seguir.

No processo de categorização do tipo *acervo* – escolhido para este estudo, o sistema de categorias não é fornecido *a priori* e resulta da classificação analógica e progressiva dos elementos. Portanto, durante a fase de codificação, foram definidas as *unidades de registro* (temas), as quais, eventualmente foram inseridas em *unidades de contexto* que integram os elementos de análise. Ao final desses procedimentos, estruturaram-se as classificações dos elementos de análise, cujo agrupamento resultou na criação de subcategorias e categorias. Conforme os preceitos de Bardin (2011) quanto aos critérios das categorias temáticas, consideraram-se a exclusão mútua; a homogeneidade; a pertinência; a objetividade e a fidelidade; e a produtividade. Para isso, foi utilizado como recurso o software *Atlas.ti 8.4.3* para auxiliar na organização categórica, o qual se constitui como uma ferramenta adequada quando a categorização ocorre via processo de acervo (Bolze, 2016).

O *Atlas.ti* é derivado dos programas CAQDAS (*Computer-Aided Qualitative Data Analysis Software*) e se caracteriza como uma ferramenta para o processo de análise qualitativa de dados. A finalidade do software é o método de análise de dados e não o processo inteiro de pesquisa. O software é recomendado para diferentes escolhas metodológicas, as quais podem contemplar abordagens indutiva, dedutiva ou mistas, bem como análise qualitativa ou quantitativa, independente do embasamento epistemológico da pesquisa (Frieze, 2014).

No que tange ao método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011), este pode abranger tanto abordagens quantitativas (contagem de frequências) quanto qualitativas (inferência). Em vista disso, optou-se apenas pela abordagem qualitativa dos dados para a Etapa 2, já que os objetivos respectivos preveem a caracterização dos fenômenos de apego do casal e da qualidade do relacionamento conjugal, como também a identificação do envolvimento parental e não as frequências de ocorrência dos mesmos. Posto isso, a análise se caracterizou, principalmente, pela inferência, a qual se refere a um procedimento flexível, intuitivo e adaptável a índices não previstos.

Após o término do processo de categorização, os resultados passaram pela avaliação de juízes, *experts* na área. Desse modo, realizou-se um cálculo da porcentagem de acordos entre dois juízes, baseado na fórmula de Fagundes (1999), derivada do método observacional, a qual é indicada para avaliação de fidedignidade. O cálculo resulta do número de acordos totais, dividindo-se pelo número total de acordos somado ao número total de desacordos, cujo resultado é multiplicado por 100 para resultar em uma porcentagem (Figura 4).

$$C = \frac{\sum \text{Acordos}}{\sum \text{Acordos} + \sum \text{Desacordos}} \times 100\%$$

*Figura 4: Fórmula do cálculo de concordância com juízes (Fagundes, 1999)*

## 6.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Pesquisas com Seres Humanos da UFSC, conforme vigora a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e a Resolução (CNS) nº 510 de 07 de abril de 2016, obtendo aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH – UFSC) sob certificado pelo número 2.657.313

Em conformidade com o Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia de 08/2005, o qual dispõe sobre a realização de pesquisas em Psicologia com seres humanos e destaca a importância da observação desses mesmos aspectos, encontram-se ancorados os princípios éticos desta tese ao promover o bem-estar, a proteção dos direitos e a dignidade dos participantes.

Em vista disto, os procedimentos éticos foram adotados e os participantes informados, antes do início da coleta de dados em qualquer uma das etapas, no momento da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice B), sobre a garantia de anonimato, a participação voluntária e a possibilidade de optarem pela desistência, em qualquer fase da pesquisa. Foram assinadas duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo que uma delas, contendo estas informações e os dados para contato com os pesquisadores, ficou de posse do participante para garantir a liberdade de participação.

Os TCLEs assinados pelos participantes foram lacrados em envelopes na frente dos mesmos e arquivados em uma caixa. Os instrumentos respondidos pelos pais e mães foram armazenados em envelopes numerados com código de cada família, digitados e guardados em uma segunda caixa. Todos os documentos derivados da coleta foram arquivados no Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade da UFSC, junto ao acervo do Projeto Maior: Funcionamento familiar, coparentalidade, envolvimento parental e o comportamento de pré-escolares.

Ressalta-se, ainda, sobre a ocorrência de riscos ou desconfortos aos participantes, durante a coleta de dados, tais como a mobilização emocional decorrente da aplicação dos

instrumentos e da entrevista. Assim, caso os participantes se sentissem desconfortáveis e mobilizados emocionalmente durante a realização do estudo, além de terem o direito de desistir da participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo, a pesquisadora poderia encaminhá-los para atendimento psicológico em clínicas sociais de atendimento psicológico da região. Todavia, isto não ocorreu em nenhuma etapa do estudo.

Após o término da pesquisa, os participantes serão informados sobre onde poderão encontrar a Tese, caso queiram conhecer seus resultados. Além disso, pretende-se elaborar um material informativo – em formato de cartilha ou fôlder– com os temas centrais abordados no estudo, a fim de promover a qualidade conjugal e parental, bem como para a formulação de estratégias preventivas no que se refere aos conflitos inerentes à conjugalidade e à parentalidade.

## 7. RESULTADOS

O estudo está apresentado em duas etapas: na primeira, serão exibidos os *Resultados da Etapa 1* (dados quantitativos) e na segunda, os *Resultados da Etapa 2* (dados qualitativos). Por fim, será feita uma discussão integrada, a partir dos resultados da Etapa 1 e da Etapa 2, com vistas à interpretação dos dados e amplificação da compreensão do fenômeno.

### 7.1 RESULTADOS DA ETAPA 1

#### 7.1.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes

Participaram do estudo, 204 pessoas que compuseram 102 casais heteroafetivos. A maioria era proveniente do Estado de Santa Catarina (88.3%), cujos municípios de Florianópolis (32.4%) e Balneário Camboriú (29.4%) integraram a maior concentração de participantes (Tabela 5). O tipo de composição familiar predominante foi a família nuclear composta por pais biológicos de todos os filhos (88.2%). A média de idade das mulheres<sup>3</sup> foi 35 anos (DP = 5.56) e a dos homens foi 38 anos (DP = 7.15), sendo as mulheres significativamente mais jovens que os homens ( $t = -3.376$ ;  $gl = 202$ ;  $p < 0.01$ ). A faixa etária da criança focal predominante foi de 0 a 3 anos (66%), cujo estágio do ciclo vital familiar corresponde ao de “Famílias com filhos pequenos” (Carter & McGoldrick, 2001). O tempo médio de união conjugal foi de 7 anos (DP = 3.90). Em média, os casais tinham apenas um filho ( $M = 1.41$ ;  $DP = 0.56$ ), com a média de 3 pessoas habitando na mesma residência ( $M = 3.63$ ;  $DP = 1$ ). A média da escolaridade feminina foi de 15 anos (DP = 2.81) e a masculina de 14 anos (DP = 2.95), sendo esta diferença significativa ( $t = 2.283$ ;  $gl = 202$ ;  $p < 0.05$ ).

Quanto à religião ou crença espiritual, a maioria das mulheres (91.2%) e homens (90.2%) relatou ter religião, de modo que a religião cristã, entre católicos e evangélicos, fosse prevalente na amostra para ambos os sexos (83.4%). No que se refere à prática da religião/crença espiritual, as mulheres (63.7%) relataram maior envolvimento que os homens (54.9%) (Tabela 5).

---

<sup>3</sup> A nomenclatura conferida aos participantes irá variar ao decorrer da tese, de acordo com o fenômeno destacado. Por exemplo, ao referir-se sobre os participantes de modo geral, bem como sobre as dimensões da conjugalidade, se utilizará “homens e mulheres”, enquanto que nas dimensões da parentalidade, serão mencionados “pai e mãe”.

Tabela 5:  
Caracterização Sociodemográfica dos Participantes da Etapa 1

Variáveis sociodemográficas	n	(%)	M (DP)
Local de residência			
<i>Santa Catarina</i>			
Florianópolis	33	32.4%	-
Balneário Camboriú	30	29.4%	-
Itajaí	9	8.8%	-
São José	5	4.9%	-
Palhoça	4	3.9%	-
Piçarras	3	2.9%	-
Itapema	2	2%	-
Navegantes	1	1%	-
Brusque	1	1%	-
Blumenau	1	1%	-
Penha	1	1%	-
<i>Paraná</i>			
Ponta Grossa	10	9.8%	-
<i>Rio Grande do Sul</i>			
Porto Alegre	2	2%	-
Total	102	100%	-
Composição familiar			
Família nuclear com pais biológicos	90	88.2%	-
Família recasada com pais biológicos	9	8.8%	-
Família recasada com madrasta	2	2%	-
Família recasada com padrasto	1	1%	-
Total	102	100%	-
Idade			
Idade da mãe	102		34.7 (5.56)
Idade do pai	102		37.7 (7.15)
Faixa etária criança focal			
Criança focal 0-3	67	65.77%	-
Criança focal 4-6	35	34.43%	-
Total	102	100%	-
Escolaridade em anos			
Escolaridade das mulheres	102		15.42 (2.81)
Escolaridade dos homens	102		14.50 (2.95)
Religião/Crença espiritual			
As mulheres têm religião	93	91.2%	-
As mulheres não têm religião	9	8.8%	-
Total	102	100%	-
Os homens têm religião	92	90.2%	-
Os homens não têm religião	9	8.8%	-
<i>Missing</i>	1	1%	-
Total	102	100%	-
As mulheres são praticantes	65	63.7%	-
As mulheres não são praticantes	37	36.3%	-
Total	102	100%	-

<b>Variáveis sociodemográficas</b>	<b>n</b>	<b>(%)</b>	<b>M (DP)</b>
Os homens são praticantes	56	54.9%	-
Os homens não são praticantes	46	45.1%	-
Total	102	100%	-
Religião/Crença espiritual das mulheres			
	52	51%	
Católica			
Evangélica	33	32.4%	-
Espírita	6	5.9%	-
Outras	3	3%	-
Não tem	8	7.8%	-
Total	102	100%	-
Religião/Crença espiritual dos homens			
	51	50%	-
Católica			
Evangélica	34	33.4%	-
Espírita	8	7.8%	-
Outras	1	1%	-
Não tem	7	6.9%	-
Missing	1	1%	-
Total	102	100%	
Tempo de união	102		7.16 (3.90)
Número de filhos	102		1.41 (0.56)
Número de pessoas na casa	102		3.63 (1.00)

Em relação à carga horária de trabalho (Tabela 6), a maior parte das mulheres (44.1%) e dos homens (80.4%), relatou exercer atividades laborais de 40 horas ou mais. Nesse mesmo percentual, observa-se que os homens trabalham 36.3% a mais horas semanais, do que as mulheres. A categoria “Não se aplica”, referem-se aos participantes sem atividade laboral no momento, ou do lar.

Tabela 6

*Porcentagens de Jornada de Trabalho dos Participantes*

<b>Jornada de trabalho</b>	<b>Mulheres</b>		<b>Homens</b>	
	<i>f</i>	(%)	<i>f</i>	(%)
Até 20h semanais	9	8.9%	1	1%
Até 30h semanais	23	21.6%	10	9.8%
Até 40h semanais	30	29.4%	49	48.1%
Acima de 40 h semanais	15	14.7%	33	32.3%
12x36h semanais	-	-	1	1%
24x48 semanais	-	-	1	1%
Não se aplica	25	24.5%	7	6.9%
<b>Total</b>	102	100%	102	100%

A renda familiar mensal predominante foi a de cinco a dez salários por mês, compondo uma amostra de 40.2% (Tabela 7). Conforme as classes sociais por faixas de salário-mínimo IBGE (2018), a maior parte dos casais pesquisados corresponde à classe C ou classe média-intermediária, a qual representa rendas salariais mensais no valor de R\$ 3.748,01 a R\$ 9.370,00.

Tabela 7  
Porcentagens da Renda Familiar Mensal dos Participantes

Faixa Salarial	Renda Familiar Mensal	
	n	(%)
De dois a cinco salários	32	31.4%
De cinco a dez salários	41	40.2%
Mais de dez salários	21	20.6%
Mais de vinte salários	5	4.9%
Mais de trinta salários	2	2%
Não sabe	1	1%
<b>Total</b>	<b>102</b>	<b>100%</b>

### 7.1.2 Descrição sobre as relações de apego do casal

Foram selecionadas as dimensões “Cuidados parentais”, “Vulnerabilidade na infância” e “Escore de Apego” do Questionário Retrospectivo de Apego (QRA), para caracterizar as relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infância. Calcularam-se as médias, desvio-padrão e comparação de médias para amostras independentes – *Teste-t*, de homens e mulheres participantes por cada item da dimensão, bem como os escores gerais das dimensões investigadas.

Na Tabela 8, apresentam-se os itens da dimensão *Cuidados Parentais*, os quais reportam-se ao modo de como os participantes percebiam os seus pais, quando eram crianças. A média mais alta se evidencia no item “Separação”, onde as mulheres apresentaram maior média em relação aos homens (M mulher= 3.83; DP = 1.93 e M homem= 3.25; DP = 1.66, respectivamente), com o exemplo de algumas questões: “Algum de seus pais ficava frequentemente ausente ou não disponível?” ou “Você ficou separado de algum dos seus pais por mais de um mês antes dos seis anos?”. Entretanto, a média mais baixa é respectiva ao item “Controle parental distante” (M mulher= 1.21; DP=1.46) e (M homem= 0.93; DP = 1.10), cujas questões são exemplificadas: “Algum de seus pais obtinha sua obediência ameaçando abandonar você ou expulsá-lo?” ou “Algum de seus pais era incapaz de demonstrar afeto, de abraçar ou fazer carinho em você?”. O teste-*t* indicou que, somente a subdimensão “Separação”

apresentou diferença significativa entre os participantes ( $p < 0.05$ ), de modo que as mulheres referiram ter maior ausência de seus pais quando crianças, em relação aos homens participantes da pesquisa.

Tabela 8

*Estatística Descritiva das Respostas de mulheres e homens referentes ao Questionário Retrospectivo de Apego (QRA) – dimensão de Cuidados Parentais (N=204)*

SUBDIMENSÕES	N	MÉDIA (DP)		TESTE-T
		Mulheres	Homens	
QRA				
Total	204	13.24 (5.54)	12.62 (5.78)	t(0.77) = 196; $p > 0.05$
Controle Parental Distante	203	1.21 (1.46)	0.93 (1.10)	t(1.519) = 185.67; $p > 0.05$
Superproteção Parental	203	1.64 (2.16)	1.98 (2.03)	t(-1.164) = 201; $p > 0.05$
Depressão	203	1.82 (1.43)	1.98 (2.03)	t(-634) = 180; $p > 0.05$
Separação	204	3.83 (1.93)	3.25 (1.66)	t(2.29) = 202; $p < 0.05^*$
Proximidade Incomum com os pais	202	2.43 (1.26)	2.19 (1.29)	t(1.32) = 200; $p > 0.05$
Rejeição/Violência parental	202	2.26 (2.69)	2.27 (1.31)	t(-0.18) = 200; $p > 0.05$

\* $p < 0.05$  \*\* $p < 0.01$

Na Figura 5, o escore geral apresentou que as mulheres obtiveram maior média (M mulher= 13.24; DP =5.54) em relação aos homens (M homem= 12.62; DP = 5.78), no entanto, esta diferença não foi estatisticamente significativa ( $p > 0.05$ ). Esses valores demonstram que os participantes, de forma geral, percebem os pais de forma positiva quando eram crianças, no que se refere aos cuidados, ao suporte e à disciplina.

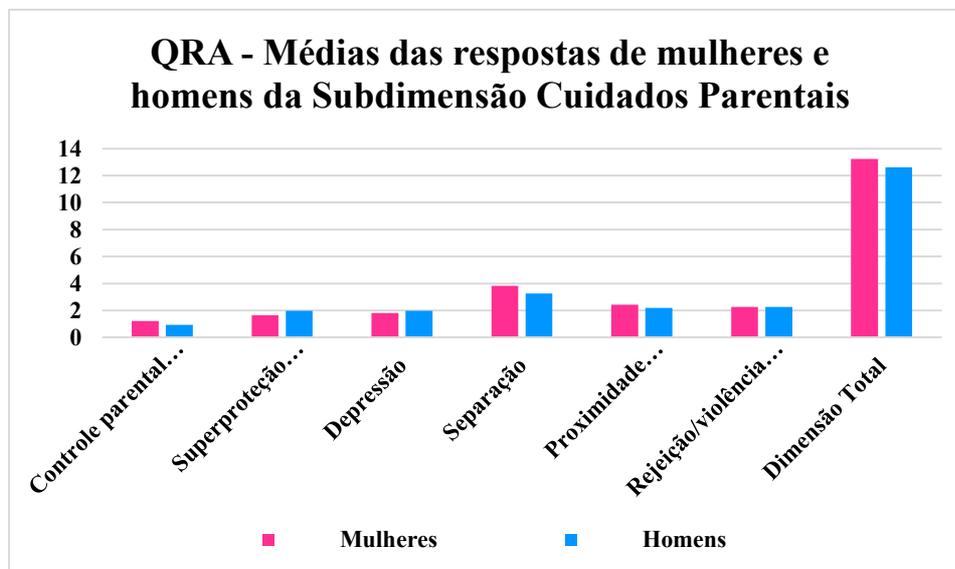


Figura 5. Gráfico da média dos escores da dimensão Cuidados Parentais do Questionário Retrospectivo de Apego (QRA), segundo as respostas de mulheres e homens.

Com relação à dimensão *Vulnerabilidade na Infância* (Tabela 9), a qual refere-se à percepção de si quando criança, o item com média mais alta foi “Timidez na infância” (M mulher= 2; DP = 1.86) e (M homem= 1.8; DP = 1.86). As questões referentes ao item contemplaram perguntas acerca de insegurança, timidez para conhecer pessoas e lugares e respostas diante de enfrentamento. Observa-se, também, que a média mais baixa é indicada pelo item “Infelicidade na infância” (M mulher= 0.25; DP = 0.53) e (M homem= 0.18; DP = 0.40). Tais resultados sugerem uma perspectiva mais positiva em relação à infância e de menor vulnerabilidade, o que pode ser verificado pela média do escore total da subdimensão analisada (vulnerabilidade na infância), cujos valores foram: (M mulher= 6.12; DP = 3.98) e (M homem= 5; DP = 3.77).

Tabela 9

Estadística Descritiva das respostas de mulheres e homens referentes ao Questionário Retrospectivo de Apego (QRA) – dimensão Vulnerabilidade da Infância (N=204)

SUBDIMENSÕES	N	MÉDIA (DP)		TESTE-T
		Mulheres	Homens	
QRA				
Total	204	6.12 (3.98)	5 (3.77)	t(2.04) = 200; p<0.05*
Timidez na infância	203	2 (1.86)	1.8 (1.86)	t(0.64) = 201; p>0.05
Agressividade/ Desconfiança na infância	204	1.52 (1.46)	1.31 (1.48)	t(1) = 202; p>0.05
Criança Preciosa	203	1.48 (1.24)	0.97 (1.10)	t(3.08) = 198.7; p<0.05*
Infelicidade na infância	204	0.25 (0.53)	0.18 (0.40)	t(1.03) = 188.9; p>0.05
Cuidados compulsivos na infância	203	0.89 (0.72)	0.75 (0.72)	t(1.34) = 201; p>0.05

\*p<0.05 \*\*p<0.01

Constatou-se que o escore total da dimensão de *Vulnerabilidade* obteve diferença significativa entre os participantes (p<0.05), sendo que as mulheres apresentaram maiores médias de vulnerabilidade em relação aos homens. Além disso, a subdimensão de *Criança Preciosa* também evidenciou diferença significativa entre os participantes (p<0.05), cujas mulheres relataram maior medo de separação das figuras parentais, delicadeza e fragilidade na infância que os homens (Figura 6).

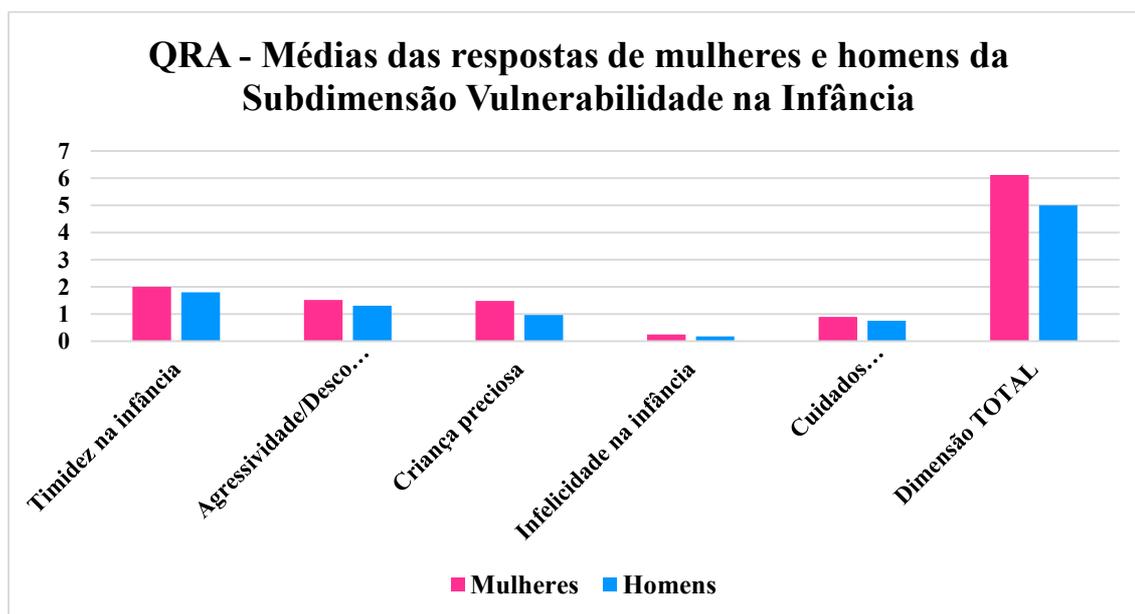


Figura 6. Gráfico da média dos escores da dimensão Vulnerabilidade na Infância do Questionário Retrospectivo de Apego (QRA), segundo as respostas de mulheres e homens.

A Figura 7 apresenta as médias de cada perfil de apego, além das porcentagens das relações de apego geral dos membros do casal. Evidenciou-se, portanto, a predominância dos tipos de apego intermediário e inseguro, conforme a classificação do instrumento QRA. A frequência geral entre homens e mulheres apontou (n=37) para apego seguro; (n=91) para apego intermediário e (n=76) para apego inseguro.

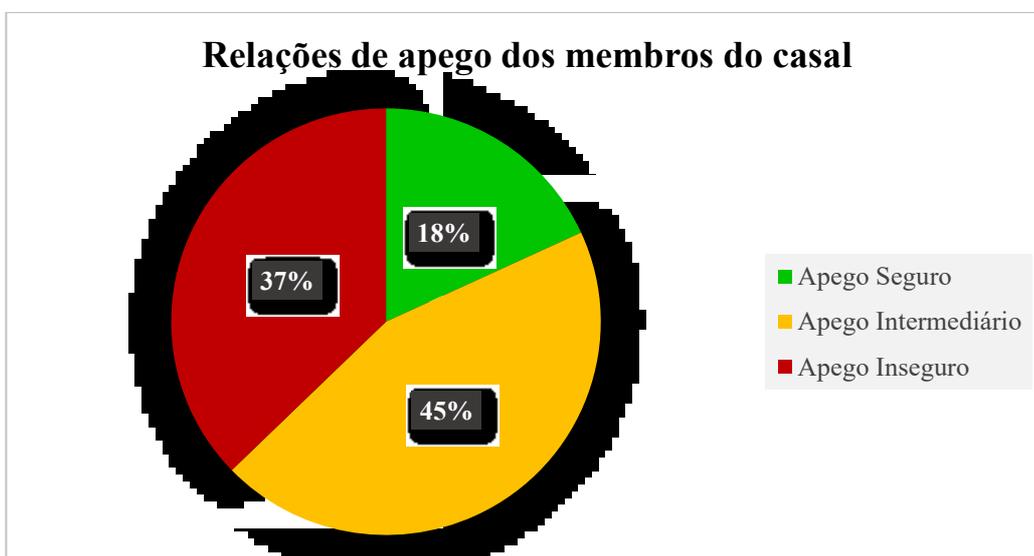


Figura 7. Gráfico das porcentagens das relações de apego dos membros do casal obtidos pelo Questionário Retrospectivo de Apego (QRA).

Na Tabela 10, a média geral do escore de apego foi maior entre as mulheres em relação aos homens (M mulher=19.38 e M homem=17.57, respectivamente). Esses valores indicam que a média de apego entre ambos os sexos, pode ser classificada como valores intermediários de apego, ou seja, estilos de apego com características que oscilam entre o apego seguro e inseguro. Por sua vez, o apego inseguro desorganizado apresentou diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres ( $p < 0.01$ ), de modo que a média do apego desorganizado para os homens tenha sido maior, cujos valores apontam (M homem= 7.4; DP = 3.78), enquanto para as mulheres, a média foi (M mulher= 5.3; DP = 3.42).

Tabela 10

*Estatística Descritiva das respostas de mulheres e homens referentes ao Questionário Retrospectivo de Apego (QRA) – Escore de Apego (N=204)*

SUBDIMENSÕES	N	MÉDIA (DP)		TESTE-T
		Mulheres	Homens	
Total	204	19.4 (8.05)	17.6 (8.01)	t(1.58) = 194; p>0.05
Apego Inseguro Ansioso	199	6.8 (3.57)	7 (4.48)	t(-0.31) = 187; p>0.05
Apego Inseguro Evitativo	204	1.9 (1.83)	1.8 (1.96)	t(0.48) = 202; p>0.05
Apego Inseguro Desorganizado	200	5.3 (3.42)	7.4 (3.78)	t(4.28) = 198; p<0.01**

\*p<0.05 \*\*p<0.01

Dentre aqueles que exibem apego inseguro, a média mais alta para as mulheres foi o tipo de apego inseguro ansioso (M mulher= 6.83), enquanto para os homens a média mais alta foi o tipo de apego inseguro desorganizado (M homem= 7.45). As médias mais baixas para ambos os sexos, foram as de apego inseguro evitativo (M mulher= 1.95 e M homem= 1.82, respectivamente) (Figura 8).

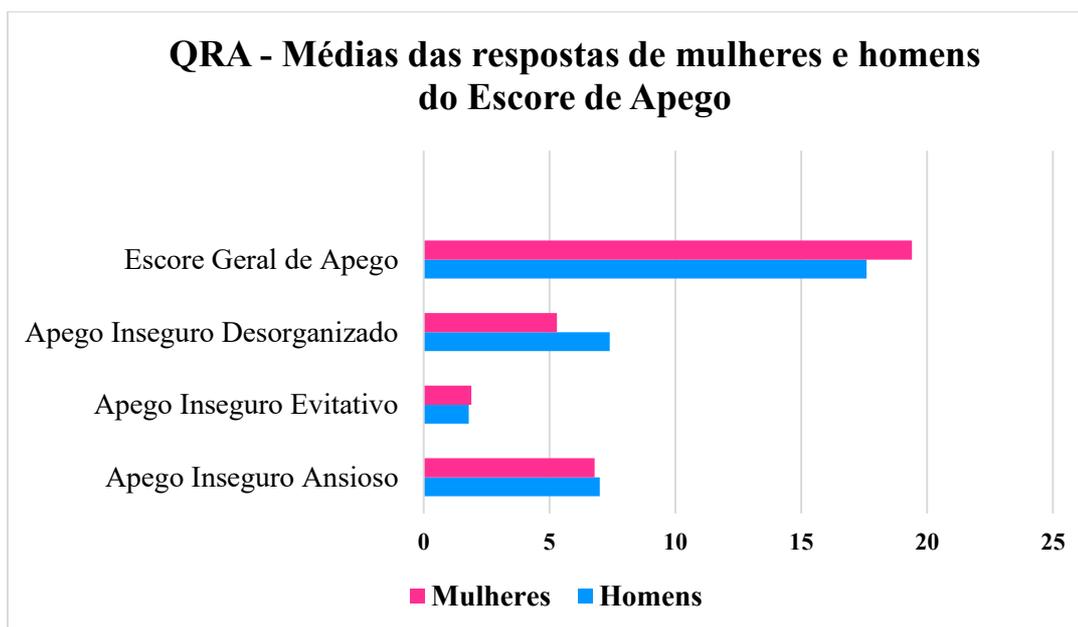


Figura 8. Gráfico das médias das respostas de mulheres e homens do Escore de Apego do Questionário Retrospectivo de Apego (QRA).

### 7.1.3 Descrição sobre a qualidade do relacionamento conjugal

Inicialmente, serão apresentadas as análises descritivas da Escala DAS (*Dyadic Adjustment Scale*) e, na sequência, os resultados da Escala GRIMS (*The Golombok Rust Inventory of Marital State*). A Tabela 11 apresenta as estatísticas descritivas e comparação de médias de amostras independentes, das quatro subescalas do instrumento: consenso diádico (amplitude dos escores variam de 0 a 65 pontos), satisfação diádica (amplitude dos escores variam de 0 a 50 pontos), coesão diádica (amplitude dos escores variam de 0 a 24 pontos) e expressão de afeto (amplitude dos escores variam de 0 a 12); escores mais elevados, em cada uma das subescalas, apontam níveis mais altos da variável investigada. O escore total das mulheres e dos homens participantes foi considerado ajustado, cujas médias foram maiores que 102 pontos (M mulher= 102.6; DP = 12.73) e (M homem = 102.7; DP = 12.17). Esses dados sugerem que os participantes avaliam positivamente sua qualidade do relacionamento conjugal em âmbito geral.

Tabela 11

*Estatística Descritiva das Respostas das mulheres e homens referentes à Escala de Ajustamento Diádico (DAS) (N=204)*

SUBDIMENSÕES	MÉDIA (DP)		TESTE-T	
	N	Mulheres		Homens
DAS	N	Mulheres	Homens	
Total	204	102.6 (12.73)	102.7 (12.17)	t(-0.08) = 200; p>0.05
Consenso Diádico	203	52 (8.24)	51.6 (8.23)	t(0.46) = 201; p>0.05
Satisfação Diádica	203	23.4 (3.05)	23.3 (2.9)	t(0.34) = 201; p>0.05
Coesão Diádica	204	15.63 (4.8)	16.24 (4.34)	t(0.95) = 202; p>0.05
Expressão Diádica de Afeto	204	11.6 (2.07)	11.7 (2.07)	t(0.27) = 202; p>0.05

\*p<0.05 \*\*p<0.01

A média mais alta, tanto das mulheres quanto dos homens, referiu-se à “Expressão de Afeto”, considerando que a pontuação máxima nessa subdimensão varia de 0 a 12, as médias das mulheres e dos homens foram bem próximas nesse item (M mulher = 11.6 e M homem= 11.7, cujo desvio-padrão para ambos foi de 2.07) (Figura 9). Esses resultados sugerem uma percepção positiva quanto à concordância ou discordância do casal em relação à frequência e a

demonstrações de carinho e relações sexuais. Já a média mais baixa correspondeu à subdimensão de satisfação diádica, a qual varia de 0 a 50 pontos, os participantes obtiveram como média: (M mulher= 23.4; DP = 3.05) e (M homem = 23.3; DP = 2.9). Ou seja, a maioria dos participantes evidenciou descontentamento quanto às percepções individuais das questões relativas ao relacionamento, como a frequência com que se deixa a casa para espalhar depois de um conflito; frequência em que costuma lamentar-se por ter se casado e assuntos pertinentes aos pensamentos e conversas sobre o divórcio, separação ou término do relacionamento.

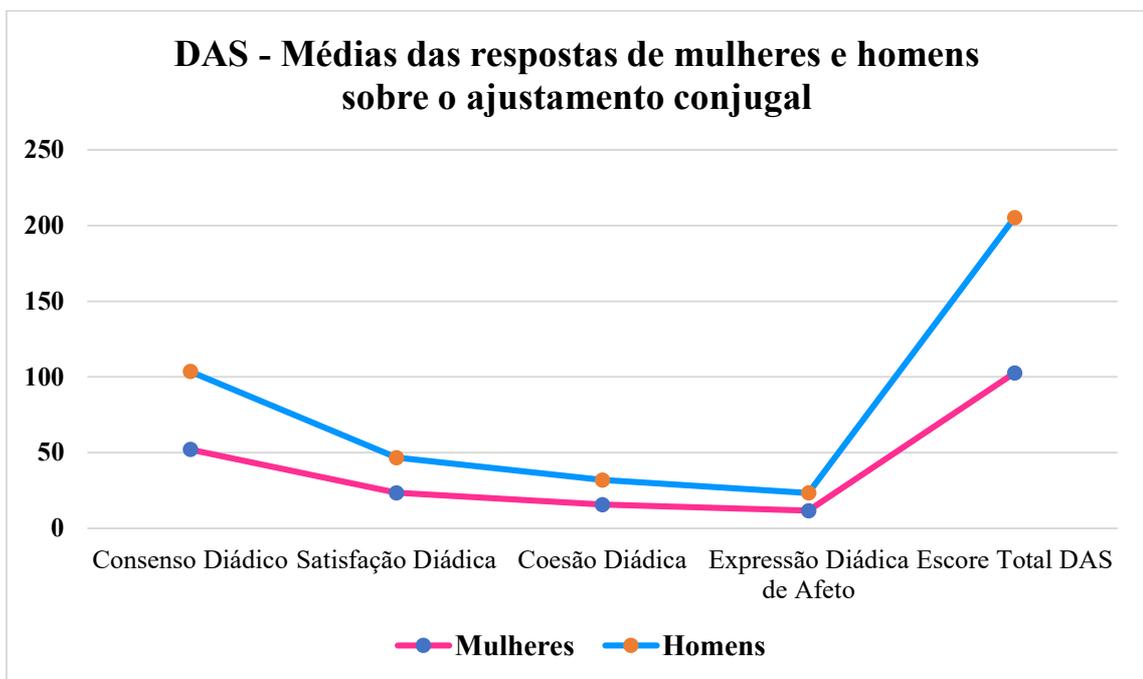


Figura 9. Gráfico das médias das respostas de mulheres e homens do Ajustamento Conjugal do *Dyadic Adjustment Scale* (DAS).

Os resultados obtidos pela Escala de Satisfação Conjugal – GRIMS (Tabela 12) demonstraram que a média geral das respostas das mulheres foi mais alta que a dos homens (M mulher= 27.9) e (M homem= 25.3), sendo que esta diferença não foi estatisticamente significativa ( $p > 0.05$ ). Conforme a classificação proposta pelo instrumento, o resultado dos homens foi classificado como “Bom” e a das mulheres como “Acima da média”. Contudo, na pontuação da Escala, quanto maiores forem os escores obtidos, mais severos são os problemas conjugais e quanto menor for a pontuação, indica-se uma melhor satisfação conjugal. Ou seja, os homens evidenciaram maior satisfação amorosa que as mulheres. De toda forma, pode-se dizer, no geral, que os participantes apresentam uma resposta positiva e regular sobre seu relacionamento conjugal.

Tabela 12

*Estatística Descritiva das Respostas das mulheres e homens referentes à Escala GRIMS (N=204)*

GRIMS	MÉDIA (DP)		TESTE-T
	N	Mulheres	
Total	204	27.9 (10.2)	25.3 (10.34) t(1.73) = 187; p>0.05
Missing	15		

\*p&lt;0.05 \*\*p&lt;0.01

### 7.1.4 Descrição sobre o Envolvimento Parental

A fim de identificar o envolvimento materno e paterno dos participantes com seus filhos, foi aplicado o Questionário de Envolvimento Parental (QEP) com 26 itens. Para tanto, somente as dimensões de “Suporte Emocional” e “Cuidados Básicos”, foram investigadas. A Tabela 13 apresenta as estatísticas descritivas e a comparação de médias de amostras independentes, das dimensões citadas. Os resultados indicam que a média geral de envolvimento parental foi maior para as mães em relação aos pais (M mãe = 5.13; DP = 0.47 e M pai = 4.37; DP = 0.8), cuja diferença foi estatisticamente significativa (p<0.01), considerando que o instrumento apresenta uma escala ordinal de 1 a 6 pontos, cujos escores correspondem à frequência com que os respondentes realizam determinadas tarefas com seus filhos; sendo 1 *nunca* e 6 *todos os dias* ou *sempre*.

Tabela 13

*Estatística Descritiva das Respostas das Mães e dos Pais referentes ao Questionário de Envolvimento Parental – Dimensões de Cuidados Básicos e Suporte Emocional (N=204)*

DIMENSÕES	MÉDIA (DP)		TESTE-T
	N	Mãe	
Total	204	5.13 (0.47)	4.37 (0.8) t(8.21) = 148; p<0.01**
Cuidados Básicos Diretos	204	5.5 (0.6)	4.5 (1.1) t(8.22) = 153.32; p<0.01**
Cuidados Básicos Indiretos	204	4.4 (0.83)	3.35 (1) t(8.48) = 182.5; p<0.01**
Suporte Emocional	202	5.61 (0.5)	5.3 (1) t(3.09) = 148; p<0.05*

\*p&lt;0.05 \*\*p&lt;0.01

Observa-se que a dimensão “Suporte Emocional” obteve a média mais alta entre os

participantes (M mãe = 5.61) e (M pai = 5.3), indicando uma diferença significativa ( $p < 0.05$ ), a qual sugere que as mães se envolvem, de modo sobressalente, no cuidado do filho quando está doente ou o tranquiliza quando sente medo, além de consolar, elogiar e dizer que o ama, como também de garantir a sua segurança. Na Figura 10, verificaram-se diferenças significativas em todas as dimensões analisadas do instrumento, bem como no escore total, cujos resultados indicaram que a mãe é significativamente mais envolvida, em comparação com o pai.

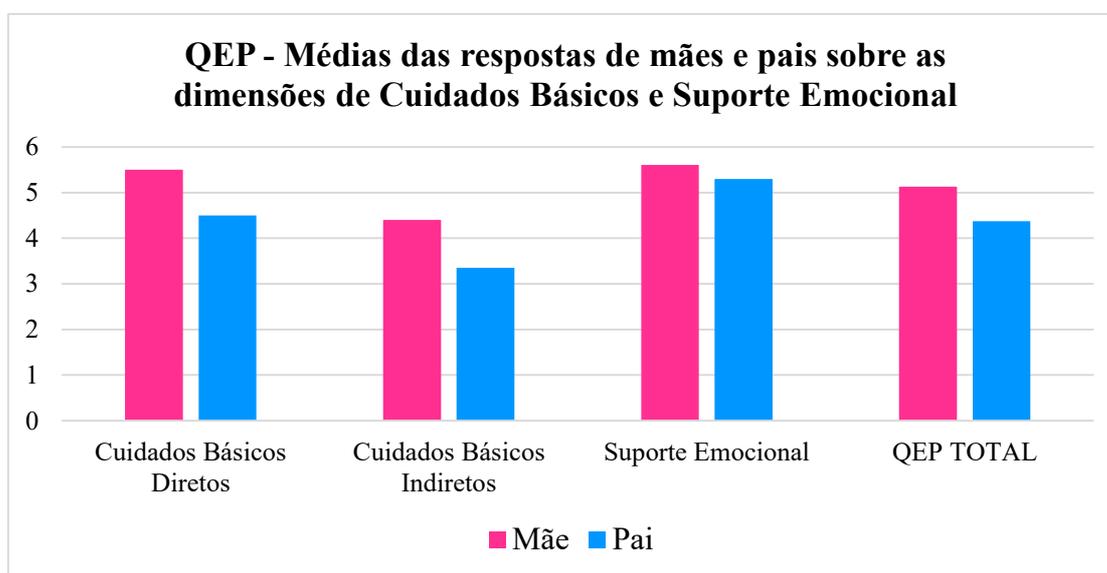


Figura 10. Gráfico das médias das respostas de mães e pais sobre as dimensões de Cuidados Básicos e Suporte Emocional do Questionário de Envolvimento Parental (QEP).

### 7.1.5 Correlações entre as variáveis dos instrumentos quantitativos

Para atender aos objetivos da pesquisa, foram realizadas análise de correlação de Pearson para investigar as relações entre idade, tempo de união do casal, anos de escolaridade, qualidade do relacionamento conjugal, relações de apego e o envolvimento parental. Para tanto, serão apresentados os seguintes arranjos de correlações: Correlação com as variáveis sociodemográficas; Correlação geral das variáveis de modo conjunto entre os participantes; e Correlação separada entre os participantes (correlações só das mulheres e posteriormente, só dos homens). Para maior detalhamento dos dados, também se realizou o arranjo de “Correlação dois a dois”, ou seja, a comparação entre correlações das variáveis entre mulheres e homens, a qual está contida no Apêndice E. Salienta-se que somente as correlações que apresentaram significância estatística foram consideradas neste estudo.

Para a análise adotou-se a significância estatística de 5% indicada por um asterisco

( $p < 0.05$ ) e por dois asteriscos ( $p < 0.01$ ), cujo coeficiente de correlação varia entre -1 e 1, o que significa que quanto mais próximo de 1, mais forte será o relacionamento entre as variáveis e que quanto mais próximo de zero, mais fraca será a correlação. Variáveis com um efeito de magnitude média variam entre 0,3 e 0,5 (Fields, 2009).

### *Correlação com as variáveis sociodemográficas*

A idade do casal não apresentou correlações estatisticamente significativas com nenhuma dimensão dos instrumentos de apego (QRA), ou com a qualidade do relacionamento conjugal (DAS e GRIMS). Contudo, apresentou correlação negativa fraca com os cuidados básicos diretos no envolvimento parental; ou seja, para essa amostra, em específico, quanto maior a idade dos participantes, menores são os cuidados diretos realizados com o(s) filho(s) (Tabela 14).

O tempo de união conjugal apresentou correlações negativas, de magnitude fraca, com as relações de apego. Quanto menos tempo de união conjugal do casal, maior os níveis de apego inseguro do tipo ansioso e evitativo; superproteção; depressão; cuidados parentais; agressividade; e infelicidade na infância.

Os anos de escolaridade do casal estão negativamente correlacionados com as diferentes subdimensões do apego, tais como: controle parental, cuidados parentais e infelicidade na infância, que quando presentes, indicam menores escores de escolaridade. Da mesma forma, quanto maiores escores de apego inseguro ansioso e apego geral, o casal demonstra anos de escolaridade menores. No que se refere à qualidade do relacionamento conjugal, verifica-se que quanto menos anos de escolaridade, maior os níveis de coesão diádica entre os casais. Já na relação com o envolvimento parental, observa-se uma correlação positiva, de magnitude fraca, sendo que quanto mais anos de escolaridade, maior o suporte emocional com os filhos.

Tabela 14

*Correlações de Pearson entre as variáveis do QRA, DAS, GRIMS e QEP e os dados sociodemográficos*

<b>Dados Sociodemográficos</b>			
	Idade do casal	Tempo de união	Anos de Escolaridade
<b>QRA</b>			
Controle Parental	-	-	- 0,21*
Superproteção	-	- 0,20**	-
Depressão	-	- 0,16*	-
Geral Cuidados Parentais	-	- 0,18**	- 0,15*
Agressividade	-	- 0,15*	-
Infelicidade	-	- 0,14*	- 0,25**
Geral Vulnerabilidade	-	-	-
Apego Inseguro Ansioso	-	- 0,20**	- 0,20*
Apego Inseguro Evitativo	-	- 0,14*	-
Apego Inseguro Desorganizado	-	-	-
Apego Geral	-	-	- 0,18*
<b>DAS</b>			
Coesão Diádica	-	-	- 0,19**
Expressão de Afeto Diádica	-	-	-
DAS Total	-	-	-
<b>GRIMS</b>			
<b>QEP</b>			
CB Indiretos	-	-	-
CB Diretos	- 0,18**	-	-
Suporte Emocional	-	-	0,15*
QEP Total	-	-	-

\*p&lt;0.05 \*\*p&lt;0.01

A Tabela 15, a seguir, apresenta as demais variáveis sociodemográficas de jornada de trabalho e renda; as quais foram submetidas às análises de ANOVA unidirecional, a fim de verificar as diferenças nas médias das relações de apego, satisfação conjugal, e envolvimento parental, nos diferentes grupos.

Os resultados apontam para diferenças estatisticamente significativas, entre os grupos de “jornadas de trabalho” nas médias de satisfação conjugal, relações de apego, e envolvimento parental. No teste post-hoc Bonferroni, não foi detectada diferença entre pares específicos, no entanto, indica diferenças na média do apego inseguro desorganizado entre homens e mulheres com jornada de trabalho de até 20h em relação aos que possuem jornada de até 30, até 40 e

mais de 40 horas. Sendo que, os que tinham jornada de até 20 horas apresentam menores escores de apego inseguro desorganizado. No GRIMS, a diferença da média foi entre casais que trabalham até 20h em relação aqueles que trabalham mais de 40h, sendo que, aqueles com menor carga horária de trabalho apresentam maior satisfação conjugal.

Também foram encontradas diferenças nas médias entre os grupos com diferentes “rendas”, em relação à satisfação conjugal, relações de apego, e envolvimento parental. No entanto, os resultados não indicam diferenças estatisticamente significativas, na média da qualidade do relacionamento conjugal (GRIMS).

Ao realizar o teste post-hoc Bonferroni, foi detectado que homens e mulheres que ganham de 2 a 5 salários apresentam maior média de apego inseguro ansioso, do que aqueles que ganham "mais de 10 salários" e "mais de 20 salários". No envolvimento parental (QEP – Total), homens e mulheres que ganham mais de "30 salários" apresentam menor média do que aqueles que ganham "de 2 a 5 salários" ou "mais de 10 salários". Não foram encontradas diferenças em pares específicos para as subdimensões de cuidados básicos indiretos e QRA geral vulnerabilidade na infância.

Para as relações de apego, na dimensão de superproteção, verificou-se que homens e mulheres que ganham de "2 a 5 salários" apresentam maior média de superproteção, quando comparados com homens e mulheres que recebem "de 5 a 10 salários", "mais de 10 salários" e "mais de vinte salários". No escore de depressão, o grupo que recebe "2 a 5 salários" apresenta maior média do que aqueles que ganham "mais de 10 salários". Nos cuidados parentais (escore geral), a diferença estava entre aqueles que ganham de "2 a 5 salários", que obtiveram maiores cuidados parentais na infância, do que aqueles que ganham "mais de 10 salários". No apego inseguro evitativo, homens e mulheres que ganham de "2 a 5 salários" apresentam maior média, do que aqueles que ganham "mais de 10 salários". Já a média apego geral indicou que homens e mulheres que ganham de "2 a 5 salários" apresentam maior média geral de apego do que aqueles que ganham "mais de 10 salários" e "mais de 20 salários".

Tabela 15  
ANOVA de jornada de trabalho e renda pelas dimensões do QRA, DAS, GRIMS e QEP

<i>Dados Sociodemográficos</i>		<b>F</b>	<b>gl</b>	<b>p</b>
Jornada de Trabalho	QRA Criança Preciosa	2.900	4	<0,05*
	QRA Apego Inseguro Desorganizado	2.888	4	<0,05*
	DAS Coesão Diádica	3.664	4	<0,05*
	DAS Total	2.486	4	<0,05*
	GRIMS	2.616	4	<0,05*
	QEP CB Indiretos	2.476	4	<0,05*
Renda	QRA Superproteção	4.951	4	<0,05*
	QRA Depressão	2.822	4	<0,05*
	QRA Geral Cuidados Parentais	4.816	4	<0,01**
	QRA Geral Vulnerabilidade	3.109	4	<0,05*
	QRA Apego Inseguro Ansioso	6.376	4	<0,01**
	QRA Apego Inseguro Evitativo	2.524	4	<0,05*
	QRA Apego Geral	6.132	4	<0,01**
	QEP CB Indiretos	3.763	4	<0,01**
QEP Total	3.351	4	<0,01**	

\*p<0.05 \*\*p<0.01

### 7.1.6 Correlação sobre as relações de apego do casal (QRA)

#### *Correlação geral dos participantes*

Os resultados indicaram uma correlação estatisticamente significativa entre apego do casal, a qualidade do relacionamento conjugal e envolvimento parental (Tabela 16). As relações de apego do casal, estabelecidas na infância, apresentaram correlações positivas, estatisticamente significativas, mas de baixa magnitude com as variáveis: satisfação conjugal (DAS) e envolvimento parental, e correlações negativas com a satisfação conjugal mensurada pelo GRIMS. Constatou-se que quanto mais o casal vivenciou separação de seus pais na infância, maior é o seu envolvimento parental com os filhos, especialmente no que se refere aos cuidados básicos diretos e ao suporte emocional. Observa-se que quanto maiores escores de cuidados parentais recebidos na infância e a característica de timidez nos relacionamentos interpessoais, maiores são os problemas na díade conjugal<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> O Escore do *GRIMS* é invertido, ou seja, quanto maior o escore, menor será a satisfação conjugal (mais problemas na conjugalidade).

A agressividade/desconfiança dos pares correlacionou-se de forma negativa com as dimensões do DAS, com destaque ao consenso diádico, à expressão diádica de afeto e o DAS Total, o que indica que quanto maior a agressividade/desconfiança dos participantes, menor será a satisfação conjugal. As variáveis de criança preciosa e vulnerabilidade correlacionaram-se com as variáveis da qualidade do relacionamento conjugal, o que indicou menores níveis de satisfação conjugal, quando presentes na relação amorosa.

O apego inseguro ansioso e evitativo apresentou correlação fraca com o GRIMS, indicando que tais padrões de apego influenciam negativamente na satisfação conjugal dos pares. Além disso, o apego inseguro desorganizado apresentou correlações negativas com o envolvimento parental, especialmente no que tange ao suporte emocional. Ou seja, o casal que apresenta esse tipo de apego, acalma e/ou tranquiliza menos seus filhos. Por fim, quanto maior os escores de apego geral, maiores são os problemas na relação conjugal (Tabela 16).

Tabela 16

*Correlação geral entre as relações de apego do casal, qualidade do relacionamento conjugal e envolvimento parental*

QRA	DAS			GRIMS		QEP	
	Consenso Diádico	Expressão Diádica de afeto	DAS Total		Cuidados Básicos Diretos	Suporte Emocional	QEP Total
Separação	-	-	-	-	0,16*	0,19**	0,19**
Cuidados Parentais	-	-	-	0,15*	-	-	-
Timidez	-	-	-	0,16*	-	-	-
Agressividade/Desconfiança	-0,27**	-0,24**	-0,23**	0,23**	-	-	-
Criança Preciosa	-	-	-	0,15*	-	-	-
Vulnerabilidade	-0,19**	-0,17*	-0,17*	0,22**	-	-	-
Apego Inseguro Ansioso	-	-	-	0,17*	-	-	-
Apego Inseguro Evitativo	-	-	-	0,20**	-	-	-
Apego Inseguro Desorganizado	-	-	-	-	-	-0,15*	-0,17*
Apego Geral	-	-	-	0,22**	-	-	-

\*p<0.05 \*\*p<0.01

A seguir, são apresentadas correlações entre as diferentes variáveis, separadas entre mulheres e homens, acerca dos padrões de apego inseguro do tipo ansioso, evitativo e desorganizado. Inicialmente exibem-se as correlações das mulheres e, posteriormente, as dos homens.

Na Tabela 17, são apresentadas correlações entre os tipos de apego inseguros das mulheres e os escores gerais de apego da infância, bem como os escores de qualidade do relacionamento conjugal, obtidos por elas. O apego inseguro ansioso apresentou correlações de moderadas a fortes entre os cuidados parentais recebidos quando crianças e a vulnerabilidade que as participantes eram expostas durante o desenvolvimento infantil. Ou seja, quanto maior o estilo de apego ansioso, maior se apresentaram os escores de cuidados parentais e de vulnerabilidade na infância. Em relação ao apego inseguro evitativo, quanto mais elas demonstraram apego evitativo, mais apresentaram escores de cuidados parentais e de vulnerabilidade na infância; além disso, evidenciaram correlações fracas e negativas entre o apego evitativo e a satisfação conjugal, de modo que, quanto maior o apego inseguro de evitação, menor se apresentou o consenso, a expressão diádica de afeto e a satisfação diádica total. Por fim, o apego inseguro desorganizado, tal como o apego inseguro ansioso, demonstrou correlações de moderadas a fortes entre os cuidados parentais recebidos quando crianças e a vulnerabilidade vivenciada na infância.

Tabela 17

*Correlações entre os tipos de apego inseguros das mulheres e os escores gerais de cuidados parentais, de vulnerabilidade e qualidade do relacionamento conjugal*

		<b>r</b>	<b>p</b>
QRA Apego Inseguro Ansioso	Geral Cuidados Parentais (QRA)	0.40**	<0.001
	Geral Vulnerabilidade (QRA)	0.60**	<0.001
QRA Apego Inseguro Evitativo	Geral Cuidados Parentais (QRA)	0.27**	<0.001
	Geral Vulnerabilidade (QRA)	0.71**	<0.001
	Consenso Diádico (DAS)	-0.21*	<0.005
	Expressão Diádica de Afeto (DAS)	-0.22*	<0.005
	DAS Total	-0.18*	<0.005
QRA Apego Inseguro Desorganizado	Geral Cuidados Parentais (QRA)	0.80**	<0.001
	Geral Vulnerabilidade (QRA)	0.37**	<0.001

\*p<0.05 \*\*p<0.01

Assim como as mulheres, os homens apresentaram resultados semelhantes com as mesmas variáveis correlacionadas (Tabela 18). O apego inseguro ansioso apresentou correlações, de moderadas a fortes, entre os cuidados parentais e a vulnerabilidade, embora que os homens tenham exibido correlações mais fortes que as mulheres, em relação ao escore geral de cuidados parentais. Além disso, também se verificou uma correlação forte com a dimensão geral de vulnerabilidade que os participantes vivenciaram durante o desenvolvimento infantil e o estilo de apego inseguro ansioso. Quanto ao apego inseguro evitativo, observou-se que, assim como para as mulheres, quanto mais eles demonstram o apego evitativo, mais apresentaram escores de cuidados parentais e de vulnerabilidade na infância. Em relação à qualidade do relacionamento conjugal, apresentaram correlações fracas e negativas entre o apego evitativo e a satisfação conjugal, ou seja, quanto maior o apego de evitação, menor se apresenta o consenso e a expressão diádica de afeto. No caso do GRIMS, verifica-se que quanto mais os homens demonstraram apego evitativo, mais problemas se evidenciaram em seu relacionamento conjugal. Já o apego inseguro desorganizado apresentou correlações estatisticamente significativas, de forte magnitude de relação com os cuidados parentais recebidos na infância. Além disso, assim como para as mulheres, verificaram-se correlações moderadas entre o apego evitativo com a dimensão de vulnerabilidade, presente na infância dos participantes.

Tabela 18

*Correlações entre os tipos de apego inseguros dos homens e os escores gerais de cuidados parentais, de vulnerabilidade e qualidade do relacionamento conjugal*

		<b>r</b>	<b>p</b>
QRA Apego Inseguro Ansioso	Geral Cuidados Parentais (QRA)	0.80**	<0.001
	Geral Vulnerabilidade (QRA)	0.67**	<0.001
QRA Apego Inseguro Evitativo	Geral Cuidados Parentais (QRA)	0.36**	<0.001
	Geral Vulnerabilidade (QRA)	0.73**	<0.001
	Consenso Diádico (DAS)	-0.27**	<0.001
	Expressão Diádica de Afeto (DAS)	-0.23*	<0.005
	DAS Total	-0.23*	<0.005
	GRIMS	0.21*	<0.005
QRA Apego Inseguro Desorganizado	Geral Cuidados Parentais (QRA)	0.83**	<0.001
	Geral Vulnerabilidade (QRA)	0.36**	<0.001

\*p<0.05 \*\*p<0.01

### 7.1.7 Correlação sobre a qualidade do relacionamento conjugal

#### *Correlação geral dos participantes*

Foram encontradas correlações estatisticamente significativas de qualidade do relacionamento conjugal e apego do casal. No entanto, a magnitude dessas relações foi considerada baixa, conforme a tabela 19. Verifica-se que as dimensões de coesão diádica e expressão diádica de afeto não apresentaram correlações significativas com as variáveis de apego, todavia o DAS Total apresentou correlações fracas e negativas com as dimensões de agressividade/desconfiança, vulnerabilidade e apego inseguro evitativo do QRA; o que aponta que, quanto maior a qualidade do relacionamento conjugal, menores são as ocorrências das variáveis supracitadas.

Tabela 19

*Correlação geral entre as relações de qualidade do relacionamento conjugal, apego do casal e satisfação conjugal*

DAS	QRA		
	Agressividade/ Desconfiança	Geral Vulnerabilidade	Apego Inseguro Evitativo
Coesão Diádica	-	-	-
Expressão Diádica de afeto	-	-	-
DAS Total	- 0,23**	- 0,17**	- 0,20**

\*p<0.05 \*\*p<0.01

A satisfação conjugal, avaliada pela escala GRIMS, demonstrou correlações, estatisticamente significativas, de baixa magnitude com as relações de apego (Tabela 20). Indicou-se que quanto maior a insatisfação conjugal, maiores os níveis de apego geral e de vulnerabilidade do casal; ou seja, há maiores problemas na díade conjugal com a presença de tais variáveis.

Tabela 20

*Correlação geral entre a satisfação conjugal e as relações de apego do casal*

GRIMS	QRA							
	Geral Cuidados Parentais	Timidez	Agressividade/ Desconfiança	Criança Preciosa	Geral Vulnerabilidade	Apego Inseguro Ansioso	Apego Inseguro Evitativo	Apego Geral
GRIMS Total	0,15*	0,16*	0,23**	0,15*	0,22*	0,17**	0,20**	0,22**

\*p<0.05 \*\*p<0.01

Na sequência, são apresentadas correlações entre as diferentes variáveis, separadas entre mulheres e homens, acerca dos escores da qualidade do relacionamento conjugal.

A tabela 21 apresenta as correlações entre a qualidade do relacionamento conjugal das mulheres e o escores de apego e de satisfação conjugal, evidenciados por elas. A coesão diádica feminina apresenta correlações fortes e positivas com as dimensões do próprio instrumento (DAS), o que indica que, quanto maior a coesão percebida por elas, aumenta também o nível

de consenso diádico, expressão diádica de afeto e a qualidade do relacionamento total (DAS Total) com os seus esposos. Não emergiram correlações significativas entre a coesão diádica das mulheres e o envolvimento parental. A variável expressão diádica de afeto mostrou relações fracas e negativas com as variáveis de vulnerabilidade, que elas apresentam na infância e com o apego inseguro evitativo. O que significa que, quanto mais expressão de afeto elas percebem em seu relacionamento conjugal, menos elas demonstraram vulnerabilidade na infância e estilo de apego inseguro evitativo. Além disso, quanto mais apresentam expressão de afeto no relacionamento amoroso, mais elas percebem consenso diádico, coesão diádica e qualidade da relação conjugal (DAS Total) com seus esposos. Verifica-se que a amostra feminina só apresentou correlação do (DAS Total) com as variáveis pertinentes à conjugalidade, de modo que o consenso diádico foi o que mais se destacou entre as variáveis que se correlacionaram. Não constaram correlações significativas entre o DAS Total feminino e dimensões da parentalidade. A satisfação conjugal das mulheres (GRIMS Total) apresentou apenas uma correlação fraca e positiva com a dimensão de apego – geral vulnerabilidade, o que indicou que quanto maior escore do GRIMS Total, o que significa mais problemas na díade conjugal, há maior vulnerabilidade na infância dessas mulheres.

Tabela 21

Correlações entre a qualidade do relacionamento conjugal das mulheres e os escores de apego e satisfação conjugal

		<b>r</b>	<b>p</b>
DAS Coesão Diádica	Consenso Diádico (DAS)	0.50**	<0.001
	Expressão Diádica de Afeto (DAS)	0.40**	<0.001
	DAS Total	0.73**	<0.001
DAS Expressão Diádica	Geral Vulnerabilidade (QRA)	-0.20*	<0.005
	Apego Inseguro Evitativo (QRA)	-0.22*	<0.005
	Consenso Diádico (DAS)	0.72**	<0.001
	Coesão Diádica (DAS)	0.40**	<0.001
	DAS Total	0.75**	<0.001
DAS Total	Consenso Diádico (DAS)	0.91**	<0.001
	Satisfação Diádica (DAS)	0.26**	<0.001
	Coesão Diádica (DAS)	0.74**	<0.001
	Expressão Diádica de Afeto (DAS)	0.75**	<0.001
GRIMS	Geral Vulnerabilidade (QRA)	0.22*	<0.005

\*p<0.05 \*\*p<0.01

A tabela 22, ilustra as correlações significativas entre a qualidade do relacionamento conjugal dos homens e os escores de apego, satisfação conjugal e envolvimento parental. Sobre a qualidade do relacionamento conjugal, observa-se que quanto maior o consenso diádico dos homens, menores são os escores de vulnerabilidade na infância e de apego inseguro evitativo, bem como do apego geral que eles demonstram. Em relação às dimensões que avaliam a conjugalidade, quanto maior o consenso diádico percebido pelos homens, há maiores níveis de coesão diádica e expressão diádica de afeto, bem como uma maior qualidade do relacionamento conjugal de forma total (DAS Total) que eles percebem.

Na perspectiva masculina, verificam-se resultados semelhantes às mulheres, em relação à conjugalidade: quanto maior a coesão diádica dos homens, mais eles demonstram o aumento de consenso diádico, expressão de afeto e a qualidade do relacionamento total (DAS Total) com suas esposas. Além disso, quanto mais os homens apresentam coesão diádica com suas esposas, mais eles se envolvem com seu filho(a) – (QEP Total).

De modo semelhante, os homens também apresentaram correlação fraca e negativa entre a expressão diádica de afeto e o apego inseguro evitativo, o que significa que quanto maior a expressão de afeto, menor é a presença do apego inseguro evitativo, segundo a percepção masculina. Os demais resultados também se mostraram uniformes, em comparação com as mulheres; ou seja, quanto mais os homens demonstram expressão de afeto, mais eles consideram de forma positiva, o consenso diádico, coesão diádica e a qualidade do relacionamento conjugal com suas esposas.

Quanto maior a qualidade do relacionamento conjugal geral (DAS Total) dos homens, eles apresentam menor apego inseguro evitativo; e de forma similar às mulheres, quanto maiores os escores do DAS Total masculino, eles demonstram maior Consenso, Satisfação e Coesão diádica com suas esposas. Diferente do que ocorre com as mulheres, os homens demonstram que quanto maior a sua qualidade do relacionamento conjugal (DAS Total), mais eles se envolvem com o filho(a) – (QEP Total).

Por fim, os homens apontaram que a satisfação conjugal (GRIMS Total) apresenta também, correlação fraca e positiva com a dimensão de apego - geral cuidados parentais, cujos dados indicam que quanto mais problemas na díade conjugal, há maiores cuidados parentais recebidos na infância masculina, no caso particular dessa amostra. Os participantes masculinos também demonstraram que quanto maiores escores de (GRIMS Total), há maior prevalência de apego inseguro evitativo e de escores do apego geral. Ou seja, quanto maior forem os problemas na díade conjugal, sobressai-se o apego evitativo e maior escores de apego geral, no caso, mais apegos do tipo inseguro (Tabela 22).

Tabela 22

Correlações entre a qualidade do relacionamento conjugal dos homens e os escores de apego, satisfação conjugal e envolvimento parental

		<b>r</b>	<b>p</b>
DAS Consenso Diádico	Geral Vulnerabilidade (QRA)	-0.23*	<0.005
	Apego Inseguro Evitativo (QRA)	-0.27**	<0.001
	Geral Apego (QRA)	-0.20*	<0.005
	Coesão Diádica (DAS)	0.62**	<0.001
	Expressão Diádica de Afeto (DAS)	0.56**	<0.001
	DAS Total	0.96**	<0.001
DAS Coesão Diádica	Consenso Diádico (DAS)	0.62**	<0.001
	Expressão Diádica de Afeto (DAS)	0.35**	<0.001
	DAS Total	0.80**	<0.001
	QEP Total	0.20*	<0.005
DAS Expressão Diádica	Apego Inseguro Evitativo (QRA)	-0.23*	<0.005
	Consenso Diádico (DAS)	0.56**	<0.001
	Coesão Diádica (DAS)	0.35**	<0.001
	DAS Total	0.63**	<0.001
DAS Total	Apego Inseguro Evitativo (QRA)	-0.23*	<0.005
	Consenso Diádico (DAS)	0.92**	<0.001
	Satisfação Diádica (DAS)	0.80**	<0.001
	Coesão Diádica (DAS)	0.63**	<0.001
	QEP Total	0.20*	<0.005
GRIMS	Geral Cuidados Parentais (QRA)	0.20*	<0.005
	Geral Vulnerabilidade (QRA)	0.20*	<0.005
	Apego Inseguro Evitativo (QRA)	0.21*	<0.005
	Apego Geral (QRA)	0.24*	<0.005

\*p<0.05 \*\*p<0.01

### 7.1.8 Correlação sobre o envolvimento parental

#### *Correlação geral dos participantes*

A tabela 23, a seguir, apresenta as análises bivariadas das dimensões de envolvimento parental dos participantes, cujas correlações exibiram fraca magnitude. Salienta-se também, que as dimensões do QEP, demonstraram apenas correlações com as variáveis de apego dos membros do casal, não emergindo correlações com as variáveis de conjugalidade.

Observa-se que os cuidados básicos (CB) indiretos estão correlacionados positivamente, com magnitude baixa, ao Controle parental que o casal vivenciou na infância. Isso sugere que quanto mais cuidados indiretos pais e mães fornecem ao seu filho(a), no sentido de prover necessidades gerais que indiretamente irão promover o bem-estar da criança, maiores são os níveis de controle parental que receberam na infância deles. Por outro lado, quanto maior forem os CB indiretos, menor o Apego inseguro desorganizado estará presente nas relações parentais.

Interessante verificar que os CB diretos apresentam correlação positiva e de baixa magnitude com as variáveis de separação, criança preciosa e cuidados compulsivos que o casal recebeu na infância. Ou seja, quanto mais demonstram envolver-se com os filhos, prestando-lhes cuidados diretos de alimentação e higiene, mais vivenciaram episódios de separação com seus próprios pais na infância, além de evidenciarem maiores características de criança preciosa e níveis mais altos de cuidados compulsivos recebidos na infância.

O envolvimento parental total (QEP Total) dos participantes apresentou correlação estatisticamente significativa e de baixa magnitude, com a variável de separação, o que significa que, quanto maior o envolvimento de mães e pais com os seus filhos, maior separação eles evidenciaram na infância. Por outro lado, quanto maior envolvimento parental, menor foi o apego inseguro desorganizado que eles apresentaram.

Tabela 23

*Correlação geral entre as relações de envolvimento parental e as relações de apego do casal*

QEP	QRA				
	Controle Parental	Separação	Criança Preciosa	Cuidados Compulsivos	Apego Inseguro Desorganizado
CB Indiretos	0,15*	-	-	-	- 0,16*
CB Diretos	-	0,14*	0,16*	0,15*	- 0,17*
Suporte Emocional	-	0,15*	-	-	-
QEP Total	-	0,19**	-	-	- 0,19**

\*p&lt;0.05 \*\*p&lt;0.01

A seguir, apresentam-se as correlações entre as diferentes variáveis, separadas entre mulheres e homens, acerca das dimensões de envolvimento parental. Na Tabela 24 são exibidas as correlações entre o envolvimento materno e os escores de suporte emocional, cuidados básicos e o QEP Total que as mães evidenciam com seu(a) filho(a). Observa-se que somente foram encontradas correlações significativas entre o envolvimento materno e dimensões da parentalidade, respectivas ao mesmo instrumento. A mãe apresentou apenas correlação forte e positiva entre os cuidados básicos indiretos e o envolvimento total (QEP Total) que ela demonstrou com o seu filho(a). Verificaram-se também, correlações positivas de moderadas a altas, entre os CB diretos, o suporte emocional e envolvimento parental (QEP Total). Ou seja, quanto mais se dedicam aos cuidados básicos diretos com a criança, no sentido de alimentar, dar banho, vestir, colocar o filho para dormir, entre outros; os escores de suporte emocional e envolvimento parental total aumentam.

Tabela 24

Correlações entre o envolvimento materno e os escores de suporte emocional, cuidados básicos e QEP Total

		<b>r</b>	<b>p</b>
QEP CB Indiretos	QEP Total	0.66**	<0.001
	Suporte Emocional (QEP)	0.33**	<0.001
QEP CB Diretos	QEP Total	0.66**	<0.001
	Cuidados Básicos Diretos (QEP)	0.33**	<0.001
QEP Suporte Emocional	QEP Total	0.66**	<0.001
	Cuidados Básicos Indiretos (QEP)	0.66**	<0.001
QEP Total	Cuidados Básicos Diretos (QEP)	0.66**	<0.001
	Suporte Emocional (QEP)	0.66**	<0.001

\*\*p<0.01

As correlações significativas entre o envolvimento paterno e os escores de envolvimento parental e qualidade do relacionamento conjugal, são apresentados na Tabela 25, a seguir. Os pais apontaram que quanto maiores são os CB indiretos, mais evidenciam CB diretos, suporte emocional e envolvimento parental (QEP Total) com o seu filho(a). Assim como as mães, os pais apresentaram correlações positivas de moderadas a altas, entre os CB diretos e o suporte emocional e envolvimento parental (QEP Total) com seu filho(a). Isso significa que, quanto mais se dedicam aos cuidados básicos diretos com a criança (alimentar, dar banho, vestir, colocar o filho para dormir, entre outros); os níveis de suporte emocional e envolvimento parental total aumentam.

No aspecto de suporte emocional, os pais também mostraram correlações positivas de moderadas a fortes, entre o suporte emocional, os cuidados básicos diretos (CB diretos) e o envolvimento parental total (QEP Total). Isso aponta que, quanto maior o suporte emocional fornecido ao filho(a), maiores são os cuidados básicos e o envolvimento parental de modo geral, com a criança. Os pais também demonstraram que quanto maior o suporte emocional concedido, mais se envolvem indiretamente com os cuidados básicos indiretos (CB indiretos) do(a) filho(a).

Observou-se, ainda, que somente o pai apresentou correlações do envolvimento parental total (QEP Total) com as variáveis de conjugalidade, com destaque à coesão diádica e à qualidade do relacionamento conjugal geral (DAS Total), de modo que: quanto mais ele demonstra envolvimento com o filho(a), mais ele apresenta coesão diádica com sua esposa e maior qualidade em seu relacionamento amoroso. Além disso, assim como as mães, demonstraram que quanto maiores escores de (QEP Total), mais eles evidenciam cuidados básicos e suporte emocional com seu filho(a).

Tabela 25

*Correlações entre o envolvimento paterno e os escores de envolvimento parental e qualidade do relacionamento conjugal*

		<b>r</b>	<b>p</b>
QEP CB Indiretos	Cuidados Básicos Diretos (QEP)	0.28**	<0.001
	Suporte Emocional (QEP)	0.24**	<0.001
	QEP Total	0.68**	<0.001
QEP CB Diretos	Cuidados Básicos Indiretos (QEP)	0.28**	<0.001
	Suporte Emocional (QEP)	0.44**	<0.001
	QEP Total	0.79**	<0.001
QEP Suporte Emocional	Cuidados Básicos Indiretos (QEP)	0.24**	<0.001
	Cuidados Básicos Diretos (QEP)	0.44**	<0.001
	QEP Total	0.74**	<0.001
QEP Total	Coesão Diádica (DAS)	0.20*	<0.005
	DAS Total	0.20*	<0.005
	Cuidados Básicos Indiretos (QEP)	0.68**	<0.001
	Cuidados Básicos Diretos (QEP)	0.79**	<0.001
	Suporte Emocional (QEP)	0.74**	<0.001

\*p<0.05 \*\*p<0.01

### **7.1.9 SÍNTESE DOS RESULTADOS DA ETAPA 1**

Na Tabela 26, apresenta-se a síntese dos principais resultados obtidos nas análises de correlações com as variáveis sociodemográficas, e na sequência – Tabela 27, são exibidas as principais análises de correlações entre as variáveis dependentes e independentes. Posteriormente, aponta-se a correspondência entre as hipóteses elaboradas e os resultados encontrados (Tabela 28).

Tabela 26

*Principais resultados das análises de correlações e ANOVA com as variáveis sociodemográficas - Etapa 1*

Variável Sociodemográfica	Principais Resultados
Idade do Casal	<p>Com base nas correlações que foram significativas, verifica-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A idade dos membros do casal está negativamente correlacionada com os Cuidados Básicos Diretos (QEP); ou seja, quanto maior a idade do casal, menores são os cuidados diretos destinados aos filhos.</li> </ul>
Tempo de união conjugal	<p>Com base nas correlações que foram significativas, verifica-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Superproteção (QRA), Depressão (QRA), Cuidados Parentais (QRA), Agressividade (QRA) e Infelicidade (QRA) presentes na infância dos membros do casal, estão negativamente correlacionados com o tempo de união conjugal, ou seja, quanto mais presentes tais variáveis, o tempo de união do casal é menor.</li> <li>- O Apego Inseguro Ansioso (QRA) e o Apego Inseguro Evitativo (QRA) estão negativamente correlacionados com o tempo de união conjugal; o que significa que, quanto mais presentes forem esses tipos de apego, observa-se um tempo reduzido na união conjugal.</li> </ul>
Escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O Apego Inseguro Ansioso (QRA) e o Apego Geral (QRA) estão negativamente correlacionados com a escolaridade, o que quer dizer que, quanto mais presentes forem esses tipos de apego, observam-se menores anos de escolaridade;</li> <li>- A coesão diádica (DAS) está negativamente correlacionada com a escolaridade, de modo que, quanto menor a escolaridade dos membros do casal, maior é a coesão diádica entre eles.</li> <li>- O Suporte Emocional (QEP) apresenta-se positivamente correlacionado com a escolaridade; o que aponta que pais e mães mais envolvidos com os filhos, no quesito de oferecer suporte ao filho(a), apresentam maior escolaridade.</li> <li>- O controle parental distante (QRA), Cuidados parentais (QRA) e Infelicidade (QRA) dos membros do casal na infância, encontram-se correlacionados negativamente com a escolaridade;</li> </ul>

Tabela 26 (Continuação)

*Principais resultados das análises de correlações e ANOVA com as variáveis sociodemográficas – Etapa I*

Variável Sociodemográfica	Principais Resultados
Jornada de Trabalho	<p>Com base nos resultados que foram estatisticamente significativos, verifica-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Casais que apresentam jornada de até 20 horas apresentam menores escores de Apego Inseguro Desorganizado (QRA) em comparação com aqueles que apresentaram carga horária de 30h a 40h de trabalho em diante;</li> <li>- Casais que apresentam menor carga horária de trabalho apresentam maior satisfação conjugal;</li> </ul>
Renda	<p>Com base nos resultados que foram estatisticamente significativos, verifica-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Casais que recebem mais de 10 e 20 salários apresentam menor Apego Inseguro Ansioso (QRA) em comparação com aqueles que recebem salários inferiores;</li> <li>- Casais que recebem menos de 10 salários apresentam maiores escores de Depressão (QRA), Superproteção (QRA), Cuidados Parentais (QRA), Apego Inseguro Evitativo (QRA) e Apego Geral (QRA);</li> <li>- Casais que recebem menos de 10 salários apresentam maior envolvimento (QEP Total) com seus filhos.</li> </ul>

Tabela 27

Principais resultados das análises de correlações com as variáveis dependentes e independentes – Etapa 1, conforme os objetivos propostos

Objetivos	Principais Resultados
<p>e) Relacionar o apego dos membros do casal na infância com a qualidade do relacionamento conjugal atual;</p>	<p>Com base nas correlações que foram significativas, verifica-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os Cuidados Parentais (QRA) e Timidez (QRA) na infância dos membros do casal estão positivamente correlacionados com a Satisfação Conjugal (GRIMS); ou seja, apresentam maiores problemas na conjugalidade;</li> <li>- A Agressividade/Desconfiança (QRA) está negativamente correlacionada com a Satisfação Conjugal (GRIMS) e com o Consenso e Expressão de Afeto (DAS);</li> <li>- A Criança Preciosa (QRA) e Vulnerabilidade (QRA) estão negativamente correlacionadas com a Satisfação Conjugal (GRIMS);</li> <li>- O Apego Inseguro Ansioso (QRA) e o Apego Inseguro Evitativo (QRA) estão negativamente correlacionados com a Satisfação Conjugal (GRIMS);</li> </ul>
<p>f) Relacionar o apego dos membros do casal na infância com o envolvimento parental;</p>	<p>Com base nas correlações que foram significativas, verifica-se que:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os Cuidados Básicos Diretos (QEP) estão positivamente correlacionados com a Separação (QRA), Criança Preciosa (QRA) e Cuidados Compulsivos (QRA), na infância dos membros do casal.</li> <li>- Os Cuidados Básicos Indiretos (QEP) estão negativamente correlacionados com o Apego Inseguro Desorganizado (QRA).</li> <li>- Os Cuidados Básicos Indiretos (QEP) estão positivamente correlacionados com o Controle Parental Distante (QRA) dos membros do casal na infância;</li> <li>- O Suporte Emocional (QEP) está negativamente correlacionado com o Apego Inseguro Desorganizado (QRA)</li> <li>- O Envolvimento Total (QEP) está positivamente correlacionado com a Separação (QRA) dos membros do casal na infância;</li> </ul>

Tabela 28

*Correspondência entre as hipóteses e os resultados da Etapa 1*

<b>Hipóteses</b>	<b>Resultados</b>
<p><i>H1</i> - Há uma associação negativa entre os tipos de apego inseguro desenvolvido na infância, dos membros do casal, com a qualidade do relacionamento conjugal.</p>	<p><i>H1 - Parcialmente aceita:</i> verificou-se associação negativa entre “Apego inseguro ansioso” e “Apego inseguro evitativo” e a qualidade do relacionamento conjugal. Além disso, a “Agressividade/Desconfiança” e “Vulnerabilidade” na infância (QRA) também correlacionaram-se negativamente com a qualidade do relacionamento conjugal. Entretanto, a hipótese foi parcialmente aceita, pois o tipo de “Apego inseguro desorganizado” não apresentou correlações negativamente significativas com a qualidade do relacionamento conjugal.</p>
<p><i>H2</i> - Há uma associação negativa entre os tipos de apego inseguro desenvolvido na infância, dos membros do casal, com o envolvimento parental.</p>	<p><i>H2 - Parcialmente aceita:</i> constatou-se que somente o tipo de “Apego inseguro desorganizado” apresentou correlações negativamente significativas com os “Cuidados básicos indiretos”, o “Suporte emocional” e o “Envolvimento total” (QEP). Por outro lado, o que se observou, foram correlações positivas entre a “Separação, Controle parental distante” e “Criança preciosa” (QRA) com os “Cuidados Básicos Diretos” e “Cuidados Básicos Indiretos”. Desse modo, aceita-se parcialmente a H2, uma vez que para ser aceita, deveriam ser confirmados os demais tipos de apego inseguro – ansioso e evitativo.</p>

## **7.2 RESULTADOS DA ETAPA 2**

A apresentação dos resultados da Etapa 2 foi dividida em três partes: a primeira refere-se à caracterização sociodemográfica dos participantes, a segunda contempla aspectos da história familiar dos casais entrevistados com apresentação da técnica do genograma, e a terceira exhibe o sistema de categorização que foi elaborado, a partir da análise de conteúdo categorial temática. Salienta-se que os nomes dos participantes foram alterados, a fim de garantir o cuidado ético, em todas as fases do estudo. Na sequência, realizou-se a Discussão Integrada, com base nos resultados da Etapa 1 e da Etapa 2, a fim de permitir a amplificação do fenômeno e a interpretação dos dados de modo sistêmico e integral.

### **7.2.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes da Etapa 2**

Participaram da segunda parte do estudo cinco casais, totalizando 10 respondentes (cinco mulheres e cinco homens), conforme se observa na Tabela 29. O tempo médio de união conjugal foi de 13 anos, variando entre 10 e 16 anos. As mulheres apresentaram, em média, idade de 39 anos e os homens, 48 anos. Já as crianças focais apresentaram, em média, idade de 3 anos, sendo três do sexo masculino e duas do sexo feminino.

A maioria dos participantes (7) referiu possuir nível de escolaridade igual ou maior que o Ensino Superior, de modo que, somente uma participante não concluiu o Ensino Médio. Em relação à renda familiar, três casais apresentaram rendimento igual ou superior a cinco salários-mínimos; e os demais, referiram obter entre dois a cinco salários. Observa-se o predomínio de participantes correspondentes à classe média-intermediária que, conforme o IBGE (2018), representa faixas salariais mensais no valor de R\$ 3.748,01 a R\$ 9.370,00.

As atividades laborais se distribuíram de modo diversificado para os homens, enquanto para as mulheres, duas apresentaram como ocupação serem do lar, outra participante referiu ser autônoma, embora que no momento estivesse sem desempenhar sua ocupação profissional; e as demais alegaram trabalhar meio período. Acerca disto, os homens apresentaram mais horas trabalhadas que as mulheres, de modo que a média mensal de horas laborais dos homens correspondesse a 37 horas e as mulheres, de 12 horas. Por fim, todos os casais participantes mencionaram seguir a religião cristã, de modo que três casais referiram ser cristãos evangélicos; um casal católico e outro casal com crenças distintas, sendo a esposa evangélica e o esposo católico.

Tabela 29

## Caracterização Sociodemográfica dos Participantes da Etapa 2

Casal	Participante	Idade	Escolaridade	Renda mensal (R\$)	Carga horária semanal (h/s)	Ocupação	Religião	Tempo de união (anos)	Criança focal	
									Sexo	Idade
Casal (CS 1)	Helena	31	Ens. Superior	Entre 5 a 10 salários	30	Hoteleira	Cristã Evangélica	10	M	6
	Rafael	43	Ens. Superior		40 (+)	Hoteleiro	Cristã Evangélica			
Casal (CS 2)	Luciana	47	Ens. Superior Incompleto	Entre 2 a 5 salários	N/A	Autônoma	Cristã Evangélica	15	M	6
	Bernardo	46	Ens. Superior		30	Empresário	Cristã Católica			
Casal (CS 3)	Eliana	43	Pós-graduação	Mais de 20 salários	30	Advogada	Cristã Católica	13	F	3
	Mateus	53	Pós-graduação		36	Funcionário público	Cristã Católica			
Casal (CS 4)	Clara	36	Ens. Médio Incompleto	Entre 5 a 10 salários	N/A	Do lar	Cristã Evangélica	16	M	9 meses
	Jonas	57	Pós-graduação		40	Engenheiro agrônomo	Cristã Evangélica			
Casal (CS 5)	Bela	41	Ens. Superior Incompleto	Entre 2 a 5 salários	N/A	Do lar	Cristã Evangélica	11	F	3
	Gael	45	Ens. Superior		40 (+)	Pastor	Cristã Evangélica			

*Nota.* Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos participantes. Legenda: N/A = Não se aplica. (+) = Carga horária de trabalho acima de 40 horas semanais.

### 7.2.2 Síntese da história familiar dos participantes

#### *Casal 1*

O casal 1 é composto por Helena (31 anos) e Rafael (43 anos). Ambos possuem Ensino Superior Completo, sendo empresários do ramo hoteleiro. Possuem dois filhos: Júlia (4 anos) e Pedro (6 anos) (Figura 11). As crianças frequentam escola particular no período vespertino. Durante o turno matutino, são assistidas pelos cuidados, especialmente maternos, e também, do pai e da avó paterna.

Helena e Rafael estão casados há 10 anos, tendo se conhecido na igreja em que frequentam atualmente. A família de origem de Helena evidencia relações de perda e distanciamento entre seus membros. Quando ela tinha 20 anos sua mãe faleceu de câncer e seu relacionamento com o pai, desde a infância, se mostrou distante, pois em função do trabalho

paterno, era pouco acessível aos filhos. Relatou possuir uma relação harmoniosa com as irmãs, embora na fase adulta não mantenha contato frequente com elas. Em relação às experiências afetivas vivenciadas com os pais na infância, Helena comentou sobre a falta de demonstração de carinho, bem como pouca participação e incentivo que recebeu deles. Por tais razões, relatou propor uma nova forma de educar seus filhos, mostrando-se mais participativa e afetuosa com eles, o que não vivenciou quando criança.

Rafael apresentou lembranças de afeto positivas em relação à sua infância e à família de origem. Para ele, o exemplo de conjugalidade de seus pais se tornou um modelo a ser seguido em seu casamento, na vida adulta. Compartilhou, ainda, sobre as recordações que tinha do contato físico com os pais, especialmente da figura materna e do envolvimento familiar, tais como as férias e atividades de lazer entre ele, seus pais e irmãos.

O casal evidenciou um funcionamento harmônico entre si e no subsistema parental. Relatara estar satisfeitos com a relação conjugal e mencionaram que a comunicação é um dos pontos expressivos e positivos de seu relacionamento. Alegaram demonstrar afeto com seus filhos de diferentes formas, de modo que o toque físico seja mais evidente no discurso da mãe, que procura fornecer aos filhos aquilo que não recebeu na infância. As fronteiras e funções do casal se mostram nítidas na díade conjugal, de modo que algumas atribuições fiquem ao encargo de Rafael, tais como, a provisão financeira do lar; embora Helena também desenvolva suas atividades laborais. Por outro lado, as questões domésticas e os cuidados básicos na educação dos filhos são exemplos de funções atribuídas ao envolvimento materno.

A mãe também evidencia superproteção no relacionamento parental, o que não fica evidente no discurso do pai. Embora, ele também se mostre participativo no âmbito de cuidados básicos com as crianças e, principalmente, sendo responsável pelos momentos de lazer – brincadeiras e passeios – com os filhos, ao ar livre.

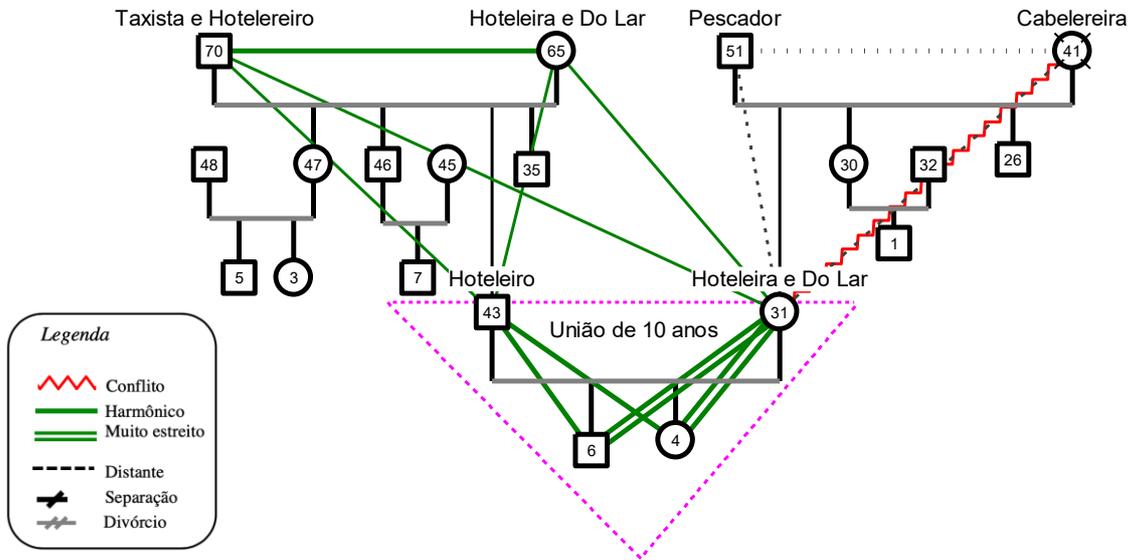


Figura 11. Genograma do Casal 1. Apresentam-se as atividades profissionais dos membros parentais das famílias indicadas, bem como aspectos da estrutura e da dinâmica familiar entre as duas gerações correspondentes à díade conjugal e à família nuclear — em destaque.

### Casal 2

O casal 2 constitui-se por Luciana (47 anos) e Bernardo (46 anos). Ambos possuem um filho desta união: Vinicius (6 anos) o qual frequenta escola municipal no turno vespertino (Figura 12). No período matutino recebe o cuidado dos pais, especialmente da mãe; uma vez que o pai encontra-se ocupado pelas atividades laborais. Luciana não completou seus estudos no Ensino Superior e atualmente dedica-se a atividades autônomas comerciais; enquanto Bernardo concluiu sua formação universitária, desenvolvendo trabalhos na área de Logística.

Há 15 anos o casal mantém união estável e atualmente pretende oficializar o ato matrimonial. Ambos configuram uma família recasada, tendo filhos das uniões anteriores: ela possui dois filhos, com idades entre 28 e 26 anos; e ele tem um filho com a idade de 18 anos. Luciana e Bernardo se conheceram por uma amiga em comum, no local onde Luciana trabalhava. Segundo depoimento deles, foi um “convite arranjado” dessa amiga para saírem num grupo de amigos, e ali eles pudessem se conhecer. Dessa forma, o encontro aconteceu e, logo o casal começou a namorar e, em poucos meses, decidiram morar juntos. Após quase 10 anos de relacionamento, decidiram ter um filho que fosse fruto dessa união e, então, Luciana engravidou de Vinicius com 40 anos. O casal compartilha que a criança foi muito desejada e que a sua vinda aconteceu num ótimo momento, pois eles já consideravam mais maduros e responsáveis para educar um filho.

Em relação às lembranças afetivas na infância, Luciana referiu sobre os conflitos e a ausência materna. Comentou que sua irmã mais velha era como sua segunda mãe, pois todos

os cuidados básicos e carinhos, ela recebia da irmã. Além disso, compartilhou que mantinha um vínculo positivo com o pai e que este lhe demonstrava afetividade pelo toque físico e pela atenção que lhe dedicava, todavia, ele acabou deixando a família e se mudou para um estado distante. Depois disso, teve pouco contato com seu pai. Atualmente menciona ter uma relação harmônica com sua mãe, embora não seja tão intensa. No âmbito parental, explicou que, com os primeiros filhos, repetia o padrão negativo de afetividade recebido da mãe e, embora, não quisesse agir daquele jeito, se mostrava mais impaciente e com pouca maturidade para resolver os conflitos familiares. Após o segundo casamento e com a chegada de Vinícius, observou mudanças em sua forma de se relacionar. Atribui a isto, recursos que antes não possuía, tais como as práticas religiosas e o envolvimento na igreja que passou a frequentar e, também, a satisfação conjugal que vivencia com o parceiro.

Para Bernardo, as lembranças afetivas na infância que teve com seus pais foi um modelo positivo para seguir e uma base segura para o seu desenvolvimento. Mencionou os momentos familiares de confraternização que mantinha com seus pais, tios e primos e as brincadeiras que faziam. No âmbito conjugal, se mostra satisfeito com Luciana, pois ambos compartilham de perspectivas semelhantes quanto à educação de Vinícius e ao próprio relacionamento. As dificuldades que emergem para ele, são referentes às questões contextuais, como a falta de emprego – no momento em que a entrevista foi realizada; além disso, também compartilhou a dificuldade com o abuso de álcool, o que tem superado paulatinamente, após alguns meses, sem o consumo. Por fim, reflete uma postura positiva e harmônica no subsistema conjugal e parental, referindo-se como um pai participativo e afetivo com Vinícius, especialmente por meio das brincadeiras e dos cuidados básicos.

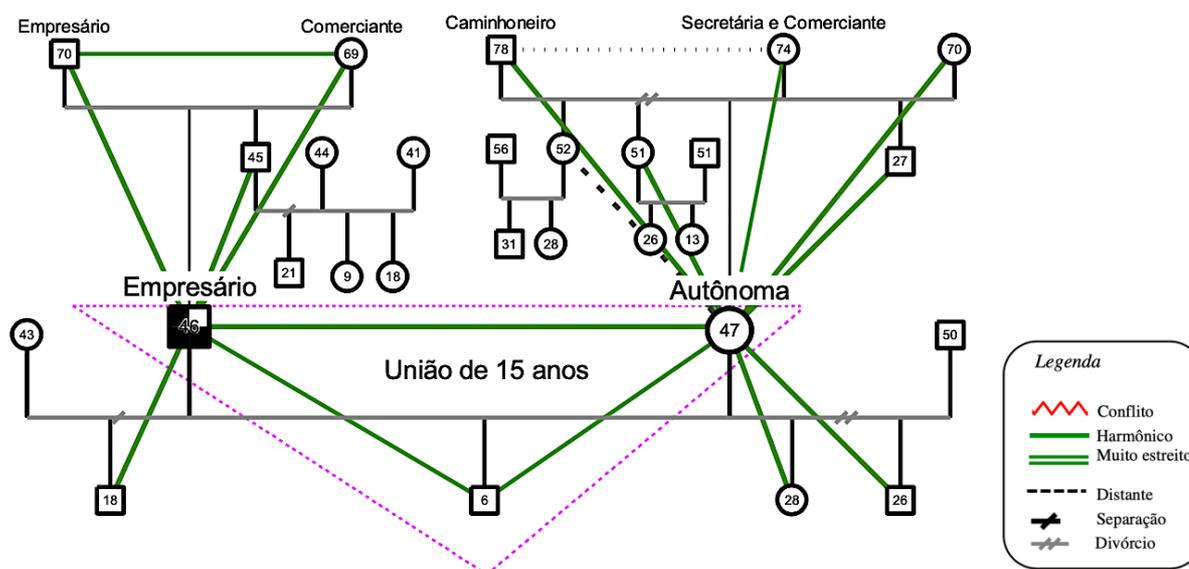


Figura 12. Genograma do Casal 2. Apresentam-se as atividades profissionais dos membros parentais das famílias indicadas, bem como aspectos da estrutura e da dinâmica familiar entre as duas gerações correspondentes à díade conjugal e à família nuclear – em destaque.

### Casal 3

O casal 3 é composto por Eliana (43 anos) e Mateus (53 anos). Ambos possuem pós-graduação e trabalham no setor público municipal (Figura 13). Possuem apenas uma filha desta união: Laura (3 anos). Configuram-se como uma família recasada e com filho biológico; uma vez que Mateus possui dois filhos da união anterior, com idades de 29 e 25 anos. Quanto à rotina familiar, Laura recebe cuidados dos pais durante o período matutino e, à tarde, frequenta a creche. Eliana e Mateus trabalham meio-período, no turno vespertino.

O casal se conheceu no ambiente de trabalho, cuja união conjugal é de 13 anos. Ela comenta que após insistências de Mateus, em desejar levá-la para sair e comparecer aos seus encontros familiares, acabou dando a oportunidade de conhecê-lo melhor, tendo aceitado seu pedido de namoro e de casamento, tempos depois. Após 9 anos de união, Eliana e Mateus tiveram um filho que faleceu logo após o nascimento. Um ano depois do ocorrido Eliana engravidou novamente e nasceu a Laura – filha única do casal.

Sobre as lembranças afetivas na infância, Eliana compartilhou acerca dos valores positivos recebidos de seus pais, em relação à disciplina e ao caráter para se tornar uma pessoa de bons princípios. Entretanto, comentou sobre a punição corporal e a ausência de demonstração afetiva por toque físico e palavras carinhosas, da parte de seus familiares. Por tal motivo, atribui seu padrão de afetividade conjugal do “seu jeito”, pois como não vivenciou

esses modelos na infância, não costumava demonstrar em palavras e no toque físico, por exemplo, trocas de carinho no casamento. Já com a filha, tem buscado modificar esse padrão. Também salienta que a vivência com o esposo tem lhe ensinado novas formas familiares de se relacionar.

Por outro lado, Mateus expressa com entusiasmo as memórias afetivas vivenciadas na infância. Relatou que, apesar de o pai manter hábitos de abuso ao álcool, era um bom pai para ele e sua irmã. Recorda dos momentos compartilhados com todos assistindo televisão na sala, das brincadeiras e da participação ativa que recebia do pai e da mãe.

No âmbito conjugal, Eliana e Mateus demonstram se relacionar de forma harmônica e respeitosa entre si, o que também fica evidente no subsistema parental. As demonstrações de afeto na conjugalidade entre o casal são diferentes, de modo que Eliana expresse seu afeto pelo cuidado com as atividades domésticas e pela atenção que dedica ao esposo; enquanto Mateus procura demonstrar sua afetividade por meio de palavras e comportamentos afetivos de toque físico. Na relação parental, ambos se mostram participativos, de modo que os cuidados básicos da criança sejam mais evidenciados pela mãe, tais como o banho e o preparo das refeições; enquanto o suporte emocional e as brincadeiras estejam mais presentes nos discursos trazidos pelo pai.

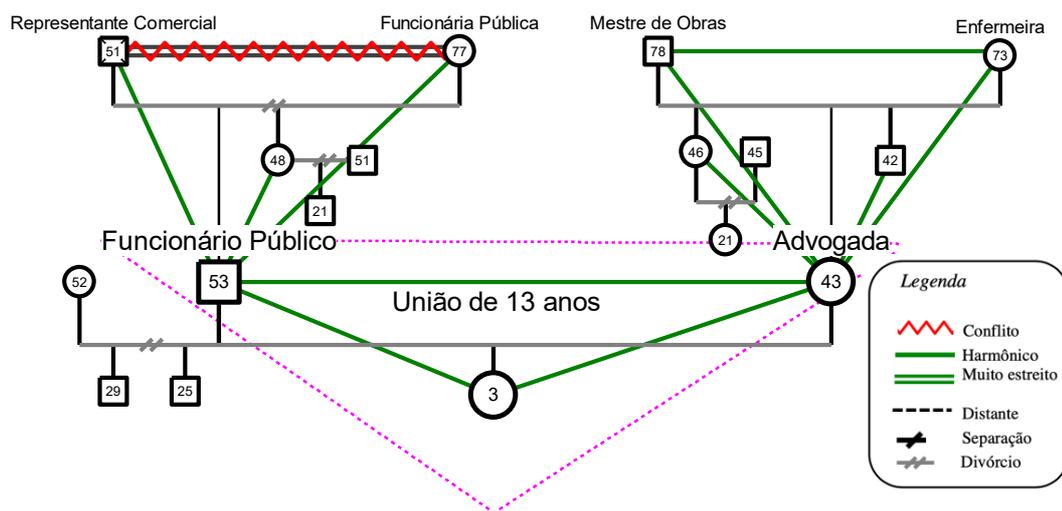


Figura 13. Genograma do Casal 3. Apresentam-se as atividades profissionais dos membros parentais das famílias indicadas, bem como aspectos da estrutura e da dinâmica familiar entre as duas gerações correspondentes à díade conjugal e à família nuclear — em destaque.

#### *Casal 4*

O casal 4 é formado por Clara (36 anos) e Jonas (57 anos). Desta união tiveram dois filhos: Alice (9 anos) e Tiago (9 meses). Jonas é engenheiro agrônomo, tendo pós-graduação na área; enquanto Clara estudou até o Ensino Médio, dedicando-se atualmente, ao cuidado do lar e dos filhos. A família configura-se como do tipo recasada e com filhos biológicos; pois, Jonas foi casado anteriormente, tendo uma filha de 25 anos (Figura 14).

Clara e Jonas se conheceram na igreja em que frequentavam, há 17 anos. Eles contam que na época, Jonas fazia parte do ministério de recepção aos visitantes e que no dia em que Clara visitou a igreja pela primeira vez e o viu recepcionando as pessoas, apaixonou-se por Jonas. Após algum tempo, começaram a namorar e anos depois, moraram juntos e se casaram, de modo que Alice nascesse sete anos depois.

Em relação às lembranças afetivas na infância, Clara comentou sobre os cuidados recebidos pela mãe no que se refere ao preparo das refeições, a tomar banho, a se vestir e ao cuidado materno dedicado às atividades domésticas; todavia, referiu não receber demonstrações de afeto físicas por parte dela. Já com o pai, recorda dos momentos compartilhados em que o acompanhava no trabalho e os abraços e brincadeiras que ele fazia com ela.

Jonas, por sua vez, apresenta lembranças de afeto negativas com a figura paterna. Comenta que seu pai abandonou sua mãe, ele e seus irmãos quando pequenos para viver com outra pessoa e formar outra família. Assim, aponta memórias positivas que recebeu por parte de sua mãe e dos avós maternos. Contudo, como sua mãe trabalhava como professora, não conseguia dedicar-lhe muita atenção; o que lhe fez receber maiores demonstrações de carinho por parte dos avós e dos irmãos.

Quanto à vivência conjugal, evidenciam um funcionamento harmônico entre si e no subsistema parental, de modo que as fronteiras sejam nítidas no relacionamento. Jonas se ocupa do sustento financeiro do lar e também, das atividades de lazer com os filhos; enquanto Clara salienta ser a responsável pelas atividades domésticas, o cuidado básico com as crianças e a pessoa que determina as regras e detém maior autoridade no lar. O casal apresenta formas diferentes de demonstrar carinho entre si: Jonas costuma evidenciar sua afetividade por meio de palavras assertivas e tocando carinhosamente a esposa; enquanto Clara costuma manifestar seu carinho, cuidando do lar e cozinhando para o esposo. Ambos se mostram participativos com os filhos, de forma que a coparentalidade seja clara na dinâmica familiar: a mãe demonstra se envolver nos cuidados básicos com as crianças e no acompanhamento escolar da filha mais velha; enquanto o pai se ocupa das brincadeiras e em oportunizar momentos de lazer familiares.

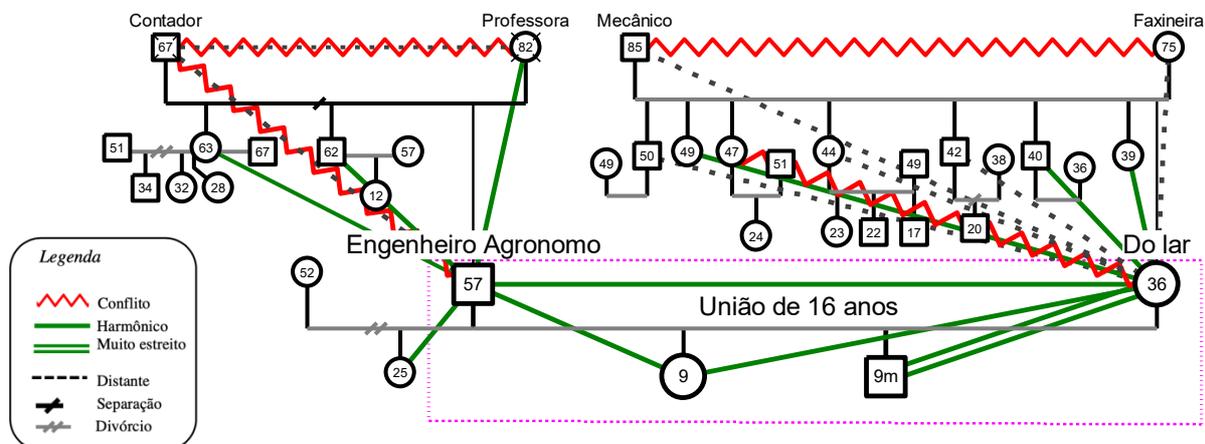


Figura 14. Genograma do Casal 4. Apresentam-se as atividades profissionais dos membros parentais das famílias indicadas, bem como aspectos da estrutura e da dinâmica familiar entre as duas gerações correspondentes à díade conjugal e à família nuclear – em destaque.

### Casal 5

O casal 5 constitui-se pela Bela (41 anos) e pelo Gael (45 anos). Ambos apresentam o tipo de família nuclear com filhas biológicas, sendo Elis (10 anos) e Ester (3 anos) (Figura 15). Gael possui Ensino Superior, mas não atua mais em sua área de bacharelado. Realizou, posteriormente, formação em Teologia e atualmente é pastor auxiliar de uma igreja evangélica, sendo envolvido em atividades para o público jovem e adolescente. Bela não concluiu o curso Superior de Enfermagem e desde que casou, ocupa-se das atividades do lar e do cuidado com as filhas; além de participar ativamente nas funções da igreja.

Bela e Gael são casados há 11 anos e se conheceram por uma amiga em comum. Namoraram um tempo e romperam o relacionamento. Durante o tempo em que estiveram separados, Gael estava noivo e Bela namorando outra pessoa; contudo, Gael desfez o noivado e Bela terminou o namoro. Anos depois se reencontraram num churrasco entre amigos, resgataram a relação e decidiram se casar. Após um ano de casamento, Bela engravidou de Elis e sete anos mais tarde de Ester.

As lembranças afetivas da infância de Bela são pautadas num relacionamento harmônico entre seus pais, contudo de forma contida e com pouca demonstração afetiva de carinho. Relatou que sua mãe não costumava lhe abraçar e dizer palavras carinhosas, tampouco, seu pai. O que se recorda da infância é das brincadeiras com seus irmãos e do período em que ajudava seus pais no estabelecimento comercial da família.

Gael, no entanto, comentou uma vivência bastante diferenciada, nesse aspecto. Trouxe, em seu depoimento, memórias positivas e carregadas de afetividade sobre sua família de origem. Relembrou da interação carinhosa por meio de toque físico, palavras de incentivo e participação ativa em seu desenvolvimento, de ambos os pais. Alguns relatos de Gael expressam o modelo positivo que recebeu das figuras parentais e como ele considera importante perpetuar tais modelos, na vida adulta – em seu casamento e no envolvimento com as filhas.

Na vida conjugal, os dois evidenciam um funcionamento harmônico, mostrando-se satisfeitos e coesos entre si, e na educação das filhas. Apontam que a comunicação entre eles é um dos pontos mais expressivos e satisfatórios do casamento. Por outro lado, as diferenças no modo de se relacionar, especialmente, no âmbito afetivo, se tornaram um entrave na relação por algum tempo. Pois para Gael era importante que a esposa dissesse a ele que o amava, que estava comprometida com a relação e que demonstrasse esse afeto também, de maneira corporal; o que não acontecia. Já para Bela, seu modo de expressar afetividade passava pela forma de agradar o esposo, dando-lhe presentes e cuidando do lar. Tais impasses se refletiam, especialmente, na relação sexual; de modo que não se tornasse um momento de conexão e intimidade, mas de cobranças. Então, após algumas mudanças na forma de se relacionar, o casal encontrou um equilíbrio e passou a compreender o modo de funcionar de cada um, respeitando o padrão e a história afetiva que carregavam.

Em relação ao subsistema parental, observa-se que a coparentalidade é bem definida entre eles, de modo que Bela se ocupe especialmente, dos cuidados básicos das filhas, como o vestuário, alimentação, atividades escolares das crianças e demandas domésticas; enquanto Gael participe ativamente nos momentos de lazer, brincadeiras e passeios com a família. O casal mantém concordância entre si quanto aos valores que desejam passar para as filhas e evidenciam uma postura afetiva e ao mesmo tempo, rígida, por se utilizarem de punição corporal e regras bem estabelecidas quanto à disciplina. No entanto, se mostram bastante envolvidos e comprometidos com a educação das crianças.

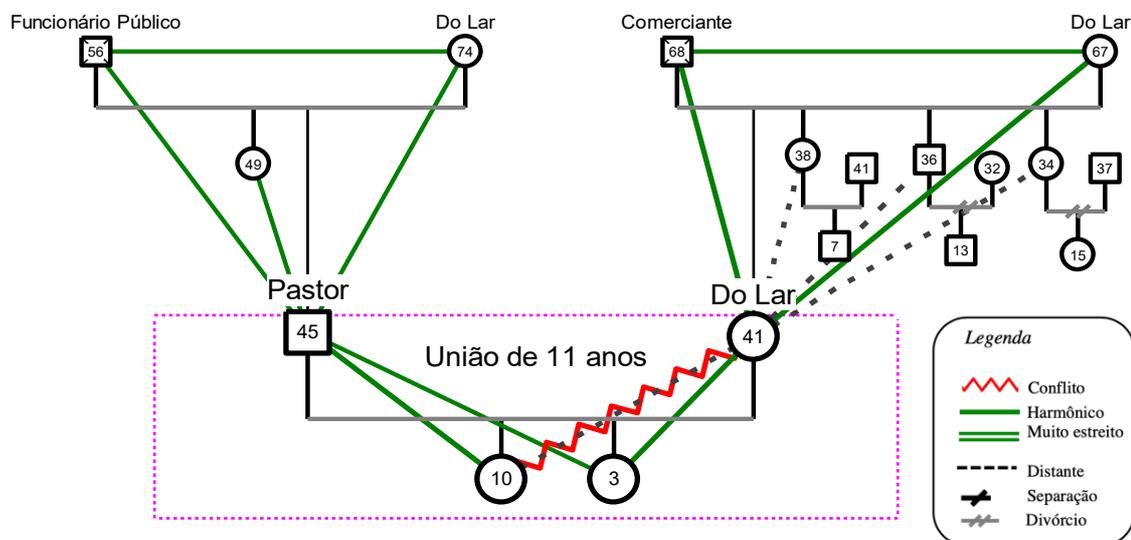


Figura 15. Genograma do Casal 5. Apresentam-se as atividades profissionais dos membros parentais das famílias indicadas, bem como aspectos da estrutura e da dinâmica familiar entre as duas gerações correspondentes à díade conjugal e à família nuclear — em destaque.

### 7.2.3 Apresentação das categorias, subcategorias e elementos de análise

O processo de análise qualitativa foi realizado com base nos conteúdos que emergiram da entrevista semiestruturada, o qual resultou na elaboração de 62 elementos de análise, sendo classificados em 14 subcategorias e, estas, em quatro categorias, as quais estão dispostas na Tabela 30. Cabe salientar que após o término do processo de categorização, os resultados passaram pela avaliação de juízas, com *expertises* na área de pesquisa e de terapia familiar, as quais apresentaram 80% de concordância com os resultados analisados pela pesquisadora.

Tabela 30

Sistema das categorias, subcategorias e elementos de análise

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	ELEMENTOS DE ANÁLISE
<b>1. Apego na Infância</b>	1.1 Lembranças afetivas positivas	1.1.1 Significado da mãe e/ou do pai 1.1.2 Valores familiares recebidos 1.1.3 Memórias da infância
	1.2 Lembranças afetivas negativas	1.2.1 Cobrança 1.2.2 Impaciência 1.2.3 Punição corporal 1.2.4 Ausência de demonstração afetiva 1.2.5 Diferença entre os filhos 1.2.6 Pouco incentivo aos estudos
	1.3 Demonstração de afeto na infância	1.3.1 Toque físico 1.3.2 Palavras afirmativas 1.3.3 Cuidado afetivo 1.3.4 Memórias de brincadeiras entre pais e filhos
<b>2. Intergeracionalidade do Apego</b>	2.1 Continuidades do modelo afetivo da família de origem na relação conjugal atual	2.1.1 Modelo parental positivo de casamento 2.1.2 Comprometimento
	2.2 Continuidades do modelo afetivo da família de origem na relação parental atual	2.2.1 Valores familiares 2.2.2 Demonstrações de afeto 2.2.3 Momentos agradáveis de convívio familiar 2.2.4 Brincadeiras 2.2.5 Religião/ Espiritualidade 2.2.6 Conflitos com o filho
	2.3 Descontinuidades do modelo afetivo da família de origem na relação conjugal atual	2.3.1 Formar uma família diferente do modelo parental recebido 2.3.2 Aprender com o cônjuge novas formas de demonstrar a afetividade e se relacionar
	2.4 Descontinuidades do modelo afetivo da família de origem na relação parental atual	2.4.1 Promover um relacionamento mais afetivo com os filhos 2.4.2 Investir no estudo dos filhos 2.4.3 Estar presente e engajado nas atividades dos filhos 2.4.4 Valorizar os sentimentos da criança 2.4.5 Estimular novos valores na educação dos filhos
<b>3. Apego e Qualidade do Relacionamento Conjugal</b>	3.1 Demonstração de afeto na conjugalidade	3.1.1 Toque físico 3.1.2 Palavras afirmativas 3.1.3 Cuidado afetivo 3.1.4 Tempo em conjunto 3.1.5 Presentes
	3.2 Funcionamento do casal	3.2.1 Funções do casal nas atividades familiares cotidianas 3.2.2 Decisões familiares 3.2.3 Valores que o casal compartilha

		3.2.4 Formas de se relacionar
	3.3 Aspectos facilitadores na díade conjugal	3.3.1 Comunicação 3.3.2 Companheirismo e suporte emocional 3.3.3 Comprometimento com a relação 3.3.4 Relação sexual 3.3.5 Ser boa mãe/bom pai 3.3.6 Satisfação com o casamento 3.3.7 Pedir perdão 3.3.8 Religião/Espiritualidade 3.3.9 Rede de apoio social
	3.4 Dificuldades na díade conjugal	3.4.1 Fase de adaptação do casal 3.4.2 Desemprego 3.4.3 Forma de se relacionar 3.4.4 Impaciência com os filhos 3.4.5 Hábitos do cônjuge 3.4.6 Falta de organização do tempo
<b>4. Apego e Envolvimento Parental</b>	4.1 Significados atribuídos à parentalidade	4.1.1 Tornar-se pai e mãe 4.1.2 Coparentalidade
	4.2 Demonstração de afeto na parentalidade	4.2.1 Toque físico 4.2.2 Palavras afirmativas 4.2.3 Tempo em conjunto
	4.3 Interação parental nas atividades cotidianas	4.3.1 Cuidados básicos 4.3.2 Suporte emocional 4.3.3 Brincadeiras 4.3.4 Disciplina 4.3.5 Abertura ao mundo

## **CATEGORIA 1: “Apego na infância”**

Nesta categoria apresentaram-se narrativas que caracterizaram o apego dos membros do casal na infância, desenvolvidos com a família de origem, consoante três eixos centrais que detalham o fenômeno: Lembranças afetivas positivas; Lembranças afetivas negativas e Demonstração de afeto na infância.

### **Subcategoria 1.1 – Lembranças afetivas positivas**

Identificaram-se as principais lembranças afetivas que os participantes consideraram como positivas e importantes para o seu desenvolvimento. Destas, destacam-se o significado da mãe e/ou do pai; os valores familiares recebidos para se tornarem pessoas com bons princípios e ainda, as memórias da infância como uma fase agradável na vivência de momentos compartilhados com a família estendida, tais como primos e tios, e de brincadeiras com os amigos.

Os relatos expressaram o significado atribuído aos pais como pessoas de caráter, que ensinavam bons valores e que batalhavam para proporcionar uma educação de qualidade e cuidados aos filhos: *E o meu pai era um homem de caráter, um homem de valor, um homem muito inteligente (CS 5 - Gael); Era uma pessoa que dava os valores, muito embora ele fizesse errado, ele ensinava o que era certo (CS 3 – Mateus); Minha mãe também foi uma heroína pelas coisas que ela passou (...) lutava pra dar estudo e cuidava da gente! (CS 4 – Jonas).*

Os valores familiares recebidos referiram-se à honestidade e a integridade, relatados pelos participantes; além de que as memórias da infância se relacionaram a momentos prazerosos de brincadeiras, almoços em família e fazer “artes” com outras crianças: *É que a gente aprontava muito, fazia muita bagunça. Eu e meu irmão tem diferença de um ano de idade, então a gente brigava muito quando era pequeno e também fazia arte junto... Quebrava com a casa toda, jogava bola dentro de casa, a casa era grande...(risos). (CS 2 – Bernardo)*

### **Subcategoria 1.2 – Lembranças afetivas negativas**

Contemplaram-se as principais lembranças afetivas que os participantes consideraram como negativas ou não adequadas para o seu desenvolvimento e o núcleo familiar, ao qual pertencia. Foram citados exemplos de cobranças, impaciência e punição corporal por parte de seus pais, nesses casos observaram-se aspectos de violência física, verbal e negligência que

alguns participantes sofreram na infância; além da ausência de demonstração afetiva, diferença entre os filhos e pouco incentivo aos estudos que também foram mencionados.

Os participantes relataram que suas mães eram “estúpidas” ao pedir que fizessem tarefas domésticas, impacientes, usaram punição corporal, batendo com vara. No entanto, estes justificam a violência referindo que esta medida os ajudou a serem adultos responsáveis, ou seja, validaram as agressões sofridas, conforme o depoimento: *quando a gente fazia alguma coisa errada, a varinha da mãe “corria feita” e graças a Deus, porque isso foi bom! Eu me tornei um homem com princípios... (CS 4 – Jonas)*. Além disso, foram relatadas situações educativas de frieza, não demonstração de carinho por contato físico, discriminação e não incentivo aos estudos, ou seja, o que pode ser caracterizado como negligência cognitiva: *Eu estudei muito sozinha e não tinha essa participação (...) Eu queria ter a minha mãe ali por perto incentivando e eu não tinha. Então, por exemplo, a minha família não tinha valores de que estudar era bom, não que fosse ruim, mas não incentivavam... (CS 1 – Helena)*

### **Subcategoria 1.3 – Demonstração de afeto na infância**

Esta subcategoria indicou as demonstrações de afeto mais recorrentes que os participantes receberam de sua família de origem, na infância. Os itens reportados foram classificados pelos tipos de demonstração de afeto, tais como: toque físico – abraços, beijos, receber colo dos pais – carinhos que envolvessem contato físico; palavras afirmativas – palavras de incentivo, de consolo, de segurança e elogios; cuidado afetivo – preparar as refeições, acompanhar as atividades escolares; Memórias de brincadeiras entre pais e filhos – brincadeiras que os pais faziam com os participantes quando crianças.

Os depoimentos mencionaram a satisfação dos participantes em lembrar as demonstrações afetivas recebidas pelos seus pais; especialmente pelo toque físico – o que foi comentado por todos os casais, além da relevância atribuída às palavras afirmativas: *O meu pai é das palavras. O meu pai sempre gostou de conversar e falava que eu era muito inteligente, mas assim, o que eu vejo que ficou, era isso, de falar coisas boas, positivas para mim (...) isso me deixava forte, me sentia um menino valente! (risos) (CS 5 – Gael)*; observa-se, no trecho citado, que as representações do participante aludem a um espaço de investimento afetivo paterno, capaz de promover a segurança, a autoestima e o senso de sentir-se amado. Por fim, o cuidado afetivo foi relatado no sentido de ressaltar as atividades prestadas aos filhos, como cuidar deles quando estivessem doentes, além do preparo das

refeições. Já as memórias de brincadeiras entre pais e filhos, são enfatizadas os momentos lúdicos de trocas afetivas de atenção, aprendizado e descontração com os pais, na infância.

## **CATEGORIA 2: “Intergeracionalidade do apego”**

Esta categoria buscou destacar o processo de intergeracionalidade dos padrões de apego, dos membros do casal, recebidos na infância e a sua manutenção ou não, no relacionamento conjugal e parental. Para tanto, considerou-se adequada a classificação das seguintes subcategorias, para melhor compreensão da temática: Continuidades do modelo afetivo da família de origem na relação conjugal atual; Continuidades do modelo afetivo da família de origem na relação parental atual; Descontinuidades do modelo afetivo da família de origem na relação conjugal atual e Descontinuidades do modelo afetivo da família de origem na relação parental atual.

### **Subcategoria 2.1 - Continuidades do modelo afetivo da família de origem na relação conjugal atual**

Destacaram-se os principais aspectos de continuidades relatados pelos participantes, enquanto um modelo afetivo da família de origem a ser mantido na relação conjugal atual, a saber: modelo parental positivo de casamento – o significado da conjugalidade como algo positivo e importante, e o comprometimento – valor recebido dos pais, enquanto um fator fundante para o estabelecimento da vida conjugal.

Na fala de Rafael, aparecem as concepções positivas acerca do modelo de casamento de seus próprios pais, o que serviu como referência para a vida futura no estabelecimento de seus projetos pessoais, tais como, o matrimônio: *O casamento deles sempre foi muito harmonioso, a gente sempre via muito amor, muita cumplicidade e carinho também um pelo outro (...) Eu tive esse modelo e repeti esse padrão... Sempre vi o casamento como algo bom, muito bom, porque eu tinha esse modelo que me ajudou. Isso me nutriu para eu desejar ter um casamento igual (CS 1 – Rafael).*

Outro aspecto de continuidade do modelo afetivo da família de origem na relação conjugal atual, referiu-se ao comprometimento: (...) *Porque tudo que eu vivi na minha casa... O exemplo do meu pai... Ele sempre dizia assim... “tudo que tu fizeres na vida, tu vais assumir!” e isso foi muito sério pra mim, essa coisa do compromisso, do comprometimento, de ser responsável pelo meu lar, pelo meu casamento (CS 5 – Gael).* Presume-se que o modelo de

conjugalidade de Gael a respeito das relações e de como elas devem funcionar, apresenta uma base evidente do legado afetivo paterno que permanece e orienta suas crenças pessoais, com destaque à vida conjugal.

### **Subcategoria 2.2 - Continuidades do modelo afetivo da família de origem na relação parental atual**

Identificaram-se os principais aspectos de continuidades relatados pelos participantes, enquanto um modelo afetivo da família de origem a ser mantido na relação parental atual, como exemplos: valores familiares — no âmbito da educação dos filhos: *Os valores que os meus pais me passaram, o que é bom eu tento manter. A disciplina, autoridade do meu pai... Até acho que é demais que eu coloco, mas eu lembro bastante disso... (CS 3 – Eliana)*; as demonstrações de afeto — àquelas que foram consideradas adequadas e significativas na infância do casal: *A mãe era carinhosa e eu também sou assim com ele. Lembro ainda, da presença do pai... Das brincadeiras, de abraçar forte também e faço isso com o Vinícius. Essas coisas boas, a gente repete (CS 2 – Bernardo)*; momentos agradáveis de convívio familiar — especialmente as férias e passeios que faziam quando crianças e desejam manter com os seus próprios filhos, bem como as brincadeiras.

Outros exemplos de continuidades do modelo afetivo recebidos, sobre a relação parental atual, referem-se à religião/espiritualidade, cujo relato de uma mãe participante expressa o desejo de que a filha siga sua religião católica. Por fim, outro ponto que alguns participantes referiram corresponde aos conflitos com o filho — neste caso, os participantes comentaram reproduzir os modelos de parentalidade recebidos, ainda que não os considerassem adequados, tampouco desejavam adotar tais práticas parentais com as crianças; todavia, repetiam o modelo que receberam: *Eu apanhava quando era criança e às vezes, eu tento fazer diferente com ela e vem uma coisa ruim! Porque isso tá no sangue! Eu tento não repetir o que recebi de ruim, mas às vezes acontece (...) a folia é tanto que ela acaba apanhando. Mas, me incomoda, porque, poxa, não precisava ter feito isso! (CS 4 – Clara)*. Pode-se constatar um arrependimento da mãe ao implementar a prática educativa coercitiva, mesmo sabendo que é inadequada.

### **Subcategoria 2.3 – Descontinuidades do modelo afetivo da família de origem na relação conjugal atual**

Apresentaram-se exemplos de descontinuidades do modelo afetivo da família de origem na relação conjugal atual, tais como: *formar uma família diferente do modelo parental recebido* – emergiram relatos sobre um posicionamento oposto àquele que recebeu dos modelos de seus próprios pais quanto à vida conjugal, *e aprender com o cônjuge novas formas de demonstrar a afetividade e se relacionar* – surgiram depoimentos de como o cônjuge se tornou uma fonte de aprendizagem para o relacionamento familiar, especialmente no âmbito afetivo, na vida conjugal.

Evidenciaram-se relatos de constituir padrões relacionais no casamento de modo inverso aos modelos parentais de conjugalidade por não se observarem demonstrações afetivas entre eles: *Hoje eu acabo fazendo o que eu não recebi quando era criança. Eu tive uma reação inversa. Eu não via muito os meus pais se abraçando, nem aquele beijo de respeito entre eles, eu não via... Então hoje eu faço o que eu não vi, o que eu não vivi (CS 1 – Helena)*. Observa-se também a narrativa de uma participante que alega o desejo de formar novos padrões relacionais com maior proximidade entre os membros familiares, o que não internalizou das memórias conjugais de sua família de origem: *Meu sonho era ter uma família normal, com os filhos criados, sentar todo mundo na mesa, coisa que eu não tinha... (CS 2 – Luciana)*.

Outros depoimentos ilustraram o aprendizado que receberam com o cônjuge, a fim de estabelecer novas formas de demonstrar a afetividade e se relacionar, conforme expõe Eliana: *O que eu recebi da minha formação foi isso. Procuro mudar um pouco... Até foi ele que me ensinou a falar, demonstrar, beijar, abraçar. Porque pra mim, isso não era comum, não tinha memórias assim, não tinha nada (CS 3 – Eliana)*.

### **Subcategoria 2.4 – Descontinuidades do modelo afetivo da família de origem na relação parental atual**

Citaram-se fatores de descontinuidades do modelo afetivo da família de origem na relação parental atual, tais como: Promover um relacionamento mais afetivo com os filhos – destaca-se, nesse item, a ruptura de manutenção de um estilo parental mais autoritário e negligente com os filhos, cuja mudança propõe-se a estimular padrões mais afetivos e de engajamento: *Eu não quero que meus filhos passem o que eu passei... Então eu já vim com a coisa de que tudo aquilo que eu vi de errado, eu não queria passar pros meus filhos! Eu acho que hoje acabo até*

*protegendo demais..., mas, eu prefiro errar por dar muito carinho, que dar por menos, como foi comigo! (CS 2 – Luciana); investir no estudo dos filhos – que para alguns participantes isso se tornou um aspecto negligenciado em sua formação cognitiva: Eu incentivo para o meu filho e invisto na educação deles com qualidade. Eles vão ter isso de mim. Eu procuro ser tudo aquilo que eu não recebi (CS 1 – Helena); estar presente e engajado nas atividades dos filhos como nos compromissos escolares e atividades gerais; valorizar os sentimentos da criança – que segundo alguns relatos, não receberam esse tipo de tratamento na infância e quando manifestavam algum desejo verbalmente, eram punidos, conforme ilustra o trecho, a seguir: Às vezes ele diz: “ai que saco!” - Uma palavra feia, mas eu deixo que ele bote pra fora, porque eu não podia colocar pra fora, nada! (...) Na minha época, criança não podia opinar nada! E aquilo ali ficava aqui dentro, sabe? (CS 2 – Luciana); e por fim, estimular novos valores na educação dos filhos, os quais propiciem limites rígidos quanto às regras e punições, mas que ao mesmo tempo forneçam cuidado e envolvimento, o que foi relatado por Gael e Bela (CS 5).*

Como se observou, os pais relataram estar atentos para não repetir os padrões relacionais de educação, que consideraram inadequados, advindos dos próprios pais, o que gera um auto-monitoramento constante para fazerem diferente.

### **CATEGORIA 3: “Apego e qualidade do relacionamento conjugal”**

A categoria três visou a agregar as repercussões dos significados atribuídos ao apego dos membros do casal na infância sobre a qualidade do relacionamento conjugal, na vida adulta. Desse modo, as temáticas que nortearam a compreensão do fenômeno para os participantes foram: Demonstração de afeto na conjugalidade; Funcionamento do casal; Aspectos facilitadores na díade conjugal e Dificuldades na díade conjugal.

#### **Subcategoria 3.1 – Demonstração de afeto na conjugalidade**

A presente subcategoria contemplou as demonstrações afetivas mais frequentes que os participantes relataram trocar entre si, no subsistema conjugal. Os itens reportados foram classificados pelos tipos de demonstração de afeto, tais como: *toque físico* – abraços, beijos, relação sexual; *palavras afirmativas* – palavras de incentivo, de consolo, de segurança e elogios; *cuidado afetivo* – preparar as refeições, cuidar do cônjuge quando fica doente, cuidados domésticos na divisão de tarefas; *tempo em conjunto* – momentos de qualidade na companhia do cônjuge, tais como, sair para jantar ou fazer alguma atividade agradável a dois; *presentes* –

gestos de carinho que um dá ao outro para o agradar, não apenas presentes como objetos de valor financeiro, mas emocional; por exemplo, um bilhete, flores, bombons, etc.

De forma geral, os homens referiram demonstrar mais afetividade com suas esposas por meio de toque físico e tempo em conjunto. Validaram a satisfação de receber carinho desse modo também, de suas companheiras, conforme seguem alguns relatos: *Eu acho que contato físico é muito importante. Eu acho que escrever só “eu te amo” e entregar num bilhete, é muito frio... Eu demonstro mais abraçando, fazendo carinho e falando... (CS 3 – Mateus)* e (...) *Então o casal precisa disso, desse tempo pra namorar, pra ficar à vontade sem os filhos... É uma forma importante de demonstrar afeto também (CS 5 – Gael).* Enquanto que para as mulheres, evidenciou-se mais a demonstração de afeto por meio do cuidado afetivo, expresso pelo modo de cuidar das atividades domésticas, preparar alguma refeição que o marido goste e demonstrando atenção quando ele fica doente. Outros modos de demonstrações afetivas também foram comentados por homens e mulheres, tais como elogios e incentivos, assim como dar presentes e “agradinhos” ao cônjuge.

### **Subcategoria 3.2 – Funcionamento do casal**

Apresentaram-se exemplos que caracterizam o funcionamento do casal dos participantes, a saber: Funções do casal nas atividades familiares cotidianas – atribuições domésticas para organização do lar e da rotina familiar. Observou-se que as mulheres detêm maior autoridade no lar, decidindo sobre as atividades domésticas e o cuidado básico com as crianças, conforme se evidencia o relato: *É que como eu já sei o que precisa, eu delego a funções. A questão não é que eu queira dar ordens, pra causar complicação. É ao contrário, é pra trazer a harmonia, é pra facilitar. Então, dentro de casa as funções são minhas! (CS 4 – Clara).*

Em relação às decisões familiares, os participantes mencionaram decidirem juntos sobre assuntos de maior importância, de modo que as situações triviais sejam decididas, segundo o bom senso de cada um. Além disso, os princípios que o casal compartilha contemplaram aspectos valorativos daquilo que esperam que o cônjuge sustente no modo de se relacionar, tais como a fidelidade conjugal e o modo de educar os filhos, a fim de garantir o respeito mútuo e preservar a harmonia da relação. Evidenciaram ainda, diferentes formas de se relacionar, cuja dinâmica conjugal para expressar sentimentos, pensamentos e hábitos, no compartilhamento das situações cotidianas, se tornaram presentes, além de resolverem os problemas entre si e não compartilharem com outros membros da família estendida: *Eu não levo meus problemas pra minha mãe, eu não levo, sabe? Porque tem muito relacionamento que é assim, aí já vem todo*

*mundo e se mete... É terrível. Então, a coisa é entre eu e ele. Eu confio nele pra que a gente resolva as coisas... (CS 2 – Luciana).* Portanto, os depoimentos denotam parceria na resolução de tarefas e nos relacionamentos.

### **Subcategoria 3.3 – Aspectos facilitadores na díade conjugal**

Nesta subcategoria comunicaram os principais pontos positivos do relacionamento conjugal, os quais foram: Comunicação – como exemplo, argumentaram que deixar claro os sentimentos sobre o que gostam e o que não gostam frente às atitudes de cada um, tornou-se um fator importante para o estabelecimento da confiança e da harmonia relacional: *Eu acho que isso é um dos pontos fortes da nossa relação, essa conversa franca. Do tipo, como eu sinto, como eu estou me sentindo, o que você percebe... Tem o “dia do lixo”. Mas, não é de comida. É o dia de botar pra fora aquilo que tá ruim (CS 5 – Bela); Eu tento ser o mais claro possível e passar as informações pra ela; pra ela se sentir segura, esse tipo de coisa... (CS 1 – Rafael).*

Os demais pontos positivos referidos contemplaram o companheirismo e suporte emocional, como também o comprometimento com a relação, no sentido de ser parceiro e amigo; além da relação sexual, que conforme alguns relatos dos homens, é uma fonte de prazer mútua, de modo que pratiquem relações sexuais com regularidade com suas esposas, ainda que estejam casados há vários anos. Outros aspectos como ser boa mãe/bom pai também parece refletir na qualidade conjugal, enquanto um fator positivo; além da satisfação com o casamento de modo geral e o comportamento de pedir perdão, sendo flexível quando um dos cônjuges comete erros, o que evidencia um funcionamento mais harmônico na intimidade do casal: *E a partir dessa decisão dele, de pedir perdão por várias coisas, de decidir que ia me amar, independente das coisas que eu fizesse ou que eu deixasse de fazer, a partir dali, as coisas começaram a mudar, inclusive na nossa intimidade (CS 5 – Bela).* Por fim, os aspectos positivos da Religião/Espiritualidade e *Rede de apoio social*, referem-se a fatores externos que atuam enquanto recursos pessoais para obter enfrentamento frente às dificuldades no relacionamento conjugal e familiar, além de contribuir para o fortalecimento no contexto social, de acordo com algumas narrativas: *Eu vejo que se a gente coloca Deus em primeiro lugar, tudo flui. Vem a dificuldade? Vem! Mas, a gente aprende a lidar melhor com as dificuldades. (CS 4 – Clara) e A gente recebeu ensinamentos de cursos que fizemos de como sermos pais, de como melhorar o casamento... Isso ajuda! Você tem um norte pra seguir. Eram grupos de atividades, palestras, convivências com outros casais... Foi muito bom! (CS 4 – Jonas)*

### **Subcategoria 3.4 – Dificuldades na díade conjugal**

Identificaram-se os pontos negativos do relacionamento conjugal mais evidentes pelos participantes, como: Fase de adaptação do casal – alguns relatos demonstraram tal impasse no início do relacionamento conjugal, enquanto um desafio em potencial para o ajuste da relação: *Eu tinha os meus costumes e ela veio da casa dela e ela tinha os costumes dela, então teve muito choque ali, porque eu fazia aquilo a vida inteira e aí agora, tinha alguém que dizia que eu não podia fazer aquilo que eu sempre fiz (CS 1 – Rafael)*; além dos fatores negativos de desemprego para o alcance dos compromissos financeiros do lar; a forma de se relacionar – cujos relatos enfatizaram pontos de difícil manejo entre o casal, como: *Ele queria que eu conversasse mais, que eu falasse mais, que eu tomasse mais iniciativa, no geral... Então eu acho que o que mais dá uns conflitinhos é isso” (CS 5 – Bela)*. Não obstante, citaram pontos negativos referentes à impaciência com os filhos, cujo depoimento de um participante contemplou os problemas desencadeados no subsistema parental e o reflexo disso na conjugalidade; além dos hábitos do cônjuge, como exemplo o hábito de fumar, o que se considera desagradável pelo(a) parceiro(a) e falta de organização do tempo, o que, na perspectiva do casal, atrapalha o relacionamento pelo tempo insuficiente do cônjuge, dedicado para a relação conjugal e familiar.

## **CATEGORIA 4: “Apego e envolvimento parental”**

A quarta categoria teve como objetivo apontar as repercussões dos significados atribuídos ao apego dos membros do casal na infância sobre o envolvimento parental, com seus próprios filhos, consoante três subcategorias que nortearam a compreensão do fenômeno: Significados atribuídos à parentalidade; Demonstração de afeto na parentalidade; e Interação parental nas atividades cotidianas.

### **Subcategoria 4.1 – Significados atribuídos à parentalidade**

Os significados evidentes no depoimento dos participantes, quanto à experiência da parentalidade, podem ser exemplificados pelas narrativas de tornar-se pai e mãe – aquisição de novas funções, sonho realizado, dificuldades e aprendizagens com a chegada dos filhos; e também, pela coparentalidade – gerenciamento de tarefas na parentalidade.

Tanto as mães quanto os pais foram congruentes ao relatarem os desafios inerentes à parentalidade, além da satisfação e dos sentimentos ambivalentes que experimentaram ao se

tornarem pais. O depoimento de Clara enfatiza o fato de que a mãe abre mão dos seus próprios desejos em prol das necessidades do filho: *Porque mãe come comida fria, sabe? É uma vida totalmente diferente. Você deixa de comprar uma roupa, você deixa qualquer coisa que fosse pra você pra investir neles. Você deixa de fazer uma viagem pra poder dar uma escola melhor pro filho. Tu aprendes a deixar o “eu” pra servir.* (CS 4 – Clara).

Por sua vez, atributos da coparentalidade estiveram presentes em diversas narrativas dos participantes, expressa no gerenciamento de tarefas exercidas pela dupla parental. O depoimento do casal 2 expressa o destaque ao envolvimento paterno: *A comida geralmente sou eu, mas em termos de banho e quando ele era bebê, o Bernardo sempre foi muito participativo. Ele sempre foi de participar, de dar banho, às vezes eu não posso e ele já vai...* (CS 2 – Luciana). O envolvimento do pai nas tarefas cotidianas com o filho parece ter sido negociado com a esposa pelo relato.

#### **Subcategoria 4.2 – Demonstração de afeto na parentalidade**

Esta subcategoria indicou as demonstrações de afeto mais recorrentes que os participantes costumavam manifestar aos seus filhos. Os itens referidos foram classificados pelos tipos de demonstração de afeto, tais como: *toque físico* – abraços, beijos, pegar o filho no colo – carinhos que envolvessem contato físico; *palavras afirmativas* – palavras de incentivo, de consolo, de segurança e elogios; *tempo em conjunto* – tempo de qualidade dedicado aos filhos, especialmente para conversar e ouvir a criança, bem como em atividades de lazer.

O toque físico foi referido pela maior parte dos participantes, entre mães e pais, enquanto uma das demonstrações de afeto mais presentes na parentalidade. Além disso, as palavras afirmativas, no sentido de encorajar a criança constituiu-se uma estratégia importante, reportada pelos pais, conforme o depoimento: *Eu tento validar ele nessa questão que ele sente medo, que nem a D. falou. Digo que ele é corajoso... Tento mudar essa percepção que ele tem dele, que é negativa* (CS 1 – Rafael). Outros participantes também indicaram que o tempo em conjunto com o filho, é um aspecto fundamental para estabelecer proximidade e deixar boas memórias afetivas na relação entre eles: *Não tem como um pai expressar amor para um filho, se não investir em tempo com ele! Porque tempo é vida! É eu deixar de fazer as minhas coisas em prol do outro (...) Isso é passar tempo, isso é dizer que ama! A linguagem que o filho tem de amor é a presença* (CS 5 – Gael)

### **Subcategoria 4.3 – Interação parental nas atividades cotidianas**

Citaram-se as diversas formas segundo as quais que a dupla parental procurava envolver-se com os filhos, na rotina familiar, tais como: *Cuidados básicos* – situações que envolvessem o cuidado direto com a criança, tais como: dar banho, preparar as refeições, tomar conta quando está doente, dar banho, entre outros; e ainda, os cuidados indiretos que quando realizados, proporcionam ao filho o seu bem-estar. Como exemplo, cuidar da limpeza e da organização do lar. Os relatos demonstraram que embora, algumas mães trabalhassem em dupla jornada, costumavam se envolver mais diretamente com a criança que o pai. Esse, por sua vez, evidenciou maior envolvimento por meio da brincadeira e da abertura ao mundo, para incentivar a criança a explorar o ambiente: *Eu sou das atividades extracurriculares! (risos), as de fora de casa com as crianças. Tipo, eu cheguei em casa e já levo eles pra sair. Se eu puder todo dia fazer alguma coisa com eles eu vou, (...) Eu levo pro parquinho, pra andar de bicicleta, ir pra praia... É engraçado, eu brinco muito com eles fora de casa (CS 1 – Rafael)*. Já o suporte emocional foi mencionado, tanto pelas mães quanto pelos pais, no sentido de apoiar a criança quando se sente insegura e permitir que ela expresse os seus sentimentos. Por fim, a disciplina mostrou-se presente, através de regras e limites do convívio familiar, utilizando-se de estratégias destrutivas de resolução de conflitos parentais, como a punição corporal, em quase todos os casais pesquisados: *Aí eu disciplino tanto com vara... Ou dou uns tapas na bunda... Nada em cabeça, essas coisas. E eu também deixo de castigo, tiro coisas que eles gostam... Um desenho, um brinquedo e aplico uma coisa assim (CS 1 – Helena)*

## 8. DISCUSSÃO INTEGRADA

Esta tese teve como objetivo geral analisar as repercussões das relações de apego dos membros do casal, desenvolvidas na infância sobre a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental. A discussão, apresentada a seguir, foi realizada de forma integrada, ou seja, respeitando-se o método misto de análise de dados – DEXPLIS (pg. 67) e a interpretação dos achados foi elaborada de maneira conjunta. Para tanto, foram apontados os principais resultados quantitativos e qualitativos que responderam aos objetivos da pesquisa e, posteriormente, problematizados com o marco teórico e epistemologia, adotados. A fim de facilitar a compreensão da temática, dividiram-se a discussão nos seguintes eixos: Apego na infância; Intergeracionalidade do apego; Apego e qualidade do relacionamento conjugal; e Apego e Envolvimento Parental.

A presente seção realizou-se com a abordagem da caracterização sociodemográfica dos casais participantes do estudo. Na sequência, foram discutidos os eixos temáticos, conforme os resultados da Etapa 1 e da Etapa 2 de forma integrada.

### 8.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes

Constatou-se que a composição familiar predominante foi a família nuclear composta por pais biológicos, embora que famílias do tipo recasada e com filhos do próprio casal, também apareceram. Tais achados encontram-se em conformidade com os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no último censo de 2010, cuja configuração de família nuclear, ainda se caracteriza como a prevalente entre os demais arranjos familiares brasileiros. Por outro lado, também se observa um crescimento nos índices de famílias monoparentais e no número de recasamentos no país (IBGE, 2010). O perfil mais recorrente entre os participantes, também pode estar relacionado aos critérios de inclusão adotados no estudo, tais como: estarem casados e possuírem filhos, estando vivendo juntos, por, no mínimo, seis meses.

Além disso, Andrade (2018) sustenta que o arranjo tradicional de família, com o homem sendo o único responsável familiar na condição de provedor e a mulher como dona de casa, deixou de ser predominante. Na década de 1970 o percentual de mulheres casadas que trabalhavam na área rural correspondia a 25,4% e de 34,5% entre as profissionais com nível superior. Já em 2012, esse número elevou-se para 46,4% e 75,5% respectivamente. Tais dados

coadunam com os resultados da pesquisa, de modo que 74,6% das mulheres participantes alegaram trabalhar e contribuir para a renda mensal da família.

Em relação à idade, evidenciou-se uma diferença estatisticamente significativa, de modo que as mulheres fossem mais jovens que os homens. Esse panorama também se fez presente nas pesquisas de Gomes (2015), Bolze (2016) e Böing (2014), cujos estudos investigaram dimensões da dinâmica familiar, conjugalidade e parentalidade – em famílias heteroafetivas.

O tempo médio de união conjugal dos participantes foi de sete anos. Segundo as Estatísticas do Registro Civil de 2017, o tempo médio das uniões civis brasileiras têm sido de 14 anos (IBGE, 2019). Todavia, há de se considerar que a amostra selecionada apresenta um perfil prevalente de casais com filhos pequenos, bem como representam uniões conjugais recentes, sendo que a maioria é composta por jovens adultos.

No quesito da parentalidade, a faixa etária da criança focal predominante foi de 0 a 3 anos, cujo estágio do ciclo vital familiar corresponde ao de “Famílias com filhos pequenos” (Carter & McGoldrick, 2001). Em média, os casais tinham apenas um filho; o que parece retratar o cenário atual da família brasileira. Tendo em vista a queda nas taxas de natalidade no país, em mulheres de todas as classes sociais, os dados do IBGE de 2015 registram 1,72 filho por mulher, o que é considerado abaixo do nível de reposição da população, de modo que o país esteja “envelhecendo” e tendo menos filhos, desde as regiões do Nordeste até as do Sudeste, por exemplo (Relatório do UNFPA – Fundo de Populações das Nações Unidas - ONU, 2018).

Outro dado que se sobressaiu refere-se aos anos de escolaridade, entre mulheres e homens, de tal forma que as mulheres apresentaram uma média mais alta e estatisticamente significativa em relação aos homens. Andrade (2018) comenta que após os anos de 1970 houve uma ampliação na tendência de melhor desempenho escolar das mulheres em relação aos homens, sobretudo nas famílias mais desfavorecidas economicamente. Tais mudanças são reflexos de um processo lento e contínuo da ampliação de oportunidades de acesso à educação das mulheres, a partir de 1879, com a promulgação da Reforma Leôncio de Carvalho, o que possibilitou ao público feminino o direito de cursar o ensino superior. Tal panorama ratifica os dados censitários divulgados pelo IBGE de 2014, em que 12,5% das mulheres com 25 anos ou mais completaram o Ensino Superior em 2010, em contraste com a participação masculina que, no mesmo período, representou 9,9% de concluintes (Andrade, 2018).

Quanto à religião ou crença espiritual, a maioria dos participantes apresentou ter religião, com destaque para o Cristianismo – entre católicos e evangélicos. Em relação às práticas religiosas, como participar da igreja e/ou realizar orações/preces, leitura bíblica, entre outros,

as mulheres evidenciaram maior envolvimento que os homens. Segundo os dados do IBGE (2010), os cristãos contemplam 86,8% da população nacional, de modo que o segmento dos evangélicos tem crescido notadamente em percentuais frente aos católicos e demais religiões, nos últimos 40 anos. A proporção de católicos apresenta maior concentração de idade com pessoas acima de 40 anos; enquanto os evangélicos apresentam a maior concentração de idade entre pessoas mais jovens. Tais dados estatísticos se refletiram nos resultados encontrados, uma vez que os casais cristãos evangélicos apresentaram, em sua maioria, idades inferiores a 40 anos (IBGE, 2010).

## **8.2 Apego na infância**

Inicialmente, propõe-se *caracterizar as relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infância*, bem como, *descrever as características* dessas relações. Em vista disso, os resultados demonstram a predominância de valores intermediários de apego, ou seja, estilos de apego com características que oscilam entre o apego seguro e inseguro, para homens e mulheres. Observou-se, também, uma parcela menor de participantes que demonstraram vivenciar um estilo de apego seguro com seus próprios pais, na infância; frente a um número maior que evidenciou um perfil de apego inseguro. Dentre esses, sobressaiu-se a média de apego inseguro desorganizado – para os homens, e o apego inseguro ansioso – para as mulheres. As médias mais baixas de apego inseguro, para ambos os participantes, foram as de apego evitativo.

Tais resultados chamaram a atenção, uma vez que o escore geral relacionado ao apego retrospectivo, isto é, como homens e mulheres percebiam seus pais quando eram crianças, no que se refere aos cuidados, suporte e disciplina, apresentaram evidências positivas relacionadas à infância pela maioria dos participantes. Para tanto, antes de aprofundar questões relacionadas aos tipos de apego inseguro proeminentes, almejou-se destacar os aspectos que delimitaram o apego seguro, para ambos os participantes.

Na Etapa 1, outro dado que indicou, de forma indireta, uma perspectiva mais positiva em relação à infância referiu-se à média mais baixa do item “Infelicidade na infância”, o qual faz parte da subdimensão “Vulnerabilidade da infância” do *Questionário Retrospectivo de Apego (QRA)*. Embora não sejam evidenciadas diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres, observou-se que os homens apresentaram menos “infelicidade” que as mulheres. Além disso, os dados qualitativos da Etapa 2 corroboraram tais resultados, ao aprofundar

*lembranças afetivas positivas* relacionadas ao *apego na infância*, especialmente mencionadas pelos participantes masculinos.

Alguns relatos expressaram o significado atribuído aos próprios pais, aos valores familiares recebidos para se tornarem pessoas íntegras e às memórias infantis, enquanto fatores protetivos e importantes no desenvolvimento do apego. Salienta-se que somente os homens trouxeram depoimentos favoráveis acerca das lembranças parentais na infância. Observou-se que as qualidades pessoais das figuras parentais estão ligadas aos valores recebidos na infância e à representação de afeto que carregam, a partir das lembranças vivenciadas.

Pode-se argumentar que as narrativas fazem alusão ao que Bowlby (1973/2004) denominou de “modelos funcionais<sup>5</sup>” ou, mais recentemente, por “representações mentais” (Byng-Hall, 1995), haja vista que as recordações citadas se referiram aos modelos internalizados de aspectos afetivos e cognitivos que constroem a realidade e os significados individuais desses participantes. Segundo Ramires e Schneider (2010), os pais devem atuar enquanto uma base segura para a exploração do mundo interno de suas crianças, para além do mundo externo. Isso implica em criar condições de parentalidade em que seja possível estabelecer diálogos, reflexões e suporte emocional para o fortalecimento do self de seus filhos. Desse modo, estimularam-se a construção e a revisão dos modelos funcionais de apego.

Com base nos depoimentos trazidos, o modelo funcional interno alude a um espaço de investimento afetivo paterno, capaz de promover a segurança, a autoestima e o senso de sentir-se amado. Apontou-se que o apego seguro vivenciado nas relações primárias e, como exemplo aqui — com a figura paterna —, pode auxiliar a criança no desenvolvimento de habilidades e autoconfiança em situações novas, ameaçadoras e de competição; o que lhe permite uma maior autonomia para explorar o mundo e as relações (Paquette, et al., 2009).

Na revisão de literatura integrativa proposta por Becker e Crepaldi (2019), em bancos de dados nacionais e internacionais acerca dos padrões de apego desenvolvidos na infância e seus reflexos sobre a conjugalidade e parentalidade — na vida adulta —, verificou-se que as temáticas acerca do apego e a parentalidade se mostraram evidentes, especialmente na perspectiva

---

<sup>5</sup> Convém distinguir o emprego conceitual das terminologias de “modelos funcionais” e “padrões familiares funcionais/disfuncionais” adotados neste estudo. Quando for mencionado “modelos funcionais”, trata-se do conceito proposto por Bowlby, o qual alude aos modelos internalizados de aspectos afetivos e cognitivos vivenciados pelo indivíduo, com base nos significados que este atribui. Em outro momento, ao referir-se sobre os padrões familiares funcionais/disfuncionais, compreendem-se as bases conceituais de Minuchin, tendo-se o cuidado em não estigmatizar o tipo de família funcional/disfuncional, mas no intuito de identificar o *processo* ou *padrão relacional* funcional/disfuncional.

intergeracional, todavia, somente a pesquisa de Rempel et al. (2017) demonstrou aspectos do apego seguro em uma amostra de 802 casais vietnamitas, cujo grupo experimental foi submetido a intervenções de um grupo de pais, no período pré-natal até o nono mês de nascimento do bebê. Os resultados indicaram relatos positivos e de aprendizagem na interação afetiva entre o subsistema parental, o resgate à história pessoal dos pais na infância deles e a continuidade dos padrões afetivos, bem como os desafios inerentes à transição para a parentalidade.

Ainda no que concerne às características do perfil de apego seguro desenvolvidas na infância, identifica-se que uma das demonstrações de carinho recorrentes nos discursos dos participantes refere-se ao contentamento experienciado por meio do toque físico, tais como beijos, abraços e receber colo dos pais; além do cuidado afetivo e das brincadeiras entre pais e filhos. Portanto, a evidência de que o apego seguro passa por uma via que transmite proximidade, segurança e proteção com a figura de apego é um dado fundante para a saúde mental, presente e futura, do indivíduo (Bowlby, 1976; Todorov, 1996). Tais resultados confirmam o que já foi sustentado na literatura, especialmente nas pesquisas de Bailey et al. (2016); Posada et al. (2002) e Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006).

Outro dado curioso que corrobora a importância do contato físico no desenvolvimento do apego encontra-se no estudo experimental de Krahé et al. (2018), o qual investigou as percepções afetivas e cognitivas de 44 mulheres jovens londrinas, a respeito do toque físico relacionado aos tipos de apego. Verificou-se que mais da metade das participantes apresentou apego seguro e mesmo aquelas que manifestaram apego inseguro, do tipo ansioso ou evitativo, também demonstraram percepções positivas e ausência de desconforto com a proximidade, a partir do experimento tátil. Tais achados sugerem a relevância conferida ao contato físico, enquanto uma das expressões de afetividade presentes no apego seguro, o que também se verificou nos resultados desta pesquisa.

Conforme os preceitos de Bowlby (1969/2002), uma das necessidades básicas e biológicas da criança, desde o seu nascimento, é estabelecer uma relação de apego com um cuidador em especial, de modo que esta relação seja marcada, também, pelo contato físico e proximidade. Presume-se, assim, que uma das formas de promover o apego seguro na infância, com base nos relatos dos participantes, é através do toque e do investimento afetivo que ocorre de forma recíproca – entre pais e filhos, consoante as lembranças e significados compartilhados.

No que se refere às *lembranças afetivas negativas* relacionadas ao *apego na infância*, o aspecto mais evidente, tanto nos homens quanto nas mulheres, diz respeito à punição corporal

que sofreram de seus próprios pais, quando crianças. Todos os casais foram unânimes, ao concordarem que seus pais foram coercitivos na infância. Entretanto, a maioria considerou que tais práticas não se caracterizaram como prejudiciais ao seu desenvolvimento, mas que foram necessárias para garantir uma boa educação e promover valores que os tornassem pessoas íntegras e moralmente corretas.

A ênfase conferida à punição corporal vai ao encontro do que propõe Bolze (2016), ao afirmar que a punição física, tais como bater na criança e deixá-la de castigo, constitui-se em estratégias destrutivas de resolução de conflitos parentais, de modo que nos resultados de pesquisa da autora, as mães evidenciaram mais uso de punição corporal que os pais. Pode-se supor que isso ocorra, tendo em vista que, no Brasil, as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pelos cuidados dos filhos sejam as mães, dedicando-lhes maior tempo e, portanto, sendo mais suscetíveis a vivenciarem conflitos com a criança (Jablonski, 2010; Borsa & Nunes, 2011; Bolze, 2016). Resultados como esses, também foram encontrados nos relatos das mães participantes do presente estudo, de modo que a aplicação da disciplina, de forma coercitiva, por meio da punição corporal, constou nos depoimentos de todas as mães entrevistadas.

Outro ponto a ser discutido reportou-se à tolerância que os participantes expressaram, ao minimizar o impacto da punição corporal recebida. Conforme alguns relatos, apresentaram-se justificativas de que ter apanhado caracterizava-se como um “costume da época” ou que “isso foi bom, para ter se tornado um homem com princípios”; tais discursos evidenciaram o predomínio de lealdades invisíveis que, conforme Boszormenyi-Nagy e Spark (1984), são formas inconscientes de honrar as gerações familiares anteriores. Nesse sentido, houve uma tendência em validar a herança afetiva recebida e, ainda, de repeti-la em gerações posteriores.

Ainda no que concerne às *lembranças afetivas negativas* relacionadas ao *apego na infância*, observou-se uma distinção nítida entre os homens e as mulheres participantes, de modo que as mulheres referissem diferentes aspectos de insatisfação afetiva parental e os concebessem como prejudiciais ao seu desenvolvimento, tais como cobrança, impaciência, pouco incentivo aos estudos, entre outros; enquanto os homens atribuíram maior destaque, somente à punição corporal recebida. O elemento que obteve maior visibilidade entre as lembranças negativas para as mulheres foi a ausência de demonstração afetiva parental, além do sentimento de solidão e negligência que vivenciaram na infância.

Dados como esses podem indicar características do estilo de apego inseguro, tendo em vista, também, a história familiar das participantes e os dados quantitativos da *Etapa 1*, os quais evidenciaram que as mulheres obtiveram uma média mais alta de separação com os seus pais,

vivenciadas na infância, em relação aos homens. Isso indica que as figuras parentais se mostravam frequentemente ausentes ou indisponíveis, e/ou mantiveram-se afastados dos filhos, por algum tempo, quando eram crianças. Outra diferença significativa entre os participantes, atribuiu-se às médias mais altas de vulnerabilidade para as mulheres, bem como medo dos pais, delicadeza e fragilidade na infância, em comparação com a amostra masculina.

Quanto aos estilos de apego dos participantes, registrou-se a predominância de valores intermediários – aqueles que oscilaram entre o apego seguro e inseguro, e, na sequência, destacou-se o estilo de apego inseguro – para ambos os participantes. Salienta-se que as mulheres apresentaram média mais alta no apego inseguro ansioso; enquanto para os homens, sobressaiu-se o apego inseguro desorganizado.

Os achados pertinentes ao predomínio de apego inseguro, para o público feminino, também foram observados nos estudos de Ensink et al. (2016), Madinga et al. (2016) e Szepeswol et al. (2015), cujos resultados demonstraram que a ausência ou suporte materno restrito constituíram-se em fatores prejudiciais para a formação do apego e a vivência da parentalidade, na vida adulta (Becker e Crepaldi, 2019). Além disso, o baixo nível socioeconômico e uma rede social significativamente frágil contribuíram para o menor envolvimento parental, cujas relações entre pais e filhos foram marcadas pelo estilo de apego inseguro ansioso e evitativo (Ensink et al., 2016; Szepeswol et al., 2015); o que também pode-se relacionar às *lembranças negativas afetivas* das mulheres deste estudo.

Ainda sobre o estilo de apego inseguro na infância, obtido pelas mulheres, hipotetizou-se que a preponderância do estilo ansioso para este público apresente relações com os escores elevados de “separação” e de “vulnerabilidade”, oriundos dos relacionamentos retrospectivos de apego estabelecidos com as figuras parentais. Pois, conforme os preceitos de Bowlby, a ausência de um apoio parental adequado, decorrente de separações, ausências, perdas e falta de investimento afetivo predis põem relações afetivas de insegurança na infância (Morais, 2019; Gomes & Melchiori, 2012) e que pode repercutir nas vinculações futuras (Becker, Vieira & Crepaldi, 2019; Consoli, Bernardes & Marin, 2018).

No caso dos homens, o estilo de apego inseguro predominante foi do tipo desorganizado que, segundo Main e Solomon (1990), constitui-se como o mais problemático, cujas características são encontradas em crianças vítimas de maus-tratos, de forma que os cuidadores principais se mostram pouco adequados na construção de uma relação saudável com seu filho (Villachan-Lyra, 2009; Silva et al., 2011). Além disso, a revisão sistemática proposta por Rackett e Holmes (2010), cuja finalidade foi discutir o apego materno-fetal, também verificou

que estudos longitudinais demonstraram o quão prejudicial se tornou ao desenvolvimento humano o tipo de apego desorganizado – para além dos demais, uma vez que a criança pode não saber o que esperar e como reagir diante da inconstância afetiva dos pais.

Em síntese, o primeiro eixo de discussão norteou a *formação do apego dos membros do casal na infância*, desenvolvido com a família de origem. Para tanto, verificaram-se os tipos de apego da amostra (Etapa 1), e de forma integrada, analisaram-se as características presentes nessas relações, vivenciadas na infância dos participantes (Etapa 2).

Os resultados gerais demonstraram que o tipo de apego intermediário e inseguro foram os mais sobressalentes, com destaque ao apego desorganizado com maior média para os homens e apego ansioso com média mais alta, para as mulheres. Todavia, o estilo de apego seguro também esteve presente, de modo que os homens referiram mais aspectos positivos, em relação às lembranças afetivas na infância, que as mulheres.

Com base nos depoimentos trazidos, observou-se a função que as representações mentais, estabelecidas com as figuras de apego, atuam enquanto modelos que direcionam a visão de mundo e dos relacionamentos passados, presentes e futuros dos participantes (Bowlby, 1973/2004). Nesse sentido, aponta-se que o conceito de “modelo funcional” ou “representações mentais”, oriundos da Teoria do Apego, podem aludir à um processo contínuo dentro do sistema familiar; uma vez que há uma tendência em reproduzir tais modelos internalizados para os demais relacionamentos e vivências na fase adulta (Morais, 2019). Por outro lado, não se pode perder de vista a noção da complexidade que, de acordo com o Pensamento Sistêmico, implica em sistemas mais amplos e interligados, cujas relações ocorrem de forma recursiva (Vasconcellos, 2013); assim, o intento ressaltado aqui, não é o de apontar um posicionamento causal e linear, sem prever uma possibilidade de mudança frente à formação de apego. Mas de observar o fenômeno de forma integrada, contemplando os processos inerentes que propõem a continuidade e descontinuidade das relações afetivas e seus desdobramentos na vida adulta, no âmbito da conjugalidade e da parentalidade. Tais discussões serão apresentadas no item que se segue.

### **8.3 Intergeracionalidade do apego**

Nesta categoria pretendeu-se *identificar as concepções sobre os padrões intergeracionais de apego na relação conjugal e parental dos membros do casal*. A partir dos resultados da Etapa 2, propôs-se uma discussão, cuja tônica residiu sobre os dados qualitativos e reflexões

teóricas – derivadas da epistemologia adotada e de achados empíricos, pertinentes ao tema. A seção está dividida em dois polos centrais: o primeiro enfatizou o processo de continuidade dos padrões afetivos da família de origem na vida adulta, manifestos na conjugalidade e na parentalidade; enquanto o segundo discutiu o processo de descontinuidade dos padrões afetivos da família de origem, também presentes no ciclo de vida adulto e familiar dos participantes.

### *Continuidades do modelo afetivo da família de origem*

Uma das expressões de continuidade das representações afetivas da família de origem sobre a relação conjugal atual se manifestou pelas narrativas que destacam, como positivo, o modelo parental de casamento observado na infância. Os relatos dos homens apresentam concepções favoráveis acerca do modelo de casamento de seus próprios pais, o que serviu como referência para a vida futura dos participantes no estabelecimento de seus projetos pessoais, tais como, o matrimônio.

Ao analisar as repetições, escolhas e o vínculo conjugal, Lima (2010) identificou que a vivência amorosa na vida adulta, ocorre a partir dos padrões de apego infantis, ou seja, buscase estabelecer padrões e a repetir o que desde criança serviu como modelo de identificação. Logo, pode-se pensar que os modelos das figuras parentais relacionados à conjugalidade – nos discursos citados, além de se tornarem bons referenciais para a construção amorosa na vida adulta, podem garantir a manutenção de padrões relacionais de uma geração para a outra (Waters, Merrick, Treboux, Crowel & Albersheim, 2000; Sherry, Lydon, & Hendon, 2007) e, neste caso, dos padrões afetivos.

De modo oposto, Hare, Miga e Allen (2009) verificaram que padrões negativos de conjugalidade, permeados pela agressão paterna, constituíram-se modelos preditores de relacionamentos amorosos disfuncionais e agressivos, de seus filhos adolescentes. Por outro lado, o estudo longitudinal apontou que o apego seguro atuou enquanto um modelo mediador para as práticas abusivas na transmissão intergeracional de violência, podendo atenuar esse ciclo. Dessa forma, os autores alegaram que o relacionamento romântico entre os pais costumam ser as bases primárias de exemplo das relações interpessoais a que uma criança é exposta; as quais ela poderá reproduzir em seus relacionamentos futuros. Tal reflexão também se corrobora às pesquisas de Bolze (2016); Bueno, Souza, Monteiro e Teixeira (2013); e Silva, Menezes e Lopes (2010).

Além da referência matrimonial a ser mantida na vida adulta, um dos participantes mencionou o exemplo paterno que recebeu, enquanto uma conduta de comprometimento a ser seguida em sua vida familiar atual. Observou-se que as representações mentais de apego, a respeito das relações e de como elas devem funcionar, apresentou uma base do legado afetivo paterno que permaneceu e orientou as crenças pessoais para esse indivíduo, com destaque à vida conjugal.

Esses achados são semelhantes ao estudo qualitativo de Quissini e Coelho (2014), cujos participantes separados e/ou divorciados identificaram a influência da família de origem quanto à transmissão de valores e condutas no contexto conjugal e parental. Todavia, os resultados encontrados pelos autores remeteram à reverberação de aspectos negativos presentes na intergeracionalidade. Já as discussões propostas neste recorte específico aludem aos fatores interpretados como adequados e que parecem contribuir para a relação conjugal dos casais do presente estudo.

De forma similar, outros resultados apontaram depoimentos acerca dos valores recebidos da família de origem, os quais desejam manter; nesses casos, porém, o padrão de continuidade foi direcionado à prática da parentalidade que exercem atualmente. O conceito de lealdades invisíveis ou lealdades familiares (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1984), pode ser novamente resgatado para discutir os depoimentos citados, especialmente pelos valores que os participantes alegaram manter, na educação com seus filhos. Bacal (2013) comenta que o cumprimento dos legados e as repetições que são transmitidas intergeracionalmente podem ser observados pelos comportamentos, crenças, escolhas e valores que os indivíduos mantêm ao recebê-los de seus referenciais de afeto.

Tais apontamentos também se confirmam na pesquisa de Trindade, Souza e Predebon (2012), ao ressaltarem que as práticas educativas maternas repetidas ao longo das gerações, tornaram-se referidas pelas participantes adolescentes da amostra. Os resultados apontaram, como exemplo, que o comportamento moral se constituiu uma variável transmitida na maioria das díades mãe-filha adolescente. Aponta-se, portanto, que os aspectos valorativos no que se referem às condutas adequadas, bons costumes, regras, entre outros, são importantes indicativos para a transmissão intergeracional, os quais podem ocorrer de forma saudável ou disfuncional (Féres-Carneiro & Diniz, 2010).

Demais fatores como demonstrações de afeto, brincadeiras e a religião da família de origem também foram mencionados, enquanto modelos afetivos de continuidade na relação parental atual dos participantes. Pode-se indicar que, dentre esses, destacou-se que propiciar

“momentos agradáveis de convívio familiar” caracterizou-se como um padrão de afeto positivo e repetido com os filhos – na geração presente.

Os depoimentos ilustraram modelos de parentalidade positivos, que os participantes atribuem às relações afetivas com as figuras parentais; e que, portanto, são repetidos na parentalidade exercida, na vida adulta. Tais resultados estão de acordo com estudos internacionais que investigaram a transmissão intergeracional da parentalidade considerada positiva, cujas características favorecem o desenvolvimento dos filhos, tais como o envolvimento parental – por meio do cuidado, trocas afetivas, brincadeiras, relações familiares de qualidade, expressão de emoções positivas e regras familiares definidas e tendem a ser reproduzidas nos relacionamentos futuros; entre esses, os parentais (Belsky, Jaffee, Sligo, Woodward, & Silva, 2005; Kerr, Capaldi, Pears & Owen, 2009; Shaffer, Burt, Obradovic, Herbers, & Masten, 2009).

Sob tal panorama, supõe-se que filhos que apresentam experiências positivas com seus pais, na infância, tendem a manifestar estilo de apego com base segura na vida adulta; tal argumento já foi demonstrado nas pesquisas de Bortolini e Piccinini (2015); Dollberg, Feldman e Keren (2010); e Broussard e Cassidy (2010). Considerando as características de trocas afetivas, segurança, necessidades emocionais e físicas atendidas, presentes nas narrativas dos participantes, pode-se encontrar representações de apego seguro na transmissão dos modelos afetivos vivenciados; o que pode ser respaldado pela suposição mencionada.

Outro aspecto presente nos padrões de continuidades do modelo afetivo da família de origem, referiu-se aos “conflitos com o filho”, que embora, não se constitua como um padrão relacional desejado, tende a ser reproduzido na relação parental atual, com base nos modelos que foram experimentados na infância.

Conforme os estudos sobre lealdades invisíveis e as heranças transgeracionais, Magalhães (2010), os membros familiares satisfazem as demandas dos antepassados de forma inconsciente, de tal modo que às vezes, seja contrário aos seus próprios desejos. Como exemplo, podem-se apontar as práticas parentais negativas como agressões psicológicas e físicas que comumente fazem parte da criação de crianças brasileiras e se perpetuam entre as gerações (Bolze, Schmidt, Bossardi, Gomes, Bigras, Vieira & Crepaldi, 2019; Peruhype, Halboth e Alves, 2011), o que também é encontrado nos relatos dos participantes, com destaque à repetição da punição corporal que pratica com os filhos. Observou-se que a justificativa da “hereditariedade do comportamento” se apresentou como um “mandato familiar”, difícil de ser evitado, conforme a exposição de uma das participantes.

Esses achados também se coadunaram ao estudo de Marin, Martins, Freitas, Silva, Lopes e Piccinini (2013), o qual investigou a transmissão intergeracional das práticas educativas parentais de mães e pais, cujo primeiro filho tinha 3 anos de idade. Verificou-se pelo relato das mães que elas receberam de seus pais mais práticas coercitivas na infância (53%) e que também as utilizavam com seus filhos (56%); semelhante ao discurso dos pais, ao mencionarem receber práticas coercitivas quando crianças (50%), fazendo um uso ainda maior com seus filhos (65%) do que recebeu das figuras parentais.

### *Descontinuidades do modelo afetivo da família de origem*

A partir do pressuposto da instabilidade no Pensamento Sistêmico, no qual se admitem a variabilidade, inconstância e a imprevisibilidade dos fenômenos, considera-se que a transmissão intergeracional caracterizou-se também, pela atualização e substituição de padrões afetivos vivenciados com a família de origem (Belsky, Conger & Capaldi, 2009). Desse modo, apontou-se que as referências conjugais e parentais experimentadas no passado, não serão necessariamente repetidas em relacionamentos futuros; ou seja, embora se perceba os reflexos marcantes das continuidades, tal fenômeno pode ser dinâmico não operando de forma causal e inflexível.

Os relatos mencionados exibem padrões de descontinuidades e indicam o desejo das mulheres participantes “formar uma família diferente” daquela à qual pertenceram quando crianças. No entanto, percebe-se a diferença entre homens e mulheres, uma vez que no âmbito conjugal e das memórias infantis, as mulheres demonstram maiores descontinuidades que os homens, além de apresentarem uma perspectiva mais negativa, em relação às lembranças afetivas na infância.

Em relação às descontinuidades nas vivências conjugais, o estudo de Bolze (2016) verificou que tanto homens quanto mulheres, referiram estabelecer diferentes padrões de funcionamento conjugal, quando comparados às referências parentais recebidas. Como exemplo, as descontinuidades do modelo conjugal da família de origem contemplaram estratégias de resolução de conflitos de forma diferente dos modelos parentais recebidos, privilegiando aspectos relacionais mais assertivos, como a comunicação aberta, avaliação de alternativas e solução de problemas. Embora a temática da autora, se diferencie da tônica central abordada neste estudo – intergeracionalidade do apego –, podem ser verificadas semelhanças

nos processos de descontinuidades ao reportar sobre novos padrões de conjugalidade que se modificam da família de origem dos participantes.

Segundo Belsky et al. (2009) as descontinuidades, também explicadas pelos mecanismos moderadores, associam-se ao contexto e às relações interpessoais vivenciadas ao longo do ciclo vital que possibilitam ou não, a transmissão de comportamentos ou heranças geracionais. Pode-se destacar, nesta pesquisa, que “aprender com o cônjuge” novas formas de se relacionar, constituiu-se um aspecto moderador, o que foi observado entre os depoimentos trazidos. A forma mais afetiva de se relacionar, conforme a “influência” do parceiro, o que foi referido em alguns discursos, atuou enquanto um mecanismo que inibiu a perpetuação de padrões relacionais menos expressivos afetivamente.

Marin et al. (2013) também reforçaram essa questão ao identificarem a função exercida pelo cônjuge no estabelecimento de novos padrões familiares, tal como foi encontrado nos resultados do presente estudo. Na pesquisa realizada pelos autores, tanto homens quanto mulheres indicaram a aprendizagem de novas práticas relacionais com a figura do cônjuge, especialmente aquelas direcionadas ao subsistema parental. Assim, aprender novas formas de se relacionar e expressar a afetividade, no contexto conjugal e parental, também foi encontrado no estudo nacional de Bortoli e Piccinini (2015) e no cenário internacional, proposto por pesquisas anteriores (Capaldi, Pears, Patterson & Owen, 2003; Conger et al., 2009).

No contexto da parentalidade, destacaram-se descontinuidades do modelo afetivo da família de origem, cujos participantes desenvolveram novos repertórios relacionais e práticas educativas com seus filhos que se diferenciaram de suas vivências infantis. Salientou-se que “investir no estudo dos filhos”, “estar presente e engajado nas atividades” e “estimular novos valores na educação” constituíram-se aspectos de mudanças nas práticas parentais. Nessa mesma direção, o item de maior saliência, referido tanto pelas mães quanto pelos pais, foi “promover um relacionamento mais afetivo” com os filhos.

Pode-se afirmar que os participantes reforçam o desejo de não transmitir aos filhos as experiências desagradáveis e desprovidas de demonstração afetiva que vivenciaram quando crianças. Oportuniza-se, assim, tecer uma observação importante quanto às práticas educativas e de afeto, presentes ou não, entre as gerações dos pais e dos filhos desses participantes. Conforme Cerveny e Berthoud (2010), a vivência da parentalidade é um período de tensão e expectativas que motivam o casal a promover mudanças; já que os valores e padrões adquiridos nas famílias de origem tornaram-se revistos e renegociados no ciclo de vida familiar, aludindo à necessidade de adaptações constantes frente às transformações próprias da cultura, que são

pertinentes a cada momento histórico e social de cada geração. Isso implica refletir que os modelos afetivos da família de origem dos participantes deste estudo, estiveram inscritos em uma geração anterior, cujos valores e padrões de relacionamento operavam sob a moral vigente daquela época. Presume-se que muitas das relações entre pais e filhos eram norteadas por uma dinâmica hierárquica mais rígida e, por vezes, de distanciamento entre seus membros; cuja disciplina se mostrava mais autoritária e a afetividade, mais contida (Weber, Selig, Bernardi & Salvador, 2006). Todavia, não se pode relativizar tais argumentos, mas considerá-los, enquanto um fator influente ao analisar a dimensão do tempo e da cultura, presentes na transmissão intergeracional dos padrões afetivos familiares.

Considerando o exposto, a pesquisa de Cacciacarro e Macedo (2018), a qual investigou a perspectiva parental quanto à transmissão de valores educacionais em quatro casais heterossexuais com ao menos um filho entre quatro e seis anos de idade, também encontrou resultados semelhantes aos achados deste estudo. As autoras identificaram que dentre os desafios enfrentados nas relações parentais, as estratégias de disciplinar os filhos e o estilo parental mais conservador foram modificados e, portanto, divergiram daquelas que receberam no passado.

Dentre as mudanças nas práticas parentais desta pesquisa, uma mãe participante destacou a importância de “valorizar os sentimentos da criança”, o que em sua infância, não acontecia. Entende-se que as descontinuidades da família de origem, perpassam não somente um relacionamento mais afetivo com os filhos, mas novos padrões de interação com a criança que favoreçam a sua autonomia, segurança e autorregulação.

O estudo de Palmeira, Gouveia, Dinis e Lourenço (2011) verificou as relações entre a expressividade emocional nas famílias de origem maternas e o modo como as mães, na idade adulta, manejaram e reagiram à expressão das emoções negativas de seus filhos, entre a faixa etária de 8 a 12 anos de idade. Os resultados demonstraram que a vivência em ambientes familiares de expressividade negativa, conduziu ao desenvolvimento de crenças relativas às emoções, de modo que as mães fossem menos capazes de compreender, apoiar e elaborar as emoções de seus filhos, não validando e permitindo a sua expressão emocional. Tais achados se conduziram de forma oposta ao relato da participante, no presente estudo, o qual se apresentou como um padrão de descontinuidade. Nesse sentido, presumiu-se a existência de aspectos moderadores que puderam contribuir para mudanças no subsistema parental. No caso específico desta participante, conforme sua história pessoal e familiar, as descontinuidades podem estar associadas às práticas religiosas e, também, à satisfação conjugal que vivencia com

o parceiro, cujos aspectos lhe forneceram novas possibilidades de relacionar-se com o filho e na díade conjugal. Resultados semelhantes a esses, foram encontrados na pesquisa de Evangelista e Menandro (2011); Rabinovich, Costa, Lins e Franco (2008) e Freitas (2002).

Na pesquisa de Bortolini e Piccinini (2015), cuja finalidade se pautou em investigar estudos de casos transgeracionais, entre as experiências da mãe com seus cuidadores e o apego do filho, verificou-se que uma das características de apego seguro foi a presença de sensibilidade materna diante das emoções negativas infantis e o incentivo à criança para demonstrar seus sentimentos e externalizar a raiva. Tal achado reforçou o resultado encontrado neste estudo, o que ratifica o padrão de descontinuidade referido.

De modo geral, a segunda categoria identificou os padrões presentes *na transmissão intergeracional de apego na relação conjugal e parental dos participantes*. Conforme já mencionado, o presente eixo de discussão contemplou análises qualitativas, tendo em vista o foco delimitado dessa etapa do estudo, o qual estimula o pressuposto da intersubjetividade. De acordo com Cacciarro e Macedo (2018), em pesquisas realizadas com membros familiares e/ou casais, sugere-se privilegiar o enfoque qualitativo por aprofundar a diversidade de significados, segundo a ótica particular de cada sujeito.

Em relação à transmissão intergeracional de apego, as mulheres evidenciaram mais padrões de descontinuidades que os homens, especialmente na relação parental, no sentido de participar mais ativamente na vida dos filhos e investir nos estudos, diferentemente do que vivenciaram quando criança. Por sua vez, somente os homens mencionaram aspectos de continuidades do modelo afetivo da família de origem na relação conjugal. Como exemplo, salientaram a referência do casamento de seus próprios pais e os valores de comprometimento que receberam, os quais os incitam a repetir em sua relação amorosa na vida adulta. Tais achados foram semelhantes aos estudos de Bueno et al. (2013); Silva et al. (2010); e Quissini e Coelho (2014).

O processo de continuidades, demonstrado principalmente nas relações parentais, por meio dos valores transmitidos, constituiu-se em fatores importantes e muito presentes nas discussões. Para tanto, considerou-se adequado o uso do conceito de lealdades invisíveis (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1984). Oportunizou-se salientar, nesse íterim, que aspectos negativos de padrões relacionais na parentalidade também estiveram presentes, tais como a repetição da punição corporal, o que revelou que tanto fatores positivos quanto negativos acabaram sendo reproduzidos nas gerações posteriores.

Chama a atenção a ausência de conflitos intergeracionais apontados entre os membros do casal. Pois, conforme alguns estudos (Quissini & Coelho, 2014; Marin et al., 2013; Morici, 2008), é comum que apareçam desacordos entre aquilo que deve ou não ser mantido, enquanto herança das famílias de origem; na transmissão de valores, práticas ou crenças, estabelecidas na relação conjugal e parental. Hipotetiza-se que isso se deva ao efeito de desejabilidade social (Krahé et al., 2018), bem como ao número limitado de participantes nessa segunda etapa da pesquisa, além da característica harmônica de relacionamento conjugal, expressa pelos participantes. Resultados semelhantes a este também foram encontrados nas pesquisas de Bolze (2016) e Bolze et al. (2019).

Do ponto de vista epistemológico adotado, ressalta-se o conceito de instabilidade, o qual se manteve presente nos processos de descontinuidade, por admitir a mudança, transformação e imprevisibilidade dos padrões afetivos, que, embora, também indiquem uma tendência à repetição dos modelos parentais, não se constituíram fenômenos lineares e causais. Deve-se reconhecer, portanto, os eventos moderadores e contextuais que operam entre tais relações, sob a regência do momento histórico e cultural entre as gerações vigentes.

#### **8.4 Apego e qualidade do relacionamento conjugal**

A terceira categoria desta análise integrada buscou *relacionar o apego dos membros do casal na infância com a qualidade do relacionamento conjugal atual*, como também, *identificar os significados atribuídos à qualidade do relacionamento conjugal*. Para tanto, foram discutidos os dados referentes à Etapa 1 e, na sequência, integraram-se os dados da Etapa 2, a fim de complementar a análise.

Com base na hipótese de pesquisa (H1), a qual sustentou-se que *há uma associação negativa entre os tipos de apego inseguro desenvolvido na infância, dos membros do casal, com a qualidade do relacionamento conjugal*, aceitou-se parcialmente a hipótese, uma vez que se verificou associação negativa entre o apego inseguro ansioso, o apego inseguro evitativo e a qualidade do relacionamento conjugal. Ou seja, a presença desses padrões de apego inseguro influenciou negativamente a qualidade do relacionamento conjugal dos participantes, como também as dimensões de agressividade/desconfiança e vulnerabilidade de apego na infância. Todavia, a hipótese foi parcialmente corroborada, pois o tipo de apego inseguro desorganizado não apresentou correlações negativamente significativas com a qualidade do relacionamento conjugal.

De modo semelhante, vários estudos internacionais (Khalifian & Barry, 2016; Winterheld, 2017; Nisenbaum & Lopez, 2015; Damas, 2017; Kohn, Rholes, Simpson, Martin, Tran & Wilson, 2012) e nacionais (Becker & Crepaldi, 2019; Consoli, Bernardes & Marin, 2018; Scheeren, Vieira, Goulart & Wagner, 2014) identificaram a relação entre os estilos de apego inseguro – ansioso e evitativo – e a baixa satisfação conjugal. Como exemplo de cônjuges com estilo de apego ansioso e evitativo, citou-se a pesquisa longitudinal de Kohn et al. (2012), ao investigarem a satisfação conjugal e os estilos de apego de 192 casais americanos em transição para a parentalidade. Verificou-se que os cônjuges com apego ansioso demonstraram menor satisfação amorosa, ao perceberem o apoio reduzido de seu parceiro e o acúmulo de compromissos familiares, cujo medo de serem abandonados e rejeitados se tornaram maiores. Enquanto para os participantes com apego evitativo, a satisfação conjugal se tornou prejudicada, ao perceberem sua autonomia e independência ameaçadas.

Mikulincer e Shaver (2019) destacaram que os estilos de apego inseguro, especialmente do tipo ansioso, interferiram no funcionamento conjugal, desde aspectos básicos como o cuidado mútuo até o relacionamento romântico que podem tornar-se disfuncionais. Os autores argumentaram que pessoas com apego ansioso apresentaram a tendência de se concentrarem em suas próprias necessidades e às suas demandas não atendidas, tornando-se pouco empáticas ao cuidado com o parceiro. Além disso, características de um forte desejo por proximidade, dependência emocional, ciúmes e um controle obsessivo se tornaram fatores problemáticos na relação conjugal, mediada pelo apego ansioso. Tais apontamentos também foram encontrados nos estudos internacionais de Jayamaha et al. (2017); Gou e Woodin (2017) e Cooper et al. (2017).

Verificaram-se correlações fracas e negativas entre o apego evitativo e a satisfação conjugal para ambos os participantes, especialmente quanto ao consenso e a expressão diádica de afeto. Ressalta-se, portanto, que quanto mais presente é o apego evitativo, menor é a satisfação na relação amorosa. Além disso, quanto maior a vulnerabilidade dos membros do casal na infância, observam-se menores níveis de satisfação conjugal.

O estudo de Barry e Lawrence (2013) também se correspondeu aos resultados encontrados, tendo em vista que o apego evitativo influenciou negativamente o relacionamento amoroso do casal. Os autores realizaram um estudo experimental e longitudinal de cinco anos numa amostra de 103 casais residentes nos Estados Unidos. O experimento proposto contemplava dois eventos de observação ao casal: uma situação de suporte mútuo e uma situação de conflito da díade. Verificou-se que o afeto negativo das esposas, demonstrado

através do desprezo, raiva, nojo, atitudes defensivas e comportamentos de tristeza e embotamento, especialmente nos eventos de conflito, constituiu-se em fatores de predição para o aumento do comportamento de esquiva de cônjuges que evidenciaram o apego evitativo; o que não ocorreu com os maridos que apresentaram apego ansioso. Em relação à satisfação conjugal, as mulheres demonstraram maior insatisfação e desengajamento com parceiros que apresentaram apego evitativo em comparação com os de apego ansioso.

Demais resultados, derivados da Etapa 1, apontaram que tanto para homens quanto para mulheres, o apego inseguro do tipo ansioso e evitativo, apresentou correlações moderadas a fortes entre as dimensões de cuidados parentais e a vulnerabilidade, presentes nas relações de apego infantil. Por sua vez, observaram-se correlações negativas entre o apego inseguro – ansioso e evitativo e a qualidade do relacionamento conjugal.

Tal cenário pode configurar-se como fatores de risco e de vulnerabilidade para o desenvolvimento infantil, o que pode influenciar na transmissão de modelos de apego inseguro em relações afetivas futuras. Por outro lado, é importante refletir que, embora os padrões de apego tendam a apresentar estabilidade durante o ciclo de vida, esta não é rígida. Em conformidade com o pressuposto da imprevisibilidade, os estilos de apego podem se modificar ao longo da vida. Estudos internacionais (Farrel, Jeffrey, Overall & Shallcross, 2016; Stanton, Campbell & Pink, 2017) apontaram que pessoas com apego evitativo obtiveram mudanças em seu estilo de apego, demonstrando menos índices de comportamentos de esquiva, ao se manterem em relacionamentos amorosos positivos, por exemplo.

Em relação ao tempo de união conjugal e os tipos de apego dos participantes, verificou-se que quanto maior foi o apego inseguro, do tipo ansioso e evitativo, menor o tempo de união do casal. Não obstante, os itens de superproteção, depressão, agressividade e infelicidade, presentes na infância do casal, também estiveram relacionados ao menor tempo de união conjugal. Supõe-se que as representações mentais de apego que foram negativas na infância e desenvolveram-se de modo inseguro na vida adulta, permeadas pela dependência emocional, desejo constante de união e controle sobre o cônjuge ou desligamento afetivo, atenção restrita às experiências e necessidades do parceiro, além da necessidade de manter distância, constituíram-se fatores de risco para a manutenção da conjugalidade e a satisfação conjugal (Consoli et al., 2018).

Quanto à relação entre a renda familiar e os tipos de apego, os resultados destacam que casais que recebem menos de 10 salários apresentam mais apego inseguro ansioso e evitativo, em comparação com aqueles que recebem mais de 10 e 20 salários. Supõe-se que uma condição

financeira restrita tenda a ser geradora de quadros ansiogênicos e de insegurança, pela carência de recursos frente às diversas demandas que os casais precisam dar conta, como a habitação, alimentação, vestuário, transporte, entre outros; o que também se pode refletir na qualidade da relação conjugal (Scheeren, Neumann, Gryzbowski & Wagner, 2015). Complementando tal achado, a Etapa 2 indicou que um dos participantes apontou o desemprego, enquanto um fator desestabilizador na dinâmica conjugal e parental. Com base no pressuposto da complexidade, observou-se uma maior contextualização dos fenômenos, de modo que outras variáveis, tais como a falta de emprego, puderam interferir negativamente na vida afetiva dos participantes afetando a descontinuidade dos padrões relacionais.

O segundo objetivo que norteou a análise dessa categoria, referiu-se aos significados atribuídos à qualidade do relacionamento conjugal. Dessa forma, em conformidade ou dissonância com os achados da Etapa 1, a Etapa 2 identificou diferentes aspectos qualitativos que permitem ampliar a discussão e apontar reflexões.

Salienta-se que a qualidade do relacionamento conjugal foi avaliada positivamente, no âmbito geral, pelos casais participantes. Além disso, ressalta-se que os homens evidenciaram maior satisfação amorosa que as mulheres; todavia, essa diferença não foi estatisticamente significativa. Esses dados mostram-se congruentes com os resultados da Etapa 2, tendo em vista as narrativas que se sobressaíram, concernentes aos aspectos facilitadores na díade conjugal, tais como a comunicação, companheirismo e suporte emocional, relação sexual, ser boa mãe/bom pai, pedir perdão, satisfação com o casamento, religião/espiritualidade, rede de apoio social, entre outros.

Dentre tais fatores em destaque, os participantes alegam que um dos pontos positivos na relação conjugal trata da comunicação, no sentido de solucionarem os conflitos, demonstrar clareza nas informações e expectativas conjugais, além de transmitir segurança emocional ao parceiro. Conforme o estudo de casos múltiplos proposto por Heckler e Mosmann (2016), o qual teve por finalidade analisar os níveis de qualidade conjugal nos primeiros anos de casamento, em casais de dupla carreira, observou-se que a comunicação é fundamental para a manutenção de um relacionamento saudável e duradouro. Entretanto, grande parte dos casais entrevistados apresentou dificuldades comunicacionais entre si. Ou seja, alegaram dialogar de modo frequente, embora restringindo-se a níveis mais superficiais de comunicação, o que evidenciou certa ausência de uma comunicação coerente e de profundidade na dinâmica conjugal.

Por meio dos resultados obtidos na Etapa 2, pode-se inferir que os participantes evidenciaram uma postura reflexiva e coerente que os achados das autoras supracitadas, uma vez que mencionaram aderir ao diálogo para compartilhar diversas situações, especialmente acerca dos pontos de dificuldades e fragilidades emocionais.

Outro aspecto destacado pelos participantes e que pode justificar a qualidade do relacionamento conjugal diz respeito ao companheirismo e suporte emocional. Tanto homens quanto mulheres demonstraram que a parceria de realizar atividades conjuntas, compartilhar de preferências semelhantes e apoiar o cônjuge, em termos de oferecer suporte emocional e confidencialidade, constituem-se formas oportunas e benéficas de se obter qualidade no relacionamento amoroso. Esses resultados corroboram o estudo longitudinal de Leonhardt, Willoughby, Dyer e Carroll (2019), ao identificarem que o apego seguro funciona enquanto um mecanismo mediador para a satisfação conjugal. Esses autores constataram que o suporte mútuo é mais evidente em casais com apego seguro e apresentam, portanto, maiores níveis de qualidade relacional.

Pesquisas que investigaram a relação entre os estilos de apego e as variáveis pertinentes à conjugalidade, tais como, a qualidade do relacionamento conjugal, evidenciam que indivíduos com apego seguro manifestam maior equilíbrio entre proximidade e independência nas relações conjugais, senso de confiança e apoio recíproco, maior facilidade e desejo de intimidade, baixa preocupação com o abandono, maior autoestima e estratégias de resolução de conflitos, assim como menor incidência de desavenças quando comparados a adultos com apego inseguro (Mikulincer & Shaver, 2019; Consoli et al., 2018; Godbout, Daspe, Lussier, Sabourin, Dutton & Hébert, 2017; Lantagne & Furman, 2017; Scheeren et al., 2015).

Nesse sentido, salienta-se que a relação sexual também se caracteriza enquanto um dos aspectos positivos e que promove a qualidade do relacionamento amoroso dos participantes da amostra. Dois casais relataram que, embora estejam casados há mais de dez anos, a prática da sexualidade se mantém ativa, sendo considerada como um fator relevante, imbuído de prazer e significado. Estudos que norteiam a qualidade do relacionamento conjugal, assim como dos estilos de apego adulto (Fallis, Rehman, Woody & Purdon, 2016; Rocha & Fensterseifer, 2019; Péloquin, Brassard, Delisle & Bédard, 2013), são concordantes ao ressaltar a associação entre a satisfação conjugal e a satisfação sexual; de modo que a vivência da sexualidade esteja relacionada, de forma contundente, à percepção positiva e necessária para o estabelecimento da conjugalidade.

Essa constatação corresponde aos pressupostos da Teoria do Apego, os quais postulam que as relações bem-sucedidas no desenvolvimento e, portanto satisfatórias, estão relacionadas ao suprimento de necessidades básicas de conforto, cuidado, afetividade e gratificação sexual (Fallis et al., 2016; Pélonquin et al., 2013; Hazan & Shaver, 1994), o que denota a inter-relação entre a satisfação conjugal e a satisfação sexual.

Vale também ressaltar que os fatores de religião/espiritualidade e a rede de apoio social destacaram-se entre as narrativas dos participantes, os quais atribuíram essas vivências a fatores de proteção, resiliência, aprendizagens e a participação em novos contextos sociais, tais como grupo de casais e grupo de pais. Conforme alguns estudos sobre religiosidade e relacionamentos familiares, identificou-se que a dimensão religiosa-espiritual pode se constituir enquanto um fator protetivo e de suporte ao enfrentamento de crises conjugais, como também, na educação dos filhos (Rabinovich et al., 2008; Evangelista & Menandro, 2011; Becker, Maestri & Bobato, 2015), o que pôde ser observado em alguns depoimentos desta pesquisa. Entretanto, é importante ter cautela ao legitimar a vivência religiosa, enquanto uma estratégia restrita ao bem-estar e ao enfrentamento às adversidades, uma vez que as práticas religiosas também podem enrijecer e reforçar padrões de relacionamentos negativos interpessoais (Pacheco, Silva & Ribeiro, 2007), o que não foi evidenciado pelos participantes deste estudo.

Além disso, o envolvimento em grupos sociais, como grupos de pais e de casais, cujos encontros são permeados pelo compartilhar de experiências de vida, aprendizagens e novas amizades, estimulam o senso de pertencimento grupal (Lacerda, 2010), capaz de promover autoestima, vínculos afetivos e o fortalecimento da imagem social entre os integrantes (Couto, 2005). Tais apontamentos também foram encontrados nos resultados desta pesquisa, cujos relatos se caracterizaram como *aspectos facilitadores na díade conjugal* e que, portanto, promovem a qualidade do relacionamento amoroso.

Apesar do realce aos fatores positivos relatados pelos casais, os quais foram exemplificados anteriormente, emergiram *dificuldades na díade conjugal*, como a fase de adaptação, desemprego, forma de se relacionar, impaciência com os filhos, hábitos do cônjuge e falta de organização do tempo; cujas narrativas aludem aos pontos desfavoráveis da relação que, por sua vez, parecem repercutir na menor qualidade do relacionamento. Todavia, optou-se por destacar os aspectos favoráveis do casal, tendo em vista que os resultados da Etapa 1, em sua maioria, apontaram escores harmônicos na díade conjugal, os quais puderam ser mais bem discutidos pela contextualização e integração desses resultados na Etapa 2.

Tais achados estão em consonância com demais pesquisas nacionais que relataram a predominância de bons e médios níveis de qualidade no relacionamento conjugal (Mosmann et al., 2015; Rizzon, Mosmann & Wagner, 2013; Falcke, Wagner & Mosmann, 2013). Como exemplo, o estudo de Mosmann et al. (2015) verificou que dos 1.500 sujeitos pesquisados (750 homens e 750 mulheres), mais da metade (67,7%) dos participantes avaliou seu relacionamento amoroso positivamente.

Outro dado sobressalente na Etapa 1 contempla o escore da dimensão “Expressão de Afeto”, o qual apresentou as maiores médias, tanto de homens quanto de mulheres, dentro das dimensões que integram a variável de satisfação conjugal. Os resultados indicam uma percepção positiva quanto à concordância ou discordância do casal em relação à frequência e a demonstrações de carinho e relações sexuais. Por sua vez, os presentes achados convergem com os dados da Etapa 2, especialmente aqueles que explicitam a *demonstração de carinho na conjugalidade*.

Os casais participantes referiram diferentes formas que costumam demonstrar ou que se sentem satisfeitos, ao receber carinho do cônjuge. Assim como na infância, observou-se que muitas expressões de afetividade se perpetuam, tais como o toque físico, palavras afirmativas e o cuidado afetivo; de modo que, na vida adulta, os participantes complementaram esses padrões de afeto, ao incluírem o tempo em conjunto e presentes, enquanto manifestações de amor dirigida ao parceiro. Esses aspectos também foram destacados no estudo de Consoli et al. (2018) ao identificarem que os adultos buscam encontrar no cônjuge as representações de apego positivas de quando eram crianças, a fim de suprir suas necessidades básicas de proteção, cuidado e aconchego, por exemplo. Essas evidências confirmaram o que postula Weiss (2005), ao sustentar que o evento que ocorre entre a passagem do apego infantil para o apego adulto acontece pela escolha do parceiro amoroso. Nesse sentido, as atribuições de afeto recebidas e compartilhadas com os pais ou principais cuidadores na infância se tornam direcionadas para o cônjuge, na vida adulta.

Observa-se, nos depoimentos trazidos, que os homens manifestaram maior demonstração de carinho através do toque físico, além de desejarem receber de suas esposas, o mesmo tipo de afeto. Contudo, a recíproca se apresentou diferente para as esposas entrevistadas, as quais afirmaram que o modo de evidenciar carinho ao cônjuge é principalmente pelo cuidado afetivo e palavras afirmativas. Enfatizaram que os modelos funcionais de apego recebidos da família de origem direcionam-se ao parceiro na vida adulta, no sentido de lhe fornecer cuidados afetivos, como preparar uma refeição que ele goste, cuidar de suas roupas e/ou ser um apoio,

quando estiver doente. Por outro lado, alguns esposos manifestaram desapontamento com tais “linguagens de amor”, por elas não afirmarem verbalmente que os amam ou por demonstrarem pouco seu afeto, pelo toque físico – como beijos e abraços.

Tendo como referência o pressuposto da intersubjetividade do Pensamento Sistêmico, o qual reconhece os diferentes significados atribuídos à realidade, argumenta-se que a forma de transmitir afetividade é, primeiramente, particular, pois carrega modelos próprios de apego, além de outras variáveis presentes no desenvolvimento de cada pessoa. Isso implica num olhar singular para as relações de demonstrar carinho para o cônjuge. Logo, essas diferentes expressões de afetividade entre os casais são modos intersubjetivos de vivenciar, na prática, os padrões relacionais de coesão e amorosidade.

Na Etapa 1, verificou-se que, tanto para homens quanto para mulheres, a coesão diádica está positivamente correlacionada à expressão de afeto, ao consenso diádico e à qualidade do relacionamento conjugal como um todo. Além disso, quanto mais os participantes demonstraram coesão, menores eram os escores de vulnerabilidade na infância e apego evitativo. Esses achados também confirmam os resultados da Etapa 2, uma vez que o *funcionamento do casal* apresentou níveis de proximidade e independência, a partir das formas de se relacionar com o cônjuge, dos valores que o casal compartilhou e as decisões familiares, bem como das funções que gerenciaram nas atividades familiares cotidianas. Tais achados se caracterizaram pela evidência da coesão entre os casais.

Conforme Heckler e Mosmann (2016), a coesão consistiu em um dos aspectos presentes na qualidade conjugal em casais de dupla carreira. Nesse contexto, o estudo de casos múltiplos permitiu observar o desafio dos jovens casais em estabelecer uma relação íntima, sem perder de vista os objetivos profissionais e de autonomia de cada um. Já no estudo presente, não foram salientados depoimentos que se referissem aos fatores individuais dos membros; entretanto, a coesão pôde ser evidenciada pelas funções que cada cônjuge assumiu no relacionamento – respeitando-se o espaço e o tempo do outro, assim como no estabelecimento de valores e decisões que pareceu reforçar o pertencimento e a proximidade entre eles.

O Modelo Estrutural proposto por Minuchin (1982) sustenta que a família se organiza por meio de padrões de funcionamento, os quais têm como base a coesão e a hierarquia. No que o autor considera como padrão funcional familiar, a coesão está relacionada ao pertencimento entre seus membros, associada às relações de união e proximidade afetiva. Essas bases conceituais podem auxiliar a compreender o nível de satisfação conjugal dos participantes, por

meio da expressão de afeto e da coesão diádica, além dos aspectos comunicacionais evidenciados.

Frente às discussões levantadas, a Categoria 3 visou a *relacionar o apego dos membros do casal na infância com a qualidade do relacionamento conjugal atual*, como também, *identificar os significados atribuídos à qualidade do relacionamento conjugal*. Desta forma, ao propor a hipótese de pesquisa (H1), admitiu-se parcialmente a existência de uma associação negativa entre os tipos de apego inseguro desenvolvido na infância, dos membros do casal, com a qualidade do relacionamento conjugal. Isto porque embora os padrões de apego inseguro, do tipo ansioso e evitativo, indicassem se relacionar negativamente com a qualidade do relacionamento conjugal, o apego inseguro desorganizado não apresentou correlações dessa natureza. Resultados semelhantes foram encontrados em estudos nacionais e internacionais que investigaram a relação entre os estilos de apego adulto e a satisfação conjugal, tais como Mikulincer e Shaver (2019); Khalifian e Barry (2016); Damas (2017); Becker e Crepaldi (2019); Consoli et al. (2018).

Observou-se que a integração dos resultados da Etapa 2 permitiu ampliar a discussão já iniciada pela Etapa 1. Nesse sentido, foi possível esclarecer alguns fatores que compõem os níveis satisfatórios obtidos na avaliação da qualidade do relacionamento conjugal, sinalizado pelos participantes. Como exemplo, identificaram-se características que possivelmente estejam relacionadas à parcela de maioria harmônica na díade conjugal, tais como a comunicação, companheirismo e suporte emocional, relação sexual, pedir perdão, religião/espiritualidade, rede de apoio social, entre outros.

Tais resultados permitiram uma diversidade de fatores implicados no construto da qualidade do relacionamento conjugal, os quais estão de acordo com o modelo proposto por Mosmann et al. (2007), tendo em vista os diferentes pilares que o sustentam, como os recursos pessoais, contexto e processos adaptativos. A fim de ilustrar esses conceitos, supõe-se que os padrões de afetividade desenvolvidos antes do estabelecimento da díade conjugal, como a qualidade da relação, suporte emocional e, portanto, das relações de apego seguro, puderam constituir-se como recursos pessoais e relacionais, evidenciados pelos dados obtidos. Já o fator de contexto, associou-se aos depoimentos quanto à rede de apoio social e aos dados os apontados, tais como a renda familiar; por sua vez, os processos adaptativos se fizeram presentes em algumas narrativas, as quais ressaltaram que a dimensão religiosa/espiritual atuou enquanto um fator protetivo e de suporte ao enfrentamento de crises conjugais.

Outros dados importantes obtidos na Etapa 1, como a expressão de afetividade e a coesão diádica, se relacionaram aos resultados da Etapa 2 por meio das demonstrações de carinho, relatada pelos participantes e do funcionamento conjugal, mediante as formas de se relacionar com o cônjuge e as decisões e valores que o casal compartilha.

Argumentou-se, de forma geral, que as diversas expressões de afetividade no relacionamento amoroso estão associadas ao pressuposto da intersubjetividade, por considerar diferentes olhares e perspectivas consoante o estabelecimento de uma relação íntima e afetiva dos pares. Além disso, a coesão diádica destacou-se enquanto um aspecto positivo e alcançado, na maioria dos casais pesquisados, o que contribuiu para o aumento da qualidade conjugal. Tal panorama está ancorado no conceito proposto por Minuchin (1982), o qual associa a coesão a uma das funções internas da família, responsáveis por garantir o pertencimento e a proteção entre seus membros.

Por conseguinte, tornou-se fundamental investigar as demais relações entre os padrões de apego, estendido para o subsistema parental, a fim de verificar com maiores detalhes, os processos de coesão e hierarquia presentes ou ausentes, no exercício da parentalidade. Outrossim, também coube ressaltar as peculiaridades da transição entre a conjugalidade e a parentalidade no ciclo vital familiar permeado pelo processo intergeracional do apego, conforme será discutido na próxima categoria.

### **8.5 Apego e envolvimento parental**

A última categoria de análise teve como finalidade *relacionar o apego dos membros do casal na infância com o envolvimento parental*, além de *identificar os significados atribuídos ao envolvimento parental*. Conforme a organização das categorias anteriores, os dados foram discutidos de modo integrado, iniciando-se pelos resultados da Etapa 1 e complementando-se aos da Etapa 2.

Segundo a hipótese de pesquisa (H2), a qual afirmou-se que *há uma associação negativa entre os tipos de apego inseguro desenvolvido na infância, dos membros do casal, com o envolvimento parental*, aceitou-se de modo parcial a hipótese, tendo em vista que apenas o tipo de apego inseguro desorganizado apresentou correlações negativas e significativas com as dimensões da parentalidade, como os “Cuidados básicos indiretos”, o “Suporte emocional” e o “Envolvimento total”. Verificaram-se, no entanto, correlações positivas entre as dimensões do apego – “Separação”, “Controle Parental Distante” e “Criança Preciosa” com as dimensões da

parentalidade — “Cuidados Básicos Diretos” e “Cuidados Básicos Indiretos”. Portanto, aceitou-se parcialmente a H2, já que para ser confirmada, os demais tipos de apego inseguro – ansioso e evitativo – também deveriam apresentar correlações negativamente significativas com o envolvimento parental.

Esses dados são semelhantes aos encontrados em pesquisas internacionais acerca das repercussões do apego inseguro sobre o exercício da parentalidade (Madigan, Vaillancourt, Plamondon, McKibbin & Benoit, 2016; Bailey, Redden, Pederson & Moran, 2016; Millings, Walsh, Hepper & Brien, 2013; Caldwell, Shaver, Li & Minzenberg, 2011), especialmente aqueles concernentes a fatores de risco no desenvolvimento infantil de pais e mães das amostras investigadas (Ensink, Normadin, Plamondon, Berthelot & Fonagy, 2016; Szepeswol, Simpson, Griskevicius & Raby, 2015). Tais estudos apontaram que pais e mães com estilo de apego inseguro na infância costumam apresentar maiores dificuldades relacionais com seus próprios filhos, menores níveis de satisfação parental e estilos parentais mais autoritários ou permissivos.

Dentre os resultados obtidos na presente pesquisa, verificou-se que o apego inseguro desorganizado de pais e mães apresentou correlações negativas com o envolvimento parental, especialmente em relação ao suporte emocional e aos cuidados básicos indiretos prestados aos filhos. Tais achados reforçam o que a literatura sustenta ao ressaltar que, dentre todos os estilos de apego, o tipo de apego inseguro desorganizado é considerado o mais problemático para o desenvolvimento psicológico e relacional, já que predispõe o indivíduo a dissociações mentais e compromete a capacidade de oferecer suporte emocional aos outros, mostrando-se pouco empático às necessidades alheias; além de manifestar labilidade afetiva, baixa autoconfiança e insegurança pessoal em seus relacionamentos (Villachan-Lyra, 2009; Silva et al., 2011; Liotti, 2006). Presumiu-se, que características, assim, podem estar relacionadas com o suporte emocional e cuidados básicos insuficientes que os participantes mencionaram fornecer aos seus filhos.

Estudos sobre os estilos de apego e a parentalidade indicaram que a presença de fatores de risco no desenvolvimento infantil, tais como negligência, violência física, abuso sexual e demais traumas da infância, associou-se ao estilo de apego inseguro desorganizado (Mikulincer & Shaver, 2019; Gomes & Melchiori, 2012), além de apresentarem maior risco para o desenvolvimento de quadros psicopatológicos na vida adulta (Wright et al., 2017; Steele, Townsend & Grenyer, 2019).

Embora não tenham sido relatadas correlações significativas entre as dimensões de vulnerabilidade na infância e apego desorganizado entre os participantes, salientou-se que a dimensão de vulnerabilidade se sobressaiu entre as médias de outros escores na formação do apego infantil dos participantes, além de apresentar correlações significativas com o tipo de apego inseguro geral, na vida adulta. Tais achados corroboraram as pesquisas de Ensink et al. (2016) e Madigan et al. (2016), ao investigarem as relações de apego entre pais e filhos, norteadas pelo contexto de vulnerabilidade e maus-tratos vivenciados pelas figuras parentais na infância.

Por outro lado, chama a atenção as correlações positivas entre os escores de “Separação”, “Criança Preciosa” e “Controle Parental Distante”, presentes nas dimensões de apego retrospectivo, e as dimensões da parentalidade; “Cuidados Básicos Diretos” e “Cuidados Básicos Indiretos”, o que indica padrões de descontinuidade na transmissão intergeracional do apego. Conforme esses achados, verificou-se uma ruptura no padrão afetivo esperado sobre as práticas relacionais de parentalidade; uma vez que quanto mais os pais relataram ter sofrido separação de seus principais cuidadores quando crianças, bem como manifestaram maior controle parental distante e obtiveram maiores itens de criança preciosa, mais envolvidos com seus filhos se mostraram, especialmente no quesito do cuidado.

De acordo com essas constatações, pode-se pensar que a transmissão intergeracional do apego, evidenciada também no envolvimento parental dos participantes, fato que pode ser analisado sob o ponto de vista do Pensamento Sistêmico, especialmente ao conceito de recursividade que pressupõe que “o produto é produtor daquilo que o produz” (Vasconcellos, 2013, p.116). Nessa ótica, argumenta-se que os padrões afetivos recebidos na infância culminam por gerar padrões de apego futuros direcionados a outras figuras afetivas importantes, como os próprios filhos, por exemplo; de modo que essas relações de apego possam basear-se por um estilo de continuidade das características de afeto recebidas ou de descontinuidade, com a aquisição de novos padrões. Entretanto, salienta-se que, mesmo nos processos contínuos, a recursividade mantém-se presente, produzindo uma outra realidade, ainda que semelhante aos padrões recebidos.

A fim de ilustrar as reflexões supracitadas, os estudos de Belsky et al. (2009), Godbout et al. (2017) e Marin et al. (2013) reforçaram a questão de que nos processos de mudança dos padrões de apego e, portanto, de descontinuidade, fatores de proteção e de resiliência parecem constituírem-se mecanismos moderadores, responsáveis pela transformação dos padrões afetivos. Desse modo, embora os pais tenham internalizado modelos funcionais de apego

inseguro em sua infância, é possível que esses modelos tenham sido ressignificados, a fim de estabelecer, na vida adulta, estilos de apego seguro com seus filhos. Aponta-se, neste estudo, que os fatores de proteção tais como a própria qualidade do relacionamento conjugal, rede de apoio social e práticas religiosas/de espiritualidade atuaram enquanto aspectos contextuais e de recursos pessoais para desfechos harmônicos da parentalidade, com destaque aos cuidados básicos, suporte emocional, disciplina e demonstração de afeto com os filhos no âmbito geral.

Por conseguinte, os resultados obtidos na Etapa 2 amplificaram os aspectos relacionados aos *significados atribuídos ao envolvimento parental*, em conformidade com o segundo objetivo dessa categoria. Nesse sentido, a *interação parental nas atividades cotidianas* apresentou algumas características divergentes entre pais e mães. Como exemplo, as mães relataram envolver-se mais com o filho quanto às questões de suporte emocional e cuidados básicos, como fortalecer a autoestima da criança e incentivar a expressão de suas emoções, além de dar banho, preparar as refeições, vestir e acompanhar as atividades escolares; enquanto os pais manifestaram ocupar-se, na maioria das vezes, em brincar com os filhos, levá-los a passear e também de fornecer-lhes suporte emocional.

Esses resultados são semelhantes aos estudos de Bossardi (2015) e Gomes (2015), ao investigarem o envolvimento parental de pais e mães de pré-escolares, bem como o relacionamento conjugal e problemas de externalização, competência social e temperamento infantil. Para Bossardi (2015), a mãe apresentou maior envolvimento através do suporte emocional e cuidados básicos, envolvendo-se menos em jogos físicos. Além disso, os pais demonstraram exercer mais disciplina, envolvendo-se de forma menos frequente em tarefas domésticas, comparadas ao resultado materno. Gomes (2015) exhibe dados similares, ao evidenciar que os pais apresentaram maior disciplina, enquanto as mães demonstraram maiores cuidados básicos com os filhos. Todavia, em ambas as pesquisas, a variável de suporte emocional foi a que mais se destacou, tanto para as mães quanto para os pais.

Verificou-se, também, neste estudo, que quanto maior a escolaridade para mães e pais, maior foi o envolvimento parental, especialmente acerca da dimensão de suporte emocional. Tal resultado corrobora os achados de Backes (2018), ao verificar que quanto maior a escolaridade, mais se obteve envolvimento paterno. De modo semelhante, Bossardi (2015) também encontrou que a escolaridade paterna se relacionou positivamente com o envolvimento parental total e os jogos físicos; ou seja, quanto maior a escolaridade, mais o pai se envolvia com a criança, o que não foi observado no comportamento materno das participantes.

Na amostra da Etapa 2, as mães relataram passar maior tempo com os filhos, envolvendo-se mais com eles por meio do cuidado, em comparação ao relato dos pais, os quais afirmaram exercer mais brincadeiras e atividades de lazer. Tais resultados também corroboram a Etapa 1, de modo que a média de envolvimento parental foi mais alta para as mães que os pais. Esses resultados fortalecem a concepção de que, embora a figura paterna esteja envolvendo-se mais com o cuidado dos filhos, e a dinâmica familiar esteja em processo de mudança, igualando-se às tarefas dentre as questões de gênero; as mulheres, ainda que possuam dupla jornada de trabalho, continuam exercendo mais atividades domésticas e de envolvimento com os filhos que os homens (Staudt & Wagner, 2008; Bossardi et al., 2013; Jablonski, 2010).

Entretanto, salienta-se a cautela em não relativizar os dados encontrados, pois conforme Gomes (2015) é necessário considerar as diferentes variáveis implicadas no envolvimento parental, tais como o modo que pais e mães engajam-se nas atividades com seus filhos, bem como a influência do contexto social e cultural sobre as relações familiares. Crepaldi et al. (2006) em concordância com Paquette (2004) ressaltam que homens e mulheres apresentam diferentes tipos de cuidados com seus filhos, os quais se complementam. Desta forma, o que se considera relevante não é o tipo específico de cuidado que cada um exerce, mas que as diversas funções de parentalidade sejam cumpridas, desde os cuidados básicos até as atividades de lazer e disciplina, por exemplo. Dubeau et al. (2009) argumentam que as diferentes interações promovidas pelo pai e mãe trazem benefícios à saúde da criança, pois viabilizam diversas possibilidades de aprendizagem.

Reflexões como essas se coadunam aos *significados atribuídos à parentalidade*, por meio dos depoimentos trazidos pelos participantes. Pois além dos desafios implicados na transição para a parentalidade, de modo que pais e mães se mostraram congruentes ao evidenciar o processo de mudança e adaptação com a chegada do filho, os aspectos de coparentalidade foram ressaltados. Em conformidade com as discussões anteriores, os participantes relataram que no gerenciamento de tarefas, as mães se ocuparam mais da organização doméstica e dos cuidados gerais direcionados à criança, enquanto os pais manifestaram maior respaldo à parte lúdica e ao suporte emocional. Além disso, outro dado interessante apontou que a coparentalidade contribuiu para a união conjugal, estimulando a coesão da díade na concordância das práticas educativas, especialmente quanto às regras, à disciplina e aos valores. Os participantes também referiram apoiar-se mutuamente para dar conta das responsabilidades parentais e o quanto isso promoveu a parceria e a satisfação entre eles. Esses achados se associaram aos resultados da Etapa 1, de forma que, para o pai quanto maior é o seu envolvimento total com o filho, maior é

a qualidade do relacionamento conjugal com sua esposa e maior se apresenta a coesão diádica em sua perspectiva.

O estudo de Böing (2014) apresentou dados semelhantes ao investigar sobre os fatores da coparentalidade e as relações com as experiências de cuidado recebido nas famílias de origem de doze casais participantes. Verificou que quanto mais a mãe percebe o suporte coparental de seu parceiro, mais ela valida a parentalidade dele, referindo maior proximidade coparental e satisfação em relação ao funcionamento familiar.

Essas evidências, em conformidade com os resultados encontrados neste estudo, reforçam os conceitos do Pensamento Sistêmico, cuja tônica de interdependência entre os elementos de um sistema, estabelece a noção de bidirecionalidade entre as partes (Vasconcellos, 2013). Ou seja, as relações entre os integrantes de um sistema não ocorrem de forma unilateral, mas de modo recíproco, o que significa que a mudança em uma parte acarretará em mudanças nas outras. Além disso, pode-se dizer que tais interações acontecem de forma recursiva, promovendo novos padrões interativos no sistema. Transpondo esses conceitos para o subsistema parental dos participantes, supõe-se que a qualidade do relacionamento conjugal acaba gerando efeitos sobre a prática da parentalidade, de modo que a coparentalidade avaliada como positiva tende a apresentar maior coesão entre o casal, o que configura um padrão interativo bidirecional; que por sua vez, também pode gerar efeitos recursivos sobre o sistema familiar como um todo.

Ainda a respeito da *interação parental nas atividades cotidianas*, observou-se que os pais enfatizaram mais do que as mães, o envolvimento por meio das brincadeiras e da abertura ao mundo. Como exemplo, comentaram sobre as atividades lúdicas que gostam de realizar com seus filhos, tais como brincar de “lutinha”, jogar a criança pra cima, fazer cabana, montar castelos na areia, além de levar os filhos aos parques, à praia e ao cinema, assim como andar de bicicleta. Esses resultados correspondem ao que a literatura sustenta, em diversos estudos clássicos (Lamb, Pleck, Charnov & Levine, 1985; Pleck, 1997) e também, contemporâneos (Paquette et al., 2009; Dubeau et al., 2009; Bueno, Vieira, Crepaldi & Faraco, 2017; Bueno et al., 2018; Schmidt, Gomes, Bossardi, Bolze, Vieira & Crepaldi, 2019; Backes, 2018; Bossardi, 2015; Gomes, 2015), acerca do envolvimento paterno e das mudanças no relacionamento afetivo entre pai e filho.

Outro dado característico das interações parentais compartilhadas, na Etapa 2, referiu-se à disciplina. De modo geral, as mães relataram disciplinar mais os filhos que os pais, exercendo, por vezes, punição corporal ou deixando a criança de castigo e retirar algo que ela goste. Supõe-

se que pelo fato de a mãe passar mais tempo com o filho e apresentar maior envolvimento parental, seja mais suscetível a situações de conflito e desentendimentos com a criança, em contraste com o outro membro da díade parental que se envolve menos. Apontamentos como esse também foram encontrados nos estudos de Bolze (2016) ao investigar sobre as táticas de resolução de conflitos parentais.

Dentre os aspectos que nortearam a disciplina, os pais comentaram sobre a importância da clareza na aplicação das regras e limites. Um casal, em específico, trouxe a metáfora do “jogo de futebol” para enfatizar a disciplina parental, cujas advertências são sinalizadas pelos cartões amarelo e vermelho, de modo que a função do “juiz” deva ser exercida tanto pela mãe quanto pelo pai. Ressaltaram ainda que nenhum jogador entra em campo se desconhece as regras, desse modo, preconizam, de forma clara, os limites e comportamentos que esperam dos filhos.

Minuchin (1982) esclarece que a hierarquia se constitui um dos pilares do funcionamento familiar ao introduzir a noção de estrutura nas relações familiares. Nesse sentido, a hierarquia pode ser observada por meio dos níveis de autoridade entre pais e filhos e das regras compartilhadas. Infere-se, portanto, que a metáfora proposta pelos participantes e o esclarecimento daquilo que esses pais esperam ou não, de seus filhos, caracterizou-se pelo tipo de fronteira nítida, a qual relaciona-se aos limites claros e bem definidos entre os membros dos subsistemas para o cumprimento de suas funções.

Por outro lado, a disciplina aplicada por meio da punição corporal constituiu-se como uma estratégia de resolução de conflitos destrutiva na relação parental, a qual pode desencadear comportamentos internalizados, como a culpa e depressão, e externalizados, como a hostilidade e a agressividade infantis (Bolze et al., 2019). Como já discutido anteriormente, as práticas punitivas podem estar relacionadas às lealdades invisíveis presentes nos estilos intergeracionais de apego, no sentido de validar a herança dos valores recebidos da família de origem. Argumenta-se, assim, que os processos de continuidade, perpetuados desde a infância dos pais e no atravessamento da vida adulta, também estiveram presentes enquanto padrões negativos de afetividade, expressos no exercício da parentalidade.

De modo oposto, a *demonstração de afeto na parentalidade*, tal como nas categorias anteriores, caracterizou-se enquanto um padrão de continuidade positivo transmitido entre as gerações familiares. Identificou-se que desde a infância até a vida conjugal e parental, os participantes relataram manter as expressões de afetividade pautadas no toque físico, palavras afirmativas e tempo em conjunto, enquanto práticas de carinho direcionadas aos filhos. No caso

da parentalidade, pode-se ainda dizer que as brincadeiras, cuidados básicos e suporte emocional, embora classificados como itens respectivos ao envolvimento parental, também se traduziram em demonstrações de afeto entre pais e filhos. Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Belsky et al. (2005) e Shaffer et al. (2009).

Com base na premissa de que experiências positivas na infância com as figuras afetivas tendem a replicar estilos de apego com base segura na vivência parental (Bortolini & Piccinini, 2015; Dollberg et al., 2010; Broussard & Cassidy, 2010), o estudo longitudinal de Behrens, Haltigan e Bahm (2016) realizado com 66 díades de mães e bebês de 12 meses, revelou que o apego materno seguro constituiu-se um modelo mediador para a sensibilidade materna; além disso, demonstrou que as mães com apego seguro na infância apresentaram maior sensibilidade em atender às necessidades do filho, mostrando-se mais responsivas do que aquelas com apego inseguro.

Diante do exposto, a quarta categoria visou a *relacionar o apego dos membros do casal na infância com o envolvimento parental*, além de *identificar os significados atribuídos ao envolvimento parental*. Em relação à Etapa 1, a segunda hipótese de pesquisa (H2) sustentou haver uma *associação negativa entre os tipos de apego inseguro desenvolvido na infância, dos membros do casal, com o envolvimento parental*, entretanto esta foi parcialmente aceita. Pois somente o tipo de apego inseguro desorganizado apresentou correlações negativas e significativas com os Cuidados básicos indiretos”, o “Suporte emocional” e o “Envolvimento total”. Esses achados confirmaram pesquisas anteriores, as quais evidenciaram a relação entre as expressões do apego inseguro sobre o exercício da parentalidade, especialmente do tipo desorganizado (Madigan et al., 2016; Ensink et al., 2016; Mikulincer & Shaver, 2019).

A integração entre os dados oriundos da Etapa 1 e da Etapa 2 permitiram salientar aspectos de continuidade e descontinuidade, já encontrados na infância dos participantes, bem como no subsistema conjugal, e que, nesse momento, também se evidenciaram no subsistema parental. Como exemplo, cita-se a manutenção da demonstração de afeto por meio de toque físico, palavras afirmativas e tempo em conjunto; além das brincadeiras que os pais relataram fazer com os filhos, as quais recordam-se terem vivenciado em sua própria infância. Por outro lado, identificou-se que a punição corporal se constituiu como uma prática negativa de resolução de conflito, a qual se manteve nos padrões afetivos entre pais e filhos ao longo das gerações.

Dados importantes de descontinuidade também foram encontrados na Etapa 1, cujos achados apontaram que a separação e o controle parental distante na infância dos pais

relacionaram-se ao maior envolvimento com seus próprios filhos, na vida adulta. Alguns relatos da Etapa 2 demonstraram a preocupação dos participantes de que os filhos não deveriam passar pelas mesmas dificuldades e ausência de cuidados que vivenciaram quando eram crianças.

Em vista disso, o posicionamento epistemológico do Pensamento Sistêmico acerca do conceito de recursividade, em concordância com os pressupostos da Teoria do Apego, especialmente relacionado à noção dos modelos funcionais de Bowlby, são congruentes na tentativa de integrar o processo intergeracional do apego, na medida em que se observam características de continuidade e descontinuidade desses padrões relacionais. Logo, pode-se constatar que a recursividade está presente nas diferentes vivências do fenômeno entre as gerações, produzindo novas realidades, ainda que se mantenham padrões semelhantes aos que foram recebidos. Da mesma forma, os modelos internos de apego se mantêm presentes ao longo do ciclo de vida pessoal e familiar, os quais podem ser ressignificados ou mantidos, atuando enquanto representações fundamentais para o estabelecimento da identidade dos indivíduos.

Por fim, verificaram-se, também, diferenças existentes entre o envolvimento paterno e materno, de modo que as mães referiram mais aspectos de cuidados básicos, suporte emocional e disciplina, enquanto os pais evidenciaram maior engajamento nas brincadeiras e abertura ao mundo. Discussões como essas foram propostas em estudos clássicos e contemporâneos, dos quais salientam-se as pesquisas de Lamb et al. (1985), Paquette et al. (2009), Bueno et al. (2018), Bossardi (2015) e Gomes (2015).

De modo geral, argumenta-se que o apego e o envolvimento parental atravessam o ciclo vital familiar dos participantes, sendo transmitidos intergeracionalmente com base nos modelos funcionais que atuaram de forma recursiva, ao longo do desenvolvimento. Nesse sentido, foi possível verificar diferenças e similitudes entre os padrões relacionais de afetividade, com destaque ao posicionamento harmônico, evidenciado pelos pais no relacionamento com seus filhos.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese apresentou como *objetivo geral analisar as repercussões das relações de apego dos membros do casal, desenvolvidas na infância sobre a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental*. A fim de melhor ressaltar os principais resultados deste estudo e tecer considerações a respeito de diferentes tópicos que integram sua estrutura, exhibe-se a divisão textual desta seção: a) Considerações sobre a temática; b) Considerações epistemológicas; c) Aspectos metodológicos, limitações e estudos futuros; e d) Possíveis intervenções.

### a) Considerações sobre a temática

De modo geral, verificou-se que os estilos de apego são transmitidos de forma intergeracional entre a família de origem dos membros do casal para as gerações posteriores, influenciando recursivamente na qualidade do relacionamento conjugal e no envolvimento parental dos participantes. Tais estilos de apego apresentaram continuidades e descontinuidades dos vínculos afetivos, de acordo com as particularidades da história retrospectiva familiar e a aquisição de novos modelos de afeto, bem como fatores contextuais e de proteção que se fizeram presentes no decorrer do ciclo de vida. Esses resultados confirmaram o pressuposto sustentado nesta tese.

Além disso, as hipóteses de pesquisa (H1) e (H2), correspondentes à etapa quantitativa, foram parcialmente aceitas, tendo em vista a ocorrência de correlações negativas entre os tipos de apego inseguro e a qualidade do relacionamento conjugal e envolvimento parental dos indivíduos. Ou seja, quanto maior o apego inseguro desenvolvido na infância e suas características presentes na vida adulta, menores se apresentavam a qualidade conjugal e o envolvimento parental com os filhos.

É importante destacar que a integração dos dados da Etapa 1 e da Etapa 2 trouxe maior clareza e complemento aos resultados encontrados. Como exemplo, aponta-se que as dimensões de satisfação conjugal presentes na etapa quantitativa, como a expressão de afetividade e a coesão diádica, corroboraram os dados da etapa qualitativa, por meio das demonstrações de carinho, relatadas pelos participantes e do funcionamento conjugal, mediante o relacionamento com o cônjuge e os atributos valorativos que o casal compartilha. No âmbito parental, verificam-se inter-relações entre as duas etapas do estudo, como as lembranças afetivas negativas presentes na infância dos participantes, por meio da dimensão de vulnerabilidade do

instrumento QRA, e os relatos da Etapa 2; cujos apontamentos enfatizaram processos de descontinuidades, no sentido deles envolverem-se mais com seus próprios filhos, de modo oposto àquilo que vivenciaram quando crianças. As narrativas demonstraram a preocupação dos participantes de que os filhos não vivenciassem as mesmas dificuldades e ausência de cuidados, pelas quais passaram na infância.

Salienta-se que, embora os tipos de apego intermediário e inseguro sobressaíram-se, em comparação ao tipo de apego seguro, observaram-se contraposições na integração dos dados da Etapa 2, uma vez que grande parte dos relatos privilegiou os aspectos harmônicos da relação e pareceu minimizar os conflitos entre a díade conjugal. Acerca desse aspecto, supõe-se que a desejabilidade social pareceu estar presente nas fases de coleta de dados, tópico que será discutido posteriormente.

Não obstante, ressalta-se que as classificações de apego mencionadas nessa pesquisa não tiveram como finalidade estigmatizar os indivíduos com “apego inseguro” com sendo disfuncionais e os de “apego seguro” como emocionalmente ajustados. O intento ao se utilizar de tais nomenclaturas, pautou-se em diferenciar os padrões relacionais que podem repercutir em aspectos funcionais ou problemáticos nos relacionamentos e não na identidade do participante. Além disso, como já discutido, admitiu-se um posicionamento flexível, ao considerar as mudanças nos estilos intergeracionais de apego, não concebendo uma realidade estanque e linear do processo de afetividade.

Especificamente em relação ao envolvimento parental, oportuniza-se ressaltar que o aspecto da disciplina se evidenciou no discurso de quase todos os participantes, no sentido de corrigir os filhos aplicando-se-lhes a punição corporal como estratégia de resolução destrutiva de conflitos. Verificou-se também, que essa prática apresenta características intergeracionais nos estilos de apego dos pais, sendo transmitidas na relação atual com os seus filhos. Dessa forma, é importante esclarecer que a disciplina se constitui uma das bases para o desenvolvimento infantil satisfatório, todavia a punição não contribui para resultados positivos desses aspectos, embora essa prática ainda seja socialmente aceitável, especialmente na cultura brasileira.

E sobre os aspectos relativos à influência da cultura, é fundamental situar os diferentes contextos ao se tratar dos processos de apego. Destaca-se a necessidade de considerar as diversas expressões do cuidado, quando manifestas para além de culturas ocidentais, por exemplo. Para tanto, deve-se ter a cautela em classificar os tipos de apego, admitindo sempre, as características da cultura na qual o indivíduo está inserido, cujas peculiaridades na forma de

se relacionar, como no casamento e na educação dos filhos, respondem a contextos específicos que são próprios para os integrantes daquele grupo.

Outro aspecto a ser mencionado é que os estudos sobre o apego se consolidaram pela via dos estudos da díade mãe-bebê, eixo central que marcou o estabelecimento de teorias científicas sobre o tema. Com o avanço do conhecimento, o apego ampliou sua vertente clássica, ao lançar novas proposições em direção a outras figuras e contextos de desenvolvimento. Situa-se, nesse ínterim, a tentativa desta tese em gerar novos resultados concernentes a um contexto específico; cujo recorte triádico que se estabelece entre o apego do casal na infância e suas repercussões sobre o vínculo conjugal e parental, apresenta-se como uma temática inédita no panorama nacional, além de não ter sido encontrado na literatura estrangeira pesquisada, nenhum estudo que integrasse o apego adulto na perspectiva intergeracional acerca da qualidade conjugal e do envolvimento parental.

#### **b) Considerações epistemológicas**

Esta tese ancorou-se sob duas bases epistemológicas principais: a Teoria do Apego e o Pensamento Sistêmico. Na sequência, recorreu-se a teorias complementares e contextuais para a melhor compreensão do fenômeno. Para situar e discutir as funções e estruturas familiares, adotaram-se o Modelo Estrutural da família proposto por Minuchin (1982); bem como a Teoria do Ciclo de Vida Familiar preconizado por Carter e McGoldrick (1995) para dar sustentação ao processo desenvolvimental que ocorre ao longo do tempo na transmissão intergeracional do apego.

Os principais pontos discutidos nesta pesquisa, com base nos pressupostos referidos, permitiram a reflexão de que a transmissão intergeracional do apego, evidenciada também pelas trocas afetivas no subsistema conjugal e parental, e mais precisamente, na qualidade do relacionamento conjugal e no envolvimento parental, relacionou-se ao conceito de recursividade do Pensamento Sistêmico. Isso implica pressupor que os padrões afetivos recebidos na infância geram estilos de apego futuros direcionados a outras figuras afetivas importantes, como o próprio cônjuge e os filhos, por exemplo. Dessa forma, as relações de apego podem assumir um estilo de continuidade das características afetivas recebidas ou de descontinuidade, com a aquisição de novos padrões. Entretanto, conforme já discutido, mesmo nos processos contínuos, a recursividade se manteve, produzindo uma outra realidade, ainda que semelhante aos padrões recebidos no passado, pois as pessoas estão envolvidas em

contextos socioculturais diversos de seus antepassados que impõem novos desafios relacionais. Por sua vez, essa integração teórica se pode também associar ao conceito dos modelos funcionais propostos por Bowlby, o qual contempla as representações de afetividade que são internalizadas ao longo do tempo, as quais são transmitidas intergeracionalmente e de forma recursiva aos relacionamentos conjugais e parentais.

Por conseguinte, pensar de modo sistêmico implica no reconhecimento da complexidade presente nas diferentes variáveis que compõem o conjunto de fatores envolvidos na temática central abordada, trazendo à luz a inter-relação dessas partes que, inseridas em um contexto mais amplo, se reforçam, interinfluenciam e se complementam. Afirma-se que o estudo de famílias acrescido de seu perfil sociodemográfico, cultural, social e psicológico, para além das variáveis que norteiam a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental, caracteriza-se como uma pesquisa complexa. Contudo, é importante sinalizar que esta tese não abrangeu todas essas variáveis, tampouco pretendeu esgotar as possibilidades de compreensão e inferências acerca da temática, pelo contrário, seu objetivo pautou-se em multiplicar novas ideias e ampliar as discussões existentes, contribuindo para a compreensão de uma parte da complexidade do fenômeno.

Destaca-se que os demais pressupostos do Pensamento Sistêmico, tais como a instabilidade e a intersubjetividade, integraram as análises que nortearam os resultados encontrados. A instabilidade relacionou-se com as descontinuidades e mudanças obtidas nos processos intergeracionais do apego; enquanto que a intersubjetividade esteve presente nas diferentes perspectivas de homens e mulheres participantes, frente às temáticas abordadas. Além disso, cita-se a inclusão da pesquisadora, enquanto partícipe do sistema observante na análise quanti e qualitativa; cujo método possibilita a inferência e a interpretação dos dados.

Convém ainda esclarecer que as teorias complementares adotadas favoreceram o entendimento da estrutura e do funcionamento familiar, com destaque ao processo de hierarquia e da interação afetiva entre seus membros, conforme os preceitos de Minuchin (1982). De modo integrado, a Teoria do Ciclo Vital Familiar se mostrou adequada para investigar os fenômenos intergeracionais do apego e seus desdobramentos sobre as relações afetivas na vida adulta, por considerar as características da temática, ao longo do ciclo de vida dos participantes.

### c) **Aspectos metodológicos, limitações e estudos futuros**

Com vistas à maior compreensão da complexidade da temática, delineou-se a abordagem de pesquisa mista DEXPLIS (Sampieri et al., 2013), de modo que os resultados da Etapa 1 – quantitativos, auxiliassem na construção dos dados da Etapa 2 – qualitativos. Para tanto, a triangulação metodológica se mostrou apropriada para a investigação do fenômeno, por meio dos questionários, da entrevista semiestruturada e ainda, da aplicação da técnica de genograma. Portanto, a integração de métodos, instrumentos e técnicas, para obtenção dos dados contribuiu para um recorte ampliado do apego desenvolvido na infância e seus desdobramentos nos relacionamentos da vida adulta.

Ademais, embora se trate de uma pesquisa transversal, estudar os processos intergeracionais e neste caso, do apego, permitiu ter um panorama das inter-relações entre as variáveis implicadas ao longo do desenvolvimento entre as gerações. Nesse sentido, sugerem-se estudos futuros do tipo longitudinais, os quais permitiriam o maior detalhamento e acompanhamento do fenômeno, no decorrer do tempo.

No que se refere à análise de dados da Etapa 1 – quantitativa, salienta-se a ressalva na interpretação de seus resultados, de característica correlacional, tendo em vista que a maioria das correlações entre as variáveis, embora significativas, apresentaram baixa magnitude; logo, as afirmações foram consideradas com cautela.

Outro aspecto a evidenciar condiz com o tipo de amostra. Nesta pesquisa utilizou-se a amostra por conveniência; assim, pode-se perguntar quais os reflexos deste fato poderiam suscitar na análise, caso a amostra se caracterizasse como probabilística. Pode-se supor que a amostra por conveniência incorra no risco do maior viés de desejabilidade social; uma vez que o próprio aceite de fazer parte do estudo possa indicar o interesse dos participantes em refletir sobre sua história de vida e relacionamento conjugal. No caso desta tese, diversos participantes eram casais conhecidos da rede da pesquisadora, além da técnica de *snowball* que possibilitou o alcance a estas pessoas, o que pode ter implicado no predomínio de respostas que denotaram relações harmônicas em ambas as etapas da pesquisa.

Em relação aos instrumentos da Etapa 1, ainda que se tenham obtido os dados necessários para o alcance dos objetivos, comenta-se, a seguir, alguns pontos que poderiam ser evitados ou ainda, aperfeiçoados, se a pesquisa fosse replicada em outros contextos e sob outras especificidades amostrais, por exemplo. Quanto ao QRA, observa-se, prioritariamente, que a escala não foi validada para a população nacional, tendo sido somente traduzida para a língua portuguesa (brasileira); desse modo, os aspectos psicométricos podem não terem se tornado muito fidedignos na análise de dados desta amostra, em específico. Todavia, embora se

reconheça tal limitação, optou-se por adotar o instrumento, uma vez que este contemplava a investigação do apego desenvolvido na infância e no decorrer do ciclo vital, em conformidade com os objetivos propostos. Outro ponto condiz à característica retrospectiva da escala, motivo pelo qual foi escolhida, já que, conforme mencionado, uma das finalidades era investigar a história de apego na infância dos participantes. Contudo, há que se considerar que os instrumentos de relato verbal podem ser vistos com ressalvas, uma vez que as lembranças dos eventos passados podem ter sido distorcidas. Por outro lado, argumenta-se que, a forma segundo a qual a pessoa recorda da situação e dos sentimentos e emoções internalizados é o que se considera como relevante no modo como ela se relaciona com os outros; cuja tônica seja justamente os processos de significação pessoais recorrentes.

Outras limitações foram encontradas em alguns instrumentos aplicados. Ainda sobre o QRA, não foi verificada uma variável específica de “apego seguro”. O que se pôde identificar foi a caracterização geral dos tipos de apego, conforme os escores, para se obterem as porcentagens de quantos apresentavam apego seguro, inseguro, inseguro ansioso, inseguro evitativo e inseguro desorganizado. Entretanto, sem uma variável específica de apego seguro, não foi possível fazer outros arranjos de correlação, baseados em outras hipóteses. Além disso, por ser um instrumento muito extenso com mais de 90 itens e de estrutura dicotômica com alternativas de “sim/não”, ainda que não tenham sido aplicados todos os itens da escala, alguns participantes mostraram-se cansados de responder a todas as perguntas e inquietos com a possibilidade restrita das alternativas dicotômicas.

No caso do QEP, vale ressaltar que a versão reduzida de 26 itens foi aplicada, tendo em vista que, na época de realização desta pesquisa, a versão completa do instrumento estava em processo de validação, de modo que somente as dimensões de cuidados básicos e suporte emocional estivessem aptas para aplicação. Todavia, como sugestão deste estudo em uma replicação futura, seria recomendável investigar as demais dimensões de envolvimento, tais como jogos físicos, disciplina e abertura ao mundo, haja vista a preponderância dos dados qualitativos que emergiram a respeito das temáticas presentes.

Além do extenso número de itens de alguns instrumentos, conforme mencionado, e da diversidade de escalas e o questionário sociodemográfico, bem como da Etapa 2 – por meio do genograma e da entrevista, tornou-se um pouco moroso para os casais a participação no estudo, já que muitas das coletas eram realizadas no período noturno; o que pode ter comprometido a fidedignidade das respostas num dado momento.

Em relação aos instrumentos da Etapa 2, considerou-se adequada a realização da entrevista e do genograma para aprofundamento e detalhamento dos dados qualitativos. Entretanto, o genograma não foi amplamente analisado nesta tese, uma vez que esse não se constituiu como objetivo do estudo. De todo modo, as informações obtidas por meio dos aspectos relacionais da simbologia no mapa familiar corroboram os discursos trazidos pelos participantes e trouxeram uma melhor visualização dos cinco casos abordados.

Demais desafios se fizeram presentes ao longo desta pesquisa, tais como a integração de diversos conceitos e a triangulação de teorias adotadas. Tendo em vista a complexidade do fenômeno e as diversas variáveis implicadas no processo intergeracional estudado, no qual também se consideraram os fatores contextuais, temporais e relacionais, eram esperados o predomínio de articulações conceituais e as reflexões epistemológicas. Por conseguinte, constituiu-se um exercício para a pesquisadora a integração dos marcos teóricos e a referência a diferentes conceitos, conforme cada variável identificada, de modo que a discussão se tornasse clara, objetiva e, ao mesmo tempo, reflexiva.

Para a sugestão de estudos futuros, indica-se o incremento de aspectos metodológicos mais sofisticados, tais como mencionados, pesquisas de alcance longitudinal; além disso, a combinação de outras técnicas de coleta de dados, como a observação. Nesse caso, poderiam se observar as relações de envolvimento parental entre pais e filhos, em situações específicas, conforme já demonstrado nos estudos de Bueno (2018) e Gomes (2015).

Apresentam-se, a seguir, demais sugestões de estudos, derivados dos achados desta tese:

- a) Ampliação dos arranjos familiares sobre o processo intergeracional do apego, em famílias recasadas, monoparentais, divorciadas, entre outras;
- b) Inclusão de outras variáveis que possam mediar ou moderar a transmissão intergeracional do apego na qualidade do relacionamento conjugal e envolvimento parental, tais como fatores contextuais (crenças sobre práticas parentais, valores religiosos e morais dos grupos familiares, aspectos culturais, etc.), características individuais da díade conjugal (temperamento, saúde mental), e ainda, características dos filhos do casal na faixa etária escolar (sexo, temperamento, entre outros);
- c) Identificação do apego das crianças, com o delineamento intergeracional entre avós, pais e filhos (crianças), considerando as repercussões do apego sobre a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental;
- d) replicação deste estudo em diferentes culturas e, ainda, a comparação entre elas, como exemplo, a transmissão intergeracional do apego e seus desdobramentos sobre a conjugalidade e a parentalidade em amostras brasileiras e canadenses; semelhante ao estudo de Gomes (2015), ao comparar as relações de envolvimento parental,

entre esses países; e) Elaboração, adaptação e/ou validação de instrumentos sobre a transmissão intergeracional do apego para a população brasileira, o que não foi encontrado na revisão de literatura realizada por Becker e Crepaldi (2019), tampouco no estudo bibliométrico proposto por Gomes e Melchiori (2012).

#### **d) Possíveis intervenções**

Por fim, considera-se que esta tese possa contribuir para a promoção da qualidade conjugal e parental, bem como para a elaboração de estratégias preventivas no que se refere aos conflitos inerentes das relações familiares. Em termos práticos, sustenta-se que as discussões levantadas neste estudo possam servir como alicerce na proposição de temáticas que devem nortear e integrar o desenvolvimento de projetos psicoeducativos, direcionados ao subsistema conjugal e parental. Como exemplo, aponta-se que projetos dessa natureza apresentem bons recursos para serem trabalhados nas escolas, universidades, comunidades, instituições públicas e privadas que mantenham compromisso com a atenção à qualidade das relações familiares como um todo.

Outrossim, espera-se que as reflexões suscitadas nesta pesquisa possam trazer subsídios para a prática profissional de psicólogos clínicos e terapeutas de família, estendendo-se, ainda, a demais profissionais interdisciplinares que trabalham com famílias e crianças, no sentido de considerar a relevância das relações afetivas, sobretudo, da construção do apego e seu processo intergeracional; bem como, seus reflexos sobre a vida adulta dos indivíduos, especialmente no que tange à construção dos relacionamentos amorosos e da parentalidade.

## 10. REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M.D.S. (1967). *Infancy in Uganda: infant care and growth of love*. Baltimore: John Hopkins.
- Ainsworth, M.D.S, Bell, S. M., & Stayton, D. (1971). Individual differences in Strange Situation behavior of one-year-olds. In: Schaffer, H. R. (Ed.). *The origins of human social relations*. London: Academic Press.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment. A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). *Attachments beyond Infancy*. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Almeida, L. M. M. F., & Caldas, J. M. P. (2012). Intimidade e saúde. *Psicologia USP*, 23 (4), 737-755.
- Altin, M., & Terzi, S. (2010). How does attachment styles relate to intimate relationship to aggravate the depressive symptoms? *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 2, 1008-1015.
- Andrade, R. D. O. (2018). Novos arranjos nos lares brasileiros. *Revista FAPESP*, 86–89.
- Antoni, C. (2005). *Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Antoni, C., Martins-Teodoro, M. L., Koller, H. S. (2009). Coesão e hierarquia em famílias fisicamente abusivas. *Universitas Psychologica*, 8, 399-411.
- Antoni, C., & Batista, F. A. (2014). Violência familiar: Análise de fatores de risco e proteção. *DIAPHORA - Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 14 (2), 26-35.
- Araújo, I., & Santos, I. (2012). Famílias com um idoso dependente: avaliação da coesão e adaptação. *Revista de Enfermagem*, 6, 95-102.
- Aroni, A. L. (2011). *Motivação e percepção do envolvimento parental na prática desportiva de jovens nadadores*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, Portugal.
- Bacal, D. B. (2019). *Cuidados filiais: o papel da vinculação e da representação dos cuidados na ansiedade filial e na maturidade filial*. (Tese de Doutorado). Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Backes, M. S. (2015). *A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro e seis anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

- Backes, M. S. (2018). *A relação entre o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro e seis anos*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Bailey, H. N., Redden, E., Pederson, D. R., & Moran, G. (2016). Parental disavowal of relationship difficulties fosters the development of insecure attachment. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 48(1), 49–59. <https://doi.org/10.1037/cbs0000033>.
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). *Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária*. X Congresso nacional de Educação – EDUCERE. Acessado em 19 de setembro de 2019. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398\\_2342.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf)
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo: Edição revisada e ampliada*. São Paulo: Edições 70.
- Barry, R. A., & Lawrence, E. (2013). “Don’t stand so close to me”: An attachment perspective of disengagement and avoidance in marriage. *Journal of Family Psychology*, 27(3), 484–494. <https://doi.org/10.1037/a0032867>.
- Becker, A. P. S., Maestri, T. P., & Bobato, S. T. (2015). Impacto da religiosidade na relação entre pais e filhos adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(1), 84-98.
- Becker, A. P. S., & Crepaldi, M. A. (2019). O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: Uma revisão da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 238–260.
- Becker, A. P. S., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2019). Apego e parentalidade sob o enfoque transcultural: uma revisão da literatura. *Psicogente*, 22(42), 1–25. <https://doi.org/10.17081/psico.22.42.3507>.
- Behrens, K. Y., Haltigan, J. D., & Bahm, N. I. G. (2016). Infant attachment, adult attachment, and maternal sensitivity: revisiting the intergenerational transmission gap. *Attachment and Human Development*, 18(4), 337–353. <https://doi.org/10.1080/14616734.2016.1167095>.
- Belsky, J., Lang, M., & Rovine, M. (1985). Stability and change in marriage across the transition to parenthood: A second study. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 855-865.
- Belsky, J., & Rovine, M. (1990). Patterns of marital change across to the transition to parenthood: Pregnancy to three years postpartum. *Journal of Marriage and the Family*, 52(1), 5-19.
- Belsky, J., Jaffee, S. R., Sligo, J., Woodward, L., & Silva, P. A. (2005). Intergenerational transmission of warm-sensitive-stimulating parenting: a prospective study of mothers and fathers of 3-years-olds. *Child Development*, 76, 384-396.

- Belsky, J., Conger, R. D., & Capaldi, D. M. (2009). The intergenerational transmission of parenting: Introduction to the special section. *Developmental Psychology*, 45(5), 1201-1204. Doi: 10.1037/a0016245.
- Berdonini, L., Smith, P. K. (1996). Cohesion and power in the families of children involved in bullyhictim problems at school: an Italian replication. *Journal of Family Therapy*, 18, 99-102.
- Berthoud, C. M. (2002). Visitando a fase de aquisição. In C. M. Cerveny, & C. M. Berthoud, *Visitando a família ao longo do ciclo vital* (pp. 29-57). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Besoain, C., & Santelices, M. P. (2009). Transmisión intergeneracional del apego e función reflexiva materna: una revisión. *Terapia Psicológica*, 27 (1), p.113-18.
- Bhering, E., Nez, T. B. (2002). Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18 (1), 63-73.
- Bigras, M., & Paquette, D. (2000). L'Interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental: une analyse personne-processus-contexte. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 91-102.
- Böing, E. (2014). *Relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Bolsoni-Silva, A. T., Rodrigues, O. M. P. R., Abramides, D. V. M., Souza, L. S., & Loureiro, S. R. (2010). Práticas educativas parentais de crianças com deficiência auditiva e de linguagem. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16(2), 265-282.
- Bortolini, M., & Piccinini, C. A. (2015). Intergenerational transmission of secure attachment: Evidences from two cases. *Psicologia Em Estudo*, 20(2), 247-259.
- Bowlby, J. (1969/2002). *Apego e perda*, Vol 1. Apego: a natureza do vínculo (3° ed). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969).
- Bowlby, J. (1973/2004). *Apego e perda*, Vol. 2. Apego: Separação, angústia e raiva (3° ed). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1973).
- Bowlby, J. (1976). *Child care and the growth of love*. London: Penguin Books.
- Bowlby, J. (1980/2004). *Apego e perda*, Vol. 3. Apego:Perda, tristeza e depressão (3° ed). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1980).
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Bolze, S. D. A., & Crepaldi, M. A. (2015). O pai e seus relacionamentos familiares: Uma perspectiva intergeracional. In E. R. Goetz & M. L. Vieira (Eds.), *Novo Pai: Percursos, desafios e possibilidades* (pp. 31-41). Curitiba: Juruá.

- Bolze, S. D. A. (2016). *Táticas de resolução de conflitos conjugais e parentais: Uma perspectiva da transmissão intergeracional*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Bolze, S. D. A., Schmidt, B., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bigras, M., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2019). Táticas de resolución de conflictos conyugales y parentales en familias sur-brasileñas. *Ciencias Psicológicas*, 13(1), 67. <https://doi.org/10.22235/cp.v13i1.1810>
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Bossardi, C. N. (2005). *Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: relações com os sistemas parental e conjugal*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Bossardi, C. N., Gomes, L., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Psicologia Argumento*, 31 (73), 237-246.
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. (1984). *Invisible loyalties*. Levittown: Brunner/Mazel, 1984.
- Brenning, K., Soenens, B., & Braet, C. (2017). Testing the Incremental Value of a Separate Measure for Secure Attachment Relative to a Measure for Attachment Anxiety and Avoidance. *European Journal of Psychological Assessment*, 33 (1), 5-13.
- Broussard, E. R., & Cassidy, J. (2010). Maternal perception of newborns predicts attachment organization in middle adulthood. *Attachment & Human Development*, 12(1-2), 159-172.
- Bueno, R. K., Souza, S. A., Monteiro, M. A., & Teixeira, R. H. M. (2013). Processo de diferenciação dos casais de suas famílias de origem. *Psico*, 44(1), 16-25.
- Bueno, R. K., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Faraco, A. M. X. (2017). Father-child activation relationship in the Brazilian context. *Early Child Development and Care*, 189(5), 835-845. <https://doi.org/10.1080/03004430.2017.1345894>.
- Bueno, R. K., Kaszubowski, E., Bossardi, C. N., Duarte, C. S., Paquette, D., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2018). Relations between openness to the world, family functioning and child behaviour. *Early Child Development and Care*, 1, 1-15. <https://doi.org/10.1080/03004430.2018.1527327>.
- Burkhart, M. L., Borelli, J. L., Rasmussen, H. F., & Brody, R. (2017). Parental Mentalizing as an Indirect Link Between Attachment Anxiety and Parenting Satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 31 (2), 203-213.

- Byng-Hall, J. (1995). *Rewriting Family scripts: improvisations and systems change*. New York/London: The Guilford Press.
- Caldwell, J. G., Shaver, P. R., Li, C. S., & Minzenberg, M. J. (2011). Effects of childhood maltreatment: Childhood maltreatment, adult attachment, and depression as predictors of parental self-efficacy in at-risk mothers. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 20(6), 595–616. <https://doi.org/10.1080/10926771.2011.595763>.
- Capaldi, D. M., Pears, K., Patterson, G. R., & Owen, L. D. (2003). Continuity of parenting practices across generations in an at-risk sample: A prospective comparison of direct and mediated associations. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31, 127-142.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). Etnicidade e o ciclo de vida familiar. In Carter, B., & McGoldrick, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*, (pp 65-82). Porto Alegre: Artmed.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*, 2ª Edição. Porto Alegre: Artmed.
- Cassibba, R., Coppola, G., Sette, G., Curci, A., & Costantini, A. (2017). The Transmission of Attachment Across Three Generations: A Study in Adulthood. *Developmental Psychology*, 53 (2), 396-405.
- Cervený, C. M. O. & Berthoud, C. M. E. (2010). Visitando a família ao longo do ciclo vital. (3a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cia, F., Pamplin, R. C. de O., & Williams, L. C. de A. (2008). O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 351-360.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Conger, R. D., Belsky, J., & Capaldi, D. M. (2009). The intergenerational transmission of parenting: Closing comments for the special section. *Developmental Psychology*, 45(5), 1276-1283.
- Consoli, N., Wagner Bernardes, J., & Marin, A. H. (2018). Laços de afeto: as repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 36(2), 315. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5409>.
- Cooper, A. N., Totenhagen, C. J., Curran, M. A., Randall, A. K., & Smith, N. E. (2017). Daily Relationship Quality in Same-Sex Couples: Attachment and Sacrifice Motives. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 1-15.
- Corrêa, F. P., & Serralha, C. A. (2015). A depressão pós-parto e a figura materna: Uma análise retrospectiva e contextual. *Acta. Colom.Psicol.*, 18 (1), 113-123.

- Couto, M. C. P. P. (2005). Fatores de risco e de proteção na promoção de resiliência no envelhecimento. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2016). Transições familiares normativas, qualidade da relação do casal e desenvolvimento sadio dos filhos. In. Walsh, F. (Org.). (2016). *Processos normativos da família – Diversidade e Complexidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Coyne, A. E., Constantino, M. J., Ravitz, P., & McBride, C. (2017). The Interactive Effect of Patient Attachment and Social Support on Early Alliance Quality in Interpersonal Psychotherapy. *Journal of Psychotherapy Integration*, 1-11.
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 579-587.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Crowell, J., & Treboux, D. (2001). Attachment security in adult partnerships. In C. Clulow (Org.), *Adult attachment and couple psychotherapy* (pp. 28-42). London/New York: Routledge.
- D'Avila-Bacarji, K. M. G., Marturano, E.M., & Elias, L. C. S. (2005). Suporte parental: um estudo sobre crianças com queixas escolares. *Psicologia em Estudo*, 10 (1), 110-115.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1- 2), 3-27.
- Damas, S. G. R. (2017). Relação entre os estilos de vinculação do adulto, os esquemas precoces desadaptativos e as relações interpessoais. *II Congresso Ibérico de Psicologia Clínica e da Saúde*, 45-58. Acessado em 10 de outubro de 2019. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/5400>.
- Dancey C. P., & Reidy J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia: usando SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artmed.
- Dardis, C. M., & Gidycz, C. A. (2017). Reconciliation or Retaliation? An Integrative Model of Postrelationship In-Person and Cyber Unwanted Pursuit Perpetration Among Undergraduate Men and Women. *Psychology of Violence*, 1-12.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005). As relações maritais e suas influências nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. In M. A. Dessen & A. L. Costa Júnior (Eds.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 132-151). Porto Alegre: Artmed.

- Dollberg, D., Feldman, R., & Keren, M. (2010). Maternal representations, infant psychiatric status, and mother–child relationship in clinic-referred and non-referred infants. *Eur Child & Adolescent Psychiatry*, *19*, 25-36.
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 71-98). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Ensink, K., Normandin, L., Plamondon, A., Berthelot, N., & Fonagy, P. (2016). Intergenerational pathways from reflective functioning to infant attachment through parenting. *Canadian Journal of Behavioural Science*, *48*(1), 9–18. <https://doi.org/10.1037/cbs0000030>.
- Espitia, A. Z., & Martins, J. J. M. (2006). Relações afetivas entre idosos institucionalizados e família: encontros e desencontros. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, *35*(1), 52-59.
- Evangelista, M. R. C., & Menandro, P. R. M. (2011). “Casados para sempre”: Casamento e família na concepção de casais evangélicos neopentecostais. *Psicologia Argumento*, *29*(66), 343–352.
- Falcão, D. V. S. (2006). *Doença de Alzheimer : um estudo sobre o papel das filhas cuidadoras e suas relações familiares*. (Tese de Doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- Falcke, D., Diehl, J. A., & Wagner, A. (2002). Satisfação Conjugal na Atualidade. In A. Wagner (Org.), *Família em Cena*. (pp.172-188). Petrópolis: Vozes.
- Falcke, D., Wagner, A.; & Mosmann, C. P. (2008). *The Relationship Between Family of Origin and Marital Adjustment for Couples in Brazil*. *Journal of Family Psychotherapy*, *19*, 170-186.
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2013). Estratégias de resolução de conflito e violência conjugal. In Féres-Carneiro, T. (Ed.). *Casal e família: transmissão, conflito e violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fagundes, A. J. F. M. (1999). *Descrição, definição e registro de comportamento* (12 ed.). São Paulo: Edicon.
- Fallis, E. E., Rehman, U. S., Woody, E. Z., & Purdon, C. (2016). The longitudinal association of relationship satisfaction and sexual satisfaction in long-term relationships. *Journal of Family Psychology*, *30*(7), 822–831. <https://doi.org/10.1037/fam0000205>.
- Fantinato, A. C., & Cia, F. (2011). Envolvimento parental, competência social e o desempenho acadêmico de escolares. *Psicologia Argumento*, *29* (67), 499-511.
- Farrell, A. K., Simpson, J. A., Overall, N. C., & Shallcross, S. L. (2016). Buffering the responses of avoidantly attached romantic partners in strain test situations. *Journal of Family Psychology*, *30*(5), 580–591. <https://doi.org/10.1037/fam0000186>.

- Feeney, J. A. (2003). The systemic nature of couple relationships: Na attachment perspective. In P. Erdmann, & T. Caffery (Eds). *Attachment and Family systems: Conceptual, empirical and therapeutic relatedness*. (pp.139-163). New York: Brunner/Mazel.
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8, 367-374.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paideia*, 20 (46), 269-278.
- Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2011). A parentalidade nas múltiplas configurações familiares contemporâneas. In L. V. Moreira, & E. P. Rabinovich, *Família e parentalidade: Olhares da Psicologia e da História* (pp. 117-134). Curitiba: Juruá.
- Ferreira, S. L. G., & Triches, M. A. (2009). O envolvimento parental nas instituições de educação infantil. *Revista Pedagógica – UNOCHAPECÓ*, 11 (22), 39-55.
- Frazier, P., Feng, V. N. N., & Fulco, C. (2017). Mediators of the Relation Between Sexual Victimization and Distress: Comparison to Bereavement. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 9 (1), 96-104.
- Freitas, T. C. A. (2002). O encontro de casais com Cristo: uma avaliação na perspectiva de seus participantes. Dissertação de Mestrado em Psicologia, PUCRS, Recife, Pernambuco, Brasil.
- Friese, S. (2014). *Qualitative data analysis with ATLAS.ti* (2 ed.). London: SAGE.
- Gallagher et al. (2017). Dyadic Effects of Attachment on Mental Health: Couples in a Postdisaster Context. *Journal of Family Psychology*, 31 (2), 192-202.
- Godbout, N., Daspe, M. E., Lussier, Y., Sabourin, S., Dutton, D. (2017). Early Exposure to Violence, Relationship Violence, and Relationship Satisfaction in Adolescents and Emerging Adults: The Role of Romantic Attachment. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 9 (2), 127-137.
- Gomes, V. F., & Bosa, C. A. (2010). Representações mentais de apego e percepção de práticas parentais por jovens adultas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 11-18.
- Gomes, A. A., & Melchiori, L. E. (2012). A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Gomes, L. B., Crepaldi, M. A., & Bigras, M. (2013). O envolvimento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares. *Paidéia*, 23 (54), 21-29.
- Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). As origens do pensamento sistêmico: Das partes para o todo. *Pensando famílias*, 18(2), 3-16.

- Gomes, L. B. (2015). *Envolvimento parental, desenvolvimento social e temperamento de pré-escolares: Um estudo comparativo em Santa Catarina e Montreal*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem* (pp. 21-60). Campinas, SP: Alínea.
- Gou, L. H., & Woodin, E. M. (2017). Relationship Dissatisfaction as a Mediator for the Link Between Attachment Insecurity and Psychological Aggression Over the Transition to Parenthood. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 6 (1), 1-17.
- Grandesso, M. A. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Grzybowski, L. S. (2007). *Parentalidade em tempo de mudanças: Desvelando o envolvimento parental após o fim do casamento*. (Tese de Doutorado). Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). O envolvimento parental após a separação/divórcio. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23 (2), 289-298.
- Guest, G., Bunce, A., & Johnson, L. (2006). How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. *Field Methods*, 18(1), 59-82.
- Hayakawa, L. Y., Silva, M. S., Higarashi, I. H., & Waidman, M. A. P. (2010). Rede social de apoio à família de crianças internadas em uma unidade de terapia intensiva pediátrica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 63(3), 440-445.
- Hare, A. L., Miga, E. M., & Allen, J. P. (2009). Intergenerational Transmission of Aggression in Romantic Relationships: The Moderating Role of Attachment Security. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 808–818. <https://doi.org/10.1037/a0016740>.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2016). A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. *Psicologia Clínica*, 28(1), 161–182. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/2910/291045794009.pdf>.
- Heisenberg, W. (1999). *Física e Filosofia*. 4. ed. Brasília: Ed. Da UnB - Edições Humanidades.
- Hernandez, J. A. E. (2005). *Papéis sexuais, ajustamento conjugal e emocional na transição para a parentalidade*. Tese de Doutorado em Psicologia, Instituto de Psicologia, UFRGS.

- Hidalgo, M. & Menendez, S. (2003). La pareja ante la llegada de los hijos. Evolución de la relación conyugal durante el proceso de convertirse en padre y madre. *Infância y Aprendizaje*, 26 (4), 469-483.
- Huston, T. L. & Vangelisti, A. L. (1995). How parenthood affects marriage. In M. A. Fitzpatrick & A. L. Vangelisti (Orgs.). *Explaining family interactions*. (pp. 147-176). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). *Características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Acessado em 19 de setembro de 2019. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2015). *Estatísticas do Registro Civil - Casamentos*. Acessado em 20 de setembro de 2019. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016). *Informações demográficas municipais – Santa Catarina*. Acessado em 20 de setembro de 2019. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2017). *Estatísticas do Registro Civil de 2017*. Acessado em 19 de setembro de 2019.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019). *Estatísticas do Registro Civil de 2017 (atualizado)*. Acessado em 19 de setembro de 2019.
- Jablonski, B. (2001). Atitudes frente à crise do casamento. In: T. Féres-Carneiro *et al.* *Casamento e família: do social à clínica*. (p. 81-95). Rio de Janeiro: Nau.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262–275. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932010000200004>.
- Jablonski, B. (2011). O país do casamento segundo seus futuros habitantes: pesquisando atitudes e expectativas de jovens solteiros. In: T. Féres-Carneiro (org.), *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 27-42.
- Jayamaha, S. D., Girme, U. Y., & Overall, N. C. (2017). When Attachment Anxiety Impedes Support Provision: The Role of Feeling Unvalued and Unappreciated. *Journal of Family Psychology*, 31 (2), 181-191.
- Johnson, S. M. (1999). Emotionally focused couples therapy: Straight to the heart. In. J. M. Donovan (Ed). *Short-term couple therapy*. (pp 12-42). New York: Guilford Press.
- Johnson, S. M., Hunsley, J., Greenberg, L., & Schindler, D. (1999). Emotionally focused couples therapy: Status and challenges (a meta-analysis). *Journal of Clinical Psychology: Science and Practice*, 6, 67-79.

- Johnson, S. M., Makinen, J. A., & Millikin, J. W. (2001). Attachment injuries in couple relationships: A new perspective on impasses in couples therapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 27, 145-155.
- Johnson, S. M., & Whifen, V. E. (2012). *Os processos do apego na terapia de casal e família*. São Paulo: Roca.
- Kerr, D. C. R., Capaldi, D. M., Pears, K. C., & Owen, L. D. (2009). A prospective three generational study of fathers' constructive parenting: Influences from family of origin, adolescent adjustment, and offspring temperament. *Developmental Psychology*, 45, 1257-1275.
- Khalifian, C. E., & Barry, R. A. (2016). Trust, attachment, and mindfulness influence intimacy and disengagement during newlyweds' discussions of relationship transgressions. *Journal of Family Psychology*, 30(5), 592–601.
- Kohn, J. L., Rholes, S. W., Simpson, J. A., Martin, A. M. L., Tran, S. S., & Wilson, C. L. (2012). Changes in Marital Satisfaction Across the Transition to Parenthood: The Role of Adult Attachment Orientations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(11), 1506–1522. <https://doi.org/10.1177/0146167212454548>.
- Koren-Karie, N. (2000). Attachment representations in adulthood: Relations with parental behaviors. *The Israel Journal of Psychiatry and Related Sciences*, 37, 178-189.
- Krahé, C., von Mohr, M., Gentsch, A., Guy, L., Vari, C., Nolte, T., & Fotopoulou, A. (2018). Sensitivity to CT-optimal, Affective Touch Depends on Adult Attachment Style. *Scientific Reports*, 8(1). <https://doi.org/10.1038/s41598-018-32865-6>.
- Lacerda, A. (2010). *Rede de apoio social no sistema dádiva: um novo olhar sobre a integralidade do cuidado no cotidiano de trabalho do agente comunitário de saúde*. (Tese de Doutorado). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25, 883-894.
- Lamela, D., Figueiredo, B., & Bastos, A. (2013). Perfis de vinculação, coparentalidade e ajustamento familiar em pais recém-divorciados: diferenças no ajustamento psicológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 19-28.
- Lantagne, A., & Furman, W. (2017). Romantic relationship development: The interplay between age and relationship length. *Developmental Psychology*, 53(9), 1738–1749. <https://doi.org/10.1037/dev0000363>.
- Leonhardt, N. D., Willoughby, B. J., Dyer, W. J., & Carroll, J. S. (2019). Longitudinal influence of shared marital power on marital quality and attachment security. *Journal of Family Psychology*. <https://doi.org/10.1037/fam0000566>.

- Lima, G. Q. (2010). História de vida e escolha conjugal em mulheres que sofrem de violência doméstica (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Liotti, G. (2006). A model of dissociation based on attachment theory and research. *Journal of trauma and dissociation*, 7(4), 55-73.
- Macarini, S. M., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2016). A questão da parentalidade: Contribuições para o trabalho do psicólogo na terapia de famílias com filhos pequenos. *Pensando famílias*, 20 (2), 27-42.
- Madigan, S., Plamondon, A., Vaillancourt, K., McKibbin, A., & Benoit, D. (2016). The Developmental Course of Unresolved/Disorganized States of Mind in a Sample of Adolescents Transitioning Into Parenthood. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 48(1), 19-31. <https://doi.org/10.1037/cbs0000037>.
- Magalhães, I. S. de. (2010). Entre a casa e o trabalho: a transmissão geracional do feminino. *Psicologia Clínica*, 22(2), 227–227. <https://doi.org/10.1590/s0103-56652010000200027>.
- Main, M., & Solomon J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In: Greenberg MT, Cicchetti D, Cummings EM, eds. *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention*. Chicago, Ill: University of Chicago Press. pp.121-160.
- Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P. C. de O., Silva, I. M., Lopes, R. de C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Transmission of childrearing practices between generations: Empirical evidence. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2), 123–132. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200001>.
- Marquezino, G. M. S., & Araújo, J. (2014). Uma análise da inserção do programa de aceleração do crescimento (PAC) no Distrito de Itambaí/Itaboraí-RJ e suas implicações no contexto socioambiental. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, 3 (2), 54-78.
- Marmarosh, C. L. Fostering Engagement During Termination: Applying Attachment Theory and Research. *Psychotherapy*, 54 (1), 4-9.
- Matão, M. E. L., Miranda, D. B., Campos, P. H. F., Oliveira, L. N., & Martins, V. R. (2011). Experiências de familiares na vivência da depressão pós-parto. *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro*, 1 (3), 283-293.
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo de vida familiar. In F. Walsh (Ed.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (pp. 375-398). Porto Alegre: Artmed.
- Menninger, K. (2001). Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In. Carter, B., & McGoldrick, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (pp. 206-223). Porto Alegre: Artmed.
- Meuwly, N., & Schoebi, D. (2017). Social Psychological and Related Theories on Long- Term Committed Romantic Relationships. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 1-15.

- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2019). An attachment perspective on family relations. In B. H. Fiese, M. Celano, K. Deater-Deckard, E. N. Jouriles, & M. A. Whisman (Eds.), *APA handbooks in psychology series. APA handbook of contemporary family psychology: Foundations, methods, and contemporary issues across the lifespan* (pp. 109-125). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Millings, A., Walsh, J., Hepper, E., & O'Brien, M. (2013). Good Partner, Good Parent: Responsiveness Mediates the Link Between Romantic Attachment and Parenting Style. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 39(2), 170-180. <https://doi.org/10.1177/0146167212468333>.
- Minayo, M. C. S. (2010). *O Desafio do conhecimento*. São Paulo, Hucitec.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S., Lee, W., & Simon, G. (2008). *Domindando a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Minuchin, S., Nichols, M. P., & Lee, W.-Y. (2009). *Famílias e casais: Do sintoma ao sistema*. Porto Alegre: Artmed.
- Montoro, G. F. (1983). Teoria de defesa de Bowlby e Psicodrama. *Revista da FEBRAP*, 5 (26).
- Montoro, G. F. (2001). Contribuições da teoria do apego à terapia familiar. In. Castilho, T. (Org.). *Temas em terapia familiar*. (pp. 40-81). São Paulo: Summus.
- Morin, E. (2011). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar a violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18, 163-175.
- Morais, D. M. da C. B. (2019). Cuidados filiais: o papel da vinculação e da representação dos cuidados na ansiedade filial e na maturidade filial. *Tese de Doutorado em Psicologia*. Universidade do Porto, Portugal.
- Morici, A.C. (2008). Pós-modernidade: novos conflitos e novos arranjos familiares. In R. M. S. Macedo (Org.), *Terapia familiar no Brasil na última década*. (pp. 64-71). São Paulo: Rocca.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16 (35), 315-325.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2007). Qué és la calidad conyugal? Uma revisión de conceptos. *Cuadernos de Terapia Familiar*, 67, 213-229.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Sarriera, J. (2008). A qualidade conjugal como preditora dos estilos educativos parentais: o perfil discriminante de casais com filhos adolescentes. *Psicologia*, 22(2), 161-182.

- Mosmann, et al. (2015). Qualidade conjugal: Como os casais avaliam seu relacionamento? In. Wagner, A., Mosmann, C., & Falcke, D. (Orgs). (2015). *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade*. São Leopoldo: Sinodal.
- Mosmann, C.P.; Levandowski, D.C.; Costa, C. B.; Zordan, E.P.; Rosado, J. S.; Wagner, A. Qualidade conjugal: como os casais avaliam seu relacionamento? (2015). In. Wagner, A., Mosmann, C., & Falcke, D. (Orgs). (2015). *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade*. São Leopoldo: Sinodal.
- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-indivuação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (3), 357-366.
- Murta, S. G., Rodrigues, A. C., Rosa, I.de O., & Paulo, S. G. de. (2012). Avaliação de um programa psicoeducativo de transição para a parentalidade. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 403-412.
- Nascimento, C. C., & Coelho, M. R. M. (2006). Apego e perda ambígua: apontamentos para uma discussão. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 6 (2), 426-449.
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale - Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, 26(3), 484-494.
- Nisenbaum, M. G., & Lopez, F. G. (2015). Adult attachment orientations and anger expression in romantic relationships: A dyadic analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 62(1), 63–72. <https://doi.org/10.1037/cou0000047>.
- Oliveira, J. L. A. P. (2017). O envolvimento paterno no contexto do divórcio/separação conjugal. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Pacheco, E. T., da Silva, S. R., & Ribeiro, R. G. (2007). “Eu era do mundo”: Transformações do auto-conceito na conversão Pentecostal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 53–62. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000100007>.
- Palmeira, L., Gouveia, J. P., Dinis, A., & Lourenço, S. (2011). O papel dos esquemas emocionais na transgeracionalidade do processo de socialização das emoções negativas. *Psychologica*, (54), 439–464.
- Pancer, S. M., Pratt, M., Hunsberger, B., & Gallant, M. (2000). Thinking ahead: Complexity of expectations and the transition to parenthood. *Journal of Personality*, 68 (2), 253-280.
- Paquette, D., Bolté, C., Turcotte, G., Dubeau, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: Defining and associating variables. *Infant and Child Development*, 9, 213-230.
- Paquette, D. (2004). Dichotomizing paternal and maternal functions as a means to better understand their primary contributions. *Human Development*, 47, 237-238.

- Paquette, D., Eugène, M. M., Dubeau, D., & Gagnon, M. N. (2009). Les pères ont-ils une influence spécifique sur le développement des enfants? In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 99-122). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Paraventi, L., Bittencourt, I. G., Schulz, M. L. C., Souza, C. D., Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2017). A percepção de pessoas sem filhos sobre a função paterna de abertura ao mundo. *PSICO*, 48 (1), 1-11.
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda – As raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus Editorial.
- Paulson, J. F., Sharnail, D., & Bazemore, M. (2010). Prenatal and postpartum depression in fathers and its association with maternal depression. *Journal of the American Medical Association*, 303 (19), 1961-1969.
- Péloquin, K., Brassard, A., Delisle, G., & Bédard, M.-M. (2013). Integrating the attachment, caregiving, and sexual systems into the understanding of sexual satisfaction. *Canadian Journal of Behavioural Science / Revue Canadienne Des Sciences Du Comportement*, 45(3), 185–195. <https://doi.org/10.1037/a0033514>.
- Pereira, A. I. F., Canavarro, J. M., Cardoso, M. F., & Mendonça, D. (2008). Envolvimento parental na escola e ajustamento em crianças do 1º ciclo do ensino básico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 42 (1), 91-110.
- Pereira, M. G., Ferreira, G., & Paredes, A. C. (2013). Apego aos pais, relações românticas, estilo de vida, saúde física e mental em universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 762-771.
- Perlin, G. (2001). *Casais que trabalham e são felizes: Mito ou realidade?* (Dissertação de Mestrado em Psicologia), Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- Peruhype, R. C., Halboth, N. V., & Alves, P. A. B. (2011). Uso da violência doméstica como prática educativa: conhecendo a realidade em Diamantina - MG/ Brasil. *Textos contextos (Porto Alegre)*, 10(1), 170-178.
- Pinheiro, F. M. F., & Williams, L. C. A. (2009). Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no Ensino Fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, 39 (138), 995-1018.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: levels, sources and consequences. In Lamb, M. E. (Ed.), *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
- Pontes, F. A., Silva, S.S. C., Garotti, M., & Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia*, 26, 67-79.
- Posada, G., Jacobs, A., Richmond, M. K., Carbonell, O. A., Alzate, G., Bustamante, M. R., & Quiceno, J. (2002). Maternal caregiving and infant security in two cultures. *Developmental Psychology*, 38, 67-78. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.38.1.67>

- Porter, C. L., & Dyer, W. J. (2017). Does Marital Conflict Predict Infants' Physiological Regulation? A Short-Term Prospective Study. *Journal of Family Psychology*, 1-10.
- Prado, A. B., Piovanotti, M. R. A., & Vieira, M. L. (2007). Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. *Psicologia em Estudo*, 12 (1), 41-50.
- Quissini, C., & Coelho, L. R. M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando Famílias*, 18(2), 34-47. Retrieved from [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200004).
- Rabinovich, E. P., Costa, L. A. F., Lins, A., & Franco, S. (2008). Famílias evangélicas baianas e o processo de nomeação. *Psicologia e Sociedade*, 20(3), 417-424.
- Rackett, P., & Holmes, B. N. (2010). Enhancing the attachment relationship: a prenatal perspective. *Educational and Child Psychology* 27 (3), 33-50.
- Ramires, V. R. R., & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: Comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 25-33. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722010000100004>
- Ramos, M. M., & Canavarro, M. C. (2007). Adaptação parental ao nascimento de um filho: comparação da reactividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. *Análise Psicológica*, 25(3), 399-413.
- Relatório do UNFPA - Fundo de Populações das Nações Unidas – ONU. (2018). *O poder de escolha: Direitos reprodutivos e a transição demográfica*. Acessado em 19 de setembro de 2019. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/>
- Rempel, L. A., Rempel, J. K., Khuc, T. N., & Vui, L. T. (2017). Influence of father-infant relationship on infant development: A father-involvement intervention in Vietnam. *Developmental Psychology*, 53(10), 1844-1858. <https://doi.org/10.1037/dev0000390>.
- Riter, H. S., Zanon, L. L. D., & Freitas, L. B. L. (2019). Projetos de vida de adolescentes de nível socioeconômico baixo quanto aos relacionamentos afetivos. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 55-68.
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6 (1), 41-49.
- Rocha, F. D. A., & Fensterseifer, L. (2019). A função do relacionamento sexual para casais em diferentes etapas do ciclo de vida familiar. *Contextos Clínicos*, 12(2). <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.122.08>.

- Rolim, K. I., & Wendling, M. I. (2013). A história de nós dois: Reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade. *Psi.Clin.*, 25 (11), 165-180.
- Rust, J., Bennun, I., Crowe, M., & Golombok, S. (1988). The golombok rust inventory of marital state (GRIMS). *Sexual and marital therapy*, 1(1), 55-60.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso.
- Santos, S. S. C., & Hammerschmidt, K. S. de A. (2012). A complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65(4), 561-565
- Schachner s, R. S. (2005). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stenvenson-Hinde, & P. Marris (Orgs.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). London: Routledge.
- Scheeren, P., Delatorre, M. Z., Neumann, A. P., & Wagner, A. (2015). O papel preditor dos estilos de apego na resolução do conflito conjugal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(3), 835-852.
- Shaffer, A., Burt, K. B., Obradovic, J., Herbers, J. E., & Masten, A. S. (2009). Intergenerational continuity in parenting quality: The mediating role of social competence. *Developmental Psychology*, 45, 1227-1240.
- Shaver, P. R., & Brennan, K. A. (1992). Attachment styles and “The Big Five” personality traits: Their connections with each other and with romantic relationship outcomes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18, 536-545.
- Sherry, A., Lydon, W. J., & Henson, R. K. (2007). Adult attachment and development personality stiles: an empirical study. *Journal of Counseling and Development*, 85(3), 337-348.
- Schmidt, E. B., & Argimon, I. I. L. (2009). Vinculação da gestante e apego materno fetal. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 19(43), 211-220.
- Schmidt, B., Bolze, S. D. A., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2015). Relacionamento conjugal e características sociodemográficas de casais heteroafetivos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15 (3), 871-890.
- Schulz, M. S., Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2006). Promoting Healthy Beginnings: A Randomized Controlled Trial of a Preventive Intervention to Preserve Marital Quality During the Transition to Parenthood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 74(1), 20-31.
- Scorsolini-Comin, F., Santos, M. A. (2010). Satisfação conjugal: Revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (3), 525-531.

- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2009). Casar e ser feliz: mapeando a mensuração da satisfação conjugal. *PSICO*, 40 (4), 430-437.
- Semensato, M. R., & Bosa, C. A. (2013). O script de apego compartilhado no casal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(1), 138-151.
- Serbin, L., & Karp, J. (2003). Intergenerational studies of parenting and the transfer of risk from parent to child. *Current Directions in Psychological Science*, 12(4), 138-142.
- Serrán, G., H., & Ayala, S. E. (2016). “Amigos con beneficios”: salud sexual y estilos de apego de hombres y mujeres. *Saúde e Sociedade*, 25(4), 1136-1147.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24 (4), 561-573.
- Silva, I. M., Menezes, C. C., & Lopes, R. d. C. S. (2010). Em busca da "cara-metade": Motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia*, 27(3), 383-391.
- Silva, L. R., Barboza, A., & Assis, G. R. S. (2011). Esse Amor me Adoece: Um estudo exploratório da teoria do apego adulto com mulher em conflito nas relações afetivo-conjugal. *Revista de Produção Acadêmica dos Alunos da FACHO*, 8, 159-170.
- Silva, I. M., & Lopes, R. C. S. (2012). As relações entre os subsistemas conjugal e parental durante a transição para a parentalidade. *Pensando famílias*, 16 (1), 69-90.
- Silva, A. I. G. S. (2016). *Relacionamento conjugal na transição para a parentalidade: estudos com casais com o primeiro filho entre os 12-24 meses de idade*. (Tese de Doutorado). Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Scheeren, P., Vieira, R. V. de A., Goulart, V. R., & Wagner, A. (2014). Marital Quality and Attachment: The Mediator Role of Conflict Resolution Styles. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 24(58), 177-186.
- Shelton, A. J., & Wang, C. D. C. (2017). Adult Attachment Among U.S. Latinos: Validation of the Spanish Experiences in Close Relationships Scale. *Journal of Latina/o Psychology*, 1-17.
- Shiramizu, V. K. M., Natividade, J. C., & Lopes, F. A. (2013). Evidências de validade do Experience in Close Relationships (ECR) Inventory para o Brasil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 457-465.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28.
- Stanton, S. C. E., Campbell, L., & Pink, J. C. (2017). Benefits of positive relationship experiences for avoidantly attached individuals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 113(4), 568–588. <https://doi.org/10.1037/pspi0000098>.

- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185.
- Steele, K. R., Townsend, M. L., & Grenyer, B. F. S. (2019). Parenting and personality disorder: An overview and meta-synthesis of systematic reviews. *Plos One*, 14(10), e0223038. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0223038>.
- Szepeswol, O., Griskevicius, V., Simpson, J. A., Young, E. S., Fleck, C., & Jones, R. E. (2017). The Effect of Predictable Early Childhood Environments on Sociosexuality in Early Adulthood. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 1-16.
- Teodoro, M. L. M., Cardoso, B. M., & Freitas, A. C. H. (2010). Afetividade e conflito familiar e sua relação com a depressão em crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 324-333.
- Tepes, P., & Serpa, S. (2013). Envolvimento parental no desporto: Bases conceituais e metodológicas. *Revista de Psicologia del Desporte*, 22 (2), 533-539.
- Teques, P. H. A. (2009). *Envolvimento parental no futebol*. (Tese de Doutorado). Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Thompson, R. A. (1998). Early sociopersonality development. In N. Eisenberg (Ed.), *Social, emotional, and personality development*, 25-104. New York: Wiley.
- Todorov, T. (1996). *A vida em comum: Ensaio de Antropologia Geral*. Campinas: Papirus.
- Toneli, M. J., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2006). *Paternidade e cuidados: diferentes olhares teórico-metodológicos em Psicologia*. Relatório de pesquisa não publicado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Touliatos, J., Perimutter, B. F., & Straus, M. A. (Eds.). (2001). *Handbook of Family measurements techniques vol. 1*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Trindade, M.T., Souza, F. P., & Predebon, J. C. (2006). Intergeracionalidade e educação: a perpetuação de práticas educativas maternas. *Pensando Famílias*, 16(2), 29-51.
- Ulbrich, P. M., Coyle, A., & Llabre, M. M. (1990). Involuntary childlessness and marital adjustment: His and hers. *Journal of Sex Marital Therapy*, 16 (3), 147-158.
- Vasconcellos, M. J. E. (2013). *Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da Ciência*. 10ª Ed. São Paulo: Papirus.
- Venturini, A. P. C., & Piccinini, C. A. (2014). Percepção de adolescentes não-pais sobre projetos de vida e sobre a paternidade adolescente. *Psicologia & Sociedade*, 26(spe), 172-182.

- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66 (2), 36-52.
- Villachan-lyra, P. (2009). *Relação de Apego Mãe-Criança: Um Olhar Dinâmico e Histórico-Relacional*. 22ªed. Recife: Editora Universitária, p. 27-46.
- Walsh, F. (2016). Complexidade e diversidade nas famílias do século XXI. In F. Walsh (Ed.), *Processos normativos da família: Complexidade e diversidade* (pp. 3-27). Porto Alegre: Artmed.
- Wagner, A. Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Warpechowski, A., & Mosmann, C. (2012). A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções. *Temas em Psicologia*, 20(1), 247-260.
- Watcher, M. P. K. (2002). Psychological distress and dyadic satisfaction as predictors of maternal fetal attachment. *Dissertation Illinois Institute of Technology*, 63, 2080.
- Waters, H. S., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development*, 8 (3), 185-197.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowel, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment security in infancy and early adulthood: A twenty-year longitudinal study. *Child Development*, 71 (3), 684-689.
- Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações – transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paideia*, 16(35), 407-414.
- Weiss, R. S. (2005). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stenvenson-Hinde, & P. Marris (Orgs.). *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76).
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A Utilização do Genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302-310.
- Winterheld, H. A. (2017, March 9). Hiding Feelings for Whose Sake? Attachment Avoidance, Relationship Connectedness, and Protective Buffering Intentions. *Emotion*, 1-17.
- Wright, B., et al. (2017). Decreasing rates of disorganised attachment in infants and young children, who are at risk of developing, or who already have disorganised attachment. A systematic review and meta-analysis of early parenting interventions. *PLoS ONE*, 12(7), 1-21. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0180858>.
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista (Online)*, 15 (2), 56-76.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA

- **Temas pertinentes ao apego desenvolvido com a família de origem**
  - a) Educação que receberam na infância
  - b) Demonstração de carinho por parte dos pais
  - c) Lembranças sobre as relações afetivas da infância: com pais, parentes e amigos.
  
- **Temas pertinentes à conjugalidade**
  - d) História da relação do casal
  - e) O que mais gostam no casamento
  - f) O que percebem como maior dificuldade no casamento
  - g) Demonstração de carinho
  - h) Quantidade e qualidade de tempo em conjunto (atividades de lazer)
  - i) Decisões familiares
  
- **Temas pertinentes à parentalidade**
  - j) Experiência de se tornarem pai e mãe
  - k) Repetição de modelos familiares na relação afetiva e na educação dos filhos
  - l) Demonstração de carinho
  - m) Cuidados básicos parentais
  - n) Suporte emocional
  - o) Disciplina
  - p) Brincadeiras e atividades de lazer
  - q) Autonomia e independência

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(Questionários e Entrevista)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a):

Gostaríamos convidá-lo a participar da pesquisa intitulada **“Entrelaços de afeto: a relação entre o apego dos membros do casal desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental”**, a qual tem por objetivo analisar as repercussões das relações de apego dos membros do casal, desenvolvidas na infância sobre a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental, pesquisa referente à tese de doutorado da aluna Ana Paula Sesti Becker sob orientação da professora Dra. Maria Aparecida Crepaldi, ambas vinculadas ao Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta investigação tem o objetivo de contribuir para o desenvolvimento científico e recolher dados para a elaboração de futuras ações que possam melhorar a qualidade do vínculo conjugal e a promoção de saúde no desenvolvimento infantil.

A sua participação é **voluntária**, não remunerada e a pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento. Caso você aceite participar do estudo, será agendada uma entrevista no local e horário que for melhor para você. Por meio do seu consentimento, a pesquisadora irá entrevistá-lo (a) através de questionários e de um roteiro de entrevista semiestruturado relacionados à temática de pesquisa. Como medida para evitar o constrangimento, a aplicação do questionário em forma de entrevista será realizada sempre em local privado para manter o sigilo de suas respostas.

O áudio da entrevista será registrado em um gravador de voz, sem identificação de autoria, e depois transcrito pela pesquisadora para que não se perca nenhum detalhe dos dados. O tempo estimado de duração da aplicação dos questionários é de aproximadamente 1 hora e

meia. A pesquisa poderá ser interrompida a qualquer momento, a seu pedido, visando seu conforto e bem-estar, não há, para tanto, a necessidade de apresentar quaisquer justificativas. Devido ao tema da pesquisa ser de caráter subjetivo e pessoal é possível que ao longo da entrevista você corra o risco de sentir-se mobilizado emocionalmente, ou em situação de desconforto ao seu bem estar, podendo ocorrer reações emocionais provocadas pela evocação de memórias. Entretanto, a pesquisadora é psicóloga, possui experiência clínica em terapia individual e familiar, o que pode lhe trazer maior segurança através do acolhimento psicológico fornecido. Após ou durante a aplicação do questionário, se o (a) senhor(a) perceber a mobilização de emoções, a pesquisadora dará por encerrada a aplicação e a proverá ao participante o apoio psicológico devido. Se for necessário, a mesma fará o seu encaminhamento para clínicas sociais de atendimento psicológico da cidade e região, de forma gratuita para prover o acompanhamento psicológico. Acredita-se que a sua participação na pesquisa por meio dos questionários e entrevista, lhe trarão benefícios, pois promoverá reflexões sobre suas experiências e história de vida.

Com expressa autorização, a sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionários à pesquisadora; a entrevista será gravada em áudio, de modo que toda e qualquer informação que possa lhe identificar serão mantidas em absoluto sigilo. Quanto à quebra do sigilo involuntário por pedido de ordem judicial ou legislativa ou devido ao risco de furto ou invasão dos materiais guardados pela pesquisadora, os casos serão tratados conforme a legislação legal vigente. A sua participação é **absolutamente voluntária** e não remunerada - *a legislação brasileira não possibilita quaisquer pagamentos referentes à participação em pesquisas* - contudo todo e qualquer custo decorrente da participação na pesquisa (*deslocamento, alimentação, etc*) serão ressarcidos em espécie pelo pesquisador com verba de recurso próprio, conforme item II.21 da resolução 466/2012, bem como indenização em caso de qualquer prejuízo material causado pela pesquisa ao participante, respeitando assim o item II.7 da resolução 466/2012. A sua recusa em participar da pesquisa ou cancelamento do consentimento não implicarão em qualquer penalidade ou prejuízo.

As questões abordadas em forma de entrevista serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e com o fim deste prazo, será descartado. Os resultados do presente estudo serão divulgados aos participantes que tiverem interesse, após a defesa da tese, em data a ser agendada e poderão ser usados em publicações que divulgarão apenas os dados obtidos como

um todo respeitando as respostas individuais, mantendo o sigilo das especificidades de cada participante. Os dados serão, portanto, divulgados de forma a preservar sua identificação, obedecendo ao disposto preconizado nas Resoluções nº 510 de 07 de Abril de 2016 e nº466 de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde acerca de pesquisas com seres humanos.

Caso você aceite a participação solicitamos a permissão para que possamos utilizar os questionários respondidos por você, sendo que apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neste relatadas. Este documento possui valor legal e deverá ser assinada em duas vias de igual teor, uma delas de posse do participante. Caso haja impossibilidade de assinar, a autorização deve ser dada verbalmente através de uma gravação em áudio, mas igualmente o documento será entregue em duas vias e respeitará as normas das Resoluções nº 510 de 07 de Abril de 2016 e nº466 de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Ao final do estudo você receberá um retorno em formato eletrônico e/ou impresso sobre o desfecho da pesquisa, através de publicações científicas e/ou da tese finalizada. Se você tiver alguma dúvida ou necessidade de algum esclarecimento sobre o trabalho que será realizado, entre em contato com a pesquisadora responsável, Professora Dra. Maria Aparecida Crepaldi e/ou com a pesquisadora principal, Ana Paula Sesti Becker pelo fone: xxxxx / ou via e-mail: [anapaulabecker.psicologia@gmail.com](mailto:anapaulabecker.psicologia@gmail.com). Você poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFSC pelo telefone (48) 3721-6094 ou ainda diretamente no prédio da Reitoria II, 4º andar, sala 401 na Rua Desembargador Vitor Lima nº 222, bairro Trindade, Florianópolis. O projeto possui aprovação do CEPESH/UFSC e atende à resolução 466/2012 e suas complementares.

Pesquisadora responsável: Prof. Dra. Maria Aparecida Crepaldi  
Pesquisadora principal: Ana Paula Sesti Becker (Doutoranda/UFSC)

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

*Endereço Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH:*

*Universidade Federal de Santa Catarina, Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, n° 222,  
4° andar, sala 401, Trindade, 88040-400 – Florianópolis*

Email: [cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br)

Telefone: 55 48 3721-6094

Eu, Senhor (a) \_\_\_\_\_, considero-me informado (a) sobre a pesquisa “**Entrelaços de afeto: a relação entre o apego dos membros do casal desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental**”, e autorizo o registro das informações fornecidas por mim, em forma oral, registrada e gravada, para utilização integral ou parcial, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a leitura de tais informações por terceiros, ficando vinculado o controle e guarda das mesmas a *Ana Paula Sesti Becker*, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e Professora Dra. Maria Aparecida Crepaldi, pesquisadora responsável.

Florianópolis, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

Caso você tenha interesse em receber os resultados da pesquisa, por favor, informe seu e-mail que entraremos em contato para uma devolutiva.

E-mail: \_\_\_\_\_.

# Manual de Procedimentos para Coleta de Dados

**Pesquisa: A relação entre o apego dos membros do casal desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental**

Orientadora: Prof. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

Pesquisadora Principal/Orientanda de Doutorado: Ana Paula Sesti Becker

Pesquisadores auxiliares: Membros do grupo de pesquisa LABSFAC

## ETAPA 1: OBTENÇÃO DOS PARTICIPANTES

Esta etapa engloba a busca inicial, o contato e os convites aos participantes (pais e mães).

OBS: - Serão investigados casais heteroafetivos (que sejam pais e mães), que deverão ter, no mínimo, um filho com idade entre 0 a 6 anos, com mais de 18 anos de idade quando do nascimento da criança focal. A criança focal deverá ter entre 0 e 6 anos de idade.

- Os genitores, biológicos ou não, deverão estar vivendo juntos com a mãe ou madrasta e pai ou padrasto, da criança por pelo menos seis meses.

### PROCEDIMENTOS DA ETAPA 1

#### A - BUSCA INICIAL:

- Método Bola de Neve (*Snowball*) – cadeia de referências dos pesquisadores

#### B - CONVITE E CONTATO INICIAL COM PAIS E MÃES

- Os pais, ao aceitarem participar, receberão explicações sobre o grupo de pesquisa e sobre o estudo que está sendo realizado.
- Passos a serem seguidos no contato inicial:
  - **Apresentação:** Nome, instituição que representa e grupo de pesquisa.
  - **Informações sobre a pesquisa:** Detalhes sobre a pesquisa e sua importância; informações sobre os instrumentos utilizados na coleta e as questões éticas.
  - **Convite:** Convidar os pais a participar, informando que a participação é voluntária, e que o local (casa ou escola) e a hora para aplicação dos instrumentos são os que melhor se encaixarem na sua rotina.
  - **Agendamento da visita familiar:** Marcar local, dia e hora para a visita, que sejam mais convenientes para os pais. Registrar em um local seguro (agenda ou planilha de contatos).

Importante ter os instrumentos em mãos caso queiram responder imediatamente.

O local da coleta pode ser na casa das famílias, na instituição de educação infantil da criança ou outro local que a família preferir. Deve ser dada preferência para a visita familiar.

Sugestão: fazer um cartão de visitas com informações de identificação (instituição, e-mail, endereço, telefone, etc.) para entregar aos participantes (opcional).

- **Agradecimento:** Agradecer a aceitação em participar da pesquisa e deixar com as famílias seus contatos (telefones e e-mail) para que elas possam sanar possíveis dúvidas, ou avisar caso ocorra algum imprevisto e seja necessário marcar novo horário e local. Segue um exemplo de como abordar pais e mães no contato inicial:

#### **Roteiro para o contato inicial:**

*“Bom dia/boa tarde/boa noite. Meu nome é..., eu sou aluna (o) de ... (graduação ou pós-graduação) do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e faço parte de um grupo de pesquisa que estuda, a relação entre o apego dos membros do casal desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental. Como você tem um filho nesta faixa etária, quero convidar você e seu(a) esposo(a) a participar da pesquisa (referir a carta convite caso a pessoa já tenha recebido e preenchido). Os resultados desse estudo ajudarão a promover a qualidade do vínculo conjugal e a promoção de saúde no desenvolvimento infantil. Os participantes não serão identificados e esta pesquisa já teve aprovação no Comitê de Ética da Universidade.”*

- Caso a pessoa mostrar-se interessada em participar, continuar:

*“Os participantes desta pesquisa precisam ter algumas características. Então vou fazer algumas perguntas para saber se você e sua família se enquadram neste perfil que buscamos.*

*- Você tem uma criança com idade entre 4 e 6 anos?*

*- Você tem um(a) companheiro(a) que mora com você? Há quanto tempo?*

*- Que idade você e seu companheiro (a) tinham quando \_\_\_\_\_ (citar o nome da criança focal) nasceu?*

Caso a pessoa não se enquadre em algum destes critérios, agradecer a disponibilidade e explicar que sua participação não será possível.

Se estiver dentro do perfil buscado, continuar:

*“Esta pesquisa precisa ser respondida por você e por seu/sua companheiro (a). Qual é o melhor dia e horário para que eu possa conversar com vocês?”*

Agradecer e deixar telefone e e-mail para contato.

Caso a pessoa interessada em participar da pesquisa questione sobre os instrumentos, responder:

*“Os instrumentos são: a) um questionário com dados mais gerais sobre a família, b) um questionário sobre o apego vivenciado em sua família de origem, c) uma escala sobre a qualidade do relacionamento conjugal e d) um questionário sobre envolvimento parental.*

Caso a pessoa questione a duração da coleta de dados, responder:

*“Terá duração de aproximadamente 1 hora e meia com cada participante.”*

#### **Roteiro para abordagem dos participantes na fase da coleta de dados:**

*“Antes de que eu comece a fazer as perguntas dos questionários, preciso que você assine um termo de consentimento livre e esclarecido, que é um documento que comprova a sua permissão para participar desta pesquisa.”*

A seguir, iniciar a aplicação dos questionários. Ao final da aplicação dizer:

*“No termo de consentimento livre e esclarecido existem informações sobre a pesquisa e também tem meu telefone e meu nome para que vocês entrem em contato comigo caso tenham qualquer dúvida. Agradeço em nome de todo o grupo de pesquisa a participação da família de vocês.”*

Lembre-se de levar um envelope para colocar o termo de consentimento assinado e a carta convite que identificam os participantes. Leve também um tubo de cola para lacrar o envelope. Lembre-se de que o envelope será fechado na frente dos participantes e na etiqueta será escrito o respectivo código. Em todos os questionários que serão por eles respondidos o entrevistador deve escrever o código do participante no local adequado.

Separar uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e entregar para as mães e pais que farão parte da amostra.

Não esquecer de levar uma cópia de todos os instrumentos de pesquisa para que os participantes possam acompanhar as perguntas feitas pelo pesquisador.

## **ETAPA 2: APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS**

Esta etapa corresponde à coleta de dados. Os procedimentos precisam ser conferidos e aplicados com precisão para evitar:

- Perda de informações;
- Falhas no preenchimento dos instrumentos;
- Entendimento inadequado dos procedimentos a serem seguidos;
- Contaminações da hora das respostas.

É necessário que os procedimentos sejam seguidos corretamente, que os pesquisadores estejam preparados com antecedência e que os dados sejam coletados de maneira adequada. Cada instrumento tem uma forma diferente de ser preenchido. O pesquisador deve conduzir a coleta de dados de forma imparcial e responder todas e quaisquer dúvidas que os participantes tenham sobre os instrumentos e a forma de respondê-los.

Toda e qualquer dúvida e comentários que possam vir a surgir na aplicação dos instrumentos e nas respostas dos participantes deve ser anotada ao lado, no respectivo instrumento. É importante que não falte nenhuma informação, pois a falta de dados e de resposta a algum dos itens pode invalidar os dados e acarretar na perda de sujeitos participantes.

### **PROCEDIMENTOS DA ETAPA 2**

#### A – PREPARAÇÃO PARA A VISITA

Ao preparar-se para fazer a visita, lembre-se de separar o material necessário para levar, ou seja:

- Separar uma cópia dos instrumentos para preenchimento na hora da coleta
- Separar uma cópia dos instrumentos para que o participante possa acompanhar (caderno de acompanhamento).
- Sempre leve um kit reserva, caso aconteça algum imprevisto.
- Separar os termos de consentimento (que pai e mãe deverão assinar). Uma cópia para cada participante, e outra que permanece com o pesquisador.
- Rever o material e os procedimentos de aplicação.

- Separar canetas (no mínimo duas).
- Um envelope para guardar os instrumentos preenchidos
- Um envelope para guardar os consentimentos informados assinados e a carta convite.
- Cola e 2 etiquetas na quais será escrito o número do código que o participante receberá (leve duas etiquetas a mais para qualquer eventualidade).
- Caderno para anotações (diário de campo).

## B- PREPARAÇÃO DOS INSTRUMENTOS

Os instrumentos devem ser organizados em Kits de aplicação.

Para cada família o kit deve conter:

- 4 cópias do termo de consentimento livre e esclarecido: uma a ser entregue para cada participante entrevistado e outra que fica em posse do pesquisador. Ambas datadas e assinadas.
- 2 cópias de cada instrumento necessário para a realização de uma entrevista. É importante conferir se os instrumentos estão completos, sem falhas de impressão e devidamente organizados.
- 1 envelope de papel pardo para guardar os termos de consentimento assinados e carta convite.
- 1 envelope de papel pardo para guardar os instrumentos respondidos pelo casal.
- Cola para fechar o envelope e 1 etiqueta para ser colada no envelope.
- Os instrumentos devem ser agrupados, em forma de Kit, com o auxílio de um clipe ou outro objeto que possibilite destacá-los um do outro.
- Lembrar de levar um caderno para anotar as observações sobre cada família (Diário de Campo).

**Dica:** Estabelecer o código de identificação dos instrumentos no momento de montagem dos kits. Esse procedimento evita erros, facilita a armazenagem ordenada, a conferência, e contribui para o manuseio posterior dos instrumentos. Importante conferir se cada questionário está grampeado na ordem correta.

## C- APLICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS

Ao chegar ao local combinado, faça uma ambientação com o participante, cumprimentando-o e dando informações claras sobre o que ocorre durante a visita, tais como:

- Explicar que o participante assinará o termo de consentimento e responderá aos instrumentos (caso use o gravador, explicar que seu uso será apenas para complementar os dados já marcados).
- Explicar que os questionários têm como objetivo levantar dados sobre a família da criança e conhecer as ideias deles sobre determinados assuntos.
- Explicar outras dúvidas que possam surgir.
- Após entendimento dos procedimentos a serem realizados, e já acomodados em algum lugar onde possam sentar, se dá início à aplicação dos instrumentos.

Os instrumentos devem ser aplicados da seguinte forma:

#### **1 – Termo de consentimento:**

Deve-se entregar um formulário ao participante, ter um outro em mãos e ler em voz alta o que está escrito (o participante acompanha a leitura do entrevistador). Ao término da leitura, caso concorde, pedir ao participante que assine. Informar que serão solicitadas informações de identificação que devem ser guardadas em envelope fechado e separado.

#### **2 – Aplicação dos instrumentos:**

As questões de todos os instrumentos serão lidas para os participantes, cujas respostas serão preenchidas pelo (a) entrevistador (a). Nesse momento é importante que o (a) entrevistador (a) tenha o cuidado para ter uma leitura imparcial.

Seguir corretamente as instruções que constam nos quadros que indicam a forma de responder cada instrumento (por exemplo, 1- nunca, 2- uma vez por mês...).

**IMPORTANTE:** Sempre que for oportuno, repetir o nome da criança focal como forma de evitar que o participante responda pensando em outro (a) filho (a).

Caso o participante peça para ficar com cópia dos questionários, explicar que não temos autorização para entregá-los às famílias já que eles foram criados por outros pesquisadores.

**IMPORTANTE**

Ao ir embora:

- Agradecer ao participante pela sua colaboração e pela disponibilidade em recebê-lo (a).
- Entregar um presente de agradecimento.
- Perguntar se podem indicar outras famílias, com os mesmos requisitos e que aceitariam participar da pesquisa.
- Preencher a planilha de organização da coleta ao final de cada aplicação realizada.

# PESQUISA DE DOUTORADO

## ENTRELAÇOS DE AFETO: A RELAÇÃO ENTRE O APEGO DO CASAL NA INFÂNCIA E O RELACIONAMENTO CONJUGAL E PARENTAL

A doutoranda Ana Paula S. Becker convida para participar de sua tese, **casais que tenham no mínimo um filho entre 0 a 6 anos.**



Trata-se de uma pesquisa que investiga os laços afetivos desenvolvidos na infância e sua influência na vida adulta

Realização



Contato

(47) 9 97462000  
anapaulabecker.psicologia  
@gmail.com

APÊNDICE E - RESULTADOS DAS CORRELAÇÕES SIGNIFICATIVAS –  
“DOIS A DOIS”

QRA

**QRA Escore Controle Parental (Dimensão 1)**

Controle Parental Mãe x QRA Agressividade/Desconfiança Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$   
Controle Parental Mãe x QRA GERAL Vulnerabilidade Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$   
Controle Parental Mãe x QRA Apego Inseguro Evitativo Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$   
Controle Parental Pai x QRA GERAL Cuidados Parentais Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$   
Controle Parental Pai x QRA Criança Preciosa Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$   
Controle Parental Pai x QRA GERAL Vulnerabilidade Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$   
Controle Parental Pai x QRA Apego Inseguro Ansioso Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$   
Controle Parental Pai x QRA Apego Inseguro Desorganizado Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$   
Controle Parental Pai x QRA GERAL Apego Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$

**QRA Escore Superproteção (Dimensão 1)**

Superproteção Mãe x QRA Superproteção Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$   
Superproteção Mãe x QRA Depressão Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$   
Superproteção Mãe x QRA GERAL Cuidados Parentais Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$   
Superproteção Mãe x Apego Inseguro Ansioso Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.25^*$   
Superproteção Mãe x QRA GERAL Apego Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$   
Superproteção Pai x QRA Superproteção Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$   
Superproteção Pai x QRA Infelicidade Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.26^{**}$   
Superproteção Pai x Apego Inseguro Ansioso Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.26^*$

**QRA Escore Depressão (Dimensão 1)**

Depressão Mãe x QRA GERAL Cuidados Parentais Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$   
Depressão Mãe x QRA Agressividade/Desconfiança Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$   
Depressão Mãe x QRA Apego Inseguro Evitativo Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.23^*$   
Depressão Mãe x QRA GERAL Apego Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$   
Depressão Pai x Superproteção Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$   
Depressão Pai x Infelicidade Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.26^{**}$   
Depressão Pai x Apego Inseguro Ansioso Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.25^*$

**QRA Escore Separação (Dimensão 1)**

Separação Mãe x QRA Proximidade Incomum Pai =  $p < 0.05$   $r = -0.21^*$   
Separação Pai x QRA Proximidade Incomum Mãe =  $p < 0.05$   $r = -0.22^*$

### **QRA Escore Proximidade Incomum (Dimensão 1)**

Proximidade Incomum Pai x QRA Separação Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$

Proximidade Incomum Pai x QRA Cuidados Compulsivos Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.29^{**}$

Proximidade Incomum Pai x QRA Apego Inseguro Ansioso Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$

### **QRA DIMENSÃO 1 TOTAL – Cuidados Parentais**

GERAL Cuidados Parentais Mãe x GERAL Cuidados Parentais Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$

GERAL Cuidados Parentais Mãe x Agressividade/Desconfiança Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$

GERAL Cuidados Parentais Mãe x Apego Inseguro Evitativo Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$

GERAL Cuidados Parentais Pai x Superproteção Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$

GERAL Cuidados Parentais Pai x Depressão Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$

GERAL Cuidados Parentais Pai x Infelicidade Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.24^{**}$

GERAL Cuidados Parentais Pai x QRA GERAL Vulnerabilidade Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$

GERAL Cuidados Parentais Pai x Apego Inseguro Ansioso Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.28^{**}$

GERAL Cuidados Parentais Pai x QRA GERAL Apego Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.23^{**}$

### **QRA Escore Timidez (Dimensão 2)**

Timidez Mãe x QRA Agressividade/Desconfiança Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$

Timidez Mãe x QRA Apego Inseguro Evitativo Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$

Timidez Pai x QRA Criança Preciosa Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$

Timidez Pai x QRA GERAL Vulnerabilidade Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$

### **QRA Escore Agressividade/Desconfiança (Dimensão 2)**

Agressividade/Desconfiança Pai x QRA Controle Parental Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$

Agressividade/Desconfiança Pai x Depressão Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$

Agressividade/Desconfiança Pai x QRA Proximidade Incomum Mãe =  $p < 0.05$   $r = -0.19^*$

Agressividade/Desconfiança Pai x GERAL Cuidados Parentais Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$

Agressividade/Desconfiança Pai x Timidez Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.23^*$

Agressividade/Desconfiança Pai x QRA GERAL Vulnerabilidade Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$

Agressividade/Desconfiança Pai x QRA Apego I. Desorganizado Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.25^*$

Agressividade/Desconfiança Pai x QRA GERAL Apego Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$

### **QRA Escore Criança Preciosa (Dimensão 2)**

Criança Preciosa Mãe x QRA Controle Parental Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$

Criança Preciosa Mãe x QRA Timidez Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$

### **QRA Escore Infelicidade (Dimensão 2)**

Infelicidade Mãe x QRA Superproteção Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.26^*$

Infelicidade Mãe x QRA Depressão Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.26^{**}$

Infelicidade Mãe x QRA GERAL Cuidados Parentais Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$

Infelicidade Mãe x QRA Apego Inseguro Ansioso Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$

Infelicidade Mãe x QRA GERAL Apego Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$

### **QRA Escore Cuidados Compulsivos (Dimensão 2)**

Cuidados Compulsivos Mãe x QRA Proximidade Incomum Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.29^{**}$

Cuidados Compulsivos Mãe x QRA Apego Inseguro Ansioso Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.28^{**}$

### **QRA DIMENSÃO 2 TOTAL – Vulnerabilidade**

GERAL Vulnerabilidade Mãe x QRA Controle Parental Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$

GERAL Vulnerabilidade Mãe x QRA GERAL Cuidados Parentais Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$

GERAL Vulnerabilidade Mãe x QRA Timidez Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$

GERAL Vulnerabilidade Mãe x QRA Agressividade/Desconf. Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$

GERAL Vulnerabilidade Mãe x QRA GERAL Vulnerabilidade Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$

GERAL Vulnerabilidade Mãe x QRA Apego Inseguro Ansioso Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$

GERAL Vulnerabilidade Mãe x QRA Apego Inseguro Evitativo Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$

GERAL Vulnerabilidade Mãe x QRA GERAL Apego Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$

GERAL Vulnerabilidade Pai x QRA Controle Parental Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$

GERAL Vulnerabilidade Pai x QRA GERAL Vulnerabilidade Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.19^*$

### **QRA Escore Apego Inseguro Ansioso**

Apego Inseguro Ansioso Mãe x QRA Controle Parental Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$

Apego Inseguro Ansioso Mãe x QRA Superproteção Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.26^*$

Apego Inseguro Ansioso Mãe x QRA Depressão Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.26^*$

Apego Inseguro Ansioso Mãe x QRA Proximidade Incomum Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$

Apego Inseguro Ansioso Mãe x QRA GERAL Cuidados Parentais Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.28^{**}$

Apego Inseguro Ansioso Mãe x QRA Apego Inseguro Ansioso Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.30^{**}$

Apego Inseguro Ansioso Mãe x QRA GERAL Apego Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.29^{**}$

Apego Inseguro Ansioso Pai x QRA Superproteção Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.25^*$

Apego Inseguro Ansioso Pai x QRA Depressão Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$

Apego Inseguro Ansioso Pai x QRA Infelicidade Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$

Apego Inseguro Ansioso Pai x QRA Cuidados Compulsivos Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.28^{**}$

Apego Inseguro Ansioso Pai x QRA GERAL Vulnerabilidade Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$

Apego Inseguro Ansioso Pai x QRA Apego Inseguro Ansioso Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.30^{**}$

Apego Inseguro Ansioso Pai x QRA GERAL Apego Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$

### **QRA Escore Apego Inseguro Evitativo**

Apego Inseguro Evitativo Pai x QRA Controle Parental Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.20^*$

Apego Inseguro Evitativo Pai x QRA Depressão Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.23^*$

Apego Inseguro Evitativo Pai x QRA GERAL Cuidados P. Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$

Apego Inseguro Evitativo Pai x QRA Timidez Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$

Apego Inseguro Evitativo Pai x QRA GERAL Vulnerabilidade Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$

Apego Inseguro Evitativo Pai x QRA Apego Inseguro Desorg. Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.26^{**}$

Apego Inseguro Evitativo Pai x QRA GERAL Apego Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.28^{**}$

## **QRA Escore Apego Inseguro Desorganizado**

Apego Inseguro Desorganizado Mãe x QRA Controle Parental Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.21^*$   
Apego Inseguro Desorganizado Mãe x QRA Agressividade/Desc. Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.25^*$   
Apego Inseguro Desorganizado Mãe x QRA Apego I. Evitativo Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.26^{**}$

## **QRA GERAL APEGO**

GERAL Apego Mãe x QRA Controle Parental Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$   
GERAL Apego Mãe x QRA GERAL Cuidados Parentais Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.23^*$   
GERAL Apego Mãe x QRA Agressividade/Desconfiança Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$   
GERAL Apego Mãe x QRA Apego Inseguro Ansioso Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$   
GERAL Apego Mãe x QRA Apego Inseguro Evitativo Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.28^{**}$   
GERAL Apego Mãe x QRA GERAL Apego Pai =  $p < 0.05$   $r = 0.25^*$   
GERAL Apego Pai x QRA Superproteção Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$   
GERAL Apego Pai x QRA Depressão Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.22^*$   
GERAL Apego Pai x QRA Infelicidade Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$   
GERAL Apego Pai x QRA GERAL Vulnerabilidade Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.24^*$   
GERAL Apego Pai x QRA Apego Inseguro Ansioso Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.29^{**}$   
GERAL Apego Pai x QRA GERAL Apego Mãe =  $p < 0.05$   $r = 0.25^*$

## **DAS**

### **DAS – Consenso Diádico**

Consenso Diádico Mãe x DAS Consenso Diádico Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.52^{**}$   
Consenso Diádico Mãe x DAS Satisfação Conjugal Pai =  $p < 0.05$   $r = -0.19^*$   
Consenso Diádico Mãe x DAS Coesão Conjugal Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.34^{**}$   
Consenso Diádico Mãe x DAS Expressão Diádica de Afeto Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.38^{**}$   
Consenso Diádico Mãe x DAS TOTAL Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.47^{**}$   
Consenso Diádico Pai x DAS Consenso Diádico Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.52^{**}$   
Consenso Diádico Pai x DAS Coesão Conjugal Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.46^{**}$   
Consenso Diádico Pai x DAS Expressão Diádica de Afeto Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.39^{**}$   
Consenso Diádico Pai x DAS TOTAL Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.50^{**}$

### **DAS – Satisfação Diádica**

Satisfação Diádica Mãe x DAS Satisfação Diádica Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.30^{**}$   
Satisfação Diádica Pai x = DAS Consenso Diádico Mãe =  $p < 0.05$   $r = -0.19^*$   
Satisfação Diádica Pai x = DAS Satisfação Conjugal Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.30^{**}$   
Satisfação Diádica Pai x = DAS Coesão Conjugal Mãe =  $p < 0.05$   $r = -0.24^*$

### **DAS – Coesão Diádica**

Coesão Diádica Mãe x DAS Consenso Diádico Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.46^{**}$   
Coesão Diádica Mãe x DAS Satisfação Conjugal Pai =  $p < 0.05$   $r = -0.24^*$   
Coesão Diádica Mãe x DAS Coesão Conjugal Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.39^{**}$   
Coesão Diádica Mãe x DAS Expressão Diádica de Afeto Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$

Coesão Diádica Mãe x DAS TOTAL Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.40^{**}$   
Coesão Diádica Pai x DAS Consenso Diádico Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.34^{**}$   
Coesão Diádica Pai x DAS Coesão Conjugal Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.39^{**}$   
Coesão Diádica Pai x DAS Expressão Diádica de Afeto Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.28^{**}$   
Coesão Diádica Pai x DAS TOTAL Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.37^{**}$

### **DAS – Expressão Diádica de Afeto**

Expressão Diádica de Afeto Mãe x DAS Consenso Diádico Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.39^{**}$   
Expressão Diádica de Afeto Mãe x DAS Coesão Conjugal Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.28^{**}$   
Expressão Diádica de Afeto Mãe x DAS Expressão D. Afeto Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.49^{**}$   
Expressão Diádica de Afeto Mãe x DAS TOTAL Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.40^{**}$   
Expressão Diádica de Afeto Pai x DAS Consenso Diádico Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.38^{**}$   
Expressão Diádica de Afeto Pai x DAS Coesão Conjugal Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.27^{**}$   
Expressão Diádica de Afeto Pai x DAS Expressão D. Afeto Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.49^{**}$   
Expressão Diádica de Afeto Pai x DAS TOTAL Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.36^{**}$

### **DAS TOTAL**

DAS TOTAL Mãe x DAS Consenso Diádico Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.50^{**}$   
DAS TOTAL Mãe x DAS Coesão Diádica Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.37^{**}$   
DAS TOTAL Mãe x DAS Expressão Diádica de Afeto Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.36^{**}$   
DAS TOTAL Mãe x DAS TOTAL Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.47^{**}$   
DAS TOTAL Pai x DAS Consenso Diádico Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.47^{**}$   
DAS TOTAL Pai x DAS Coesão Diádica Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.40^{**}$   
DAS TOTAL Pai x DAS Expressão Diádica de Afeto Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.40^{**}$   
DAS TOTAL Pai x DAS TOTAL Mãe =  $p < 0.01$   $r = 0.47^{**}$

### **GRIMS**

GRIMS TOTAL Mãe x GRIMS TOTAL Pai =  $p < 0.01$   $r = 0.59^{**}$

*Obs\* Escore do GRIMS é invertido, ou seja, quanto maior o escore do GRIMS significa menor satisfação conjugal (mais problemas na conjugalidade). Informação importante, especialmente, para as correlações negativas.*

## ANEXOS

### ANEXO A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

#### QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. **Cidade de residência:** \_\_\_\_\_

2. **Número de pessoas** (informar quem são as pessoas que moram na casa – filhos/esposo/etc. Incluir o respondente)

3. **Quem vive na casa** (anotar idade)  
(marcar com um X a opção desejada)

1. Respondente ..... IDADE: \_\_\_\_\_ Anos
2. Companheiro (a)..... IDADE: \_\_\_\_\_ Anos
3. Filhos de 0 a 3 anos..... Quantos? \_\_\_\_\_
4. Filhos de 4 a 6 anos..... Quantos? \_\_\_\_\_
5. Filhos de 7 a 16 anos..... Quantos? \_\_\_\_\_
6. Filhos com mais de 16 anos..... Quantos? \_\_\_\_\_
7. Outras crianças e jovens menores de 18 anos (ex. enteados ou adotados, de criação, filhos de parentes e amigos) Idade.....Quantos? \_\_\_\_\_
8. Outros parentes adultos ..... Quantos? \_\_\_\_\_
9. Amigos adultos ..... Quantos? \_\_\_\_\_

4. **Composição familiar** (Marque ou grife o seu tipo de família)

Família nuclear <sup>6</sup> de pais biológicos de todos os filhos.....	1
Família nuclear de pais adotivos da criança alvo.....	2
Família recasada <sup>7</sup> com pais biológicos.....	3
Família recasada com madrastra.....	4
Família recasada com padrasto.....	5
Família recasa com mãe adotiva e padrasto.....	6

<sup>6</sup> Família nuclear = família, cujos membros não foram casados anteriormente e se mantêm unidos por meio do matrimônio ou união estável e de um ou mais filhos.

<sup>7</sup> Família recasada = Família cujos membros (ou somente um membro), já foi casado anteriormente.

Família recasada com pai adotivo e madrasta.....	7
Família estendida <sup>8</sup> com pais biológicos e outros parentes e amigos.....	8
Família estendida com madrasta e outros parentes e amigos.....	9
Família estendida com padrasto e outros parentes e amigos.....	10
Família estendida com pais adotivos e outros parentes e amigos.....	11
Família estendida com mãe adotiva, padrasto e outros parentes e amigos.....	12
Família estendida com pai adotivo e madrasta e outros parentes e amigos.....	13

- *Escolaridade:*

**5. Qual a sua escolaridade e de seu companheiro? Quantos anos concluídos? \_\_\_\_\_**

Por favor responda abaixo assinalando com um X a sua resposta.

	<b>Respondente</b>	<b>Companheiro (a)</b>
Ensino fundamental incompleto	1	1
Ensino fundamental completo	2	2
Ensino médio incompleto	3	3
Ensino médio completo	4	4
Curso superior incompleto	5	5
Curso superior em andamento	6	6
Curso superior completo	7	7
Pós-graduação		

- Quantos filhos frequentam a escola? \_\_\_\_\_

- Em que período frequentam a escola?

Manhã ( ) Tarde ( ) Integral ( )

**6. Com relação à sua profissão e de seu companheiro, por favor as descreva abaixo:**

	<b>Respondente</b>	<b>Companheiro (a)</b>
Profissão		
Atividade atual		
Jornada de trabalho		

<sup>8</sup> Família estendida = Família, cujos membros são compostos por parentes que vivem junto com o casal e filhos (exemplos: sogra, sogro, cunhados, tios, etc.).

*-Informações sobre a renda familiar mensal (somando os dois cônjuges):*

- ( ) Um salário
- ( ) De dois a cinco salários
- ( ) De cinco a dez salários
- ( ) Mais de dez salários
- ( ) Mais de vinte salários
- ( ) Mais de trinta salários
- ( ) Não sabe

*Número de cômodos da residência:*

**9. Quantos cômodos tem sua casa?** (Incluir quarto, cozinha, banheiro e varanda):

\_\_\_\_\_.

**10. Tipo de casa:**

Apartamento ( ) Casa de alvenaria ( ) Casa de madeira ( ) Casa mista ( )

**11. Observações:** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**12. Vocês têm alguma religião? Se sim, qual?**

Você	Esposo (a)
( ) Sim                      Qual?	( ) Sim                      Qual?
( ) Não	( ) Não

**13. É praticante?**

Você	Esposo (a)
( ) Sim                      ( ) Não	( ) Sim                      ( ) Não

ANEXO B – QRA (QUESTIONÁRIO RETROSPECTIVO DE APEGO)

SEÇÃO I – SOBRE SEUS PAIS (Assinale sua resposta com um X)

	<b>MÃE</b>	<b>PAI</b>
1. Você foi criado por seus pais verdadeiros?	Sim/Não	Sim/Não
2. Seus pais ainda estão vivos? Se não, escreva com que idade você tinha quando eles morreram.	Sim/Não _____	Sim/Não _____
3. Você ficou separado de algum dos seus pais por mais de um mês antes dos seis anos?	Sim/Não	Sim/Não
4. Você ficou separado de algum dos seus pais por mais de um mês entre as idades de 6 e 10 anos?	Sim/Não	Sim/Não
5. Você ficou separado de algum dos seus pais por mais de um mês entre 11 e 16 anos?	Sim/Não	Sim/Não
6. Durante sua infância, teve medo de que uma figura parental pudesse morrer ou ser morta?	Sim/Não	Sim/Não
7. Algum de seus pais era nervoso, inseguro ou preocupado?	Sim/Não	Sim/Não
8. Algum de seus pais estava sujeito a episódios de melancolia ou depressão?	Sim/Não	Sim/Não
9. Algum de seus pais alguma vez recebeu tratamento psiquiátrico? Caso a resposta seja positiva, ele(a) foi admitido(a) em um hospital para tratamento psiquiátrico?	Sim/Não	Sim/Não
10. Algum de seus pais alguma vez agrediu ou machucou o(a) parceiro(a)?	Sim/Não	Sim/Não
11. Algum de seus pais obtinha sua obediência ameaçando abandonar você ou expulsá-lo?	Sim/Não	Sim/Não

12. Algum de seus pais alguma vez ameaçou se matar?	Sim/Não	Sim/Não
13. Algum de seus pais bebia mais álcool do que seria bom para ele(a)?	Sim/Não	Sim/Não
14. Algum de seus pais ficava frequentemente ausente ou não disponível?	Sim/Não	Sim/Não
15. Algum de seus pais era inconsistente, algumas vezes respondendo e algumas vezes ignorando suas necessidades de atenção e afeto?	Sim/Não	Sim/Não
16. Algum de seus pais desencorajou você de brincar com outras crianças?	Sim/Não	Sim/Não
17. Algum de seus pais deu a você a impressão de que o mundo é um lugar muito perigoso no qual os filhos não sobreviveriam a menos que ficassem muito perto deles?	Sim/Não	Sim/Não
18. Algum de seus pais se preocupava demasiadamente com a sua saúde?	Sim/Não	Sim/Não
19. Algum de seus pais se preocupava demasiadamente com a sua segurança?	Sim/Não	Sim/Não
20. Algum de seus pais era superprotetor?	Sim/Não	Sim/Não
21. Seu pai/mãe era dependente do cônjuge?	Sim/Não	Sim/Não
22. Você era extremamente próximo de seu pai/mãe?	Sim/Não	Sim/Não
23. Algum de seus pais tinha a tendência de provocar você ou de humilhá-lo?	Sim/Não	Sim/Não
24. Algum de seus pais batia em você ou o punia fisicamente mais do que a maioria dos outros pais?	Sim/Não	Sim/Não
25. Algum de seus pais perturbava você sexualmente ou queria que você tocasse os seus genitais?	Sim/Não	Sim/Não

26. Algum de seus pais era incapaz de mostrar afeto, de abraçar ou de fazer carinho em você?	Sim/Não	Sim/Não
27. Seu nascimento foi planejado e esperado pelos seus pais?	Sim/Não	Sim/Não
28. Você tem sentimentos mistos, de amor e ódio, afeição e ressentimento em relação a algum de seus pais?	Sim/Não	Sim/Não

## SEÇÃO II – SOBRE SUA INFÂNCIA

1. Você foi, antes dos 10 anos, mandado a um internato por mais de alguns meses?	Sim/Não
2. Você foi filho único por mais de cinco anos na infância?	Sim/Não
3. Sua família foi submetida a risco grave ou perseguição por um longo período de tempo?	Sim/Não
4. Você teve alguma doença potencialmente fatal antes dos 6 anos?	Sim/Não
5. Ou uma doença fatal potencialmente fatal entre os 6 e os 16 anos?	Sim/Não
6. Você se descreveria como uma criança insegura?	Sim/Não
7. Você se descreveria como uma criança ansiosa?	Sim/Não
8. Você se descreveria como uma criança infeliz?	Sim/Não
9. Você ia mal na escola, abaixo do esperado para sua inteligência?	Sim/Não
10. Quando criança, você sempre cuidava dos outros?	Sim/Não
11. Quando criança, faltava confiança a você?	Sim/Não
12. Você tinha medo de ser abandonado ou ficava chateado quando se separava de seus pais?	Sim/Não
13. Você era tímido e relutava em conhecer lugares e pessoas e em fazer coisas novas?	Sim/Não
14. Você era uma criança passiva, que deixava os outros dizer a você o que fazer?	Sim/Não

15. Você se sentia impotente e incapaz de enfrentamento?	Sim/Não
16. As pessoas tratavam você como um bebê e o viam como doce e simpático?	Sim/Não
17. As pessoas viam você como uma criança frágil e delicada?	Sim/Não
18. Você desconfiava da maior parte dos adultos na infância?	Sim/Não
19. As pessoas geralmente pensavam que você era mais forte e mais capaz do que realmente era?	Sim/Não
20. Você era solitário e evitava companhia?	Sim/Não
21. Você achava difícil pedir ajuda às pessoas?	Sim/Não
22. Você achava difícil aceitar carinhos ou outras demonstrações de afeto?	Sim/Não
23. Quando criança, você tinha a propensão a suspeitar ou desconfiar dos outros?	Sim/Não
24. Você achava importante ser a pessoa no controle, era “mandão/mandona” ou propenso(a) a dominar seus amigos?	Sim/Não
25. Você era mal-humorado?	Sim/Não
26. Você tinha problemas por ter um comportamento rebelde, agressivo ou antissocial?	Sim/Não
27. Você era teimoso(a)?	Sim/Não
28. Com que frequência você chorava?	Nunca/Às vezes/Sempre
29. Quando criança você desejava estar morto?	Sim/Não

### SEÇÃO III – SOBRE SUA VIDA ADULTA

1. Você tem filhos menores de 16 anos?	Sim/Não
2. Você mora sozinho(a)? Se sim, há quanto tempo?	Sim/Não
3. Você está sofrendo de alguma doença ou incapacidade física?	Sim/Não
	_____ anos
Se estiver: a) Ela ameaça sua vida?	Sim/Não

b) Ela provoca dor duradoura?	Sim/Não
c) Ela impede que você trabalhe?	Sim/Não
d) Ela impede que você se movimente como deseja?	Sim/Não
e) Ela interfere na sua vida de outros modos importantes?	Sim/Não
4. Você tem a quem confiar seus pensamentos e sentimentos íntimos?	Sim/Não
5. Se você foi ou é casado ou teve um relacionamento duradouro (não os seus pais) a quem está ou esteve ligado, por favor, responda às seguintes perguntas seguintes. Se você teve mais que um relacionamento importante, essas perguntas se referem ao relacionamento mais recente.	
a) Você era ou é muito próximo dessa pessoa?	Sim/Não
b) Você era ou é muito dependente dessa pessoa?	Sim/Não
c) A pessoa era/é muito dependente de você?	Sim/Não
d) A maioria dos casais discorda de alguma coisa. Quais dos itens seguintes eram/são áreas importantes de desacordo entre você e seu parceiro(a)?	Sim/Não
i) A disciplina dos filhos?	Sim/Não
ii) Lidar com dinheiro?	Sim/Não
iii) Seus pais?	Sim/Não

iv) Os pais de seu parceiro?	Sim/Não
v) Álcool ou drogas?	Sim/Não
vi) Infidelidade?	Sim/Não
vii) Tempo fora de casa?	Sim/Não
viii) Assuntos sexuais?	Sim/Não
e) Essa pessoa era/é mais velha que você mais do que cinco anos?	Sim/Não
f) Você via/vê essa pessoa mais como uma figura parental do que como um parceiro(a)?	Sim/Não
g) Você achava/acha mesmo curtos períodos de separação dessa pessoa muito sofridos?	Sim/Não
h) Você tinha/tem sentimentos mistos de raiva e afeição por essa pessoa?	Sim/Não
i) Você achava/acha necessário se afastar dessa pessoa em tempos em tempos para reduzir a tensão?	Sim/Não
j) Você achava/acha difícil lidar com essa pessoa sobre assuntos emocionais ou preocupantes?	Sim/Não
<b>SEÇÃO IV – SOBRE VOCÊ HOJE</b>	
1. Você diria que é muito ansioso?	Sim/Não
2. Você diria que é muito deprimido ou infeliz?	Sim/Não
3. Você é muito tenso ou contido?	Sim/Não
4. Você tem falta de confiança em si?	Sim/Não
5. Você acha difícil confiar nos outros?	Sim/Não
6. Você toma medicação para os nervos?	Sim/Não

7. Você usa álcool para controlar a ansiedade e a depressão? Se sim, você bebe muito mais que deveria?	Sim/Não
8. Você acha difícil arcar com suas responsabilidades?	Sim/Não
9. Você algumas vezes sente medo ou pânico agudo?	Sim/Não
10. Você é muito solitário?	Sim/Não
11. Você as vezes se comporta de modo infantil ou imaturo?	Sim/Não
12. Você é muito tímido?	Sim/Não
13. Você passa muito tempo se lamentando ou ansiando por algo ou alguém que perdeu?	Sim/Não
14. Você às vezes confia nos outros mais do que deveria?	Sim/Não
15. Você muitas vezes deseja que alguém cuide de você?	Sim/Não
16. Se você chegar ao limite:	
a) Procura ajuda de um amigo?	Sim/Não
b) Procura ajuda da família?	Sim/Não
c) Procura ajuda de um médico?	Sim/Não
d) Procura ajuda de outra pessoa?	Sim/Não
e) Isola-se do grupo?	Sim/Não
f) Afoga suas mágoas na bebida?	Sim/Não
g) Toma uma overdose ou inflige algum outro dano?	Sim/Não
h) Torna-se irritado ou mal-humorado com os outros?	Sim/Não
i) Engole sua frustração, sentindo-se culpado ou se autoacusando?	Sim/Não
17. Você recentemente chegou ao seu limite?	Sim/Não
18. Com que frequência você chora?	Nunca/Às vezes/Sempre
19. Você gostaria de chorar mais do que chora?	Sim/Não

20. Você acha difícil mostrar afeição por pessoas próximas a você?	Sim/Não
21. Você se descreveria como agressivo ou desafiador?	Sim/Não
22. Você acha difícil expressar sentimentos de tristeza ou pesar?	Sim/Não
23. Você está cheio de remorsos por algo que disse ou fez, mas agora não pode mais consertar?	Sim/Não

ANEXO C – DAS (ESCALA DE AJUSTAMENTO DIÁDICO)

**ESCALA DE AJUSTAMENTO DIÁDICO (DAS)**

**Em seguida, encontram-se referidas algumas áreas que podem gerar acordo ou desacordo entre os dois elementos de um casal. Por favor indique, em relação a cada uma, o grau aproximado de concordância existente entre si e o seu companheiro.**

Sempre em desacordo	Quase sempre em desacordo	Frequentemente em desacordo	Ocasionalmente em desacordo	Quase sempre de acordo	Sempre de acordo
0	1	2	3	4	5

1. Finanças familiares.	0	1	2	3	4	5
2. Aspectos relacionados com divertimento.	0	1	2	3	4	5
3. Religião.	0	1	2	3	4	5
4. Demonstrações de afeto.	0	1	2	3	4	5
5. Amigos.	0	1	2	3	4	5
6. Relações sexuais.	0	1	2	3	4	5
7. Convenções sociais (comportamentos considerados corretos ou apropriados)	0	1	2	3	4	5
8. Filosofia de vida.	0	1	2	3	4	5
9. Formas de lidar com familiares.	0	1	2	3	4	5
10. Objetivos e questões consideradas importantes.	0	1	2	3	4	5
11. Quantidade de tempo passado em conjunto.	0	1	2	3	4	5
12. Tomada de decisões importantes.	0	1	2	3	4	5
13. Tarefas domésticas.	0	1	2	3	4	5
14. Interesses e atividades nos tempos-livres.	0	1	2	3	4	5
15. Decisões profissionais.	0	1	2	3	4	5

**INDIQUE, COM QUE FREQUÊNCIA OCORRE CADA UMA DAS SEGUINTE SITUAÇÕES:**

Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Quase Sempre	Sempre
0	1	2	3	4	5

16. Conversa sobre, ou considera, o divórcio, a separação ou o fim da relação.	0	1	2	3	4	5
17. Saída de casa, de um elemento do casal, após uma discussão.	0	1	2	3	4	5
18. Considera que de forma geral as coisas com o seu companheiro correm bem.	0	1	2	3	4	5
19. Confia no seu companheiro.	0	1	2	3	4	5
20. Lamenta ter-se casado (ou viver junto).	0	1	2	3	4	5
21. Ocorrerem discussões entre si e o seu companheiro.	0	1	2	3	4	5
22. Você ou o seu companheiro deixa o outro com “os nervos à flor da pele”.	0	1	2	3	4	5
23. Costuma beijar o seu companheiro.	0	1	2	3	4	5
24. Se envolve em atividades extra-familiares com o seu companheiro.	0	1	2	3	4	5

**INDIQUE, COM QUE FREQUÊNCIA ACONTECE, CADA UMA DAS SEGUINTE SITUAÇÕES, ENTRE SI E O SEU COMPANHEIRO:**

Nunca	Menos de uma vez por mês	Uma ou duas vezes por mês	Uma ou duas vezes por semana	Uma vez por dia	Mais de uma vez por dia
0	1	2	3	4	5

25. Terem uma troca de ideias estimulante.	0	1	2	3	4	5
26. Rirem em conjunto.	0	1	2	3	4	5
27. Discutirem calmamente um assunto.	0	1	2	3	4	5
28. Trabalharem juntos num projeto.	0	1	2	3	4	5

Muitas vezes os casais estão de acordo e outras vezes em desacordo. Indique se nas últimas semanas o desacordo relativamente a algum dos seguintes pontos causou problemas no casal

29. Ter relações sexuais sim  não

30 Falta de demonstração afectiva sim  não

31. Por favor, considerando a vossa relação na globalidade, assinale o grau de felicidade que a caracteriza.

Extremamente Infeliz	Muito Infeliz	Infeliz	Feliz	Muito Feliz	Extremamente Feliz	Perfeita
0	1	2	3	4	5	6

32. Qual das seguintes afirmações melhor descreve o que sente relativamente ao futuro da sua relação conjugal.

a.	Quero absolutamente que a minha relação tenha sucesso, e faria praticamente tudo o que fosse necessário para isso acontecer.
b.	Quero muito que a minha relação tenha sucesso, e farei tudo o que possa para isso acontecer.
c.	Quero muito que a minha relação tenha sucesso, e farei o que achar que é razoável para isso acontecer.
d.	Gostaria que a minha relação tivesse sucesso, mas não posso fazer muito mais do que tenho feito para manter a relação.
e.	Gostaria que a minha relação tivesse sucesso, mas não estou disposto a fazer mais do que tenho feito para manter a relação.
f.	A minha relação não poderá vir a ter sucesso, e não há mais nada que eu possa fazer para manter a relação.

## ANEXO D – GRIMS

### ESCALA GRIMS

Pensando em seu relacionamento atual com seu cônjuge responda as próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve como você se sente em seu relacionamento com seu cônjuge. Marque com um X a resposta correspondente.

	Discordo fortemente	Discordo	Concordo	Concordo fortemente
1. Minha companheira geralmente sabe das minhas necessidades e é sensível a elas.				
2. Eu realmente aprecio o senso de humor da minha companheira.				
3. Minha companheira parece não querer mais me ouvir.				
4. Minha companheira nunca foi desleal comigo.				
5. Eu estaria disposto a deixar meus amigos se isso fosse salvar nosso relacionamento.				
6. Eu estou insatisfeito com nosso relacionamento.				
7. Eu gostaria que minha companheira não fosse tão preguiçosa e não adiasse as coisas que tem que fazer.				
8. Às vezes, eu me sinto sozinho mesmo quando eu estou com minha companheira.				
9. Se minha companheira me deixasse, eu não teria mais vontade de viver.				
10. Somos capazes de concluir uma discussão respeitando nossas diferenças de opinião.				
11. É inútil prosseguir com um casamento além de um certo ponto.				
12. Nós dois parecemos gostar das mesmas coisas.				
13. Eu acho difícil mostrar para minha companheira que eu estou querendo carinho.				
14. Eu nunca coloco em dúvida nosso relacionamento.				
15. Eu me satisfaço só em sentar e conversar com a minha companheira.				
16. Eu acho a idéia de passar o resto da minha vida com minha companheira um tanto chata.				
17. Sempre existe muita troca em nosso relacionamento.				
18. Nós nos tornamos competitivos quando temos que tomar decisões.				
19. Eu sinto que realmente não posso mais confiar na minha companheira.				
20. Nosso relacionamento ainda é cheio de alegria e divertimento.				
21. Um de nós está continuamente falando e o outro está geralmente quieto.				
22. Nosso relacionamento está em constante evolução.				
23. Casamento tem realmente mais a ver com segurança e dinheiro do que com amor.				
24. Eu gostaria que existisse mais carinho e afeto entre nós.				
25. Eu sou totalmente dedicado ao relacionamento com a minha companheira.				
26. Às vezes, nosso relacionamento é tenso porque meu cônjuge está sempre me corrigindo.				
27. Eu suspeito que nós possamos estar à beira da separação.				
28. Nós sempre conseguimos fazer as pazes rapidamente depois de uma discussão.				

ANEXO E – QEP (QUESTIONÁRIO DE ENVOLVIMENTO PARENTAL)

**QEP (Questionário de Envolvimento Parental)**

Temos aqui a lista das atividades ou tarefas que os pais podem executar. Pode ser que seu (sua) companheiro (a) se ocupe mais que você de certos aspectos da vida da sua família, e não de outros aspectos. Responda com que frequência você mesmo (a) faz cada uma das atividades.

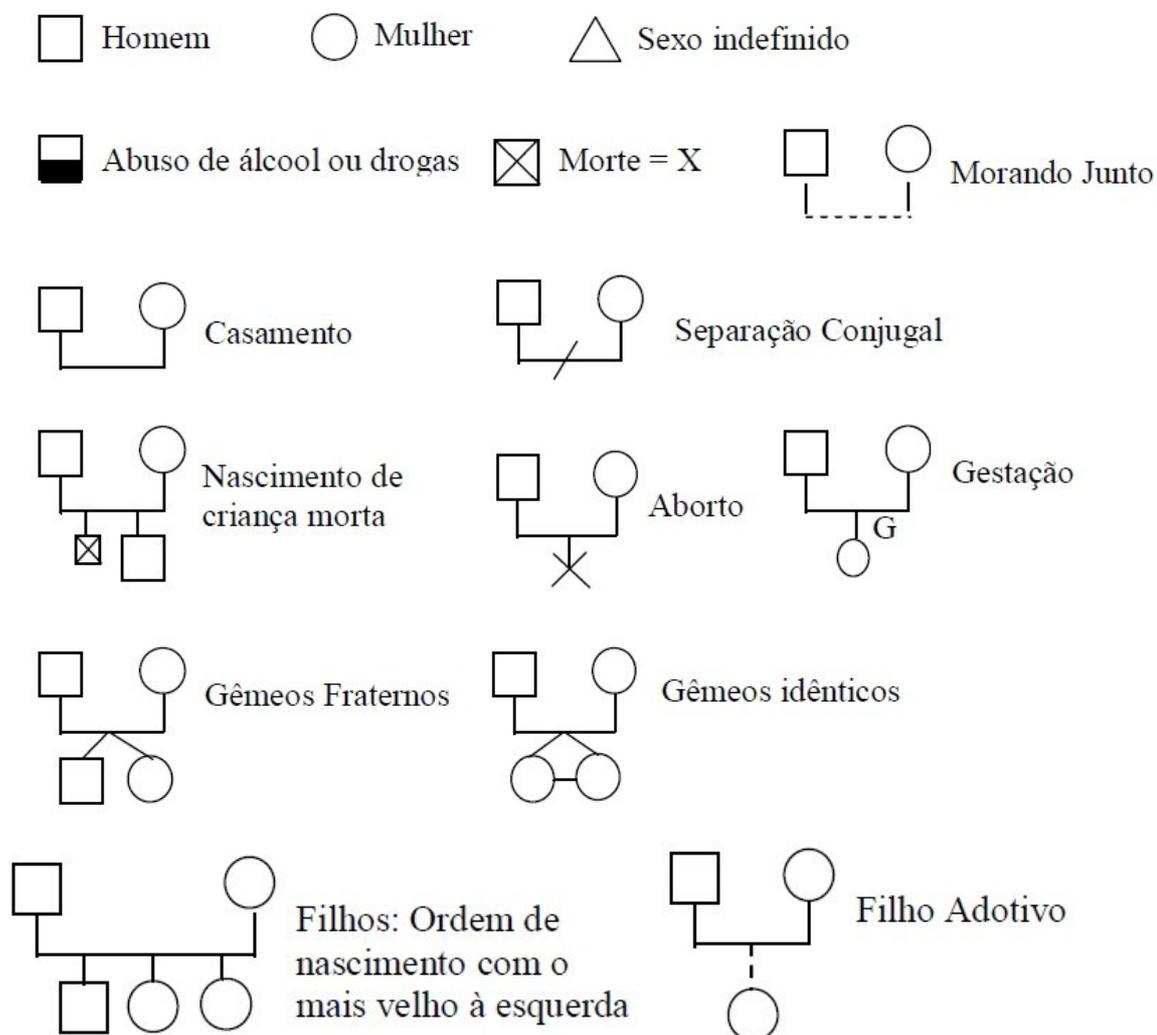
	Nunca	Uma vez por mês	2 ou 3 vezes por mês	Uma vez por semana	Várias vezes por semana	Todos os dias	Não se aplica
1. Preparar as refeições.	1	2	3	4	5	6	0
2. Dar de comer ou beber a seu/sua filho(a).	1	2	3	4	5	6	0
3. Lavar a louça.	1	2	3	4	5	6	0
4. Dar banho em seu/sua filho(a).	1	2	3	4	5	6	0
5. Vestir seu/sua filho(a).	1	2	3	4	5	6	0
6. Lavar roupa.	1	2	3	4	5	6	0
7. Colocar seu/sua filho(a) na cama à noite.	1	2	3	4	5	6	0
8. Supervisionar a rotina matinal (café da manhã, vestimenta, etc...)	1	2	3	4	5	6	0
9. Cuidar dos cabelos de seu/sua filho(a) (lavar, pentear).	1	2	3	4	5	6	0
10. Elogiar quando ele/ela se comporta bem ou tem um ato educado.	1	2	3	4	5	6	0
11. Limpar a casa (vassoura, aspirador, tirar o pó).	1	2	3	4	5	6	0
12. Acariciar, afagar o seu/sua filho(a).	1	2	3	4	5	6	0
13. Lavar as orelhas de seu/sua filho(a).	1	2	3	4	5	6	0

14. Se ocupar do conserto do carro.	1	2	3	4	5	6	0
15. Cuidar de seu/sua filho(a) quando ele/ela está doente.	1	2	3	4	5	6	0
16. Falar de alegrias ou de problemas com seu/sua filho(a).	1	2	3	4	5	6	0
17. Tranquilizar seu/sua filho(a) quando ele tem medo.	1	2	3	4	5	6	0
18. Levar ao médico ou a outros profissionais da saúde quando seu/sua filho(a) tem necessidade.	1	2	3	4	5	6	0
19. Dar os primeiros socorros quando o seu/sua filho(a) se machuca.	1	2	3	4	5	6	0
20. Propor brincadeiras educativas para seu/sua filho(a).	1	2	3	4	5	6	0
21. Tentar saber de seu/sua filho(a) se algo está errado com ele/ela.	1	2	3	4	5	6	0
22. Parabenizar seu/sua filho(a) quando ele/ela consegue fazer algo.	1	2	3	4	5	6	0
23. Consolar seu/sua filho(a) quando ele/ela chora.	1	2	3	4	5	6	0
24. Acalmar seu/sua filho(a).	1	2	3	4	5	6	0
25. Incentivar seu/sua filho(a) quando ele/ela consegue fazer algo difícil.	1	2	3	4	5	6	0
26. Intervir rapidamente quando seu/sua filho(a) dá sinais de dificuldade ou desconforto.	1	2	3	4	5	6	0

## ANEXO F – SÍMBOLOS DO GENOGRAMA



**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-graduação em Psicologia  
Doutorado em Psicologia**





ANEXO G – APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA  
COM SERES HUMANOS (CEPSH – UFSC)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** ENTRELAÇOS DE AFETO:  
A RELAÇÃO ENTRE O APEGO DOS MEMBROS DO CASAL NA INFÂNCIA E O  
RELACIONAMENTO CONJUGAL E PARENTAL

**Pesquisador:** Maria Aparecida Crepaldi

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 79454917.4.0000.0121

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Catarina

**Patrocinador Principal:** Financiamento Proprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.657.313

**Apresentação do Projeto:**

Projeto de doutorado de autoria de Ana Paula Sesti Becker, orientada por Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi que visa analisar a influencia das relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infância sobre a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental. Farão parte da pesquisa 50 casais heteroafetivos que tenham no minimo, um filho com idade entre 4 a 6 anos. Na primeira etapa, os participantes responderão a questionários sobre aspectos sociodemográficos, apego, satisfação conjugal e envolvimento parental. Na segunda etapa, serão selecionados 12 casais para responder a uma entrevista semiestruturada. Processo de seleção dos pais, método snowball e Escolas de educação infantil.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primario:**

Compreender a influencia das relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infancia sobre a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental.

**Objetivo Secundário:**

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-8094 **E-mail:** cep.propeq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 2.657.313

- Caracterizar as relações de apego dos membros do casal desenvolvidas na infância;
- Caracterizar a qualidade do relacionamento conjugal;
- Identificar o envolvimento parental de mães e pais de crianças entre quatro a seis anos;
- Relacionar o apego dos membros do casal na infância com a qualidade do relacionamento conjugal atual;
- Relacionar o apego dos membros do casal na infância com o envolvimento parental;
- Investigar as relações entre o apego dos membros do casal na infância, a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento parental

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Sentir-se mobilizado emocionalmente, ou em situação de desconforto ao bem estar do participante, podendo ocorrer reações emocionais provocadas pela evocação de memórias ao responder os questionários e a entrevista.

**Benefícios:**

Acredita-se que a participação na pesquisa por meio dos questionários e entrevista, poderá promover reflexões sobre as experiências e histórias de vida dos participantes, acrescentando-lhe assim, como um recurso pessoal.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa colaborará com a compreensão da relação entre o apego dos membros do casal na infância e o relacionamento conjugal e parental.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

**Autorização:** Sem autorização.

**Folha de Rosto:** Área da Ciências Humanas; Maria Aparecida Crepaldi (Pesquisadora responsável); Universidade Federal de Santa Catarina (Instituição proponente); Carlos Henrique Sansineto (Coordenador da pós em psicologia).

**Método de coleta de dados:** Entrevista abordando tema da pesquisa e questionário sociodemográfico, de apego e de ajustamento diádico.

**Cronograma:** início da coleta de dados em 30/11/2017 e final 30/04/2018.

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 2.657.313

Orçamento: financiamento próprio.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A autora adequou o projeto segundo relato anterior.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1011165.pdf	30/04/2018 14:52:40		Aceito
Outros	CartaResposta30_04_18.docx	30/04/2018 14:52:04	Maria Aparecida Crepaldi	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	30/04/2018 14:51:03	Maria Aparecida Crepaldi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoCEP.docx	30/04/2018 14:50:46	Maria Aparecida Crepaldi	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoOk.pdf	08/03/2018 22:38:50	Maria Aparecida Crepaldi	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FLORIANOPOLIS, 16 de Maio de 2018

---

**Assinado por:**  
**Maria Luiza Bazzo**  
(Coordenador)